

JOHN GRISHAM

O sócio

Contracapa

Tudo começou quando ele desapareceu, ou só começou realmente quando eles o encontraram? Ter um profundo conhecimento das leis, da dinâmica financeira e de estratégia política parece ser o ingrediente fundamental para quem ambiciona conseguir muito dinheiro de maneira escusa. Em *O sócio*, John Grisham invade o território dos ladrões de colarinho branco, detalhando as táticas que podem ser usadas nos grandes golpes dos mestres da atualidade.

O leitor brasileiro não estará pisando, no entanto, em território desconhecido, pois o autor, antenado com o mundo dos crimes de alta sofisticação, faz em seu livro investigação uma simpática parceria com o Brasil.

ISBN 85-325-0769-7

Orelhas

Danilo Silva foi vigiado dia e noite durante meses antes de ser sequestrado. Morava sozinho, levava uma vida pacata, de hábitos simples, em uma modesta casa na cidade de Ponta Porã, no Brasil. Cidadão acima de qualquer suspeita, ainda assim o sequestraram e o arrastaram para um cativeiro no Paraguai, torturando-o quase até a morte.

Mas Danilo tinha um passado de várias identidades. Danilo Silva na verdade era Patrick Lanigan, um brilhante advogado americano que dera um golpe de mestre em sua ex-firma de advocacia, desviando 90 milhões de dólares de um cliente para o seu próprio bolso. Como o conseguira?

Em *O sócio*, John Grisham mostra ao leitor, em poucos passos, como funcionam as engrenagens no mundo dos ladrões de colarinho branco. Como roubar e ser bem-sucedido tendo como ferramentas apenas um pouco de coragem e muita, muita astúcia. Perseguido pelo FBI e pelo cliente, rivais numa caçada que alia agentes americanos e brasileiros, Patrick acaba sendo encontrado, e é aí que têm início os seus problemas, ou seriam os dos seus captores? E o que John Grisham nos dirá, mais uma vez em seu estilo direto e sem floreios.



John Grisham vive com a família na Virgínia e no Mississippi.

Tempo de matar, A firma, O dossiê pelicano, O cliente, A câmara de gás, O homem que fazia chover, best-sellers que o tornaram conhecido em todo o mundo e no cinema. são publicados pela Rocco.

Capa EVAN GAFFNEY

JOHN GRISHAM

O SÓCIO

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES



Janeiro de 1997

Título original
THE PARTNER

Copyright © 1997 *by* John Grisham
Todos os direitos reservados

Direitos mundiais para a língua portuguesa
reservados com exclusividade à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 – 5º andar
20011-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 507-2000 – Fax: 507-2244

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
MAIRA PARULA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G888s Grisham, John, 1955-
O sócio / John Grisham ; Tradução Aulyde Soares Rodrigues. – Rio de Janeiro : Rocco, 1997

Tradução de: The partner

1. Ficção norte-americana. I. Rodrigues, Aulyde Soares. II. Título

97-0893

CDD – 813
CDU – 820(73)-3

Para David Gemert amigo, editor, agente



UM

Eles o encontraram em Ponta Porã, uma agradável cidadezinha no Brasil, na fronteira com o Paraguai, numa área ainda chamada de Fronteira.

Eles o encontraram morando numa casa de tijolos, na rua Tiradentes, uma larga avenida arborizada onde garotos descalços jogavam futebol no asfalto quente.

Eles o encontraram sozinho, ou pelo menos era o que parecia, com uma empregada que entrava e saía nas horas mais estranhas, durante os oito dias em que o vigiaram. Parecia estar v i vendo com conforto mas sem luxo. A casa era modesta e podia pertencer a qualquer comerciante local. O carro era um Fusca 1983, fabricado em São Paulo como um milhão de outros. Era vermelho e limpo, polido, sempre brilhante. A primeira foto dele foi tirada quando dava polimento no carro, perto do portão da casa.

Eles o encontraram muito mais magro, com muito menos do que os cento e quinze quilos que pesava quando foi visto pela última vez. O cabelo e a pele estavam mais escuros, o queixo era agora quadrado e o nariz, levemente mais afilado. Mudanças discretas na face. Pagaram uma alta quantia para subornar o cirurgião do Rio que havia feito a alteração dois anos e meio antes.

Eles o encontraram depois de quatro anos de uma busca tediosa, mas diligente, de pistas perdidas, becos sem saída e informações falsas, quatro anos de dinheiro jogado fora, dinheiro bom atrás de dinheiro perdido, ao que parecia.

Mas eles o encontraram. E esperaram. A princípio a vontade foi de agarrá-lo imediatamente, drogá-lo e levá-lo para um cativeiro no Paraguai, apanhá-lo antes que ele os visse ou que despertassem as suspeitas de algum vizinho. O entusiasmo inicial da descoberta os fez considerar um golpe rápido, mas depois de dois dias, eles se acalmaram e esperaram. Começaram a circular por vários pontos da rua Tiradentes, vestidos como os habitantes da cidade, tomando chá na sombra, evitando o sol, tomando sorvete, falando com as crianças, vigiando a casa dele. Eles o seguiram quando ele foi de carro ao centro da cidade para fazer compras e o fotografaram do outro lado da rua quando saía de uma farmácia. Chegaram muito perto dele num mercado de frutas e o ouviram falar com o vendedor que o atendeu. Português excelente, com o leve sotaque de um americano ou um alemão que tivesse estudado o idioma com afinco. Ele fez as compras rapidamente no centro e voltou para casa, trancando o portão ao entrar. Sua breve saída rendeu uma dúzia de fotos.

Antigamente, ele corria, porém nos últimos meses antes de desaparecer, não

corria mais e engordou. Agora que estava magro, quase emaciado, não ficaram surpresos ao ver que voltara a correr outra vez. Ele saiu de casa, trancou o portão e começou a descer sem muita pressa a rua Tiradentes. Seis minutos para o primeiro quilômetro, até onde a rua era perfeitamente reta e as casas mais separadas. Passou do asfalto para o cascalho na periferia da cidade, e na metade do segundo quilômetro seu passo diminuiu para cinco minutos por quilômetro e Danilo começou a suar. O relógio marcava 12 horas de um dia de outubro, a temperatura quase 26 graus, e ele aumentou a velocidade quando saiu da cidade, passou por uma pequena clínica cheia de jovens mães e por uma igreja batista. As estradas se tornavam mais poeirentas à medida que ele se afastava em direção ao campo fazendo um quilômetro em quatro minutos.

A corrida era um negócio muito sério e eles adoraram.

Danilo simplesmente ia correr para seus braços.

No dia seguinte à primeira vez que o viram, um barraco imundo, na periferia de Ponta Porã, foi alugado por um brasileiro chamado Osmar e pouco tempo depois chegou o resto da equipe. A equipe era formada por partes iguais de americanos e brasileiros, com Osmar dando as ordens em português e Guy esbravejando em inglês. Osmar falava as duas línguas e era o intérprete oficial do grupo.

Guy era de Washington, um ex-funcionário do governo contratado para encontrar Danny Boy, como o apelidaram. Guy era considerado um gênio em alguns aspectos, imensamente talentoso em outros e seu passado era um buraco negro. Era seu quinto contrato de um ano para encontrar Danny Boy e havia uma bela recompensa para quem apanhasse a presa. Embora soubesse disfarçar muito bem, Guy estava há algum tempo num estado de completo estresse pela impossibilidade de encontrar Danny Boy.

Quatro anos e três milhões e meio de dólares, sem nenhum resultado para mostrar.

Mas agora eles o tinham encontrado.

Osmar e seu grupo de brasileiros não tinham a menor ideia dos pecados cometidos por Danny Boy, mas qualquer tolo podia ver que o cara havia desaparecido com uma bela quantia em dinheiro. Embora curioso, Osmar era inteligente o bastante para não fazer perguntas. Guy e os americanos não tinham coisa alguma a dizer sobre o assunto.

Fotos ampliadas de Danny Boy foram pregadas com tachinhas numa parede da cozinha do barraco e eram estudadas por homens carrancudos, com olhos frios, que fumavam sem parar e balançavam a cabeça. Murmuravam e comparavam as novas fotos com as antigas da vida anterior de Danny Boy. Homem menor, queixo estranho, nariz diferente. O cabelo era mais curto e a pele

mais escura. Seria realmente ele?

Já haviam passado por isso no Recife, na costa nordeste, nove meses antes, quando alugaram um apartamento e estudaram as fotos na parede até chegarem à decisão de pegar o americano e tirar suas impressões digitais. Impressões erradas. Americano errado. Injetaram mais algumas drogas nele e o largaram numa vala.

Temiam se aprofundar demais na vida atual de Danilo Silva. Se fosse realmente o homem que procuravam, então haveria muito dinheiro. E o dinheiro sempre fazia maravilhas com as autoridades locais. Há décadas o dinheiro havia comprado proteção para nazistas e outros alemães que entraram ilegalmente em Ponta Porã.

Osmar queria pegar o homem. Guy disse que deviam esperar. No quarto dia ele desapareceu e durante trinta e seis horas o barraco, pequeno e sujo, ficou um caos.

Eles o viram sair de casa no Fusca. Segundo os que o vigiavam, estava com muita pressa. Atravessou a cidade, chegou ao aeroporto, embarcou num pequeno avião no último momento e desapareceu. O carro no estacionamento foi vigiado a cada segundo de cada hora. O destino do avião era São Paulo, com quatro escalas.

Imediatamente resolveram entrar na casa dele e catalogar tudo que encontrassem. Devia haver registros. O dinheiro tinha de estar sob a guarda de alguém. Guy sonhava encontrar extratos de bancos, provas de transferência de dinheiro, registros contábeis, todo tipo de documentos, numa pasta ordenada que o levaria diretamente ao dinheiro.

Mas sabia que era apenas um sonho. Se Danny Boy fugiu por causa deles, não ia deixar nenhuma evidência. E se fosse de fato o homem que procuravam, a casa devia ter um sistema especial de segurança. Onde quer que estivesse, Danny Boy provável mente saberia imediatamente quando abrissem uma porta ou uma janela.

Eles esperaram. Praguejaram e discutiram e a tensão aumentou mais ainda. Guy deu seu telefonema diário para Washington. Bem desagradável. Eles vigiavam o Fusca. Cada avião que chegava era controlado com binóculos e telefones celulares. Seis voos no primeiro dia. Cinco no segundo. O barraco era quente demais e os homens se acomodaram no lado de fora — os americanos cochilando debaixo de uma árvore mirrada no quintal e os brasileiros jogando cartas perto da cerca, na frente.

Guy e Osmar deram um longo passeio de carro e prometeram apanhá-lo se ele voltasse. Osmar tinha certeza de que Danny Boy ia voltar. Provavelmente uma viagem de negócios, fossem quais fossem seus negócios. Eles o

apanhariam, identificariam e se fosse o homem errado, simplesmente o deixariam numa vala e sairiam da cidade. Já havia acontecido antes.

Ele voltou no quinto dia. Eles o seguiram até a rua Tiradentes e todos ficaram felizes.



No oitavo dia, o barraco ficou vazio quando todos os brasileiros e americanos tomaram suas posições.

O percurso da corrida era de dez quilômetros. Ele o percorria todos os dias, saindo quase sempre à mesma hora, com o mesmo short azul e laranja, tênis da Nike muito usados, meia curta e sem camisa.

O local perfeito ficava a quatro quilômetros da casa, depois de uma pequena subida, numa estrada de terra, não muito distante do ponto de retorno. Danilo chegou ao topo da subida em dezenove minutos, alguns segundos abaixo do tempo habitual. Por algum motivo, tinha aumentado a velocidade da corrida. Provavelmente por causa das nuvens.

Um carro pequeno com um pneu furado bloqueava a estrada, logo depois da subida, com a mala aberta, a parte de trás sobre o macaco. O motorista, um homem forte, fingiu surpresa ao ver o homem magro e suado aparecer correndo no fim da subida. Danilo diminuiu a marcha por um segundo. Havia mais espaço à direita.

— Bom dia — disse o homem forte, dando um passo em direção a Danilo.

— Bom dia — Danilo disse, aproximando-se do carro.

Com um movimento rápido, o homem apanhou uma pistola brilhante de dentro da mala e a encostou no rosto de Danilo. Ele ficou imóvel, os olhos fixos na arma, a boca aberta, com a respiração pesada. O homem tinha mãos fortes e braços longos e musculosos. Segurou Danilo pelo pescoço e o atirou com força contra o carro, obrigando-o a se abaixar sobre o para-choque. Pôs a pistola no bolso e com as duas mãos empurrou Danilo para dentro da mala. Danny Boy lutou para se livrar, mas não era páreo para o grandalhão.

O homem fechou a mala, abaixou o macaco, entrou no carro e partiu. Dois quilômetros adiante, entrou numa trilha de terra onde os companheiros o esperavam, ansiosos.

Amarraram os pulsos de Danny Boy com cordas de náilon, vedaram seus olhos com um pano negro e o atiraram para dentro de um furgão. Osmar sentou à direita, outro brasileiro à esquerda. Alguém tirou as chaves da pochete de Velcro

que ele carregava na cintura. Danilo não disse uma palavra e o furgão partiu. Ele estava suando ainda e com a respiração mais ofegante.

Quando o furgão entrou numa estrada de terra perto de um campo, Danilo falou pela primeira vez.

— O que vocês querem? — perguntou em português.

— Fique quieto — Osmar disse em inglês.

O brasileiro à esquerda de Danilo tirou uma seringa de uma caixa de metal e a encheu com um líquido. Osmar puxou o pulso de Danilo para ele enquanto o outro homem aplicava a injeção no seu braço. Danilo enrijeceu o corpo e tentou livrar o braço, mas logo percebeu que era inútil. Finalmente relaxou quando a droga começou a fazer efeito. A respiração ficou mais lenta, a cabeça começou a pender para a frente. Quando encostou o queixo no peito, Osmar delicadamente levantou a perna do short de Danilo e encontrou o que esperava, a pele muito branca.

A corrida o ajudava a se manter magro e queimado de sol.

Sequestros era comuns na Fronteira. Os americanos eram alvos fáceis. Mas por que ele? Danilo se perguntava e então sua cabeça caiu para o lado e ele fechou os olhos. Sorriu quando começou a cair no espaço, desviando de cometas e meteoros, agarrando luas, depois deu um largo sorriso ao atravessar galáxias inteiras.



Eles o esconderam debaixo de caixas de papelão cheias de melões e morangos. Os guardas da fronteira os deixaram passar sem levantar de suas cadeiras e Danny Boy estava agora no Paraguai, embora, naquele momento, isso não tivesse a mínima importância para ele. Danilo balançava e saltava feliz no chão do furgão à medida que a estrada ficava mais acidentada e as subidas mais íngremes. Osmar fumava sem parar e ocasionalmente apontava para um lado ou para outro. Uma hora depois do sequestro, chegaram à última curva da viagem. A cabana ficava numa fenda entre duas colinas agudas, quase invisível da estrada estreita de terra. Eles o carregaram como a um saco de farinha e o puseram sobre uma mesa. Guy e os especialistas em impressões digitais começaram a trabalhar.

Danny Boy roncava alto enquanto tiravam as impressões dos seus dez dedos.

Os americanos e os brasileiros observavam atentamente cada movimento. Numa caixa ao lado da porta havia garrafas de uísque fechadas, para o caso de ele ser o verdadeiro Danny Boy.

O especialista levantou-se bruscamente e foi para o quarto dos fundos, fechou a porta, pôs as impressões digitais recentes na mesa e ajustou a luz. Retirou o conjunto de impressões dadas voluntariamente por Danny Boy, quando ele era muito mais jovem e se chamava Patrick, para seu pedido de admissão à Ordem dos Advogados do estado de Louisiana. Estranha aquela exigência de impressões digitais para os advogados.

Os dois conjuntos estavam perfeitos e imediatamente se tomou óbvio que eram iguais. Mesmo assim ele verificou meticulosamente. Não havia pressa. Que eles esperassem. Ele saboreou o momento. Finalmente abriu a porta e olhou para os rostos curiosos, com a testa franzida. Depois sorriu.

— É ele — disse em inglês, e os homens bateram palmas.

Guy aprovou o uísque, mas só com moderação. Tinham muito trabalho pela frente, Danny Boy, ainda desacordado, recebeu outra injeção e foi levado para um pequeno cubículo com a porta trancada por fora. Ali seria interrogado e torturado se fosse preciso.



Os garotos descalços que jogavam futebol na rua estavam por demais absortos no jogo para notar o movimento. Havia só quatro chaves no chaveiro de Danny Boy; assim, o portão da frente foi aberto rapidamente e deixado aberto. Um cúmplice num carro alugado parou perto de uma árvore grande, a uma distância de três casas. Outro, numa moto, estacionou na outra extremidade da rua e começou a examinar os freios.

Se um sistema de segurança disparasse quando abrissem a porta, o intruso simplesmente fugiria e nunca mais seria visto. Caso contrário, ele entraria e trancaria a porta, para revistar a casa.

A porta abriu sem nenhum alarma. O painel de segurança na parede informava que o sistema estava desligado. Ele respirou aliviado e ficou imóvel por um minuto. Só então começou a andar pela casa. Retirou a unidade de disco rígido do PC de Danny Boy e apanhou todos os disquetes. Examinou as pastas na mesa, mas só encontrou contas comuns, algumas pagas, outras para pagar. O fax era de má qualidade e estava enguiçado. Ele tirou fotos de roupas, móveis, estantes de livros, pilhas de revistas.

Cinco minutos depois de a porta ser aberta, um sinal foi ativado no sótão de Danilo e um telefone tocou em uma empresa particular de segurança que ficava a onze quadras da casa, no centro de Ponta Porã. O telefone não foi atendido porque o segurança, de serviço no momento, dormia profundamente numa rede nos fundos da casa. A mensagem gravada da casa de Danilo informava a quem estivesse ouvindo que a casa fora invadida. Quinze minutos se passaram antes que ouvidos humanos ouvissem a mensagem. Quando o segurança correu para a casa de Danilo, o intruso já tinha desaparecido. E o sr. Silva também. Tudo parecia em ordem, incluindo o Fusca na passagem coberta, ao lado da casa. A porta da casa e o portão estavam trancados.

As instruções no arquivo eram específicas. No caso de alarmes desse tipo, não chame a polícia. Tente primeiro localizar o sr. Silva e se não puder encontrá-lo imediatamente, telefone para um número no Rio. Peça para falar com Eva Miranda.



Mal contendo a excitação, Guy deu seu telefonema diário para Washington. Fechou os olhos e sorriu quando disse: “É ele. ” Sua voz estava uma oitava acima.

Uma pausa no outro lado da linha e depois:

— Tem certeza?

— Tenho. As impressões conferem com perfeição.

Outra pausa, enquanto Stephano organizava seu pensamento, um processo que geralmente levava um milésimo de segundo.

— O dinheiro?

— Não começamos ainda. Ele ainda está dopado.

— Quando?

— Esta noite.

— Estarei ao lado do telefone — Stephano disse, e desligou, embora pudesse ter falado durante horas.

Guy sentou-se num toco de árvore atrás da casa. A vegetação era densa, o ar, frio. As vozes dos homens satisfeitos chegavam até ele. A tarefa árdua estava terminada, pelo menos a parte principal.

Acabara de ganhar uma bonificação extra de cinquenta mil dólares. Encontrar o dinheiro significaria outra bonificação, e ele estava certo de que ia encontrar.

DOIS

No centro da cidade do Rio, num escritório pequeno e muito bem arrumado, no décimo andar de um prédio, Eva Miranda apertou o fone com as duas mãos e lentamente repetiu as palavras que acabara de ouvir. O alarme silencioso tinha chamado o segurança O sr. Silva não estava em casa, mas seu carro eslava ao lado da casa e a porta trancada.

Alguém tinha mirado, disparado o alarme e não podia ter sido alarme falso porque estava ainda ativado quando o segurança chegou.

Danilo desaparecera.

Talvez tivesse saído para correr e esquecera de ligar o alarme. Segundo o segurança, o alarme silencioso fora ativado há uma hora e dez minutos. Mas Danilo corria sempre menos de uma hora — dez quilômetros a seis ou cinco minutos por quilômetro, num total de cinquenta minutos no máximo. Sem exceção. Ela conhecia seus movimentos.

Eva telefonou para a casa dele na rua Tiradentes e ninguém atendeu. Telefonou para o celular que ele às vezes usava, mas ninguém respondeu.

Três meses antes, ele havia acidentalmente disparado o alarme, pregando um susto daqueles nos dois. Mas um telefonema imediato dela esclareceu tudo.

Ele era cauteloso demais com o sistema de segurança para se descuidar. Significava muito para ele.

Ela repetiu os dois telefonemas, mas com o mesmo resultado. Tem de haver uma explicação, ela pensou.

Ligou para um apartamento em Curitiba, uma cidade com um milhão e meio de habitantes, capital do estado do Paraná. Ao que eles sabiam, ninguém estava informado da existência daquele apartamento. Estava alugado sob outro nome e era usado para depósito e reuniões casuais. De vez em quando passavam curtos fins de semana ali, não com a frequência desejada por Eva.

Não esperava resposta e não teve nenhuma. Danilo não iria a parte alguma sem avisá-la.

Terminados os telefonemas, ela trancou a porta da sua sala, encostou-se nela e fechou os olhos. Ouvia o movimento dos advogados e das secretárias no corredor. A firma tinha trinta e três advogados no momento, era a segunda maior do Rio, com filial em São Paulo e outra em Nova York. Telefones, faxes e copiadoras se misturavam num coro distante e animado.

Com trinta e um anos, contratada da firma há cinco anos, era uma profissional dedicada a ponto de trabalhar horas extras e também aos sábados.

Quatorze sócios dirigiam a firma, entre eles apenas duas mulheres. Eva tinha planos para alterar essa proporção. Dez dos dezenove contratados eram mulheres, evidência de que no Brasil, como nos Estados Unidos, as mulheres estavam entrando rapidamente na profissão. Formara-se em direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio, uma das melhores do país, na sua opinião. Seu pai ainda lecionava filosofia lá.

Por insistência dele, Eva fez o curso de direito em Georgetown. depois de se formar no Rio. Georgetown era a alma mater dele. A influência dele, somada ao seu currículo expressivo, beleza e inglês fluente facilitaram sua admissão numa firma das mais importantes.

Ela foi a té a janela, procurando se acalmar. De repente o o tempo era crucial. A próxima série de movimentos ia exigir nervos firmes. Depois, ela teria de desaparecer Tinha uma reunião marcada dali a trinta minutos, mas teria de ser adiada.

O dossiê estava numa gaveta trancada e à prova de fogo. Ela o retirou de lá e as instruções, diretivas que ela e Danilo haviam estudado muitas vezes.

Ele sabia que ia ser encontrado.

Eva sempre preferiu ignorar a possibilidade.

Por um momento, imaginou se ele estaria em segurança. O telefone tocou e Eva sobressaltou-se. Não era Danilo. Um cliente a esperava, avisou a secretária. O cliente tinha chegado cedo. Peça desculpas, ela disse, e delicadamente marque outra hora. Não quero ser interrompida outra vez.

No momento, o dinheiro estava em dois lugares, um banco no Panamá e uma holding nas Bermudas. O primeiro fax que ela passou autorizou a transferência imediata do dinheiro do Panamá para um banco em Antígua. O segundo fax o dividiu por três banco na Grande Cayman. O terceiro retirou das Bermudas e o transferiu para as Bahamas.

Eram quase duas horas no Rio. Os bancos europeus estavam fechados, portanto ela teria de esconder o dinheiro nas imediações do Caribe por algumas horas, até o resto do mundo abrir as portas.

As instruções de Danilo eram claras mas gerais. Os detalhes ficavam a cargo dela. As primeiras transferências foram determinadas por Eva. Ela escolheu os bancos e resolveu quanto seria depositado em cada um. Fez a lista dos nomes fictícios das empresas sob os quais o dinheiro estava escondido. Uma lista que Danilo jamais tinha visto. Ela dividiu, dispersou, encaminhou e reencaminhou. Uma operação ensaiada muitas vezes pelos dois, mas sem os fatos específicos.

Danilo não podia saber para onde ia o dinheiro. Só Eva. A escolha era toda dela e, naquele momento, naquelas circunstâncias extremas, cabia a ela movimentar o dinheiro como achasse melhor. Sua especialidade era direito

comercial. A maioria dos seus clientes era de homens de negócios brasileiros que desejavam exportar para os Estados Unidos ou Canadá. Ela sabia tudo sobre comércio exterior, moedas correntes e sistemas bancários.

O que não sabia sobre como esconder dinheiro espalhando-o por todo o mundo, aprendeu com Danilo.

Eva consultava o relógio nervosamente a todo instante. Mais de uma hora passada desde o telefonema de Ponta Porã.

Quando outro fax apareceu na máquina, o telefone tocou. Certamente era Danilo, com alguma história maluca e todo aquele trabalho teria sido inútil. Talvez um teste, um ensaio para ver como Eva se comportaria sob pressão. Mas esse tipo de brincadeira não era típico de Danilo.

Era um dos sócios da firma, bastante aborrecido com o atraso dela para outra reunião. Eva se desculpou brevemente e voltou ao fax.

A pressão aumentava a cada minuto. Nenhuma palavra de Danilo. Nenhuma resposta aos seus telefonemas. Se eles o tinham encontrado realmente, não iam esperar muito para tentar fazê-lo falar. Era o que ela mais temia. Por isso ela precisava correr.

Uma hora e meia. A realidade começava a pesar nos seus ombros. Danilo estava desaparecido e ele jamais desapareceria sem avisá-la antes. Ele planejava todos os seus movimentos com muito cuidado, sempre temendo as pessoas que podiam estar atrás dele. O pior pesadelo dos dois estava começando e se desenvolvendo rapidamente.

Eva fez duas ligações do telefone público no hall do prédio tio escritório. A primeira para o zelador do edifício em que morava para saber se alguém tinha estado no seu apartamento no Leblon, na zona sul do Rio, onde os ricos moravam e o *beautiful people* se divertia. A resposta foi não, mas o zelador prometeu ficar atento. A segunda foi para o escritório do FBI, em Biloxi, Mississippi. Explicou que era uma emergência, esforçando-se para falar inglês sem nenhum sotaque. Esperou, sabendo que a partir daquele momento não podia voltar atrás.

Alguém havia apanhado Danilo. Seu passado finalmente o alcançara.

Alô. — A voz parecia estar no outro lado da parede.

— Agente Joshua Cutter?

— Sim.

Depois de uma pausa breve ela disse:

— Está encarregado da investigação do caso Patrick Lanigan? — Sabia que ele estava.

Uma pausa, desta vez dele.

— Sim. Quem está falando?

Numa questão de três minutos eles teriam localizado a chamada no Rio. Então, ficariam perdidos numa cidade de dez milhões de habitantes: Mas mesmo assim, Eva olhou em volta, nervosa.

— Estou telefonando do Brasil — ela disse, de acordo com o script. — Eles capturaram Patrick.

— Quem? — perguntou Cutter.

Vou dizer um nome.

Estou ouvindo disse Cutter, sua voz de repente fria e urgente.

— Jack Stephano. Você o conhece?

Uma pausa enquanto Cutter tentava localizar o nome.

— Não. Quem é ele?

— Um agente particular de Washington. Há quatro anos está procurando Patrick.

— E você diz que ele o encontrou, certo?

— Sim. Ele o encontrou.

— Onde?

— Aqui, no Brasil.

— Quando?

— Hoje. E eu acho que eles podem matá-lo.

Cutter pensou por um segundo e então disse:

— O que mais pode me dizer?

Ela deu o número do telefone de Stephano em Washington, D. C., desligou e saiu do prédio.

Guy examinou cuidadosamente os papéis encontrados na casa de Danny Boy, admirando a trilha invisível. Um extrato de um banco local acusava um saldo de três mil dólares, não exatamente o que ele estava procurando. O único depósito era de mil e oitocentos dólares, retiradas do mês, menos do que mil. Danny Boy vivia frugalmente. Suas contas de telefone e de luz não estavam pagas, mas nenhuma delas atrasada. Uma dúzia de outras contas menores estavam liquidadas.

Um dos homens de Guy verificou todos os números de telefone na conta de Danny Boy, mas não encontrou nada interessante. Outro examinou a unidade de disco rígido do pequeno computador e descobriu que Danny Boy não fazia muita pirataria eletrônica. Havia um longo diário das suas aventuras no interior do Brasil. A última data era de quase um ano antes.

A escassez de papéis era muito suspeita. Só um extrato de banco? Quem na face da terra guarda apenas o último extrato mensal? E o mês anterior? Danny Boy devia ter um depósito em algum lugar, fora da casa. Tudo combinava perfeitamente com um homem em fuga.

Ao cair da noite, despiram Danny Boy ainda inconsciente, deixando-o apenas com a cueca de algodão. Os tênis de corrida sujos e as meias suadas foram retirados, revelando pés que quase brilhavam de tão brancos. A nova cor morena era fabricada. Eles o colocaram numa tábua de compensado de uma polegada de espessura, ao lado da cama. Cordas de náilon que passavam por orifícios feitos na tábua foram usadas para prender seus tornozelos, joelhos, cintura e pulsos. Um cinto largo de plástico foi passado em volta da sua testa e apertado. O saco de plástico para a endovenosa estava pendurado bem acima do seu rosto. O tubo descia até a veia da parte superior do pulso esquerdo.

Aplicaram outra injeção no braço esquerdo para acordá-lo. A respiração difícil ficou mais rápida e ele abriu os olhos vermelhos e esgazeados e por alguns momentos examinou o saco de plástico acima da sua cabeça. O médico brasileiro entrou em cena e, sem uma palavra, aplicou outra injeção no braço esquerdo de Danny Boy. Era sódio tiopental, uma droga grosseira, às vezes usada para fazer a pessoa falar. O soro da verdade. Funcionava melhor quando a vítima queria confessar alguma coisa. Uma perfeita droga da verdade, ainda não desenvolvida.

Passaram-se dez minutos. Ele tentou inutilmente mover a cabeça. Só podia ver alguns centímetros de cada lado. A sala estava escura, exceto por uma luz fraca em algum canto atrás dele.

A porta abriu e fechou. Guy entrou sozinho. Caminhou diretamente para Danny Boy, apoiou os dedos na borda da tábua e disse:

— Olá, Patrick.

Patrick fechou os olhos. Danilo Silva tinha ficado para trás, abandonado para sempre. Um velho e leal amigo que desaparecido de um momento para outro. A vida simples na rua Tiradentes desapareceu com Danilo, seu precioso anonimato arrancado dele com duas palavras amáveis. “Olá, Patrick. ”

Durante quatro anos, muitas vezes ele tentou imaginar como seria quando fosse apanhado. Teria uma sensação de alívio? De justiça? Alguma expectativa com relação à ideia de voltar para casa e enfrentar a música?

Absolutamente não! Naquele momento, Patrick estava aterrorizado. Praticamente nu e amarrado como um animal, sabia que as próximas horas seriam insuportáveis.

— Pode me ouvir, Patrick? — Guy perguntou, olhando para ele com atenção e Patrick sorriu, não por vontade, mas porque algo incontrolável parecia achar tudo aquilo muito divertido.

A droga começava a fazer efeito, notou Guy. Sódio tiopental é um barbiturato de ação rápida e curta, que deve ser administrado em doses muito controladas. Era extremamente difícil encontrar o nível apropriado de

consciência no qual a pessoa está suscetível a um interrogatório. Se a dose for muito pequena, a resistência não é quebrada. Um pouco demais e a pessoa simplesmente fica desacordada.

A porta abriu e fechou. Outro americano entrou silenciosamente para ouvir, mas Patrick não podia vê-lo.

— Você está dormindo há três dias, Patrick — Guy disse. Eram quase cinco horas, mas como Patrick podia saber? — Está com fome ou com sede?

— Com sede — Patrick disse.

Guy tirou a tampa de uma pequena garrafa de água mineral e cuidadosamente a levou aos lábios de Patrick.

— Obrigado — ele disse e sorriu.

— Está com fome? — Guy perguntou outra vez.

— Não. O que você quer?

Com gestos lentos, Guy pôs a garrafa na mesa e se inclinou mais para perto do rosto de Patrick.

— Primeiro vamos esclarecer uma coisa, Patrick. Enquanto você dormia, tiramos suas impressões digitais. Sabemos exatamente quem você é, portanto, por favor, vamos dispensar qualquer tentativa de negar sua identidade.

— Quem sou eu? — Patrick perguntou com outro largo sorriso.

— Patrick Lanigan.

— De onde?

— Biloxi, Mississippi. Nascido em Nova Orleans. Formado em direito pela Tulane. Esposa, uma filha de seis anos. Desaparecido há mais de quatro anos.

— Bingo. Esse sou eu.

— Diga-me, Patrick, você assistiu ao seu próprio enterro?

— Isso é crime?

— Não. Apenas um boato.

— Sim. Eu assisti. Fiquei muito comovido. Não sabia que tinha tantos amigos.

— Isso é ótimo. Onde se escondeu depois do seu enterro?

— Aqui e ali.

Uma sombra surgiu à esquerda e a mão de alguém ajustou a válvula na parte inferior do saco da endovenosa.

— O que é isso? — Patrick perguntou.

— Um coquetel — Guy respondeu, fazendo um sinal para o outro homem que recuou para o canto do quarto.

— Onde está o dinheiro, Patrick? — Guy perguntou com um sorriso.

— Que dinheiro?

— O dinheiro que levou com você.

— Ah, aquele dinheiro. — Patrick respirou profundamente. Suas pálpebras fecharam de repente e o corpo relaxou. Segundos se passaram e o movimento do seu peito ficou mais lento.

— Patrick — Guy disse, sacudindo o braço dele delicadamente. Nenhuma resposta, apenas os sons de um sono profundo.

A dosagem foi imediatamente reduzida, e eles esperaram.



O dossiê de Jack Stephano no FBI era um estudo breve. Ex-detetive de Chicago com dois diplomas de criminologia, ex caçador de recompensas, atirador de elite, mestre autodidata em busca e espionagem, c agora dono de uma firma duvidosa em Washington que aparentemente cobrava preços exorbitantes para localizar pessoas desaparecidas e oferecia um dispendioso serviço de vigilância.

O dossiê de Patrick Lanigan no FBI ocupava oito caixas. Fazia sentido o fato de um dossiê atrair o outro. Não eram poucas as pessoas que queriam que Patrick fosse encontrado e levado para os Estados Unidos. O grupo de Stephano fora contratado para essa tarefa.

A firma de Stephano, Edmund e Associados, ocupava o último andar de um prédio comum na rua K, a seis quadras da Casa Branca. Dois agentes esperavam no saguão ao lado do elevador, enquanto dois outros entraram intempestivamente no escritório de Stephano. Eles quase tiveram um confronto direto com a secretária, que insistia em dizer que o sr. Stephano estava muito ocupado no momento. Eles o encontraram sentado à sua mesa, sozinho, conversando alegremente no telefone. O sorriso desapareceu quando os homens entraram exibindo seus distintivos.

— Que diabo é isso? — Stephano perguntou. A parede atrás da mesa era um detalhado mapa do mundo, completo, com pequenas luzes vermelhas piscando em continentes verdes. Qual delas era Patrick?

— Quem o contratou para encontrar Patrick Lanigan? — perguntou o Agente Um.

— Isso é confidencial — disse Stephano com um sorriso de desprezo. Fora policial durante anos e não se intimidava com facilidade.

— Recebemos um telefonema do Brasil esta tarde — disse o Agente Dois.

Eu também, pensou Stephano, atônito, mas tentando desesperadamente não demonstrar. Seu queixo caiu dois centímetros e seus ombros se curvaram para baixo enquanto a mente examinava freneticamente todas as teorias possíveis para explicar a presença daqueles sabujos no seu escritório. Só tinha falado com

Guy, com ninguém mais. Guy era extremamente confiável. Guy jamais falaria com qualquer pessoa, especialmente com o FBI. Não podia ser Guy.

Guy usou um celular nas montanhas do leste do Paraguai. De modo algum o telefonema podia ter sido interceptado.

— Você ainda está aí? — perguntou o Agente Dois, fazendo graça.

— Estou — ele disse, ouvindo, mas não ouvindo.

— Onde está Patrick? — perguntou o Agente Um.

— Talvez no Brasil.

— Onde no Brasil?

Stephano deu de ombros, mas muito tenso.

— Eu não sei. É um país grande.

— Temos um mandado de prisão para ele — disse Um. — Ele nos pertence.

Stephano deu de ombros outra vez, agora mais relaxado, como quem diz: “Grande coisa. ”

— Nós queremos Patrick — exigiu Dois. — Agora.

— Não posso ajudar.

— Está mentindo — esbravejou o Agente Um e os dois, unidos na frente da mesa de Stephano, olharam ameaçadoramente para ele. O Agente Dois se encarregou do discurso. — Temos homens lá embaixo, fora do prédio, na esquina e no lado de fora da sua casa em Falis Church. Vamos vigiar cada movimento seu a partir de agora, até apanharmos Lanigan.

— Ótimo. Podem sair agora.

— E não o maltrate, está bem? Teremos muito prazer em pregar seu traseiro se alguma coisa acontecer com o nosso homem.

Saíram acertando o passo e Stephano trancou a porta. O escritório não tinha janelas. Ele ficou de pé na frente do seu mapa do mundo. O Brasil tinha três luzes vermelhas, que significavam pouca coisa. Balançou a cabeça lentamente, perplexo.

Gastou tanto tempo e tanto dinheiro cobrindo seus passos.

Sua firma era conhecida em certos círculos como a melhor para apanhar o dinheiro e desaparecer nas sombras. Ninguém nunca sabia quem Stephano estava caçando.

TRÊS

Outra injeção para acordar. Depois outra para sensibilizar os nervos.

A porta foi aberta ruidosamente e o quarto de repente se iluminou. Encheu-se com as vozes de muitos homens, todos com um objetivo certo, todos pisando firme, ao que parecia. Guy deu ordens e alguém resmungou em português.

Patrick abriu e fechou os olhos. Então, abriu definitivamente e as drogas encontraram o alvo. Eles pairavam sobre ele, com mãos operosas por toda a parte. Tiraram sua cueca, sem muita delicadeza, e o deixaram completamente nu. Um barbeador elétrico começou a zumbir, atacando seu corpo em certos pontos no peito, na virilha, nas coxas e na barriga da perna. Ele mordeu o lábio e fez uma careta, o coração disparou, embora a dor não tivesse começado ainda.

Guy estava ao lado dele, as mãos imóveis, mas os olhos atentos.

Patrick não fez nenhum esforço para falar, mas por segurança, mais mãos apareceram e pregaram uma fita larga e prateada de adesivo na sua boca. Eletrodos frios foram presos aos pontos raspados com clipes e ele ouviu uma voz muito alta perguntar alguma coisa sobre “corrente”. Os eletrodos foram cobertos com fita adesiva. Ele teve a impressão de contar oito pontos no seu corpo. Talvez nove. Seus nervos estavam tensos. No escuro, ele sentia as mãos movendo-se sobre seu corpo. O adesivo colava na pele.

Dois ou três homens trabalhavam num canto, ajustando um aparelho que Patrick não podia ver. Fios foram passados como luzes de uma árvore de Natal.

Não iam matá-lo, ele pensava, embora, em algum momento nas próximas horas, a morte pudesse talvez ser desejada. Tinha imaginado esse pesadelo milhares de vezes nos últimos quatro anos. Rezava para que nunca acontecesse, mas sempre teve certeza de que aconteceria. Sempre soube que eles estavam em algum lugar nas sombras, seguindo sua pista, subornando e procurando sob as pedras.

Patrick sempre soube. Eva era ingênua demais.

Fechou os olhos, tentou respirar normalmente e controlar os pensamentos, enquanto eles trabalhavam, preparando seu corpo para o que quer que fosse que o esperava. As drogas aceleravam seu pulso e davam comichão na pele.

Eu não sei onde está o dinheiro. Eu não sei onde está o dinheiro. Patrick quase cantou isso em voz alta. Graças a Deus pelo adesivo na boca. Eu não sei onde está o dinheiro.

Ele telefonava para Eva *todos* os dias entre 16 e 18 horas. Todos os dias. Sete dias por semana, sem exceção, a não ser que esta fosse planejada. Ele sabia no

seu disparado coração que a essa altura ela já teria movimentado o dinheiro, que estaria escondido com segurança em mais de vinte locais espalhados pelo mundo. E ele não sabia onde.

Mas eles acreditariam?

A porta abriu outra vez e dois ou três vultos saíram da sala. A atividade em volta da sua tábua começava a diminuir. Então, tudo ficou quieto. Ele abriu os olhos e o saco da endovenosa tinha desaparecido.

Guy estava olhando para ele. Delicadamente levantou uma ponta do adesivo prateado e o retirou, para que Patrick pudesse falar, se quisesse.

— Obrigado — Patrick disse.

O médico brasileiro apareceu outra vez à esquerda e eu fiou uma agulha no braço de Patrick. A seringa era comprida e cheia de água colorida, mas como Patrick podia saber?

Onde está o dinheiro, Patrick? — Guy perguntou.

Não tenho nenhum dinheiro — Patrick respondeu. Sua cabeça doía apertada contra a tábua. A faixa que comprimia a lesta estava quente. Há horas ele não se movia.

— Você vai me dizer, Patrick. Eu garanto. Pode dizer agora, ou pode dizer daqui a dez horas, quando estiver semimorto. Facilite as coisas para você.

— Eu não quero morrer, certo? — Patrick disse, os olhos cheios de medo. Eles não vão me matar, dizia para si mesmo.

Guy levantou um objeto pequeno, simples e feio que estava ao lado de Patrick e o aproximou do rosto dele. Era uma alavanca cromada com ponta de borracha negra, montada numa caixa pequena e quadrada de onde saíam dois fios.

— Veja isto — Guy disse, como se Patrick tivesse escolha. -Quando a alavanca está levantada, o circuito é cortado. -Delicadamente segurou a ponta de borracha com as pontas do polegar e indicador e abaixou a alavanca devagar. — Mas quando é levada para baixo, para este pequeno ponto de contato, o circuito se fecha e a corrente passa pelos fios para os eletrodos presos na sua pele. — Imobilizou a alavanca a centímetros do ponto de contato. Patrick prendeu a respiração. O quarto estava silencioso.

— Gostaria de ver o que acontece quando é dado o choque? — Guy perguntou.

— Não.

— Então, onde está o dinheiro?

— Eu não sei, eu juro.

A trinta centímetros do nariz de Patrick, Guy empurrou a alavanca para baixo, para o ponto de contato. O choque foi instantâneo e horrível golpes

quentes de eletricidade pareciam rasgar sua carne. Patrick se contorceu e as cordas de náilon retesaram. Ele fechou os olhos ferozmente e cerrou os dentes num esforço para não gritar, mas desistiu depois de uma fração de segundo e o grito estridente ecoou por toda a casa.

Guy levantou a alavanca, esperou alguns segundos para Patrick tomar fôlego e abrir os olhos e disse:

— Esse é o nível um, a corrente mais fraca. Tenho cinco níveis e usarei todos se for necessário. Oito segundos do nível cinco e você está morto e estou disposto a fazer isso como último recurso. Está ouvindo, Patrick?

Todo o seu corpo ardia, do peito até o tornozelo. O coração batia furiosamente e ele soltou o ar dos pulmões.

— Está ouvindo? — Guy repetiu.

— Estou.

— Sua situação é realmente muito simples. Diga onde está o dinheiro e sai vivo deste quarto. Depois de algum tempo o levaremos de volta a Ponta Porã e você pode fazer o que quiser. Não temos interesse em notificar o FBI. — Fez uma pausa para intensificar o drama, mexendo levemente na alavanca. — Mas se se recusar a dizer onde está o dinheiro, jamais sairá vivo daqui. Compreendeu, Patrick?

— Compreendi.

— Ótimo. Onde está o dinheiro?

Eu juro que não sei. Se soubesse, eu diria.

Guy abaixou a alavanca bruscamente, sem uma palavra e as correntes atacaram como ácido fervente.

— Eu não sei! — Patrick gritou em agonia. — Juro que não sei.

Guy levantou a alavanca e esperou alguns segundos para Patrick se recobrar. E então:

— Onde está o dinheiro? — perguntou calmamente.

— Eu juro que não sei.

Outro grito encheu a casa e escapou pelas janelas abertas, para a fenda entre as montanhas, onde ecoou levemente antes de se perder na selva.

O apartamento em Curitiba ficava perto do aeroporto. Eva mandou o táxi esperar na rua. Deixou a maleta no carro, mas levou a pasta de papéis.

Tornou o elevador para o nono andar onde o corredor estava silencioso e escuro. Eram quase 23 horas. Ela caminhou devagar, olhando para todos os lados. Abriu com a chave a porta do apartamento, rapidamente desarmou o

sistema de segurança com outra chave.

Danilo não estava no apartamento, e embora não fosse surpresa, era um desapontamento. Nenhuma mensagem na secretária. Nenhum sinal da presença dele. Sua ansiedade alcançou um nível mais alto.

Não queria demorar porque os homens que estavam com Danilo podiam aparecer no apartamento. Embora sabendo exatamente o que devia fazer, seus movimentos eram forçados e lentos. O apartamento tinha só três cômodos e ela os revistou rapidamente.

Os papéis que ela queria estavam num arquivo fechado à chave na saleta de estar. Eva abriu as três gavetas pesadas e passou os papéis para uma bela pasta de couro que ele guardava num armário. As pastas continham registros financeiros, mas não muitos, tendo em vista uma fortuna tão grande. A pista de documentos era a menor possível. Ele ia ao apartamento uma vez por mês para esconder seus registros e pelo menos uma vez por mês inutilizava todos os anteriores.

E naquele momento, Danilo não podia saber onde estavam seus papéis.

Ela armou outra vez o sistema de segurança e saiu rapidamente. Ninguém no prédio de muitos apartamentos a viu chegar ou sair. Foi então para o pequeno quarto de um hotel no centro, perto do Museu de Arte Contemporânea. Os bancos asiáticos estavam abertos e eram quase quatro horas em Zurique. Ela desembrulhou um fax compacto, ligou na tomada do telefone. A cama pequena logo ficou coberta de papéis com instruções e telegramas com autorizações.

Ela estava cansada, mas nem podia pensar em dormir. Danilo disse que eles iriam procurá-la. Não podia voltar para casa. Não pensava no dinheiro, mas nele. Estaria vivo? Nesse caso, quanto estaria sofrendo? Quanto já teria falado e a que preço?

Enxugou os olhos e começou a arrumar os papéis. Não tinha tempo para lágrimas.



Com tortura, os melhores resultados são obtidos depois de três dias de sessões intermitentes. Os ânimos mais obstinados levam mais tempo para ceder. A vítima sonha com a dor, superestimando-a a cada minuto de espera pela próxima sessão. Três dias, e a maioria das pessoas se faz em pedaços e desmorona.

Guy não tinha três dias. Sua vítima não era prisioneiro de guerra, mas um cidadão dos Estados Unidos, procurado pelo FBI.

Mais ou menos à meia-noite, deixaram Patrick sozinho por alguns minutos

para sofrer e pensar na próxima rodada. Seu corpo estava encharcado de suor, a pele vermelha queimada pelas cargas elétricas e pelo calor. O sangue pingava do adesivo no seu peito onde os eletrodos estavam pregados, queimando a carne. Respirou com dificuldade e passou a língua nos lábios secos. Os pulsos e os tornozelos estavam em carne viva sob as cordas de náilon.

Guy voltou sozinho e sentou numa banqueta ao lado da tábua. O quarto ficou em silêncio por um minuto. O único som era o da respiração áspera de Patrick que tentava se controlar. Manteve os olhos fechados.

— Você é um homem muito obstinado — Guy disse, finalmente.

Nenhuma resposta.

As duas primeiras horas não tiveram nenhum resultado. Todas as perguntas eram sobre o dinheiro. Ele não sabia onde estava, tinha dito centenas de vezes. O dinheiro existia? Não, ele disse repetidamente. O que aconteceu com ele? Ele não sabia.

A experiência de Guy com torturas era muito limitada. Ele havia consultado um especialista, um psicopata que parecia ter prazer com aquilo. Leu um manual elementar de instruções, mas não teve muito tempo para praticar.

Agora que Patrick sabia o quanto as coisas podiam ficar horríveis, era importante conversar com ele.

— Onde você estava por ocasião do seu enterro? — Guy perguntou.

Os músculos de Patrick relaxaram levemente. Finalmente uma pergunta que não era sobre dinheiro. Ele hesitou e pensou por um momento. Que mal podia fazer? Estava nas mãos deles. Sua história estava prestes a ser contada. Talvez, se cooperasse, eles desistissem dos choques.

— Em Biloxi.

— Escondido?

— Sim, é claro.

— E você assistiu ao enterro?

— Sim.

— De onde?

— Eu estava numa árvore, com um binóculo. — Continuou com os punhos e os olhos fechados.

— Para onde foi depois?

— Mobile.

— Era lá o seu esconderijo?

— Sim, um deles.

— Quanto tempo ficou em Mobile?

— Uns dois meses, indo e voltando.

— Tanto tempo? Onde morava em Mobile?

— Hotéis baratos. Eu mudava sempre de lugar. Descia e subia o Golfo. Destin. Panamá City Beach. De volta a Mobile.

— Mudou sua aparência.

— É. Tirei a barba. Tingi o cabelo, emagreci vinte e cinco quilos.

— Estudou alguma língua estrangeira?

— Português.

— Então sabia que vinha para cá?

— Para cá onde?

— Digamos para o Brasil.

— Certo. Sim, achei que era um bom lugar para me esconder.

— Depois de Mobile, para onde foi?

— Toronto.

— Por que Toronto?

— Tinha de ir para algum lugar. É um belo lugar.

— Conseguiu novos documentos em Toronto?

— Isso mesmo.

— Tornou-se Danilo Silva em Toronto.

— Isso mesmo.

— Estudou outra língua?

— Estudei.

— Perdeu mais peso?

— Isso. Mais quinze quilos. — Com os olhos fechados, ele tentava ignorar a dor, ou pelo menos conviver com ela no momento. Os eletrodos no peito chamuscavam e feriam profundamente sua pele.

— Quanto tempo ficou lá?

— Três meses.

— Então, saiu de Toronto mais ou menos em julho de 92? Mais ou menos isso.

— E para onde foi?

— Portugal.

— Por que Portugal?

— Tinha de ir para algum lugar. É um bom lugar. Eu não conhecia.

— Quanto tempo ficou em Portugal?

— Uns dois meses.

— Depois, para onde?

— São Paulo.

— Por que São Paulo?

— Vinte milhões de habitantes. Um lugar maravilhoso para me esconder.

— Quanto tempo ficou lá?

— Um ano.

— Conte o que fez em São Paulo.

Patrick respirou longa e profundamente e fez uma careta de dor quando moveu os tornozelos. Relaxou o corpo.

— Eu me perdi na cidade. Contratei um professor e aprendi a língua. Perdi mais alguns quilos. Mudava de um apartamento para outro.

— O que você fez com o dinheiro?

Uma pausa. Um tremor dos músculos. Onde estava a maldita alavanca cromada? Por que não podiam continuar conversando sobre a caçada e esqueciam o dinheiro?

— Que dinheiro? — ele perguntou, com um valente esforço desesperado.

— Ora, vamos, Patrick. Os noventa milhões de dólares que roubou da sua firma de advocacia e do cliente.

— Eu já disse. Vocês pegaram o cara errado.

Guy de repente gritou para a porta que se abriu e o resto dos americanos entrou. O médico brasileiro esvaziou mais duas seringas na veia de Patrick e saiu. Dois homens se ocuparam com o aparelho no canto. O gravador estava ligado. Guy se inclinou sobre Patrick com a alavanca cromada na posição vertical, zangado e mais do que nunca resolvido a matá-lo se ele não falasse.

— O dinheiro chegou por remessa telegráfica para a sua firma de advocacia em Nassau. Exatamente às dez e quinze, hora do leste. A data era 26 de março de 1992, quarenta e cinco dias depois da sua morte. Você estava lá, Patrick, em ótima forma e queimado de sol, fazendo-se passar por outra pessoa. Temos fotos tiradas pelo circuito interno de TV do banco. Você tinha documentos falsos perfeitos. Logo depois que o dinheiro chegou, desapareceu, enviado por ordem telegráfica para um banco em Malta. Você o roubou, Patrick. Agora, onde está? Diga se quiser ficar vivo.

Patrick olhou pela última vez para Guy, depois para a alavanca, fechou os olhos com força, preparou-se e disse:

Eu juro que não sei do que você está falando.

— Patrick, Patrick...

— Por favor, não faça! — ele pediu. — Por favor!

— Este é só o nível três, Patrick. Você está no meio do caminho. — Guy empurrou a alavanca para baixo e viu o corpo saltar e retesar todos os músculos.

Patrick gritou desesperadamente, um grito tão agudo e horrível que Osmar e os brasileiros ficaram paralisados por um segundo, na varanda. Pararam de falar, no escuro. Um deles recitou uma prece silenciosa.

No fim da rua, a cem metros da casa, um brasileiro com uma espingarda estava sentado ao lado da estrada de terra, vigiando os carros que passavam. Não

esperavam ninguém. A casa mais próxima ficava a quilômetros dali. Ele também fez uma prece silenciosa quando os gritos recomeçaram.

QUATRO

Foi o quarto ou quinto telefonema dos vizinhos que fez a sra. Stephano perder a paciência e obrigou Jack a contar a verdade à mulher. Os três homens de ternos escuros dentro do carro parado na rua bem na frente da sua casa eram agentes do FBI. Ele explicou por que estavam ali. Contou a ela quase toda a história de Patrick, uma grave quebra do sigilo profissional. A sra. Stephano nunca fazia perguntas.

Ela não se interessava pelo que o marido fazia no escritório. Mas se preocupava extremamente com o que os vizinhos podiam pensar. Afinal, estavam em Falis Church e, bem, as pessoas comentavam.

Ela foi para o quarto à meia-noite. Jack cochilou no sofá da sala, levantando de meia em meia hora para espiar pelas persianas e ver o que eles estavam fazendo lá fora. Às 3 horas da manhã ele estava dormindo quando a campainha tocou.

Jack atendeu com a roupa de ginástica. Quatro homens estavam na frente da porta, um dos quais ele conhecia, Hamilton Jaynes, subdiretor do FBI. O segundo homem na organização que, por acaso, morava a quatro quadras dali e era sócio do mesmo clube de golfe que ele frequentava, embora nunca tivessem sido apresentados.

Ele os convidou para a espaçosa sala de estar. Foram feitas apresentações formais. Todos se sentaram. A sra. Stephano desceu do quarto de roupão e voltou a subir rapidamente quando viu os quatro homens de ternos escuros.

Jaynes se encarregou de falar pelo FBI.

— Estamos trabalhando dia e noite na procura de Lanigan. Nosso serviço de inteligência informou que você o tem sob custódia. Pode confirmar ou negar?

— Não. — Stephano estava frio como gelo.

— Temos um mandado de prisão contra o senhor.

O gelo derreteu um pouco. Stephano olhou para outro agente com expressão dura.

— Sob que acusação?

— Dar asilo a um fugitivo da justiça federal. Interferência. Qualquer coisa desse gênero. Que diferença faz? Não estou interessado em convencê-lo. Tudo que quero é arrastar seu traseiro para trás das grades e depois, mais tarde, apanharemos o resto da sua firma e trancafiaremos seus clientes. Serão indiciados mais tarde, dependendo de pegarmos ou não Lanigan. Deu para entender?

Sim. Acho que sim.

— Onde está Lanigan?

— Brasil.

— Eu o quero. Agora.

Stephano piscou os olhos algumas vezes e as coisas se encaixaram. Dadas as circunstâncias, entregar Lanigan não seria um mau negócio. Os federais tinham meios de fazê-lo falar. Ameaçado de passar a vida na prisão, Patrick podia apenas estalar os dedos e fazer o dinheiro aparecer. A pressão seria enorme, de todos os lados, para produzir esse resultado.

Mais tarde, Stephano fez a si mesmo a pergunta incrível de como alguém no mundo podia saber que tinham encontrado Lanigan.

— Tudo bem, minhas condições são as seguintes — disse Stephano. — Vocês me dão quarenta e oito horas e eu entrego Lanigan. E vocês queimam o mandado de prisão e esquecem as ameaças de perseguição futura.

— Fechado.

Durante um momento de silêncio, os dois lados saborearam a vitória. Jaynes disse:

— Preciso saber onde vou apanhá-lo.

— Mande um avião a Assunção.

— Paraguai? O que aconteceu com o Brasil?

— Ele tem amigos no Brasil.

— Tudo bem. — Jaynes murmurou alguma coisa para um dos homens, que saiu imediatamente. — Ele está inteiro? — perguntou para Stephano.

— Sim, está.

— Acho bom que esteja. Uma equimose no seu corpo e eu o caço até o inferno.

— Preciso dar um telefonema.

Jaynes conseguiu sorrir. Olhou para as paredes e disse:

— A casa é sua.

— Meus telefones estão “grampeados”?

— Não.

— Jura?

— Eu disse que não.

— Com licença. — Stephano foi até a cozinha, depois para um quarto nos fundos onde escondia um celular. Saiu para o quintal e ficou de pé na grama, ao lado de uma lâmpada. Telefonou para Guy.

Os gritos tinham parado por um momento quando o brasileiro que tomava conta do furgão ouviu o telefone. Estava na unidade de força, no banco dianteiro do carro, com a antena subindo a cinco metros acima da capota. Atendeu em inglês, depois correu para chamar um americano.

Guy saiu da cabana e apanhou o telefone.

— Ele está falando? — Stephano perguntou.

— Um pouco. Desabou mais ou menos há uma hora.

— O que você sabe?

— O dinheiro ainda existe. Ele não sabe onde está. É controlado por uma mulher no Rio, uma advogada.

— Tem o nome dela?

— Tenho. Estou dando telefonemas agora. Osmar tem alguns homens no Rio.

— Pode tirar mais alguma coisa dele?

— Acho que não. Ele está quase morto, Jack.

— Pare com o que está fazendo. O médico está aí?

— Claro.

— Faça com que trate o homem e o deixe em forma. Depois leve Patrick para Assunção o mais rápido possível.

— Mas por quê...

— Não faça perguntas. Não há tempo. Os federais estão em cima de nós. Faça o que estou dizendo e tenha cuidado para que ele não seja ferido.

Não seja ferido? Há cinco horas estou tentando matá-lo. Faça o que estou mandando. Conserte o homem. Aplique uma boa droga. Vá para Assunção. Telefone para mim de hora em hora.

— Tudo bem.

— E encontre a mulher.

Levantaram delicadamente a cabeça de Patrick e derramaram água fria nos seus lábios. As cordas do pulso e dos tornozelos foram cortadas e lentamente retiraram a fita adesiva, os fios e os eletrodos. Com movimentos convulsivos, ele gemia palavras ininteligíveis. Aplicaram uma injeção de morfina na veia muito maltratada, depois um antidepressivo leve e Patrick flutuou outra vez.

De madrugada, Osmar estava no aeroporto de Ponta Porã esperando o voo que o levaria para o Rio no fim do dia. Fizera contato com sua gente no Rio. Tirou os homens das suas camas com promessas de grandes recompensas. Eles deviam estar nas ruas.



Primeiro ela telefonou para o pai, logo depois do nascer do sol, a hora do dia em que ele gostava de sentar na varanda com os jornais e o café. Morava num pequeno apartamento em Ipanema, a três quadras da praia, não muito distante da sua querida Eva. O prédio tinha mais de trinta anos, um dos mais antigos no bairro mais elegante do Rio. Ele morava sozinho.

A voz de Eva dizia que alguma coisa estava errada. Ela garantiu que estava a salvo e que ia continuar assim, que um cliente da Europa de repente precisava dos seus serviços por duas semanas e prometeu telefonar todos os dias. Explicou que esse cliente era um pouco enrolado e muito discreto, por isso talvez mandasse algumas pessoas para verificar o passado dela. Não se assuste. Isso era comum no comércio internacional.

O pai queria perguntar muita coisa, mas sabia que não ia ter respostas.

O telefonema para o sócio da firma encarregado de supervisionar o trabalho dela foi muito mais difícil. A história bem ensaiada era quase perfeita, mas com algumas falhas. Um novo cliente havia telefonado na véspera, por indicação de um advogado americano que tinha estudado com ela, e ela precisava ir a Hamburgo imediatamente. Ia tomar o primeiro avião. O cliente trabalhava em telecomunicações, com planos para grande expansão no Brasil.

O sócio da firma não estava ainda bem acordado. Pediu para Eva telefonar mais tarde, com maiores detalhes.

Ela telefonou para sua secretária com a mesma história e a instruiu a adiar todas as horas marcadas e todas as reuniões, até sua volta.

De Curitiba voou para São Paulo, onde tomou um avião das Aerolineas Argentinas para Buenos Aires, voo direto. Pela primeira vez usou o passaporte conseguido com a ajuda de Danilo um ano antes. Estava escondido no seu apartamento, com dois novos cartões de crédito e oito mil dólares americanos, em dinheiro.

Ela era Leah Pires, mesma idade, mas data de nascimento diferente. Danilo não conhecia esses detalhes, não podia saber.

Sem dúvida sentia-se como outra pessoa.

Os cenários eram vários. Ele podia ter sido morto a tiros por bandidos, num assalto numa estrada rural. Era mais ou menos comum ao longo da fronteira. Podia ter sido apanhado pelas sombras do seu passado, torturado, morto, enterrado na selva. Talvez tivesse falado e, nesse caso, devia ter mencionado o seu nome. Ela podia passar o resto da vida fugindo. Pelo menos ele a avisou dessa possibilidade desde o começo. Talvez não tivesse falado e ela podia continuar a ser Eva.

Talvez Danilo estivesse vivo em algum lugar. Prometeu a ela que eles não o matariam. Podiam fazê-lo implorar para ser morto, mas não podiam se dar ao

luxo de matá-lo. Se as autoridades americanas o encontrassem primeiro, seria um caso de extradição. Danilo escolheu a América Latina por causa da sua relutância histórica em conceder extradição.

Se os homens que o perseguiam o encontrassem primeiro, iam torturá-lo até ele contar onde estava o dinheiro. Era o que ele mais temia — a coerção.

Eva tentou dormir um pouco no aeroporto de Buenos Aires, mas era impossível. Telefonou outra vez para a casa em Ponta Porã, depois para o celular no apartamento de Curitiba.

Em Buenos Aires, tomou o voo para Nova York, onde esperou três horas e tomou outro para Zurique, na SwissAir.



Eles o deitaram no banco traseiro do furgão, passaram o cinto de segurança por sua cintura para não cair. As estradas que iam percorrer eram primitivas. Patrick vestia apenas o short de corrida. O médico examinou as pesadas ataduras de gaze — oito ao todo. As queimaduras estavam cobertas com pomadas e ele aplicou antibióticos no paciente. Depois, sentou na frente dele, com a valise entre os pés. Patrick tinha sofrido muito. Agora ele ia protegê-lo.

Um ou dois dias de descanso e mais analgésicos e Patrick estaria a caminho da convalescença. As queimaduras deixariam pequenas cicatrizes, que provavelmente desapareceriam com o tempo.

O médico bateu levemente no ombro dele. Estava satisfeito por não o terem matado.

— Ele está pronto — disse o médico para Guy sentado no banco da frente. O motorista brasileiro ligou o motor e saiu de marcha à ré da frente da cabana.

Paravam de hora em hora, exatamente de sessenta em sessenta minutos e levantavam a antena para o celular alcançar além das montanhas. Guy telefonava para Stephano, que estava no seu escritório em Washington, D. C. com Hamilton Jaynes e um funcionário do alto escalão do Departamento de Estado. O Pentágono estava sendo consultado.

Que diabo está acontecendo, Guy queria perguntar. De onde saíram os federais?

Nas primeiras seis horas percorreram cento e sessenta quilômetros. Em certos trechos as estradas eram quase intransitáveis. A ligação para Washington era sempre difícil. Ás duas horas da tarde, as estradas melhoraram quando chegaram às montanhas.



A ordem de extradição era duvidosa e Hamilton Jaynes não queria nada com ela. Importantes conexões diplomáticas foram ativadas. O diretor do FBI telefonou para o chefe do Estado-maior do presidente. O embaixador americano no Paraguai foi também envolvido. Promessas e ameaças foram feitas.

Um suspeito com dinheiro e força de vontade pode evitar sua extradição do Paraguai durante anos, talvez para sempre. Esse suspeito não tinha dinheiro com ele e nem sabia em que país estava.

Os paraguaios concordaram com relutância em ignorar a extradição.

Às quatro horas, Stephano mandou Guy procurar o aeroporto em Concepción, uma pequena cidade a três horas de carro de Assunção. O motorista brasileiro praguejou em português quando Guy o mandou fazer uma volta e seguir para o norte.



Anoitecia quando entraram em Concepción e já estava escuro quando finalmente encontraram o aeroporto, uma pequena construção de tijolos ao lado de uma estreita pista de asfalto. Guy telefonou para Stephano, que o mandou deixar Patrick no furgão com as chaves no contato e se afastar do carro. Guy, o médico, o motorista e outro americano se afastaram devagar olhando para trás, para o carro. Pararam a cem metros, debaixo de uma árvore, onde não podiam ser vistos. Passou uma hora.

Finalmente, um King Air com registro americano aterrissou e taxiou até o pequeno terminal. Dois pilotos desceram e entraram no terminal. Pouco depois, foram até o furgão, abriram as portas, entraram e o levaram para perto do avião.

Patrick foi retirado gentilmente do banco de trás do furgão e deitado no interior do jato. Um médico da Força Aérea estava a bordo e imediatamente se apossou do prisioneiro. Os dois pilotos levaram o furgão para o mesmo lugar no estacionamento. Minutos depois, o avião levantou voo.

O King Air foi reabastecido em Assunção e enquanto estava no solo, Patrick começou a se mover. Estava fraco, dolorido e dopado demais para sentar. O médico deu a ele água gelada e biscoito de água e sal.

Abasteceram-se outra vez em La Paz e em Lima. Em Bogotá transferiram Patrick para um pequeno Lear, com o dobro da velocidade do King Air. O avião se reabasteceu em Aruba, ao largo da costa da Venezuela, depois voou direto para a base naval americana fora de San Juan, Porto Rico. Uma ambulância levou o paciente para o hospital da base.

Depois de quase quatro anos e meio, Patrick estava outra vez em solo

americano.

CINCO

A firma de advocacia para a qual Patrick trabalhava antes de morrer pediu falência um ano depois do seu funeral. Após sua morte, o papel timbrado da firma incluiu seu nome: Patrick S. Lanigan, 1954-1992, no canto superior direito, logo acima dos paralegais. Depois teve início a onda de boatos. Em pouco tempo, todos sabiam que Patrick havia roubado o dinheiro e desaparecido. No fim de três meses, ninguém na Costa do Golfo acreditava que ele estivesse morto. Seu nome foi retirado do papel timbrado da firma quando as dívidas começaram a se acumular.

Os quatro sócios restantes ainda estavam juntos, unidos contra a vontade, pela obrigação da falência. Tinham juntado seus nomes nas hipotecas e nas promissórias bancárias, quando estavam nadando em dinheiro e com a promessa de grande fortuna. Juntos enfrentaram vários processos que não podiam jamais vencer, e daí a falência. Desde o desaparecimento de Patrick, fizeram várias tentativas para se separar, mas nada dava certo. Dois deles eram alcoólatras inveterados, que bebiam no escritório, atrás das portas fechadas, mas nunca juntos. Os outros dois estavam ainda em processo de cura, lutando para chegar à sobriedade.

Patrick levou o dinheiro deles. Seus milhões. Dinheiro gasto muito tempo antes de ser recebido, como só os advogados sabem fazer. Dinheiro para a reforma do luxuoso prédio de escritórios no centro de Biloxi. Dinheiro para casas novas, iates, condomínios no Caribe. O dinheiro estava a caminho, aprovado, os papéis assinados, os pedidos apresentados. Eles podiam vê-lo, sentir o cheiro, quase tocá-lo quando o sócio morto o roubou no último momento possível.

Ele estava morto. Foi enterrado em 11 de fevereiro de 1992. Eles consolaram a viúva e imprimiram seu nome no belo papel da firma. Porém, seis semanas mais tarde, de algum modo ele roubou o dinheiro.

Os sócios discutiram acaloradamente para decidir de quem era a culpa. Charles Bogan, o sócio principal e mão forte da firma, foi quem insistiu para que o dinheiro fosse transferido da fonte para uma nova conta no exterior e isso fazia sentido. Depois de uma longa discussão chegaram a um acordo. Eram noventa milhões de dólares, um terço dos quais caberia à firma e seria impossível esconder essa quantia em Biloxi, com população de cinquenta mil. Alguém no banco ia falar sem dúvida. Logo todos ficariam sabendo. Os quatro prometeram guardar segredo, embora fizessem planos para exibir ao máximo a nova riqueza.

Chegaram a falar em comprar um jato de seis lugares.

Assim, Bogan aceitou sua parte na culpa. Com quarenta e nove anos, era o mais velho dos quatro e, no momento, o mais estável. Era também o responsável pela entrada de Patrick na firma, nove anos antes, e por isso sua quota de sofrimento foi maior.

Doug Vitrano, encarregado dos processos litigiosos da firma, foi quem tomou a decisão fatal de recomendar Patrick para ser o quinto sócio da firma. Os outros três concordaram e quando Lanigan foi acrescentado ao nome da firma, passou a ter acesso praticamente a todos os arquivos do escritório. Bogan, Rapley, Vitrano, Havarac e Lanigan, Advogados e Consultores Jurídicos. Um anúncio de tamanho respeitável nas páginas amarelas, dizia “Especialistas na Proteção de Regulamentação Fiscal”. Especialistas ou não, como a maioria das firmas, aceitavam praticamente qualquer coisa, desde que os honorários valessem a pena. Uma porção de secretárias e paralegais. Despesas administrativas vultosas e as mais fortes conexões políticas da Costa.

Todos tinham entre quarenta e cinquenta anos. Havarac fora criado pelo pai num barco que fazia pesca de camarões. Suas mãos eram orgulhosamente calejadas e ele sonhava em apertar o pescoço de Patrick até quebrar. Rapley entrou em depressão profunda e raramente saía de casa, dedicando-se a redigir súmulas num escritório escuro no sótão.



Bogan e Vitrano estavam sentados às suas mesas um pouco depois das nove quando o agente Cutter entrou no prédio no Vieux Marche, na parte antiga de Biloxi. Ele sorriu para a recepcionista e perguntou se os advogados estavam. Uma pergunta justa. Eles eram conhecidos como um bando de beberrões que só ocasionalmente davam as caras no escritório.

Ela o conduziu até uma pequena sala de conferências e serviu café. Vitrano foi o primeiro a aparecer, surpreendentemente bem vestido e com os olhos claros. Bogan chegou alguns segundos depois. Adoçaram o café com açúcar e falaram sobre o tempo.

Nos meses seguintes ao desaparecimento de Patrick e do dinheiro, Cutter os visitava periodicamente para um relatório atualizado sobre a investigação do FBI. Conversavam descontraída e amistosamente, embora as novidades fossem sempre desanimadoras. À medida que os meses se transformavam em anos, os relatórios orais espaçaram. E tinham sempre o mesmo fim: nem sinal de Patrick. Há quase um ano Cutter não falava com nenhum deles.

Portanto, imaginaram que seria apenas uma visita de cortesia, que ele estava na cidade tratando de algum outro assunto, provavelmente queria uma xícara de café e a reunião seria de rotina e rápida.

Cutter disse:

— Temos Patrick sob custódia.

Charlie Bogan fechou os olhos e exibiu todos os dentes.

— Oh, meu Deus! — exclamou, cobrindo o rosto com as mãos. — Oh, meu Deus.

Vitrano inclinou a cabeça para trás e abriu a boca. Olhou incrédulo para o teto.

— Onde? — conseguiu perguntar.

— Está numa base militar em Porto Rico. Foi capturado no Brasil.

Bogan levantou e foi para um canto da sala, ao lado da estante de livros e tentou conter as lágrimas.

— Oh, Deus — repetia sem cessar.

— Tem certeza de que é ele? — Vitrano perguntou, sem acreditar.

— Positivo.

— Conte mais — disse Vitrano.

— O quê, por exemplo?

— Como o encontraram? E onde? O que ele estava fazendo? Como ele está?

— Nós não o encontramos. Ele nos foi dado.

Bogan sentou à mesa, com um lenço no nariz.

— Desculpem-me — ele disse, embaraçado.

— Conhecem um homem chamado Jack Stephano? — perguntou Cutter.

Os dois assentiram relutantemente com uma inclinação da cabeça.

— Fazem parte do pequeno consórcio dele?

Balançaram a cabeça dizendo que não.

— Sorte de vocês. Stephano o encontrou, torturou-o, quase o matou, depois o deu para nós.

— Gosto da parte sobre tortura — disse Vitrano. — Diga como foi.

— Esqueça. Nós o apanhamos a noite passada no Paraguai e o levamos de avião para Porto Rico. Está no hospital. Dentro de alguns dias terá alta e virá para cá.

— E o dinheiro? — Bogan perguntou com voz áspera e seca.

— Nem sinal. Mas ainda não sabemos quanto Stephano sabe.

Vitrano olhou para a mesa com olhos inquietos. Patrick tinha roubado noventa milhões de dólares quando desapareceu há quatro anos. Seria impossível gastar tudo nesse tempo. Podia ter comprado mansões e helicópteros e uma porção de mulheres e ter ainda dezenas de milhões. Sem dúvida iam encontrar.

Os honorários da firma eram de um terço.

Talvez, apenas talvez.

Bogan enxugou os olhos úmidos e pensou na ex-mulher, uma pessoa formidável que se tornou amarga quando o céu caiu sobre eles. Envergonhada depois da falência, foi para Pensacola com o filho mais novo e entrou com pedido de divórcio, acrescentando sérias acusações. Bogan estava bebendo e usando cocaína. Ela sabia e o atacou em cheio com isso. Ele não pôde oferecer muita resistência. Finalmente, conseguiu deixar o vício, mas ainda não tinha direito de ver o filho.

Por mais estranho que fosse, ele ainda amava a ex-mulher, ainda sonhava em reconquistá-la. Talvez o dinheiro contribuísse para isso. Talvez ainda houvesse esperança. Certamente eles podiam encontrar o dinheiro.

Cutter quebrou o silêncio.

— Stephano está encrencado até o pescoço. O corpo de Patrick estava todo queimado como resultado da tortura.

— Ótimo — sorriu Vitrano.

— Esperava que lamentássemos? — perguntou Bogan.

— De qualquer modo, Stephano é um caso separado. Vamos vigiá-lo. Talvez nos leve ao dinheiro.

— Vai ser fácil encontrar o dinheiro -disse Vitrano. — Houve um morto. Alguém foi morto no lugar de nosso Patrick. É um caso de pena de morte. Homicídio qualificado. Patrick vai cantar quando for pressionado.

— É melhor entregá-lo para nós — Bogan disse, com um sorriso. — Dez minutos e vamos saber de tudo.

Cutter olhou para o relógio.

Preciso ir. Vou a Point Clear, dar a notícia para Trudy.

Bogan e Vitrano bufaram em uníssono e depois riram.

— Oh, ela não sabe? — Bogan disse.

— Ainda não.

— Por favor grave em vídeo — Vitrano disse, rindo suavemente. — Eu adoraria ver a cara dela.

— Na verdade, mal posso esperar — disse Cutter.

— A ordinária — disse Bogan.

Cutter levantou e disse:

— Comuniquem aos outros sócios, mas é melhor esperar até o meio-dia. Marcamos uma coletiva com a imprensa para essa hora. Eu entro em contato.

Depois que ele saiu os dois ficaram um longo tempo em silêncio. Eram tantas as perguntas, tanta coisa para dizer. A sala parecia girar com possibilidades e eventos.



Vítima de um acidente automobilístico numa estrada rural, sem testemunhas, Patrick foi sepultado por sua bela mulher Trudy, no dia 11 de fevereiro de 1992. Era uma bela viúva, com um vestido negro Armani e, enquanto estavam ainda jogando terra sobre o caixão, ela já estava gastando o dinheiro.

O testamento de Patrick deixava tudo para ela. Era simples e recentemente atualizado. Horas antes dos serviços fúnebres, Trudy e Doug Vitrano abriram cuidadosamente a caixa forte no escritório de Patrick e fizeram inventário do conteúdo. Encontraram o testamento, dois certificados de propriedade de dois carros, a escritura da casa dos Lanigan, uma apólice de seguro de vida de meio milhão de dólares da qual Trudy tinha conhecimento e outra apólice de dois milhões da qual nunca ouvira falar.

Vitrano examinou rapidamente a apólice desconhecida. Patrick a havia comprado oito meses antes. Trudy era a única beneficiária. As duas apólices eram da mesma empresa, enorme e solvente.

Trudy jurou não saber de nada sobre a apólice e convenceu Vitrano de que estava chocada. Viúva ou não, Trudy ficou mais do que satisfeita com sua sorte. Com a dor da perda consideravelmente abrandada, ela conseguiu sofrer durante o funeral e o enterro sem nenhum sério descontrole.

A empresa de seguros hesitou, como fazem todas as empresas, no começo, mas as ameaças de Vitrano foram suficientes para obrigar o pagamento. Quatro semanas depois do enterro, Trudy recebeu seus dois milhões e meio.

Uma semana depois ela estava dirigindo um Rolls-Royce em Biloxi e o povo começou a odiá-la. Então os noventa milhões desapareceram no ar e começaram os boatos.

Talvez ela não estivesse viúva.

Patrick foi o primeiro, e único, suspeito. Os rumores ficaram cada vez mais agressivos e Trudy com a filha pequena e o namorado Lance, um antigo amor dos tempos de escola, entraram no Rolls-Royce e foram para Mobile, a uma hora a leste de Biloxi. Ela encontrou um advogado esperto que deu uma porção de conselhos sobre como proteger o dinheiro. Trudy comprou uma bela casa em Point Clear, com vista para Mobile Bay, em nome de Lance.

Lance era um fracassado forte e bonitão, com quem Trudy foi para a cama quando tinha quatorze anos. Condenado por tráfico de drogas aos dezenove anos, passou três anos na prisão, enquanto ela estava se divertindo a valer na universidade fazendo parte da torcida organizada do time de futebol, seduzindo

os jogadores, uma lendária arroz de festa que também conseguiu se formar com distinção. Casou com um rapaz da fraternidade cheio do dinheiro e se divorciou depois de dois anos. Então curtiu a vida de solteira durante alguns anos, até conhecer Patrick e se casar com ele, um jovem e promissor advogado, há pouco tempo morando na Costa. O namoro foi longo em paixão e curto em planos.

Durante o tempo que passou na universidade, nos dois casamentos e em vários empregos de pouca duração, Trudy sempre manteve contato com Lance. Ele era um vício, um jovem extremamente sensual do qual ela jamais se fartava. Desde os quatorze anos Trudy teve certeza de que jamais poderia viver sem Lance.



Lance abriu a porta, peito nu, cabelo negro penteado para trás e preso no obrigatório rabo-de-cavalo, um grande brinco de brilhante na orelha esquerda. Sorriu com desprezo para Cutter, como sorria para o mundo todo, e não disse uma palavra.

— Trudy está? — Cutter perguntou.

— Talvez.

O distintivo brilhou e por um segundo o desprezo desapareceu.

— Agente Cutter, FBI. Já falei com ela antes.

Lance comprava maconha no México num barco grande e veloz presenteado por Trudy. Ele revendia a erva para uma gangue em Mobile. Os negócios estavam meio atolados porque a DEA estava fazendo perguntas.

— Ela está na sala de ginástica — Lance disse, indicando com a cabeça um lugar fora da casa. — O que você quer?

Cutter o ignorou e caminhou na direção da garagem adaptada, onde a música tocava a todo volume. Lance foi atrás.

Trudy estava no meio de um exercício de aeróbica de alto nível ditado por uma supermodelo numa grande tela de televisão numa extremidade da sala. Ela saltava e girava, os lábios acompanhando a letra de uma canção, um espetáculo digno de ser visto. Malha de ginástica amarela. Rabo-de-cavalo louro. Nem um grama de gordura sobrando em nenhum lugar do corpo, Cutter podia ficar ali assistindo para sempre. Até o suor dela era charmoso.

Trudy se exercitava duas horas por dia. Aos trinta e cinco anos, parecia ainda a namoradinha que todos queriam ter.

Lance apertou um botão e desligou o vídeo. Ela girou o corpo rapidamente e quase derreteu Cutter com um olhar mais do que encantador.

Você se importa? — ela disse secamente para Lance. Evidentemente aquele exercício não devia ser interrompido.

— Sou o agente especial do FBI, Cutter — ele disse, passando a mão no distintivo e caminhando em direção a ela. — Já nos encontramos há alguns anos.

Ela enxugou o rosto com uma toalha amarela, que combinava com a malha. A respiração estava perfeitamente normal.

Trudy mostrou os dentes perfeitos e tudo ficou em paz.

— O que posso fazer por você?

Lance ficou ao lado dela, os rabos-de-cavalo combinando.

— Tenho uma notícia maravilhosa para você — Cutter disse, com um enorme sorriso.

— O que é?

— Encontramos seu marido, sra. Lanigan e ele está vivo.

Uma breve pausa para registrar a informação.

— Patrick? — ela perguntou.

— Ele mesmo.

— Está mentindo — disse Lance com desprezo.

— Não, não estou. Ele está sob custódia em Porto Rico. Estará aqui dentro de uma semana mais ou menos. Achei que devia ser informada dessa boa notícia, antes de sair nos jornais.

Perplexa e atordoada, ela recuou alguns passos e sentou-se numa banqueta de ginástica ao lado de uma máquina de levantar peso. A pele bronzeada e brilhante empalideceu. O corpo ágil estava desmoronando. Lance correu para ajudá-la.

— Oh, meu Deus — ela murmurava repetidamente.

Cutter atirou um cartão na frente deles.

— Telefone se eu puder ajudar. — E sem dizer mais nada, foi embora.

Era evidente que Trudy não guardava ressentimento por ter sido enganada por um homem que fingiu estar morto. Nem havia o menor sinal de alegria por sua volta. Nenhum alívio, no fim de um longo sofrimento.

Tudo que havia era medo. O horror de perder o dinheiro. A empresa de seguros sem dúvida iria imediatamente mover uma ação judicial.

Enquanto Cutter estava em Mobile, outro agente do escritório de Biloxi foi à casa da mãe de Patrick em Nova Orleans e deu a mesma notícia. A sra. Lanigan ficou extremamente emocionada e pediu ao agente para ficar um pouco e responder a algumas perguntas. Ele ficou uma hora, mas tinha poucas respostas.

Ela chorou de alegria e depois que ele se foi, passou o resto do dia telefonando para amigos com a notícia maravilhosa de que seu filho único estava vivo, afinal.

SEIS

Jack Stephano foi detido pelo FBI no seu escritório em Washington D. C. Passou trinta minutos na cadeia, no prédio do tribunal federal, onde enfrentou um magistrado dos Estados Unidos, numa audiência fechada. Foi informado de que seria libertado imediatamente sob caráter provisório, sem fiança, que não podia sair da área e que estaria sob a vigilância do FBI vinte e quatro horas por dia. Enquanto ele estava no tribunal, um pequeno exército de agentes entrou no seu escritório, retirou todos os arquivos e mandou os funcionários para casa.

Depois de libertado pelo magistrado, Stephano foi conduzido para o edifício Hoover, na Pensilvaniana Avenue, onde Hamilton Jaynes o esperava. Quando ficaram sozinhos no escritório de Jaynes, o subdiretor pediu desculpas calorosamente pela prisão. Mas não teve escolha. Não se pode sequestrar um fugitivo federal, drogar, torturar e quase matar sem ser acusado de alguma coisa.

A questão principal era o dinheiro. Sequestrá-lo foi uma forma de pressão. Stephano jurou que Patrick não dissera coisa alguma.

Enquanto falavam, as portas do escritório de Stephano estavam sendo trancadas com correntes e avisos soturnos pregados nas janelas. Os telefones da casa dele foram grampeados, enquanto a sra. Stephano jogava bridge.

Depois do encontro breve e infrutífero com Jaynes, eles o deixaram perto da Suprema Corte. Uma vez que tinha ordens para ficar longe do escritório, chamou um táxi e pediu que o motorista o levasse para o Hay-Adams Hotel, na esquina da H com Dezesseis. Durante o trajeto, leu calmamente um jornal, ocasionalmente passando a mão no pequeno rastreador que haviam costurado na bainha do seu paletó, quando o prenderam. Era um pequeno mas potente transmissor usado para monitorar os movimentos de pessoas, embrulhos e até automóveis. Stephano revistara a própria roupa enquanto conversava com Jaynes e a custo resistira à tentação de tirar o aparelho do paletó e jogá-lo sobre a mesa.

Ele era perito em vigilância. Enfiou o paletó debaixo do banco do táxi e entrou rapidamente no Hay-Adams Hotel, de frente para o Lafayette Park. Informaram que não tinham quartos vagos. Pediu para ver o gerente, um ex-cliente, e em poucos minutos o sr. Stephano foi conduzido a uma suíte no quarto andar, com uma vista magnífica da Casa Branca. Tirou toda a roupa, ficando apenas de meia e cueca e cuidadosamente estendeu cada peça sobre a cama onde as examinou e até acariciou cada centímetro de fazenda. Pediu almoço. Telefonou para a mulher, mas ninguém atendeu.

Então telefonou para Benny Aricia, seu cliente, o homem cujos noventa

milhões tinham sido desviados minutos depois de chegarem ao banco em Nassau. A parte de Aricia seria de sessenta milhões, os outros trinta milhões iriam para os seus advogados, Bogan, Vitrano e para o resto daqueles bandidos imundos de Biloxi. Mas o dinheiro desaparecera um pouco antes de chegar às mãos de Benny.

Ele estava no Willard Hotel, também perto da Casa Branca, escondido, esperando notícias de Stephano.

Encontraram-se uma hora depois no Four Seasons Hotel em Georgetown, na suíte reservada por Aricia por uma semana.

Benny tinha quase sessenta anos, mas parecia dez anos mais moço. Era magro, com o bronzeado permanente do aposentado rico do sul da Flórida que joga golfe todos os dias. Morava num condomínio com uma sueca que podia ser sua filha.

Quando o dinheiro foi roubado, a firma de advocacia tinha uma apólice de seguro que cobria fraude e roubo por parte dos sócios e funcionários. O desfalque é comum nas firmas de advocacia. O limite da apólice, vendida pela seguradora Monarch-Sierra, era de quatro milhões de dólares, que seriam pagos à firma. Aricia processou a firma de advocacia com tudo que tinha. A ação movida por ele exigia sessenta milhões. Tudo a que tinha direito.

Como havia pouca coisa mais para receber e porque a firma estava para pedir concordata, Benny concordou em receber quatro milhões da Monarch-Sierra. Gastou quase a metade procurando Patrick. Pagou meio milhão pelo apartamento elegante em Boca. Outras despesas aqui e ali e Benny estava reduzido ao seu último milhão.

De pé ao lado da janela, tomando café descafeinado, ele disse:

— Eu vou ser preso?

— Provavelmente não. Mas se fosse você, eu não me mostraria muito.

Benny deixou a xícara na mesa e sentou na frente de Stephano.

— Você falou com as empresas de seguros?

— Ainda não. Vou telefonar mais tarde. Vocês estão a salvo.

A Northern Case Mutual, a empresa de seguros que fizera de Trudy uma mulher rica, secretamente havia separado meio milhão para a busca. A Monarch-Sierra entrou com um milhão. No total, o pequeno consórcio de Stephano recebeu e gastou mais de três milhões de dólares na caçada a Patrick.

— Alguma notícia da moça? — Aricia perguntou.

— Ainda não. Nosso pessoal está no Rio. Encontraram o pai dela, mas ele não quis falar. O mesmo na firma onde ela trabalha. Ela está fora da cidade, a negócio, eles dizem.

— Ainda não ouvi a fita. Devia ter sido entregue no meu escritório esta

tarde, mas agora as coisas estão complicadas. Além disso, foi enviada da selva do Paraguai.

— Eu sei disso.

— Segundo Guy, ele cedeu depois de cinco horas de choques. Disse que o dinheiro estava intacto, escondido em vários bancos, mas ele não sabia o nome de nenhum. Guy quase o matou quando ele não conseguiu, ou não quis dizer os nomes dos bancos. A essa altura Guy já havia deduzido corretamente que outra pessoa estava tomando conta do dinheiro. Mais alguns choques e ele disse o nome da moça. Os homens de Guy imediatamente telefonaram para o Rio e confirmaram sua identidade. Ela já estava desaparecida.

— Quero ouvir a fita.

— É brutal, Benny. A pele do homem está queimando e ele está gritando por misericórdia.

Benny não conteve um sorriso.

— Eu sei. É isso que quero ouvir.



Patrick ficou na extremidade de uma ala do hospital da base. O seu era o único quarto com portas que podiam ser trancadas por fora e com janelas que não abriam. As persianas estavam fechadas. Dois soldados estavam no corredor, para qualquer eventualidade.

Patrick não ia a parte alguma. Os músculos, tecidos e pele das suas pernas e do seu peito estavam gravemente queimados. Até as juntas e os ossos estavam doloridos. Tinha feridas abertas em quatro partes do corpo, duas no peito, uma na coxa, uma na barriga da perna. Quatro outros pontos estavam sendo tratados como queimaduras de segundo grau.

A dor era intensa e os quatro médicos encarregados resolveram simplesmente mantê-lo sedado por enquanto. Não havia nenhuma pressa em tirá-lo dali. Era um homem procurado, mas só dentro de alguns dias iam determinar quem ficaria com ele primeiro.

Mantinham o quarto às escuras, a música muito baixa, a endovenosa cheia de deliciosos narcóticos e o pobre Patrick roncava sem sonhos e sem consciência da tempestade que se formava por sua causa.



Em agosto de 1992, cinco meses depois do desaparecimento do dinheiro, um grande júri federal em Biloxi indiciou Patrick pelo roubo. Tinham provas suficientes de que era responsável pelo roubo e nenhum sinal de que pudesse haver outro suspeito. Embora a ocorrência tenha ultrapassado fronteiras, a polícia federal detinha autoridade sobre o caso.

A polícia do condado de Harrison e o promotor público local haviam iniciado uma investigação conjunta do homicídio, mas outras questões prioritárias os afastaram do caso. De repente todos estavam de volta novamente.

A coletiva do meio-dia foi atrasada por causa de uma reunião das autoridades no. escritório de Cutter, no centro da cidade de Biloxi, para organizar as coisas. Foi uma reunião tensa, de pessoas com interesses conflitantes. Num lado da mesa estavam Cutter e o FBI, que recebiam ordens de Maurice Mast, o procurador-geral para o distrito oeste do Mississippi e que viera de carro, de Jackson. No outro lado estavam Raymond Sweeney, o xerife do condado de Harrison e seu braço-direito, Grimshaw. Ambos desprezavam o FBI. Seu porta-voz era T. L. Parrish, o promotor público de Harrison e dos condados vizinhos.

Eram autoridades federais contra autoridades locais, grandes orçamentos contra baixos, enormes egos na sala e todos querendo a maior parte do show de Patrick.

— A pena de morte é crucial neste caso — disse o promotor Parrish.

— Podemos usar a pena de morte federal — disse o procurador-geral Mast, com certa timidez, se isso era possível.

Parrish sorriu e abaixou os olhos. A pena de morte federal fora votada havia pouco tempo no Congresso com poucas indicações de como aplicá-la. Certamente soou bem quando o presidente assinou a lei, mas as complicações eram enormes.

O estado, por seu lado, tinha uma história rica e comprovada de execuções legais.

— A nossa é melhor — Parrish disse. — E nós todos a conhecemos. — Parrish havia mandado oito homens para o corredor da morte. Mast ainda estava para fazer seu primeiro indiciamento para a pena de morte.

— E há também o problema da prisão — Parrish continuou. -Nós o mandaremos para Parchman, onde ele fica trancado vinte e três horas por dia numa sala tórrida, com uma comida horrível servida duas vezes por dia, dois banhos de chuveiro por semana, bandos de baratas e de estupradores. Se ficar com vocês, vão deixá-lo num country club pelo resto da vida enquanto as cortes federais o paparicam e descobrem mil formas de mantê-lo vivo.

— Não vai ser um piquenique — disse Mast, sentindo-se pressionado e sem

saber reagir.

— Um dia na praia, então. Deixe disso, Maurice. Temos que pressioná-lo. Temos dois grandes mistérios, duas perguntas que devem ser respondidas antes de Lanigan ir para o descanso eterno. A principal diz respeito ao dinheiro. Onde está? O que Lanigan fez com ele? Pode ser recuperado e entregue aos donos? A segunda é quem exatamente está enterrado naquele túmulo. Meu palpite é que só Lanigan pode nos dizer e não dirá a não ser que seja obrigado. Ele precisa ser atemorizado, Maurice. Parchman é apavorante. Eu garanto que ele está rezando para ser indiciado pela justiça federal.

Mast estava convencido, mas não podia concordar. O caso era simplesmente importante demais para ser entregue a autoridades locais. Naquele momento chegavam as câmeras de televisão.

— Há outras acusações, vocês sabem — ele disse. — O roubo aconteceu fora do país, muito longe daqui.

— Certo, mas a vítima residia neste condado na época do roubo — Parrish disse.

— Não é um caso simples.

— Qual é a sua proposta?

— Talvez possamos trabalhar juntos — Mast disse e o gelo derreteu consideravelmente. Os federais podiam ditar as regras a qualquer tempo e o fato de o procurador-geral oferecer parte da responsabilidade era o melhor que Parrish podia esperar.

Parchman era a chave e todos na sala sabiam. Lanigan, como advogado, devia saber o que o esperava naquela prisão, e a perspectiva de dez anos no inferno em vida podia soltar sua língua.

Armaram um plano para dividir o bolo com os dois homens, Mast e Parrish concordando em partilhar os méritos. O FBI continuaria a procurar o dinheiro. As autoridades locais iam se concentrar no homicídio. Parrish devia convocar rapidamente seu grande júri. Apresentariam ao público uma frente unida. Assuntos mais complicados como o julgamento e a subsequente apelação foram examinados superficialmente, com a promessa de um estudo mais detalhado no futuro. O importante agora era conseguir uma trégua para que um lado não se preocupasse com o outro.

Como estava havendo um julgamento no prédio do tribunal federal, a imprensa foi levada para o outro lado da rua, para o tribunal de Biloxi, onde a sala principal no segundo andar estava desocupada. Havia dezenas de repórteres. A maior parte era de locais de olhos arregalados, mas outros eram de Jackson, Nova Orleans e Mobile. Eles se empurravam, muito juntos como crianças numa parada.

Mast e Parrish caminharam muito sérios para a tribuna cheia de microfones e fios. Cutter e os outros policiais formaram uma parede atrás deles. As luzes acenderam e os flashes espocavam.

Mast pigarreou e disse:

— Temos a satisfação de anunciar a captura do sr. Patrick S. Lanigan, ex-residente de Biloxi. Ele está vivo e passa bem, agora sob nossa custódia. — Fez uma pausa para efeito, saboreando o momento de glória, ouvindo o doce som dos murmúrios de excitação dos abutres. Deu então alguns detalhes da captura — Brasil, há dois dias, falsa identidade — sem sequer insinuar o paradeiro real de Patrick no momento. Em seguida, alguns detalhes inúteis sobre a chegada do prisioneiro, as acusações pendentes, o braço certo e rápido da justiça federal.

Parrish não foi tão dramático. Prometeu um rápido indiciamento por homicídio, pena capital e por qualquer outra acusação que viessem a descobrir.

As perguntas choveram. Mast e Parrish se abstiveram de fazer comentários sobre quase todas, e conseguiram isso durante uma hora e meia.



Ela insistiu na presença de Lance durante todo o tempo do encontro. Disse que precisava dele. Lance estava bastante atraente com o seu short muito curto de jeans. As pernas musculosas eram cabeludas e bronzeadas. O advogado olhou com desprezo para ele, mas afinal, já tinha visto de tudo.

Trudy estava caprichosamente vestida — saia justa e curta, blusa vermelha elegante, perfeitamente complementadas pela maquiagem e pelas joias. Cruzou as pernas bem-feitas para chamar a atenção do advogado. Bateu carinhosamente no braço de Lance que massageava o joelho dela.

O advogado ignorou as pernas e o manuseio mútuo.

Ela explicou que queria dar entrada no pedido de divórcio, embora já tivesse dado uma versão resumida pelo telefone. Estava zangada e amargurada. Como ele podia ter feito isso com ela? E com Ashley Nicole, a preciosa filha dos dois? Ela o amou tanto! O casamento foi bom. Agora isso.

— O divórcio não é problema — disse o advogado, mais de uma vez.

Seu nome era J. Murray Riddleton, um especialista em divórcios, com inúmeros clientes.

— É um caso simples de abandono. De acordo com a lei do Alabama, você consegue o divórcio, custódia total, todos os bens, tudo.

— Quero dar entrada o mais depressa possível — ela disse, olhando para os

diplomas na parede atrás da cadeira do advogado.

— Farei isso amanhã de manhã.

— Quanto tempo vai demorar?

— Noventa dias. Muito fácil.

Mas isso não aliviou a ansiedade dela.

— Eu simplesmente não entendo como uma pessoa pode fazer isso com alguém que ama. Sinto-me como uma idiota. — A mão de Lance subiu um pouco, sempre massageando.

O divórcio era sua menor preocupação. O advogado sabia. Ela podia tentar fingir uma frustração amorosa, mas não estava funcionando.

— Quanto recebeu de seguro de vida? — ele perguntou, folheando os papéis na pasta.

Trudy ficou completamente chocada com a pergunta.

— Por que isso é relevante? — perguntou irritada.

— Porque eles vão processá-la para recuperar o dinheiro. Ele não está morto, Trudy. Sem morte, não tem seguro de vida.

— Deve estar brincando.

— Não estou.

— Não podem fazer isso. Podem? Certamente que não.

— Oh, sim. Na verdade, vão fazer rapidinho.

Lance retirou a mão e desmoronou na cadeira. Trudy abriu a boca e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mas, simplesmente não podem.

O advogado apanhou seu bloco de anotações e tirou a tampa da caneta.

— Vamos fazer uma lista — ele disse.

Trudy pagou cento e trinta mil dólares pelo Rolls-Royce e ainda estava com ele. Lance dirigia um Porsche, comprado por Trudy por oitenta e cinco mil dólares. A casa fora comprada à vista, novecentos mil dólares em dinheiro, sem hipoteca e estava no nome de Lance. Sessenta mil pelo barco de drogas. Cem mil pelas joias. Calcularam, pensaram, apanharam números no ar. A lista parou em cerca m e um milhão e meio. O advogado não teve rompem de dizer que aqueles bens preciosos seriam os primeiros a desaparecer.

Como se estivesse extraindo dentes sem anestesia, ele fez Trudy calcular suas despesas mensais. Ela calculou em mais ou menos dez mil por mês, nos últimos quatro anos. Tinham feito viagens fabulosas, dinheiro jogado fora, que nenhuma empresa de seguros jamais poderia recuperar.

Ela estava desempregada, ou aposentada, como preferia dizer. Lance nem pensou em mencionar seu negócio de tráfico de drogas. Também não tiveram coragem de revelar, nem para seu advogado, que tinham trezentos mil

escondidos num banco na Flórida.

— Quando acha que eles vão entrar com o processo? — ela quis saber.

— Antes do fim da semana — disse o advogado.



Na verdade, foi muito mais rápido. No meio da entrevista coletiva, quando estavam anunciando a ressurreição de Patrick, advogados da Northern Case Mutual entraram no escritório do primeiro andar e deram entrada a uma ação judicial contra Trudy Lanigan, de dois e meio milhões de dólares, mais juros e honorários advocatícios. O processo incluía uma petição para a apreensão judicial temporária dos bens, agora que ela não era mais viúva.

Os advogados levaram a petição para o fim do corredor, para a sala de um juiz cordato, com quem haviam falado no telefone algumas horas antes e numa audiência extraordinária, fechada e de acordo com a lei, ele autorizou a medida. Como membro estabelecido da comunidade jurídica, o juiz estava muito ao par da saga de Patrick Lanigan. Sua mulher fora esnobada por Trudy logo depois que esta comprou o Rolls vermelho.

Enquanto Trudy e Lance se apalpavam e combinavam com seu advogado o que iam fazer, uma cópia do mandado judicial foi enviado de carro para Mobile e deu entrada na tribunal de justiça do condado. Duas horas depois, quando tomavam seu primeiro drinque no pátio, olhando tristemente para a baía de Mobile, um oficial de justiça os interrompeu o tempo suficiente para entregar a Trudy uma cópia da ação judicial movida pela Northern Case Mutual, uma intimação para comparecer ao tribunal em Biloxi e uma cópia autenticada do mandado judicial autorizando a apreensão. Na lista das proibições havia a de não emitir nenhum cheque até segunda ordem do juiz.

SETE

O advogado Ethan Rapley saiu do seu sótão escuro, entrou no chuveiro, fez a barba, pingou colírio nos olhos vermelhos e tomou café forte, enquanto escolhia um blazer quase limpo para vestir. Há dezesseis dias ele não ia ao escritório. Não que sentissem sua falta e certamente ele não sentia falta de ninguém. Passavam um fax quando precisavam dele e ele mandava a resposta por fax. Redigia súmulas, memorandos e moções que a firma precisava para sobreviver e fazia pesquisa para pessoas que ele desprezava. Ocasionalmente era obrigado a usar gravata e atender um cliente ou comparecer a uma horrível conferência com os outros sócios. Ele odiava o escritório, odiava as pessoas, até as que mal conhecia, odiava cada livro em cada estante e o cheiro de tudo — do café requentado no corredor, dos produtos químicos da copiadora, do perfume das secretárias. Tudo.

Mesmo assim, surpreendeu-se quase sorrindo quando seguia pelo tráfego intenso do fim da tarde ao longo da Costa. Cumprimentou um velho conhecido quando entrou com passo apressado no Vieux Marche. Falou com a recepcionista, uma mulher que ele ajudava a pagar, mas cujo último nome não lembrava.

A sala de conferências estava repleta. A maior parte era de advogados dos escritórios próximos, um ou dois juízes, alguns funcionários do tribunal. Passava das cinco da tarde e o ambiente era ruidoso e festivo. Fumaça de charuto pairava no ar.

Rapley encontrou as bebidas numa mesa a um canto da sala e conversou com Vitrano, enquanto se servia de um uísque e tentava parecer satisfeito. Na outra extremidade da sala, as garrafas variadas de água e refrigerantes eram ignoradas.

— Foi assim a tarde toda — Vitrano disse e os dois olharam para a multidão, ouvindo as vozes felizes. — Assim que a notícia se espalhou, este lugar pegou fogo.

A notícia da captura de Patrick correu pela comunidade jurídica ao longo da Costa numa questão de minutos. Advogados adoram fofocas, têm até uma tendência para aumentar um ponto e repetir com espantosa rapidez. Rumores eram ouvidos, guardados, inventados. Ele está pesando sessenta e cinco quilos e fala cinco línguas. Vivia quase pobremente. Ou seria numa mansão? Morava sozinho. Tinha uma nova mulher e três filhos. Eles sabem onde está o dinheiro. Eles não têm nenhuma pista.

Todos os comentários acabavam se voltando para o dinheiro. Amigos e

curiosos se reuniam na sala de conferências, conversando sobre isto e aquilo, e tudo sempre voltava para o dinheiro. Eram raros os segredos entre aquela gente. Há anos todos sabiam que a firma tinha perdido um terço de noventa milhões. E a possibilidade mais remota de recuperar o dinheiro atraía os amigos e os curiosos para um ou dois drinques e para saber as novas e sempre o comentário inevitável: “Que diabo, espero que encontrem o dinheiro. ”

Rapley desapareceu no meio da multidão com seu segundo drinque. Bogan, depois de diluir o seu com água, conversava com um juiz. Vitrano andava no meio de todos e confirmava ou negava tanto quanto possível. Havarac estava num canto com um velho repórter do tribunal que de repente o achou encantador.

A bebida fluía com o cair da noite. Esperanças cresciam à medida que os rumores eram reciclados.

Patrick foi essencialmente a notícia da noite nos jornais da TV. Pouca coisa mais foi comentada. Lá estavam Mast e Parrish, olhando carrancudos para a coleção de microfones, como se tivessem sido espancados e carregados para aquele lugar contra sua vontade. Um close-up da porta da frente do escritório de advocacia, sem nenhum comentário dos que estavam dentro. Fizeram uma pequena reportagem recheada de apelos sentimentais ao lado do túmulo de Patrick, imaginando o que devia ter acontecido à pobre alma cujas cinzas foram enterradas ali. Um flashback mostrou o acidente de quatro anos atrás, o carro em chamas, com cenas do local e do Chevy Blazer incendiado do sr. Patrick Lanigan. Nenhum comentário da mulher dele, do FBI, do xerife. Nenhum comentário dos que estavam no jogo, mas montes de especulações dos repórteres.

A notícia foi também sensação em Nova Orleans, Mobile, Jackson e até em Memphis. A CNN transmitiu a reportagem em rede nacional durante uma hora antes de enviá-la para o estrangeiro. Era uma história realmente irresistível.

Eram quase 7 horas da manhã, horário suíço, quando Eva assistiu à reportagem no quarto de hotel. Adormecera com a TV ligada um pouco depois da meia-noite e acordava de vez em quando, esperando a maior parte do tempo possível por notícias de Patrick. Estava cansada e com medo. Queria voltar para casa, mas sabia que não era possível.

Patrick estava vivo. Ele havia prometido centenas de vezes que eles não o matariam se e quando o encontrassem. Pela primeira vez ela acreditou.

Quanto ele havia contado? Essa era a questão.

Qual a gravidade dos seus ferimentos? Quanto tinham conseguido tirar dele?

Eva murmurou uma breve oração e agradeceu a Deus por Patrick ainda estar vivo.

Depois fez uma lista do que tinha que fazer.



Sob o olhar indiferente de dois guardas uniformizados e com a fraca assistência de Luis, o velho enfermeiro porto-riquenho,

Patrick se arrastou pelo corredor, descalço e com cueca do tipo militar muito folgada. Seus ferimentos precisavam de ar — nada de roupa ou ataduras agora. Apenas pomadas e oxigênio. Suas pernas e coxas estavam dolorosamente sensíveis e os joelhos e tornozelos tremiam a cada passo.

Ele queria clarear a mente, que diabo. As dores das feridas abertas eram bem-vindas porque ajudavam a manter o cérebro alerta. Só Deus sabia a mistura de produtos químicos que tinham injetado em suas veias nos últimos três dias.

A tortura era uma névoa densa e terrível, mas que começava a se dissipar. A medida que as drogas eram decompostas, dissolvidas e expelidas, ele começava a ouvir os próprios gritos de angústia. Quanto tinha contado sobre o dinheiro?

Encostou no parapeito da janela da cantina vazia enquanto o enfermeiro apanhava um refrigerante. O oceano estava a dois quilômetros de distância, com fileiras de alojamentos militares no meio. Estava numa espécie de base militar.

Sim, tinha admitido que o dinheiro existia ainda, disso ele lembrava, porque os choques tinham parado por um momento quando fez essa revelação. Então, aparentemente perdeu a consciência, porque um longo tempo passou até o momento em que o acordaram com água fria no rosto. Lembrava de como a água aliviou seu sofrimento, mas eles não o deixaram beber. Continuaram a espetar seu corpo com injeções.

Bancos. Ele quase deu a vida pelos nomes de alguns miseráveis bancos. Com a corrente elétrica correndo por seu corpo, ele traçou o movimento do dinheiro para eles, desde que foi roubado do United Bank of Wales, nas Bahamas, até o banco em Malta, depois para o Panamá, onde ninguém o encontrou.

Quando eles o apanharam, Patrick não sabia onde estava o dinheiro. Existia ainda, intacto, mais juros e dividendos, sem dúvida tinha dito isso, lembrava agora, lembrava claramente porque no momento pensou, que diabo — eles sabem que eu roubei, sabem que fiquei com ele, sabem que seria impossível gastar noventa milhões em quatro anos — mas sinceramente ele não sabia com exatidão onde estava enquanto sua carne derretia.

O enfermeiro deu um refrigerante para ele e Patrick agradeceu em português. Por que estava falando português?

Quando a rota do dinheiro foi interrompida, ele apagou por algum tempo. “Parem! ”, alguém gritou do canto do quarto, alguém que ele não viu. Pensaram que ele estivesse morto com a força dos choques.

Patrick não tinha ideia de quanto tempo ficou inconsciente. Num certo momento, acordou cego. O suor, as drogas e os gritos horríveis o tinham cegado. Ou estaria com uma venda nos olhos? Lembrava disso agora — de pensar que podia ser uma venda porque talvez estivessem para começar outro meio mais terrível de tortura. Amputação de partes do corpo, talvez. E ele ficou ali deitado, completamente nu.

Outra injeção no braço e de repente o coração disparou e sua pele pareceu saltar. Seu amigo estava de volta com seu brinquedinho. Patrick estava enxergando outra vez. Então, quem está com o dinheiro?, ele perguntou.

Patrick tomou um pouco do refrigerante. O enfermeiro ficou perto, sorrindo amavelmente, como sorria para todos os pacientes. De repente Patrick sentiu-se nauseado, embora tivesse comido muito pouco. A cabeça parecia leve e ele estava atordoado, mas resolvido a continuar de pé para movimentar o sangue e talvez poder pensar. Olhou para um barco pesqueiro, ao longe no horizonte.

Eles aplicaram mais choques querendo saber nomes. Patrick negou aos gritos. Ligaram o eletrodo nos seus testículos e a dor subiu para um nível diferente. Depois tudo sumia.

Patrick não conseguia lembrar. Simplesmente não lembrava do último estágio da tortura. Seu corpo estava em fogo. A morte muito próxima. Ele gritou o nome dela. Teria sido mentalmente? Onde ela estava agora?

Deixou cair a garrafa de refrigerante e estendeu a mão para O enfermeiro.

Stephano esperou até uma hora da manhã antes de sair de casa. Seguiu pela rua escura no carro da mulher. Acenou para os dois agentes que estavam num furgão, no cruzamento. Dirigiu devagar para que tivessem tempo de fazer a volta e segui-lo. Quando atravessou a ponte do Arlington Memorial, pelo menos dois carros o seguiam.

O pequeno comboio passou pelas ruas vazias até Georgetown. Stephano tinha a vantagem de saber para onde estava indo. Virou bruscamente para a direita, saindo da rua K para a Wisconsin, depois entrou na rua M. Estacionou rapidamente em local proibido e andou meia quadra até um Holiday Inn.

Tomou o elevador para o terceiro andar, onde Guy o esperava numa suíte. De volta aos Estados Unidos pela primeira vez em muitos meses, Guy tinha dormido pouco nos últimos três dias. Stephano pouco se importava com isso.

Eram seis fitas, todas etiquetadas e arrumadas em ordem numa mesa ao lado de um toca-fitas de pilha.

— Os quartos ao lado estão vazios. — Guy apontou para a esquerda e para a

direita. — Pode ouvir a todo volume.

— Suponho que seja muito desagradável — Stephano disse, olhando para as fitas.

— Bastante doentio. Nunca mais vou fazer isso.

— Pode ir agora.

— Ótimo. Estou no fim do corredor, se precisar de mim.

Guy saiu. Stephano deu um telefonema e um minuto depois Benny Aricia bateu na porta. Pediram café puro e passaram o resto da noite ouvindo os gritos de Patrick na selva do Paraguai.

Foi o melhor momento da vida de Benny.

OITO

Dizer que foi o dia de Patrick na imprensa seria dizer pouco. O jornal da manhã da Costa não tinha outro assunto na primeira página a não ser Patrick.

LANIGAN VOLTA DOS MORTOS

Bradava a manchete em letras garrafais. Quatro reportagens com nada menos de seis fotos cobriam a primeira página e continuavam na parte de dentro. Ele também aparecia na primeira página em Nova Orleans, sua cidade natal, bem como em Jackson e Mobile. Memphis, Birmingham, Baton Rouge e Atlanta também mostravam fotos do antigo Patrick com pequenas reportagens na primeira página.

Durante toda a manhã, dois furgões de televisão ficaram parados na frente da casa de sua mãe em Gretna, um subúrbio de Nova Orleans. Ela não tinha nada a dizer e estava protegida por duas senhoras vigorosas que moravam na mesma rua e se revezavam indo até a porta e olhando furiosas para os abutres.

A imprensa também estava na frente da casa de Trudy em Point Clear, mas mantida à distância por Lance, sentado debaixo de uma árvore com uma espingarda na mão. Ele estava com uma camisa preta justa, botas e calça pretas e parecia exatamente o mercenário bem-sucedido. Os repórteres gritavam perguntas banais. Lance apenas olhava carrancudo para eles. Trudy ficou dentro de casa com Ashley Nicole, a filha de seis anos, que não foi à escola nesse dia.

Eles estavam também no escritório de advocacia no centro da cidade, esperando na calçada. Sua entrada foi impedida por dois enormes guardas de segurança, apressadamente postos em ação.

Estavam no escritório do xerife, no escritório de Cutter e em qualquer outro lugar onde pudessem farejar uma notícia. Alguém recebeu uma informação e todos se reuniram no fórum a tempo de ver Vitrano, com seu melhor terno cinzento, entregar ao funcionário um documento que ele definiu como um processo que a firma estava movendo contra Patrick S. Lanigan. A firma simplesmente queria seu dinheiro de volta e Vitrano estava disposto a falar sobre o assunto com a imprensa por todo o tempo que conseguisse captar a atenção da mídia.

Foi sem dúvida uma manhã litigiosa. O advogado de Trudy indiscretamente revelou a notícia espantosa de que às 10 horas da manhã ele iria ao fórum de Mobile para dar entrada num pedido de divórcio. Desempenhou essa tarefa

maravilhosamente. Embora estivesse acostumado a dar entrada em milhares de pedidos de divórcio, era a primeira vez que o fazia na frente da equipe e das câmeras de TV. Com relutância, concordou em ser longamente entrevistado. O motivo alegado era abandono e a petição citava toda sorte de pecados hediondos. Posou para algumas fotos no corredor, na frente do fórum.

Espalhou-se rapidamente a notícia do processo da véspera, pelo qual a Northern Case Mutual exigia de Trudy Lanigan a devolução de dois milhões e meio de dólares. Os autos do processo foram atacados em busca de detalhes. Os advogados envolvidos foram contatados. Uma indiscrição aqui, uma palavra descuidada ali e em pouco tempo os repórteres sabiam que Trudy não podia nem fazer um cheque para o supermercado sem aprovação do juiz.

A empresa de seguros Monarch-Sierra queria seus quatro milhões de dólares de volta, mais juros e honorários advocatícios, é claro. Seus advogados de Biloxi rapidamente entraram com uma ação judicial contra a firma de advocacia por ter recebido o limite da apólice e contra o pobre Patrick por ter roubado de todos. Como costumava acontecer, a imprensa foi avisada e cópias da ação judicial estavam nas mãos da mídia minutos depois de ter dado entrada.

Previsivelmente, Benny Aricia queria seus noventa milhões de Patrick. Seu novo advogado, um falastrão bombástico, usava uma abordagem diferente para tratar com a imprensa. Convocou uma entrevista coletiva para as 10 horas da manhã e convidou todos à sua espaçosa sala de conferências para tratar de cada aspecto insignificante do processo movido por seu cliente, *antes* de entrar com o processo na justiça. Depois convidou seus novos amigos da equipe da imprensa para acompanhá-lo a pé quando saiu para dar entrada no processo. Falou durante todo o tempo da caminhada.

A captura de Patrick Lanigan deu ensejo a inúmeras atividades legais na Costa, mais do que qualquer outro evento da história recente.



Com o tribunal do condado de Harrison fervendo numa atividade quase frenética, dezessete membros do grande júri entraram discretamente numa sala do segundo andar sem nenhuma placa na porta. Tinham recebido telefonemas urgentes durante a noite do próprio promotor público, T. L. Parrish. Sabiam a natureza da reunião. Café foi servido e eles se sentaram em volta da mesa comprida, ansiosos, até mesmo excitados para entrar na tempestade.

Parrish cumprimentou a todos, desculpou-se pela reunião extraordinária, depois recebeu amavelmente o xerife Sweeney, seu investigador chefe Ted Grimshaw e o agente especial Joshua Cutter.

— Ao que parece temos um crime novo em folha nas mãos -ele disse, abrindo o jornal da manhã. — Tenho certeza de que todos viram isto. — Todos confirmaram que tinham visto.

Andando devagar de um lado para o outro, com um bloco de anotações na mão, Parrish recitou os detalhes. Uma pequena biografia de Patrick, a sua firma que representava os interesses de Benny Aricia, a morte de Patrick, falsa agora, é claro, seu enterro. A maioria dos detalhes que todos tinham lido estava ali, no jornal que Parrish abriu sobre a mesa.

Distribuiu fotos do Blazer de Patrick completamente queimado, no local do acidente, fotos do local na manhã seguinte sem o Blazer, fotos dos arbustos, do solo, do mato e do tronco de uma árvore chamuscados. E, dramática e inesperadamente, Parrish apresentou fotos ampliadas e coloridas dos restos da única pessoa encontrada no Blazer.

— É claro que pensamos que fosse Patrick Lanigan — ele disse, com um sorriso. — Sabemos agora que estávamos errados.

Nada no monte de cinzas sugeria que fosse um ser humano. Não era possível distinguir nenhuma parte do corpo, a não ser um osso descorado que Parrish afirmou gravemente ser da pélvis.

— Uma pélvis humana — acrescentou, para evitar que os membros do seu grande júri, confusos, concluíssem que Patrick tinha assassinado um porco ou outro animal qualquer.

O grande júri aceitou suas afirmações, especialmente porque não havia muita coisa para ver. Nada de sangue, nada de tecido, nada de corpos feridos. Nada para dar náuseas. Ele, ela, ou fosse o que fosse, estava na frente, à direita no banco do passageiro, queimado totalmente, como todo o resto.

— É claro que foi fogo de gasolina — explicou Parrish. -Sabemos que Patrick encheu o tanque a doze quilômetros do local, portanto uns noventa litros explodiram. Entretanto, nosso investigador notou que o fogo parecia estranhamente intenso.

— Encontraram os restos de algum recipiente no veículo? -perguntou um membro do grande júri.

— Não. Recipientes de plástico geralmente são usados em incêndios como esse. Recipientes de leite e anticongelantes parecem ser os favoritos dos incendiários. Não deixam nenhum sinal. Vemos isso sempre, embora raramente em incêndios de automóveis.

— Os corpos sempre ficam nesse estado? — perguntou outro.

Parrish respondeu rapidamente.

— Não, na verdade, não ficam. Nunca vi um corpo tão queimado, para ser franco. Tentaríamos uma exumação mas, como sabem, o corpo foi cremado.

— Alguma ideia de quem poderia ser? — perguntou Ronny Burkes, um estivador.

— Temos uma ideia, mas é só especulação por enquanto.

Fizeram outras perguntas variadas, sem importância, apenas tentando extrair da reunião alguma coisa que não estava nos jornais. A votação para o indiciamento de Patrick por homicídio doloso — homicídio cometido na perpetração de outro crime, nesse caso furto — foi unânime. A pena é morte por injeção letal, na penitenciária estadual de Parchman.

Em menos de vinte e quatro horas, Patrick foi indiciado por homicídio doloso, réu de pedido de divórcio, processado pelo roubo de noventa milhões por Aricia mais indenização por danos, processado por trinta milhões pelos seus ex-colegas de firma mais indenização, e processado por quatro milhões pela empresa de seguros Monarch-Sierra, mais dez milhões de indenização, para garantir.

Ele assistiu a tudo isso numa cortesia da CNN.



Os promotores T. L. Parrish e Maurice Mast mais uma vez olharam soturnamente para as câmeras e anunciaram, em uníssono, embora os federais nada tivessem a ver com a acusação formal, que o bom povo do condado de Harrison, agindo com e por meio do seu grande júri, havia rapidamente entrado em ação, no sentido de formalizar a acusação contra Patrick S. Lanigan, um assassino. Desviaram as perguntas que não podiam responder, foram evasivos para as que podiam e insinuaram intensamente que outra acusações viriam em seguida.

Quando as câmeras saíram, os dois homens encontraram-se secretamente com o meritíssimo Karl Huskey, um dos três juízes do condado de Harrison, amigo íntimo de Patrick antes do seu suposto falecimento. Os processos eram supostamente distribuídos ao acaso, mas Huskey, bem com os outros juízes, sabia como manipular o encarregado da distribuição dos processos para receber ou não receber este ou aquele caso. Huskey queria o caso de Patrick, por enquanto.



Sozinho, comendo um sanduíche de tomate, na cozinha, Lance viu um movimento nos fundos da casa, perto da piscina. Apanhou a espingarda, saiu silenciosamente da casa, passou por trás de alguns arbustos, chegou ao pátio e

encontrou um fotógrafo gorducho agachado ao lado do vestiário da piscina com três câmeras enormes penduradas no pescoço. Nas pontas dos pés descalços Lance deu a volta no vestiário, a espingarda na mão, e se agachou a uns sessenta centímetros das costas do homem. Inclinou-se para a frente, aproximou a arma da cabeça do homem, apontada para cima e puxou o gatilho.

O fotógrafo caiu para a frente, gritando apavorado, em cima das três câmeras. Lance o chutou entre as pernas, depois outra vez quando ele virou de costas e finalmente viu seu agressor.

Lance arrancou as três câmeras do pescoço do homem e jogou na piscina. Trudy estava no pátio, apavorada. Lance gritou para ela chamar a polícia.

NOVE

— Agora eu vou retirar a pele morta — disse o médico delicadamente sondando o ferimento com um instrumento aguçado. -Acho que deve concordar em tomar alguma coisa para a dor.

— Não, obrigado — Patrick disse. Estava sentado na cama, nu, com o médico, três enfermeiras e o enfermeiro porto-riquenho, Luis, em volta dele.

— Vai doer, Patrick — disse o médico.

— Já passei por coisa pior. Além disso, onde vai aplicar uma injeção? -Ergueu o braço esquerdo. Estava coberto de equimoses roxas e azul escuras onde o médico brasileiro havia aplicado uma injeção após a outra, durante a tortura. Todo seu corpo era um arco-íris de hematomas e tecido cicatricial. — Chega de drogas — ele disse.

— Tudo bem. Como queira.

Patrick reclinou-se no travesseiro e segurou com força as grades baixas da cama. As enfermeiras e Luis seguraram seus tornozelos e o médico começou a raspar a carne viva das queimaduras de terceiro grau no seu peito. Com escalpelo cirúrgico, ele levantava a pele morta dos ferimentos, depois a cortava.

Patrick retesou o corpo e fechou os olhos.

— Que tal uma injeção, Patrick? — perguntou o médico.

— Não — ele rosnou.

Mais escalpelo. Mais pele morta.

— A cicatrização está ótima, Patrick. Acho que não vai precisar de enxertos de pele, afinal.

— Ótimo — ele disse, e retesou o corpo outra vez.

Quatro das nove queimaduras podiam ser consideradas de terceiro grau, duas no peito, uma na coxa esquerda e uma na barriga da perna direita. Os locais de fricção das cordas de náilon nos pulsos, cotovelos e tornozelos estavam em carne viva e cobertos com medicamentos.

O médico terminou em meia hora e explicou que ele devia ficar imóvel, sem roupa e sem ataduras, pelo menos por algum tempo. Aplicou um medicamento frio antibactericida e outra vez ofereceu comprimidos para a dor. Outra vez Patrick recusou.

O médico e as enfermeiras saíram e Luis esperou que se afastassem. Fechou a porta e as persianas. De um bolso do seu jaleco branco de enfermeiro, tirou uma velha câmera Kodak com flash.

— Comece ali. — Patrick apontou para os pés da cama. -Pegue o corpo todo,

incluindo o rosto.

Luis ergueu a câmera à altura dos olhos, recuou para a parede e apertou o botão. O flash acendeu.

— Outra vez, agora dali — disse Patrick.

Luis obedeceu. No começo ele relutou em concordar com a aventura, dizendo que precisava da aprovação do chefe. Depois de morar na fronteira do Paraguai, Patrick não só tinha aperfeiçoado seu português como também um pouco de espanhol. Compreendia quase tudo que Luis dizia. Luis tinha mais dificuldade para entender Patrick.

A linguagem do dinheiro prevaleceu, quando finalmente Luis compreendeu a oferta de quinhentos dólares americanos em troca dos seus serviços de fotógrafo. Concordou em comprar três câmeras descartáveis, tirar quase cem fotos, mandar revelar de um dia para o outro e esconder longe do hospital até segunda ordem.

Patrick não tinha quinhentos dólares com ele, mas convenceu Luis de que era um homem honesto, a despeito do que o enfermeiro pudesse ter ouvido, e que enviaria o dinheiro assim que chegasse em casa.

Luis não era um grande fotógrafo, mas afinal, também não tinha uma grande câmera. Patrick orientou cada foto. Tiraram *closes* das queimaduras mais graves no peito e na coxa, *closes* dos braços e pernas feridos, fotos completas de todos os ângulos. Trabalharam rapidamente para não serem apanhados. Estava quase na hora do almoço e do outro turno de enfermeiras apressadas com papeletas e falando o tempo todo.

Luis saiu do hospital na sua hora de almoço e deixou o filme numa loja para revelar.



No Rio, Osmar convenceu uma secretária mal remunerada da firma de advocacia de Eva a aceitar mil dólares em dinheiro em troca de tudo o que estavam comentando na firma no momento. Não era muita coisa. Tudo estava muito quieto entre os sócios. Mas os registros dos telefonemas revelavam duas ligações para a firma, de um telefone em Zurique. Era um hotel, Guy disse, de Washington, mas não conseguiram nenhuma outra informação. Os suíços eram muito discretos.

Os outros sócios da firma ficaram impacientes com o desaparecimento de Eva. Os comentários discretos passaram a reuniões diárias para resolver o que fariam. Eva tinha telefonado uma vez no primeiro dia, uma vez no segundo,

depois nada mais. Não conseguiram verificar quem era o cliente misterioso que ela ia ver. Enquanto isso, seus verdadeiros clientes reclamavam e faziam ameaças. Ela estava faltando a horas marcadas, reuniões, prazos importantes.

Por fim, resolveram afastar Eva temporariamente da firma e tratar do assunto quando ela voltasse.

Osmar e seus homens atormentaram o pai de Eva até o pobre homem não conseguir dormir à noite. Vigiavam a portaria do prédio de apartamentos, o seguiam no tráfego e pelas ruas movimentadas de Ipanema. Chegaram a mencionar sequestro para obrigá-lo a falar, mas ele era cuidadoso e não dava nenhuma oportunidade.

Na sua terceira ida ao quarto de Trudy, Lance finalmente encontrou a porta aberta. Entrou silenciosamente, com outro Valium e a água mineral com gás favorita dela, quatro dólares a garrafa. Sentou na beirada da cama, sem uma palavra, com o comprimido na mão estendida. Trudy tomou, o segundo em uma hora, com alguns goles de água.

O carro da polícia com o fotógrafo gorducho partira há uma hora. Dois policiais ficaram na frente da casa durante vinte minutos, fazendo perguntas, aparentemente sem muita vontade de registrar queixa, uma vez que era uma propriedade privada e a imprensa fora avisada para ficar longe, e afinal ele era repórter de uma revista sensacionalista do norte. Os policiais pareciam ver com simpatia, até mesmo com respeito, o modo com que Lance enfrentou a situação. Lance deu a eles o nome do advogado de Trudy, no centro, para o caso de haver algum processo judicial contra ele. Lance também ameaçou registrar sua queixa se fosse levado ao tribunal.

Trudy explodiu assim que os policiais se foram. Atirou almofadas do sofá na lareira enquanto a babá fugia da sala com a menina. Gritou obscenidades para Lance porque ele era o alvo mais próximo. Simplesmente era demais — a notícia da volta de Patrick, o processo da empresa de seguros, o mandado de apreensão, o bando de abutres na frente da casa e depois Lance surpreendendo um fotógrafo na piscina.

Mas agora ela estava quieta. Lance tomou Valium também e suspirou aliviado, vendo que tudo estava sob controle outra vez. Ele queria tocá-la, bater de leve no joelho dela e dizer alguma coisa agradável, mas gestos como esse nunca funcionavam com Trudy em certas situações. Um movimento em falso e ela explodia outra vez. Trudy ia se acalmar, mas só por si mesma.

Deitada na cama, com os olhos fechados, Trudy encostou as costas da mão na testa. O quarto estava escuro, como todo o resto da casa — persianas fechadas, luzes apagadas ou reguladas no mínimo. Uma centena de pessoas estava na rua, tirando fotos e filmando para todas aquelas reportagens horríveis

sobre Patrick. Ao meio-dia ela viu sua casa no noticiário local, como cenário de fundo para uma mulher com cara de laranja e dentes enormes que falava sobre Patrick, sobre o divórcio pedido pela mulher de Patrick naquela manhã.

A mulher de Patrick! A ideia a deixava atordoada e incrédula. Há mais de quatro anos e meio não era a mulher de Patrick. Ela o enterrou devidamente, depois tentou esquecê-lo enquanto esperava o dinheiro. Quando recebeu, ele já estava sumindo da sua memória.

O único momento doloroso foi quando teve de dizer a Ashley Nicole, então com dois anos, que o pai não estaria mais com elas, que estava no céu onde certamente seria muito mais feliz. A menina ficou intrigada por um momento, depois esqueceu como esquecem as crianças muito pequenas. Trudy proibiu que o nome do pai fosse mencionado na frente da filha. Para protegê-la, Trudy explicou. Ela não lembra do pai, portanto, por favor, não a façam lembrar.

A não ser por esse breve episódio, Trudy suportou o peso da viuvez com resistência notável. Fazia compras em Nova Orleans, encomendava comida saudável da Califórnia, suava duas horas por dia com uma malha de grife e fazia caros tratamentos faciais. Contratou uma babá para a menina, para que ela e Lance pudessem viajar. Eles adoravam o Caribe, especialmente St. Barts com suas praias de nudismo. Eles se despiam e desfilavam com os franceses.

O Natal era em Nova York, no Plaza. Janeiro era em Vail com os ricos e belos. Maio significava Paris e Viena. Desejavam um jato particular como tinham os ricos maravilhosos que encontravam na “grande roda”. Um Lear pequeno usado custava um milhão, mas por enquanto estava fora de questão.

Lance dizia que estava trabalhando nessa ideia e Trudy ficava preocupada cada vez que ele falava seriamente de negócios. Ela sabia que Lance traficava drogas mas era só maconha do México e o risco era pequeno. Precisavam dessa renda e ela gostava que ele ficasse alguns dias fora de casa ocasionalmente.

Trudy não odiava Patrick, pelo menos não o que estava morto. O que ela odiava era o fato de ele não ter morrido, de ter ressuscitado e voltado para complicar as coisas. Eles se conheceram numa festa em Nova Orleans, quando ela estava brigada com Lance e procurando outro marido, de preferência com dinheiro e futuro promissor. Trudy tinha vinte e sete anos, há quatro livre de um mau casamento e ansiosa por estabilidade. Patrick tinha trinta e três, era solteiro e estava pronto para se estabelecer na vida. Acabara de aceitar o contrato para trabalhar numa boa firma de Biloxi, onde os dois estavam morando na época. Depois de quatro meses de paixão ininterrupta, casaram na Jamaica. Três semanas depois da lua de mel, Lance entrou no apartamento deles e passou a noite com Trudy quando Patrick estava fora, numa viagem de negócios.

Ela não podia perder o dinheiro, isso era certo. Seu advogado simplesmente

tinha de fazer alguma coisa, encontrar alguma saída, algum meio de ela ficar com o dinheiro. Para isso ele era pago. Certamente a empresa de seguros não podia ficar com a casa, os móveis, os carros, as roupas, as contas do banco, o barco, as coisas fabulosas que ela havia comprado com aquele dinheiro. Não era justo. Patrick estava morto. Ela o enterrara. Estava viúva há mais de quatro anos. Isso devia valer alguma coisa.

Não tinha culpa de ele estar vivo.

— Temos de matá-lo, você sabe disso — Lance disse, na penumbra do quarto. Estava sentado numa poltrona entre a cama e a janela, os pés descalços descansando numa banqueta.

Trudy não se moveu, não ficou tensa, mas pensou por um minuto antes de falar.

— Não seja idiota — disse sem muita convicção.

— Não há alternativa, você sabe disso.

— Já estamos bastante encrencados.

Trudy apenas respirou fundo, com as costas do pulso ainda na testa, os olhos fechados, completamente imóvel e na verdade feliz por Lance ter tocado no assunto. Trudy, é claro, tinha pensado nisso minutos depois de saber que Patrick estava voltando para casa. Percorreu vários cenários e todos levavam à mesma conclusão inescapável: ficar com o dinheiro. Patrick precisava estar morto. Afinal, era uma apólice de seguro da vida dele.

Trudy não podia matá-lo, era uma ideia ridícula. Quanto a Lance, porém, tinha uma porção de amigos estranhos em lugares obscuros.

— Você quer ficar com o dinheiro, não quer? — ele perguntou.

— Não posso pensar nisso agora, Lance. Talvez mais tarde.

— Talvez muito em breve. Não podia se mostrar ansiosa demais para Lance não ficar muito entusiasmado. Como sempre, ele seria manipulado, conduzido para um plano diabólico até ser tarde demais para recuar.

— Não podemos esperar muito, benzinho. Que diabo, a empresa de seguros já nos atirou no fogo.

— Por favor, Lance.

— Não tem outro jeito. Você quer ficar com a casa, o dinheiro, tudo que temos, então ele tem de morrer.

Trudy não falou nem se moveu por um longo tempo mas aquelas palavras lavaram sua alma. Apesar de ser um descerebrado e de ter muitas outras falhas, Lance era o único homem que ela realmente amara na vida. Ele era suficientemente malvado para se encarregar de Patrick, mas seria esperto o bastante para não ser apanhado?



O nome do agente era Brent Myers, do escritório de Biloxi, enviado por Cutter para fazer contato com sua presa. Ele se apresentou, mostrou o distintivo para Patrick, que mal o viu, enquanto estendia a mão para o controle remoto.

— Prazer — ele disse, puxando o lençol até a cintura.

— Sou do escritório de Biloxi — Myers disse, tentando sinceramente ser agradável.

— Onde fica isso? — Patrick perguntou, com olhar inexpressivo.

— Sim, bem, pensei que devíamos nos encontrar e nos conhecer. Vamos passar algum tempo juntos nos próximos meses.

— Não tenha tanta certeza disso.

— Você tem advogado?

— Ainda não.

— Pretende contratar algum?

— Não é da sua conta.

Myers obviamente não era páreo para um advogado experiente como Lanigan. Apoiou as mãos na grade dos pés da cama e olhou para Patrick com o melhor olhar de intimidação que conseguiu.

— O médico disse que você deve estar pronto para ser transportado dentro de dois dias.

— E daí? Estou pronto agora.

— Tem muita gente à sua espera em Biloxi.

— Estive vendo — Patrick disse, indicando a televisão com a cabeça.

— Acho que não está disposto a responder a algumas perguntas.

Patrick bufou com desprezo para aquela sugestão ridícula.

— Acho que não — Myers disse e deu um passo em direção à porta. — De qualquer modo, vou levá-lo para casa. — Jogou um cartão sobre o lençol. — Aqui está o telefone do meu hotel, se quiser falar.

— Não fique sentado ao lado do telefone.

DEZ

Sandy McDermott leu com grande interesse todas as notícias sobre a espantosa descoberta do seu amigo e colega da escola de direito. Ele e Patrick estudaram e se divertiram juntos durante os três anos na Universidade de Tulane. Trabalharam como estagiários para o mesmo juiz depois de passarem no exame final e passaram muitas horas no seu bar favorito, em St. Charles, planejando sua entrada no mundo do direito. Abririam uma firma — pequena mas poderosa, com advogados agressivos de ética impecável. Ficariam ricos com o tempo e dedicariam dez horas por mês aos clientes que não pudessem pagar. Tudo estava planejado.

A vida alterou seus planos. Sandy foi trabalhar como assistente da promotoria federal, especialmente porque o salário era bom e ele estava recém casado. Patrick praticamente se perdeu numa firma com duzentos advogados, no centro de Nova Orleans. Trabalhando oitenta horas por semana, era difícil pensar em casamento.

Os planos para a firma pequena e perfeita duraram até os dois chegarem aos trinta anos. Procuravam se encontrar para um almoço tranquilo ou um drinque sempre que era possível, mas os encontros e os telefonemas foram rareando com o passar dos anos. Então Patrick escolheu uma vida mais calma em Biloxi e os dois mal se comunicavam uma vez por ano.

A grande oportunidade apareceu para Sandy quando o amigo de um primo sofreu um acidente numa plataforma de petróleo, ao largo da costa do Golfo. Ele pediu dez mil dólares emprestados, abriu seu escritório, processou a Exxon em quase três milhões de dólares, venceu e recebeu um terço dessa quantia. Agora estava no negócio. Sem Patrick, abriu uma firma pequena com três advogados especializados em acidentes e mortes ao largo da costa.

Quando Patrick morreu, Sandy consultou sua agenda e verificou que há nove meses não falava com ele. É claro que se sentiu mal com isso, mas era também realista. Como acontece com quase todos os amigos da universidade, eles simplesmente haviam seguido caminhos diferentes.

Consolou Trudy durante todo o ritual e ajudou a carregar o caixão para o túmulo.

Quando o dinheiro desapareceu seis semanas depois e começaram os boatos, Sandy riu e desejou boa sorte ao amigo. Fuja, Patrick, fuja, ele pensou muitas vezes nos últimos quatro anos, e sempre com um sorriso.

O escritório de Sandy ficava numa travessa da rua Poydras, a nove quadras

do Superdome, perto do cruzamento com a Magazine, num belo prédio do século dezenove, comprado com o dinheiro de uma causa ganha. Alugou o segundo e terceiro andares e ficou no térreo com seus dois sócios, três assistentes e meia dúzia de secretárias.



Ele estava muito ocupado quando sua secretária, parecendo preocupada, entrou no escritório, e disse:

— Uma senhora quer vê-lo.

— Ela tem hora marcada? — Sandy perguntou, olhando para uma das três agendas de trabalho na ponta da mesa.

— Não. Ela diz que é urgente. Não pretende ir embora. É sobre Patrick Lanigan.

Sandy olhou para ela, intrigado.

— Ela diz que é advogada — disse a secretária.

— De onde ela é?

— Brasil.

— Brasil?

— Sim.

— Ela parece, você sabe, brasileira?

— Acho que sim.

— Mande entrar.

Sandy a recebeu calorosamente na porta. Eva disse que seu nome era Leah, sem citar nenhum sobrenome.

— Não entendi seu sobrenome — Sandy disse, todo sorriso.

— Eu não uso nenhum — ela disse. — Pelo menos, não ainda.

Deve ser costume do Brasil, pensou Sandy. Como Pelé, o jogador de futebol. Apenas o primeiro nome e nada mais.

Ele a convidou para sentar e pediu café. Eva disse que não queria café e sentou-se lentamente. Sandy olhou para as pernas dela. Estava vestida discretamente. Sentado no outro lado da mesa de centro, Sandy notou seus olhos — belos olhos, mas muito cansados. O cabelo escuro e longo descia abaixo dos ombros.

Patrick sempre teve bom gosto para mulheres. Trudy não era a mulher certa para ele, mas sem dúvida era de parar o trânsito.

— Estou aqui para falar de Patrick.

— Ele mandou me procurar?

— Sim, mandou.

Ela falava devagar, com voz baixa e suave. O sotaque era muito leve.

— Você estudou nos Estados Unidos? — Sandy perguntou.

— Sim, sou formada em direito pela universidade de Georgetown.

Isso explicava seu inglês americano quase perfeito.

— Trabalha como advogada aqui?

— Numa firma no Rio. Minha especialidade é comércio internacional.

Nem um sorriso até ali e isso preocupou Sandy. Uma visitante de muito longe. Uma bela visitante, com cérebro e belas pernas. Sandy queria que o calor do seu escritório a ajudasse a relaxar. Afinal, estavam em Nova Orleans.

— Foi onde conheceu Patrick?

— Sim. No Rio.

— Falou com ele depois...

— Não. Não, desde que o apanharam. — Ela quase acrescentou que estava desesperadamente preocupada com ele, mas isso podia parecer pouco profissional. Não devia revelar muita coisa ainda. Nada sobre seu relacionamento com Patrick. Podia confiar em Sandy McDermott, mas devia informá-lo aos poucos, em pequenas doses.

Uma pausa, os dois desviaram os olhos e Sandy sentiu instintivamente que jamais saberia muitos capítulos daquela história. Mas tinha tantas perguntas! Como foi que ele roubou o dinheiro? Como chegou ao Brasil? Como a encontrou?

E a maior de todas: onde está o dinheiro?

— Então, o que quer que eu faça?

— Quero contratá-lo para defender Patrick.

— Estou às suas ordens.

— O sigilo é crucial.

— Sempre é.

— Este caso é diferente.

Sem dúvida. Diferente ao som de noventa milhões de dólares.

— Posso garantir que tudo que você ou Patrick me disserem será estritamente confidencial — ele disse, com um sorriso a que ela respondeu com outro, muito leve.

— Pode sofrer pressão para revelar segredos do seu cliente -ela disse.

— Isso não me preocupa. Posso cuidar de mim.

— Pode ser ameaçado.

— Já fui ameaçado antes.

— Pode ser seguido.

— Por quem?

— Por algumas pessoas muito desagradáveis.

— Quem?

— Os que estão perseguindo Patrick.

— Acho que já o pegaram.

— Sim, mas não pegaram o dinheiro.

— Compreendo. — Então o dinheiro estava ainda em algum lugar, o que não o surpreendia. Sandy, como todo o mundo, sabia que Patrick não podia ter gasto aquela fortuna em quatro anos. Mas quanto restava ainda?

— Onde está o dinheiro? — ele perguntou, numa tentativa, nem por um momento esperando resposta.

— Não pode perguntar isso.

— Acabo de perguntar.

Leah sorriu e continuou rapidamente.

— Vamos combinar alguns detalhes. Quanto devo pagar inicialmente?

— Para o que estou sendo contratado?

— Para defender Patrick.

— A respeito de quais pecados? Segundo os jornais, vamos precisar de um exército de advogados para dar cobertura a todos os flancos.

— Cem mil dólares?

— Está bem para começar. Vou tratar da parte civil e da pena?

— De tudo.

— Só eu?

— Sim. Ele não quer outro advogado.

— Estou comovido — Sandy disse, com sinceridade. Patrick podia procurar agora dezenas de advogados, mais famosos e com mais experiência em penas de morte, advogados com boas conexões políticas na Costa, advogados de firmas maiores com mais recursos, sem dúvida advogados que foram mais amigos dele nos últimos oito anos do que Sandy.

— Então estou contratado — ele disse. — Patrick é um velho amigo, você sabe.

— Eu sei.

Quanto ela sabia, realmente? Seria mais do que uma advogada?

— Eu gostaria de enviar o dinheiro hoje — ela disse. — Quer me dar as instruções para isso?

— É claro. Vou preparar o contrato para prestação de serviços legais.

— Há outras coisas que preocupam Patrick. Uma é a publicidade. Ele não quer que você diga nada para a imprensa. Nunca. Nem uma palavra. Nada de entrevistas coletivas, a não ser que sejam aprovadas por ele. Nem mesmo um casual “sem comentário”.

— Sem problema.

— Não pode escrever um livro sobre o caso quando tudo terminar.

Sandy riu, mas ela não percebeu o humor.

— Eu nem pensaria nisso.

— Ele quer que isso conste do contrato.

Sandy parou de rir e anotou no seu bloco de anotações.

— Mais alguma coisa?

— Sim, é possível que seu escritório e sua casa sejam grampeados. Deve contratar um especialista em segurança para sua proteção. Patrick está disposto a pagar esse serviço.

— Feito.

— E é melhor que não nos encontremos mais aqui. Tem muita gente à minha procura porque pensam que posso levá-los ao dinheiro. Portanto, nos encontraremos em outros lugares.

Sandy tinha de concordar. Ele queria ajudar, oferecer proteção, perguntar para onde ela ia e como ia se esconder, mas Leah parecia ter tudo sob controle.

Ela consultou o relógio de pulso.

— Há um voo para Miami dentro de três horas. Tenho duas passagens. Podemos conversar no avião.

— Hum. Para onde eu vou?

— Vai para San Juan, para ver Patrick. Já está tudo arranjado.

— E você?

— Eu vou para outro lado.



Sandy pediu mais café e biscoitos, enquanto esperavam a transferência do dinheiro. Sua secretária cancelou as horas marcadas com clientes e todos os compromissos no tribunal por três dias. A mulher dele levou ao escritório uma valise com roupas.

Um assistente os levou ao aeroporto e, em dado momento da viagem, Sandy notou que Leah não tinha bagagem, apenas uma pequena sacola de couro, muito usada e muito bonita.

— Onde está hospedada? — ele perguntou, enquanto tomavam Coca-Cola numa lanchonete do aeroporto.

— Aqui e ali — ela disse, olhando para fora, pela janela.

— Como entro em contato com você? — Sandy quis saber.

— Tratamos disso mais tarde.

Sentados lado a lado, na terceira fila da primeira classe, durante vinte minutos depois de levantar voo ficaram em silêncio, ela folheando uma revista de modas e ele lendo um longo depoimento. Sandy não queria ler o depoimento — aquele caso podia esperar. Ele queria conversar, fazer perguntas sem fim, as mesmas que todo mundo queria fazer.

Mas havia uma parede entre eles, uma parede espessa que ia muito além do sexo e familiaridade. Leah tinha as respostas, mas estava definitivamente disposta a guardar segredo. Sandy fez o melhor possível para agir com a mesma frieza.

Foram servidos amendoins e pretzels salgados. Eles recusaram o champanhe, cortesia da primeira classe. Pediram água mineral.

— Então, há quanto tempo conhece Patrick? — ele perguntou, cautelosamente.

— Por que pergunta?

— Desculpe. Escute, tem alguma coisa que pode me contar sobre o que aconteceu com Patrick nos últimos quatro anos? Afinal, sou um velho amigo. E agora seu advogado. Não pode me culpar por estar curioso.

— Terá de perguntar a ele — ela disse com uma sugestão de doçura na voz e voltou para a revista. Sandy comeu os amendoins dela.

Leah esperou o avião começar a descer em Miami e disse rapidamente, recitando uma fala bem ensaiada:

— Não o verei outra vez por alguns dias. Preciso me manter em movimento por causa das pessoas que estão à minha procura. Receberá instruções de Patrick e por enquanto ele e eu nos comunicaremos através de você. Esteja atento para tudo que pareça fora do comum. Um estranho no telefone. Um carro atrás do seu. Alguém rondando seu escritório. Uma vez identificado como advogado de Patrick, vai atrair as pessoas que estão à minha procura.

— Quem são?

— Patrick vai lhe dizer.

— Vocês estão com o dinheiro, não é?

— Não posso responder.

Sandy viu as nuvens aproximando-se debaixo da asa. É claro que o dinheiro devia ter aumentado. Patrick não era idiota. Devia estar guardado num banco estrangeiro e administrado por profissionais. Provavelmente rendendo pelo menos doze por cento ao ano.

Não falaram até o avião tocar o solo. Atravessaram apressadamente o terminal para pegar o voo para San Juan. Ela apertou a mão dele com firmeza e disse:

— Diga a Patrick que estou bem.

— Ele vai perguntar onde você está.

— Europa.

Sandy a viu desaparecer no meio dos viajantes apressados, e invejou o amigo. Todo aquele dinheiro. Uma mulher belíssima com charme exótico e muita classe.

A chamada para embarque o fez voltar à realidade. Balançou a cabeça, dizendo a si mesmo como podia invejar um homem ameaçado de passar os próximos dez anos no corredor da morte, esperando a execução. E uma centena de advogados ansiosos para arrancar sua pele à procura do dinheiro.

Inveja! Outra vez sentado na primeira classe, começou a sentir a magnitude de representar Patrick.



Eva tomou um táxi para um hotel novo e muito na moda, em South Beach, onde passou a noite. Ficaria ali durante alguns dias, dependendo do que ia acontecer em Biloxi. Patrick a aconselhou a ficar sempre em movimento, nunca parando num lugar mais do que quatro dias. Estava registrada com o nome de Leah Pires, e agora tinha um cartão de crédito internacional nesse nome. Seu endereço de origem era São Paulo.

Trocou de roupa rapidamente e foi para a praia. Era o meio da tarde, e havia muita gente na praia, o que convinha perfeitamente a ela. Suas praias no Rio também tinham sempre muita gente, mas ela sempre encontrava os amigos. Agora, era uma estranha, outra bela mulher anônima com um pequeno biquíni, tomando banho de sol. Eva queria ir para casa.

ONZE

Sandy levou uma hora para transpor os portões da base naval. Seu novo cliente não havia facilitado as coisas. Aparentemente ninguém sabia que ele era esperado. Foi obrigado a recorrer ao repertório habitual dos advogados, ameaças de processos imediatos, ameaças de telefonemas para senadores e outras pessoas importantes e acusações em voz alta e ofendida de todo o tipo de violação de direitos. Chegou à recepção do hospital quando começava a escurecer e encontrou outra linha de defesa. Mas dessa vez uma enfermeira simplesmente telefonou para Patrick.

O quarto estava escuro, iluminado apenas pela luz azulada da televisão sem som dependurada num canto — um jogo de futebol no Brasil. Os dois amigos trocaram um aperto de mãos. Há seis anos não se viam. Patrick se cobriu com o lençol até o queixo, escondendo seus ferimentos. No momento, o jogo de futebol parecia mais importante do que uma conversa séria.

Se Sandy esperava uma reunião calorosa, ajustou-se rapidamente a um encontro sóbrio. Tentando não ser muito insistente, estudou o rosto de Patrick. Estava magro, quase macilento, o queixo novo quadrado e o nariz mais afilado. Podia passar por outra pessoa, a não ser pelos olhos. E a voz era inconfundível.

— Obrigado por vir — Patrick disse. A voz era muito baixa, como se falar exigisse grande esforço e concentração.

— Claro. Não tive muita escolha, você sabe. Sua amiga é muito persuasiva.

Patrick fechou os olhos e cerrou os dentes. Recitou uma breve oração de agradecimento. Ela estava lá fora e estava bem.

— Quanto ela pagou? — perguntou.

— Cem mil.

— Ótimo — Patrick disse e depois ficou em silêncio por um longo tempo. Sandy compreendeu que a conversa teria longos intervalos de silêncio.

— Ela está bem — Sandy disse. — É uma bela mulher. Muito inteligente e com completo controle do que deve estar controlando, se quer saber.

— Isso é ótimo.

— Quando foi a última vez que a viu?

— Umas duas semanas. Perdi a noção do tempo.

— Ela é sua mulher, namorada, amante, prostituta...

— Advogada.

— Advogada?

— Sim. Advogada.

Sandy achou graça. Patrick ficou calado outra vez, imóvel debaixo do lençol. Minutos se passaram. Sandy sentou na única cadeira, disposto a esperar, pois seu amigo Patrick estava voltando para um mundo muito feio onde os lobos o esperavam, e se queria ficar ali deitado, olhando para o teto, tudo bem com Sandy. Teriam muito tempo para conversar. E sem falta de assunto.

Ele estava vivo, e no momento era o que importava. Sandy lembrou com certo humor, imagens do funeral, do enterro, do caixão descendo num dia nublado e frio, das últimas palavras do padre e dos soluços discretos de Trudy. Era sem dúvida engraçado imaginar o velho Patrick escondido numa árvore, não muito longe, vendo as pessoas lamentando sua morte, como os jornais estavam contando há três dias.

Ele ficou escondido, depois roubou o dinheiro. Alguns homens desmoronam quando estão chegando aos quarenta anos. A crise da meia-idade os leva para uma nova mulher ou de volta aos estudos. Não o velho Patrick. Ele comemorou sua "*angst*" (ansiedade) se matando, roubando noventa milhões de dólares e desaparecendo.

A lembrança do corpo encontrado no carro de repente apagou todo o humor da lembrança e Sandy disse:

— Você tem um belo comitê de recepção à sua espera, Patrick.

— Quem é o chefe?

— Difícil dizer. Trudy deu entrada na petição de divórcio há dois dias, mas esse é o problema menor.

— Tem razão. Deixe-me adivinhar, ela quer a metade do dinheiro.

— Ela quer uma porção de coisas. Você foi indiciado pelo grande júri por homicídio em primeiro grau. Estadual, não federal.

— Eu vi na televisão.

— Muito bem. Então sabe sobre os processos legais.

— Sim. A CNN tem sido muito diligente para me manter informado.

— Não pode culpá-los, Patrick. É uma história maravilhosa.

— Obrigado.

— Quando você quer falar?

Patrick virou para o lado e olhou para além de Sandy. Não tinha nada para ver, só a parede, pintada de branco antisséptico, mas não era o que ele via.

— Eles me torturaram, Sandy — disse com voz mais baixa e hesitante.

— Quem?

— Puseram fios no meu corpo e me deram choques elétricos até eu falar.

Sandy levantou e foi até a cama. Pôs a mão no ombro de Patrick.

— O que você disse a eles?

— Eu não sei. Não me lembro de tudo. Estavam me enchendo de drogas.

Aqui, veja. — Levantou o braço esquerdo para Sandy ver as equimoses.

Sandy acendeu a lâmpada de cabeceira e exclamou:

— Meu Deus.

— Eles queriam saber do dinheiro — disse Patrick. — Eu desmaiei, depois voltei e eles repetiram os choques. Tenho medo de ter falado sobre a moça, Sandy.

— A advogada?

— Sim, a advogada. Qual o nome que ela deu para você?

— Leah.

— Tudo bem, ótimo. Então o nome é Leah. Devo ter falado sobre Leah. Na verdade, tenho quase certeza de que falei.

— Falou para quem, Patrick?

Ele fechou os olhos e crispou o rosto, sentindo a dor nas pernas. Os músculos estavam ainda sensíveis e começava a ter cãibras. Girou o corpo cuidadosamente e deitou de costas. Abaixou o lençol até a cintura.

— Veja, Sandy — ele disse, indicando as duas queimaduras no peito. — Aqui está a prova.

Sandy chegou um pouco mais perto e examinou a evidência — a ferida vermelha circundada pela pele raspada.

— Quem fez isso? — perguntou outra vez.

— Eu não sei. Uma porção de gente. O quarto estava cheio deles.

— Onde?

Patrick teve pena do amigo. Estava tão ansioso para saber o que tinha acontecido e não só a tortura. Sandy, como o resto do mundo, queria os detalhes irresistíveis. Era realmente uma história maravilhosa, mas ele não sabia quanto podia contar. Ninguém sabia dos detalhes do acidente de automóvel que queimou o desconhecido. Mas podia contar ao seu advogado e amigo como o apanharam e torturaram. Mudou de posição outra vez e puxou o lençol até o queixo. Sem tomar nenhum medicamento há três dias, estava lutando com a dor, procurando evitar mais injeções.

— Puxe a cadeira para perto da cama, Sandy. E apague a luz que me incomoda.

Sandy obedeceu apressadamente. Sentou o mais perto possível da cama.

— Foi isso que fizeram comigo, Sandy — Patrick disse, na penumbra do quarto. Começou em Ponta Porã, com o dia em que saiu para correr e viu o carro pequeno com o pneu furado, descrevendo toda a história da sua captura.

Ashley Nicole tinha dois anos e um mês quando o pai foi enterrado. Muito nova para lembrar de Patrick. Lance era o único homem que morava na casa, o único que sempre via com a mãe. Uma vez ou outra ele a levava à escola. As vezes jantavam como uma família.

Depois do enterro, Trudy escondeu todas as fotos e todas as evidências de sua vida com Patrick. Ashley Nicole nunca ouviu o nome dele.

Mas depois de três dias com os repórteres acampados na rua, a menina naturalmente começou a fazer perguntas. A mãe estava estranha. Era tão grande a tensão na casa que até uma menina de seis anos podia sentir. Trudy esperou Lance sair para falar com o advogado e sentou a filha ao seu lado na cama, para uma pequena conversa.

Começou falando do seu primeiro casamento. Na verdade, fora casada duas vezes antes, mas achou que Ashley Nicole não precisava saber do primeiro casamento até ter mais idade. O segundo marido era o assunto do momento.

— Patrick e eu ficamos casados quatro anos e então ele fez uma coisa muito má.

— O quê? — perguntou Ashley Nicole, arregalando os olhos com mais atenção do que Trudy desejaria.

— Ele matou um homem e fez parecer que, bem, houve um grande acidente de carro e a polícia encontrou um corpo dentro do carro, depois de apagar o fogo, e achou que era Patrick. Todos pensaram. Patrick estava morto, queimado dentro do carro e eu fiquei muito triste. Ele era meu marido. Eu o amava muito e de repente ele estava morto. Nós o enterramos no cemitério. Agora, quatro anos depois, encontraram Patrick escondido no outro lado do mundo. Ele fugiu e se escondeu.

— Por quê?

— Porque roubou uma porção de dinheiro dos amigos e como é um homem muito mau queria todo o dinheiro só para ele.

— Ele matou um homem e roubou o dinheiro.

— Isso mesmo, meu bem. Patrick não é uma boa pessoa.

— Sinto muito que tenha casado com ele, mamãe.

— Sim. Mas, querida, tem uma coisa que você precisa compreender. Você nasceu quando eu estava casada com Patrick. — Deixou as palavras pairando no ar, observando os olhos da menina para ver se tinha entendido a mensagem. Evidentemente não. Apertou carinhosamente a mão de Ashley Nicole e disse: - Patrick é seu pai.

A menina olhou surpresa para a mãe, as engrenagens girando rapidamente na sua cabeça.

— Mas eu não quero que ele seja...

— Sinto muito, querida. Eu ia contar quando você fosse mais velha, mas Patrick está para voltar e é importante que você saiba.

— E Lance? Ele não é meu pai?

— Não. Lance e eu estamos juntos, isso é tudo. — Trudy jamais permitiu que a filha se referisse a Lance como pai. E Lance, por sua vez, jamais demonstrou o menor interesse em se aproximar da arena da paternidade. Trudy era uma mãe solteira. Ashley Nicole não tinha pai. Tudo muito comum e perfeitamente aceitável.

— Lance e eu somos amigos há muito tempo. — Trudy manteve a iniciativa, tentando evitar milhares de perguntas. -Amigos muito chegados. Ele a ama muito mas não é seu pai. Pelo menos, não seu pai verdadeiro. Infelizmente Patrick é o seu pai verdadeiro, mas não quero que se preocupe com ele.

— Ele quer me ver?

— Eu não sei, mas lutarei a vida inteira para que não chegue perto de você. Ele é uma pessoa muito má, querida. Ele a deixou quando você tinha dois anos. Ele me deixou. Roubou uma porção de dinheiro e desapareceu. Não se importou conosco naquele tempo e não se importa agora. Não teria voltado se não fosse descoberto e preso. Nunca mais o veremos. Portanto, não se preocupe com Patrick e com o que ele pode fazer.

Ashley Nicole engatinhou na cama e se aninhou no colo da mãe. Trudy a abraçou e acariciou.

— Tudo vai ficar bem, querida. Eu prometo. Detestei dizer tudo isso para você, mas com todos esses repórteres lá fora e todas as notícias na televisão, bem, achei que era melhor.

— Por que aquela gente está lá fora? — ela perguntou, apertando o braço da mãe.

— Eu não sei. Gostaria que fossem embora.

— O que eles querem?

— Fotos de você. De mim. Fotos para os jornais quando falam sobre Patrick e todas as coisas más que ele fez.

— Então estão lá fora por causa de Patrick?

— Sim, querida.

A menina virou o rosto e olhou nos olhos da mãe.

— Eu odeio Patrick.

Trudy balançou a cabeça como quem censura, depois apertou a filha nos braços e sorriu.

Lance nasceu e foi criado em Point Cadet, uma antiga comunidade de pescadores, numa pequena península na baía de Biloxi. Point era um bairro da classe trabalhadora onde desembarcavam os imigrantes e onde viviam os pescadores de camarões. Ele cresceu nas ruas do Point e ainda tinha muitos amigos lá. Um deles era Cap. Era Cap quem estava na direção do furgão carregado de maconha quando os policiais os fizeram parar. Acordaram Lance, que dormia com a espingarda entre os grandes blocos de cannabis. Cap e Lance contrataram o mesmo advogado, receberam a mesma sentença e aos dezenove anos foram juntos para a prisão.

Cap tinha um bar e emprestava dinheiro com juros de agiota para os operários da fábrica de enlatados. Lance e ele se encontraram para um drinque nos fundos do bar, algo que eles tentavam fazer pelo menos uma vez por mês, embora, depois que Trudy ficou rica e ela e Lance foram morarem Mobile, esses encontros fossem cada vez mais raros. Seu amigo estava preocupado. Cap tinha lido os jornais e, na verdade, esperava que Lance aparecesse com cara de enterro, à procura de um ouvido amigo.

Tomando cerveja, puseram em dia as novidades — quem tinha ganho quanto nos cassinos, onde era a nova fonte de crack, quem estava sendo vigiado pela DEA — a conversa dos peixes miúdos fora da lei, da Costa, ainda sonhando com riquezas do futuro.

Cap desprezava Trudy e no passado muitas vezes zombava de Lance por andar sempre atrás dela.

— Então, como vai a vadia? — ele perguntou.

— Vai bem. Preocupada, você sabe, desde que eles o encontraram.

— Ela deve mesmo estar preocupada. Quanto recebeu do seguro de vida?

— Uns dois milhões.

— Os jornais dizem dois e meio. Mas do modo que aquela vaca gasta, tenho certeza de que não resta muita coisa.

— Está seguro.

— Seguro uma ova. O jornal diz que ela já está sendo processada pela empresa de seguros.

— Nós também temos advogados.

— É, mas não veio aqui porque tem advogados, Lance, certo? Está aqui porque precisa de ajuda. Advogados não podem fazer o que ela precisa.

Lance sorriu e tomou um pouco de cerveja. Acendeu um cigarro, uma coisa que não podia fazer perto de Trudy.

— Onde está Zeke?

— Foi o que pensei — Cap disse, zangado. — Ela se mete em encrenca, o dinheiro dela está ameaçado e então manda você procurar Zeke ou outro idiota

qualquer que você pode pagar para fazer alguma coisa idiota. Ele é apanhado. Você é apanhado. Você leva a culpa e ela esquece seu nome. Você é um otário, Lance, sabe disso.

— É, eu sei. Onde está Zeke?

— Na cadeia.

— Onde?

— Texas. Os federais pegaram ele vendendo armas. Você é um babaca, sabe disso. Não faça isso. Quando trouxerem o cara de volta, vai estar cercado de tiras por todos os lados. Eles vão prender o homem em algum lugar, nem a mãe dele vai poder chegar perto. Tem um bocado de dinheiro em jogo, Lance. Eles têm de proteger o cara até ele desmoronar e contar onde enterrou o dinheiro, você sabe. Você tenta acertar o homem e mata uma dezena de tiras. E morre tentando.

— Não se for feito do modo certo.

— E suponho que você sabe como. Será porque nunca fez isso antes? Quando ficou tão inteligente?

— Posso encontrar as pessoas certas.

— Por quanto?

— O que for preciso.

— Você tem cinquenta mil?

— Tenho.

Cap respirou fundo e olhou em volta. Depois inclinou-se para a frente, apoiado nos cotovelos e olhou para o amigo.

— Vou dizer por que é uma má ideia, Lance. Você nunca foi muito inteligente, sabe disso. As mulheres sempre gostaram de você porque acham você engraçadinho, mas pensar nunca foi seu forte.

— Obrigado, amigo.

— Todo mundo quer o cara vivo. Pense nisso. Todo mundo. Os federais. Os advogados. Os tiras. O cara de quem ele roubou o dinheiro. Todo mundo. Exceto, é claro, aquela vagabunda que deixa você morar na casa de la. Ela quer o cara morto. Se você se meter nisso, e conseguir liquidar o cara, os tiras vão direto para ela. Ela, é claro, está completamente inocente porque você está lá para assumir a culpa. Para isso servem os bichinhos de estimação. Ele está morto. Ela fica com o dinheiro, que você e eu sabemos que é a única coisa com que ela se importa, e você volta para Parchman porque tem uma ficha suja, está lembrado? Pelo resto da sua vida. Ela não vai nem escrever para você.

— Podemos arranjar para ser feito por cinquenta mil?

— Nós?

— E. Eu e você.

— Posso dar um nome, nada mais. Não quero me meter nisso. Não vai dar

certo e não tem nada aí para mim.

— Quem é?

— Um cara de Nova Orleans. Ele às vezes aparece por aqui.

— Pode telefonar para ele?

— Posso, mas é tudo. E lembre-se, eu disse para você não se meter nisso.

DOZE

Eva viajou de Miami para Nova York, onde tomou o Concorde para Paris. O Concorde era uma extravagância, mas ela agora se considerava uma mulher muito rica. De Paris para Nice, e de Nice, atravessando o interior de carro, para Aix-en-Provence, uma viagem que ela e Patrick haviam feito há quase um ano. Foi a única vez que ele deixou o Brasil desde que fugiu para lá. Patrick tinha pavor de cruzar fronteiras, mesmo com um passaporte novo, falso e perfeito.

Os brasileiros amam tudo que é francês e praticamente todos os que têm alguma cultura falam a língua. Ficaram numa suíte no Villa Gallici, um belo hotel na periferia da cidade, e passaram uma semana andando nas ruas, fazendo compras, comendo e ocasionalmente se aventurando nas cidadezinhas entre Aix e Avignon. Passaram também muito tempo no quarto do hotel, como recém casados. Certa vez, depois de muito vinho, Patrick se referiu à viagem como a sua lua de mel.



Eva se hospedou num quarto menor no mesmo hotel e depois de dormir algumas horas, tomou chá no pátio, à vontade, de roupão. Mais tarde, vestiu calça jeans e deu um passeio pela cidade, na Cours Mirabeau, a avenida principal de Aix. Tomou calmamente um copo de vinho tinto na mesa de calçada de um café cheio de gente, vendo os estudantes passeando de um lado para o outro. Invejava os jovens namorados andando de mãos dadas, sem a menor preocupação. Ela e Patrick tinham andado assim, de braço dado, murmurando e rindo, como se as sombras atrás dele tivessem desaparecido.

Foi em Aix, na única semana que passaram juntos sem interrupção, que ela percebeu que Patrick dormia muito pouco. Não importa a hora que ela acordasse, Patrick já estava acordado, deitado imóvel e olhando para ela como se Eva estivesse em perigo. A lâmpada de cabeceira acesa. O quarto estava escuro quando Eva adormecia, mas a luz estava acesa quando ela acordava. Ele a apagava, a acariciava gentilmente até Eva adormecer, depois dormia por meia hora, acordava e acendia a luz outra vez. Levantava antes do nascer do dia e geralmente já tinha lido vários capítulos de um livro de mistério quando ela levantava e o encontrava no pátio.

— Nunca mais de duas horas — ele disse, quando Eva perguntou por quanto tempo ele conseguia dormir. Patrick raramente dormia durante o dia e nunca se

deitava cedo à noite.

Ele não andava armado nem espiava antes de dobrar uma esquina. Não desconfiava anormalmente de estranhos. E raramente falava sobre sua vida como fugitivo. A não ser por seus hábitos de sono, ele parecia tão perfeitamente normal que muitas vezes Eva esquecia que era um dos homens mais procurados em todo o mundo.

Patrick preferia não falar no seu passado, mas às vezes era inevitável. Afinal, estavam juntos só porque ele tinha fugido e adotado outra identidade. Seu assunto favorito era a infância passada em Nova Orleans, não a vida de adulto da qual estava fugindo. Quase nunca mencionava a mulher, mas Eva sabia que Patrick a desprezava profundamente. Fora um casamento horrível e à medida que deteriorava, mais decidido ele ficava de acabar com tudo.

Ele tentou falar sobre Ashley Nicole, mas seus olhos se encheram de lágrimas com a lembrança da filha. Patrick ficou mudo e pediu desculpas. Era doloroso demais.

Como o passado não estava ainda completo, era difícil prever o futuro. Planos não podiam ser feitos enquanto as sombras estivessem em movimento em algum lugar. Patrick não se permitiria especular sobre o futuro enquanto o passado não estivesse resolvido.

As sombras o impediam de dormir, ela sabia. Sombras que ele não podia ver. Sombras que só ele sentia.



Eles se conheceram no escritório dela, no Rio, há dois anos, quando ele se apresentou como um homem de negócios canadense que estava morando no Brasil. Disse que precisava de um bom advogado para orientá-lo sobre assuntos de importação e impostos. Estava vestido de acordo, com um belo terno de linho e camisa branca engomada. Era magro e bronzeado de sol e amistoso. Seu português era muito bom, mas não tanto quanto o inglês que ela falava. Ele queria falar português, ela insistiu em falar inglês. O almoço de negócios durou três horas, os dois falando inglês e português, e ambos logo compreenderam que haveria outros iguais. Depois, um longo jantar e um passeio com os pés descalços na praia de Ipanema.

O marido dela, bem mais velho, morrera num acidente de avião no Chile. Não tinham filhos. Patrick, ou Danilo, como ele primeiro se apresentou, disse que estava divorciado da primeira mulher, que morava ainda em Toronto, de onde ele vinha.

Eva e Danilo se encontraram várias vezes por semana nos primeiros dois

meses, enquanto o romance florescia. Por fim, ele contou a verdade. Toda a verdade.

Depois do jantar no apartamento dela e de uma garrafa de bom vinho francês, Danilo enfrentou seu passado e desnudou sua alma. Falou sem parar até as primeiras horas da manhã, passando de um homem de negócios autoconfiante para um fugitivo assustado. Assustado e ansioso, mas extremamente rico.

O alívio foi tanto que ele quase chorou, mas conseguiu se conter. Afinal, estavam no Brasil, onde os homens simplesmente não choram, especialmente na companhia de uma bela mulher.

Ela o amou por isso. Ela o abraçou e beijou e chorou as lágrimas que ele não podia chorar e prometeu fazer o possível para escondê-lo. Ele acabara de entregar seu mais recôndito e mortal segredo e ela prometeu protegê-lo para sempre.

Nas semanas seguintes, ele contou onde estava o dinheiro e ensinou a ela como movimentá-lo rapidamente pelo mundo todo. Juntos, examinaram as taxas nos vários paraísos fiscais existentes no exterior e descobriram investimentos seguros.

Patrick estava há dois anos no Brasil quando a conheceu. Morou primeiro em São Paulo, depois Recife, Minas e uma meia dúzia de outras cidades. Passou dois meses trabalhando no Amazonas, dormindo numa barcaça debaixo de um cortinado contra insetos tão espesso que mal podia ver a lua. Limpou animais selvagens caçados por argentinos ricos no Pantanal, uma reserva enorme, do tamanho da Grã-Bretanha, nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Conhecia mais o Brasil do que ela, que era brasileira, estivera em lugares dos quais Eva jamais ouviu falar. Escolheu cuidadosamente Ponta Porã para morar. Era pequena e remota e numa terra repleta de esconderijos perfeitos. Danilo resolveu que Ponta Porã era o mais seguro. Além disso, tinha a vantagem tática de ficar na fronteira com o Paraguai — para onde podia fugir facilmente se fosse ameaçado.

Eva não discordou. Preferia que ele ficasse no Rio, perto dela, mas não sabia coisa alguma da vida de um fugitivo e, com relutância, resolveu não dar palpite. Ele prometeu várias vezes que algum dia voltariam a estar juntos. Eles se encontravam ocasionalmente no apartamento em Curitiba, breves e pequenas luas de mel que nunca duravam mais do que alguns dias. Ela queria mais, mas Danilo não queria fazer planos.

A medida que os meses se passavam, Danilo — ela nunca o chamava de Patrick — ficava mais convencido de que seria encontrado. Eva se recusava a acreditar nisso, especialmente considerando o cuidado meticuloso com que ele evitava qualquer ligação com o passado. Ele agora se preocupava mais, dormia

menos ainda, falava mais sobre o que ela devia fazer neste ou naquele caso. Parou de falar sobre o dinheiro. Suas premonições o atormentavam.



Eva pretendia ficar alguns dias em Aix, assistindo ao noticiário internacional da CNN e lendo tudo que podia encontrar nos jornais americanos. Logo iam levar Patrick para casa, para a prisão e fazer todo o tipo de acusações hediondas contra ele. Patrick sabia que ia ficar preso, mas garantiu a ela que ficaria bem. Ele podia aguentar, podia enfrentar qualquer coisa, desde que ela prometesse esperar por ele.

Provavelmente ela voltaria a Zurique para pôr em ordem seus negócios. Além disso, não tinha certeza. Voltar para casa estava fora de questão e isso pesava em sua mente. Tinha falado três vezes com o pai, sempre de telefones públicos de aeroportos, sempre garantindo que estava bem. Simplesmente não podia voltar para casa agora, explicou.

Ela e Patrick iam se comunicar por meio de Sandy mas semanas passariam antes que pudesse vê-lo.



Ele pediu o primeiro analgésico um pouco antes das duas horas da manhã, quando acordou com uma dor aguda. Era como se estivessem aplicando os choques outra vez nas suas pernas. E as vozes cruéis dos seus captores o atormentavam. “Onde está o dinheiro, Patrick? ”, cantavam como um coro diabólico. “Onde está o dinheiro? ”

O comprimido chegou numa bandeja, levada por um sonolento enfermeiro da noite que esqueceu de levar água. Patrick pediu um copo, engoliu o comprimido e tomou o que restava de soda quente numa lata.

Dez minutos e nada aconteceu. Seu corpo estava coberto de suor. Os lençóis encharcados. Mais dez minutos. Ele ligou a televisão.

Os homens que o amarraram e queimaram seu corpo ainda estavam lá fora, procurando o dinheiro, sem dúvida sabendo perfeitamente onde ele estava naquele momento. Sentia-se mais seguro à luz do dia. O escuro e os sonhos traziam aqueles homens de volta. Trinta minutos. Ligou para a enfermaria mas ninguém atendeu.

Patrick adormeceu.

As seis horas estava acordado quando o médico entrou, nesse dia sem o sorriso, todo formal, examinou os ferimentos rapidamente e disse:

— Está pronto para ir. Eles têm bons médicos à sua espera. -Anotou alguma coisa na papeleta e foi embora sem dizer mais nada.

Trinta minutos depois o agente Brent Myers entrou no quarto com um sorriso sarcástico e mostrando o distintivo, como para treinar a entrega da encomenda.

— Bom dia — ele disse.

Patrick nem olhou para ele, mas perguntou:

— Não podia bater na porta antes?

— Claro, desculpe. Escute, Patrick, acabo de falar com seu médico. Grande notícia, homem, você vai para casa. Terá alta amanhã. Tenho ordens para levá-lo de volta. Partimos de manhã. Seu governo está oferecendo um voo especial até Biloxi num avião militar. Não é formidável? E eu vou estar com você.

— Pode ir embora agora?

— Claro. Vejo você amanhã cedo.

— Dê o fora.

Ele saiu do quarto e fechou a porta. Luis chegou depois silenciosamente trazendo café, suco de frutas e manga em fatias. Deslizou um pequeno embrulho para baixo do travesseiro de Patrick e perguntou se ele queria mais alguma coisa. Não, Patrick disse, agradecendo em voz baixa.

Uma hora depois chegou Sandy para o que ele pensou que seria um longo dia esquadrinhando os últimos quatro anos e encontrando respostas para suas inúmeras perguntas. A televisão foi desligada, as persianas levantadas, o quarto ficou claro e o dia começou.

— Quero que você vá imediatamente para casa — Patrick disse. — E leve isto. — Entregou o pequeno embrulho.

Sandy sentou na única cadeira e examinou vagarosamente as fotos do amigo nu.

— Quando foram tiradas? — perguntou.

— Ontem. — Sandy anotou a data no seu bloco.

— Quem tirou?

— Luis, o enfermeiro.

— Quem fez isto com você?

— Sob a custódia de quem eu estou, Sandy?

— Do FBI.

— Então acho que foi o FBI que fez isso. Meu próprio governo me seguiu, me prendeu, me torturou e está agora me levando de volta. O governo, Sandy. O FBI, o Departamento de Justiça e as autoridades locais — o promotor e o resto do meu comitê de recepção. Veja o que eles fizeram.

— Deviam ser processados por isso — Sandy disse.

— Um processo de milhões. E rapidamente. O plano é o seguinte, vou viajar

de manhã num avião militar para Biloxi. Você pode imaginar a recepção que vou ter. Precisamos tirar vantagem disso.

— Tirar vantagem?

— Exatamente. Devemos dar entrada no processo no fim desta tarde para que apareça nos jornais amanhã. Deixe a imprensa saber. Mostre duas dessas fotos, as duas que marquei atrás.

Sandy procurou e finalmente encontrou as duas fotos. Uma era um *close-up* das queimaduras no peito de Patrick com o rosto aparecendo. A outra mostrava a queimadura de terceiro grau na coxa esquerda.

— Quer que eu dê isso para a imprensa?

— Só para o jornal da Costa. É o único que me preocupa. É lido por oitenta por cento do condado de Harrison, de onde tenho certeza que vai sair o nosso júri.

Sandy sorriu, depois riu.

— Você não dormiu muito esta noite, não é?

— Há quatro anos que não durmo.

— Isto é brilhante.

— Não, mas é uma das poucas vantagens táticas que podemos lançar contra aquelas hienas em volta da carcaça. Nós os atacamos com isto e amaciamos um pouco os ânimos. Pense nisso, Sandy, o FBI torturando um suspeito, um cidadão americano.

— Brilhante, simplesmente brilhante. Vamos processar só o FBI?

— Sim, mantenha a coisa simples. Eu contra o FBI, o governo — por danos permanentes físicos e psicológicos sofridos durante a tortura brutal e o interrogatório, em algum lugar da selva brasileira.

— Para mim parece perfeito.

— Vai parecer melhor ainda quando a imprensa tomar conta da história.

— Quanto?

— Não me importa. Dez milhões por danos materiais, cem milhões de multa.

Sandy tomou notas e virou a página. Então parou e olhou atentamente para o rosto de Patrick.

— Não foi o FBI, foi?

— Não — Patrick disse. — Não foi. Eu fui entregue ao FBI por uns malfeitores anônimos que há muito tempo estavam me seguindo. E ainda estão de tocaia lá fora, em algum lugar.

— O FBI sabe sobre eles?

— Sabe.

Patrick mudou de posição na cama. Três dias deitado de costas e estava pronto para uma mudança de cenário.

— Você precisa voltar depressa para casa, Sandy. Teremos muito tempo para conversar mais tarde. Sei que tem muitas perguntas. Dê-me algum tempo.

— Tudo bem, amigo.

— Dê entrada no processo com a maior repercussão possível. Sempre podemos corrigir mais tarde, para apresentar os verdadeiros culpados.

— Tudo bem. Não é a primeira vez que entro com um processo contra os acusados errados.

— É estratégia. Um pouco de simpatia por parte do público não faz mal nenhum.

Sandy guardou o bloco e as fotos na pasta.

— Tenha cuidado — Patrick disse. — Assim que for identificado como meu advogado, vai atrair todo tipo de gente estranha e desagradável.

— A imprensa?

— É, mas não é exatamente o que estou pensando. Eu enterrei muito dinheiro, Sandy. Tem gente que faria qualquer coisa para encontrá-lo.

— Quanto você tem ainda?

— Tudo. E um pouco mais.

— Talvez precise de tudo isso para se salvar, amigo.

— Tenho um plano.

— Não duvido disso. Vejo você em Biloxi.

TREZE

Através da vasta rede de “vazamentos” e “fontes”, chegou a notícia de que outro processo daria entrada na justiça no fim do dia, um pouco antes de o fórum fechar. A rede já fora eletrificada com a confirmação de que Patrick devia chegar no dia seguinte.

Sandy pediu aos repórteres para esperar no saguão do tribunal enquanto ele dava entrada no processo. Depois, distribuiu cópias para as dezenas de cães de caça que se acotovelavam para conseguir melhor posição. A maioria era de repórteres de jornais. Havia duas mini câmeras. Uma estação de rádio.

A princípio parecia mais um processo, apresentado por outro advogado ansioso para ver seu rosto nos jornais. Mas tudo mudou drasticamente quando este informou que representava Patrick Lanigan. A multidão cresceu — funcionários de escritório curiosos, advogados locais, até um zelador parou para ouvir. Calmamente ele informou que seu cliente estava processando o FBI por danos físicos e tortura.

Sandy descreveu com calma as alegações, depois respondeu a uma barragem de perguntas cuidadosamente, olhando para as câmeras. Deixou o melhor para o fim. Tirou da pasta duas fotos coloridas, agora ampliadas e montadas em isopor.

— Isto foi o que eles fizeram com Patrick — disse, dramaticamente.

As câmeras se aproximaram para o close-up. Um murmúrio subiu do grupo, uma agitação, quase um tumulto.

— Eles o drogaram e depois pregaram fios no seu corpo. Eles o torturaram até sua carne queimar, porque ele não quis e não podia responder às suas perguntas. Este é trabalho do seu governo, senhoras e senhores. Torturar cidadãos americanos. Assassinos do governo que se dizem agentes do FBI.

Até os repórteres mais calejados ficaram chocados. Uma esplêndida performance.

A filial de Biloxi passou a notícia às seis horas, depois de anunciar com uma chamada sensacional. Quase a metade do noticiário eram Sandy e as fotos. A outra metade era sobre a volta de Patrick no dia seguinte.

No final da tarde, a CNN começou a dar notícias de meia em meia hora, e Sandy era o advogado da ocasião. As queixas eram boas demais para serem ignoradas.

Hamilton Jaynes saboreava um drinque tranquilamente com os rapazes, na sala de estar de um elegante country club perto de Alexandria, quando viu o noticiário numa TV, no canto do bar. Dedicara a tarde a jogar golfe, proibindo a si mesmo de pensar no FBI e nas inúmeras dores de cabeça que tinha de resolver.

Outra dor de cabeça acabava de encontrá-lo. O FBI processado por Patrick Lanigan? Jaynes pediu licença, foi até o balcão que estava vazio e digitou alguns números no celular.

Nas profundezas do edifício Hoover, na Pensilvaniana Avenue, há um corredor com salas sem janelas, nos dois lados, onde técnicos monitoram os programas de televisão do mundo todo. Em outro conjunto de salas, homens leem revistas e jornais. Dentro do FBI, essa operação é chamada simplesmente de Acumulação.

Jaynes telefonou para o supervisor da Acumulação e em poucos minutos ficou sabendo de toda a história. Saiu do country club e voltou para o escritório, no terceiro andar do edifício Hoover. Telefonou para o procurador-geral que, previsivelmente, estava tentando falar com ele. Uma tremenda descompostura foi o que se seguiu, com Jaynes, na outra extremidade, conseguindo dizer muito pouco. Ele conseguiu garantir ao procurador que o FBI não tinha absolutamente nada a ver com aquela alegação de danos à integridade física e moral de Patrick Lanigan.

— Alegação? — perguntou o procurador-geral. — Eu vi as queimaduras, não vi? Que diabo, o mundo todo viu as queimaduras.

— Nós não fizemos isso, senhor — Jaynes disse calmamente, armado com o conhecimento de que dessa vez estava repetindo a verdade.

— Então, quem foi? — quis saber o furioso procurador. — Você sabe quem foi?

— Sim, eu sei, senhor.

— Ótimo. Quero um relatório de três páginas na minha mesa às nove horas da manhã.

— Estará lá.

O telefone foi desligado com violência no outro lado e Jaynes praguejou e chutou a mesa. Em seguida deu outro telefonema e logo depois dois agentes surgiram da sombra na frente da porta da casa do sr. e sra. Jack Stephano.

Jack assistira ao noticiário durante toda a noite e não ficou surpreso com a reação dos federais. Enquanto o caso se desenrolava, ele sentou no pátio conversando com seu advogado no telefone celular. Na verdade, concluiu ele, a coisa toda tinha graça. O FBI acusado de atos cometidos por seus homens. Uma tacada inteligente da parte de Patrick Lanigan e seu advogado.

— Boa noite — ele disse gentilmente, abrindo aporta. — Deixe-me

adivinhar. Vocês vendem biscoitos.

— FBI, senhor — um deles disse, procurando alguma coisa no bolso.

— Não precisa, garoto, eu sei quem são. Na última vez que os vi, estavam parados num carro, na esquina, lendo jornal e tentando se esconder atrás do volante. Quando estavam na universidade alguma vez pensaram que um dia fariam um trabalho tão excitante?

— O sr. Jaynes gostaria de falar com o senhor — disse o segundo.

— Por quê?

— Não sei. Ele nos mandou aqui. Quer que vá conosco ao seu escritório.

— Então Hamilton está trabalhando até tarde, certo?

— Sim, senhor. Pode vir conosco?

— Estão me prendendo outra vez?

— Bem, não.

— Então, o que exatamente estão fazendo? Tenho uma porção de advogados, vocês sabem. Uma prisão ou detenção por engano e vocês serão processados.

Eles se entreolharam, nervosos.

Stephano não tinha medo de se encontrar com Jaynes. Na verdade, não tinha medo de se encontrar com pessoa alguma. Saberia lidar com qualquer coisa que Jaynes atirasse contra ele.

Mas lembrou de que pendiam sobre ele várias acusações e um pouco de cooperação podia ajudar.

— Dê-me cinco minutos. — Entrou na casa.



Jaynes estava de pé atrás da sua mesa, folheando um relatório de muitas páginas, quando Stephano entrou.

— Sente-se — ele disse bruscamente, indicando a cadeira na frente da mesa. Era quase meia-noite.

— Uma noite agradável para você, Hamilton — Stephano disse, com um largo sorriso.

Jaynes pôs o relatório na mesa.

— Que diabo você fez com o homem, afinal?

— Não sei. Acho que um dos brasileiros se excedeu um pouco. Ele vai sobreviver.

— Quem fez isso?

— Hamilton, preciso chamar meu advogado? Isto é um interrogatório?

— Não sei direito o que é, certo? O diretor está em casa, falando no telefone, consultando o procurador-geral, que, por sua vez, não está gostando nada disso e

eles me telefonam de vinte em vinte minutos para me esfolar vivo. Isto é sério, certo, Jack? Essas alegações são terríveis e, neste exato momento, o país inteiro está vendo aquelas malditas fotos e imaginando quem torturou um cidadão americano.

— Eu sinto muito, de verdade.

— Estou vendo. Agora, quem fez isso?

— Alguns homens do lugar. Um bando de brasileiros que contratamos quando fomos informados de que ele estava no Brasil. Eu nem sei os nomes deles.

— Quem deu a informação?

— Você gostaria de saber, não gostaria?

— Sim, gostaria. — Jaynes afrouxou o nó da gravata e sentou na ponta da mesa, olhando fixamente para Stephano, que ergueu os olhos para ele sem o menor sinal de preocupação. Podia se livrar facilmente de qualquer problema que o FBI criasse para ele. Tinha advogados muito bons.

— Queremos propor uma coisa a você — Jaynes disse. — Ideia do diretor.

— Mal posso esperar.

— Estamos prontos para deter Benny Aricia amanhã. Vamos fazer muito barulho, vazar a informação para a imprensa, explicando como esse cara que perdeu noventa milhões contratou você para encontrar Lanigan. E quando você o apanhou, você o interrogou, mas mesmo assim não encontrou o dinheiro.

Stephano ouvia com atenção mas sem nenhuma expressão no rosto.

— Então, prendemos os dois executivos — Atterson da empresa de seguros Monarch-Sierra e Jill da Northern Case Mutual. Pelo que sabemos, são os outros dois membros do seu pequeno consórcio. Entraremos nos seus escritórios luxuosos com tropas de assalto, as câmeras logo atrás, e os jogamos algemados para dentro de furgões negros. Uma porção de vazamentos para a mídia, é claro. E providenciaremos para que seja divulgado que esses homens ajudaram Aricia a pagar sua pequena missão no Brasil para encontrar Patrick. Pense nisso, Stephano, todos os seus clientes detidos e levados para a prisão.

Stephano ia perguntar como o FBI havia identificado os membros do seu pequeno consórcio para encontrar Patrick, mas logo compreendeu que fora fácil. Eles pesquisaram quais as pessoas mais prejudicadas com o roubo dos noventa milhões.

— Vai acabar com o seu negócio, você sabe — Jaynes disse, com fingida solidariedade.

— Então, o que vocês querem?

— Bem, este é o acordo. É muito simples. Você nos conta tudo, como o encontrou, quanto ele falou etc., tudo. Temos muitas perguntas. Daí retiramos as

acusações contra você e contra seus clientes.

— Mas de qualquer modo é um problema para mim.

— Exatamente. Mas é o que nos convém. Seu problema é que podemos humilhar seus clientes e acabar com seu negócio.

— Isso é tudo?

— Não. Com um pouco de sorte do nosso lado, você pode também ir para a cadeia.

Havia várias razões para aceitar o acordo, e a sra. Stephano não era a menor delas. Ela estava se sentindo humilhada porque todos sabiam que o FBI estava vigiando sua casa. Seus telefones estavam grampeados. Tinha certeza disso porque o marido dava seus telefonemas no pátio perto do roseiral. Ela estava à beira de um colapso nervoso. Eles eram pessoas respeitáveis, a sra. Stephano repetia sem cessar, para o marido.

Insinuando que sabia mais do que na verdade Patrick havia revelado, Stephano levou o FBI exatamente ao lugar que queria. Ele podia fazer com que retirassem as acusações. Podia proteger seus clientes. E o mais importante, estaria garantindo uma ajuda considerável dos federais para encontrar o dinheiro.

— Preciso falar com meu advogado.

— Você tem até as 17 horas de amanhã.

Patrick viu seus ferimentos na última edição da CNN, em cores, com seu homem, Sandy, mostrando as fotos como um boxeador mostra ao mundo seu novo cinto de campeão. Isso foi mais ou menos na parte final do noticiário. Não houve nenhuma resposta oficial do FBI, disse um correspondente, falando na frente do edifício Hoover, em Washington.

Luis estava no quarto naquele momento. Ele ficou imóvel, ouvindo e olhando da televisão para Patrick que, sentado na cama, sorria satisfeito.

— Minhas fotos? — ele perguntou com seu sotaque carregado.

— Sim — respondeu Patrick, sorrindo.

— Minhas fotos — ele repetiu, com orgulho.

A história do advogado americano que se fingiu de morto, assistiu ao próprio enterro, roubou noventa milhões de dólares da firma em que trabalhava e foi apanhado quatro anos depois no Brasil foi lida com interesse em quase todo o mundo ocidental. Eva lia as últimas reportagens num jornal americano, tomando café debaixo de um toldo nos Deux Garçons, seu bar favorito em Aix. Uma chuva fina molhava as mesas e as cadeiras a pouca distância dela.

A matéria fora publicada na parte interna do primeiro caderno. Descrevia as

queimaduras de terceiro grau mas não mostrava as fotos. Angustiada, Eva escondeu os olhos atrás dos óculos escuros.

Patrick estava voltando para casa. Ferido e acorrentado como um animal, faria a jornada que ele sempre soube ser inevitável. E ela iria também. Na clandestinidade, ela iria fazer o que ele queria, para a segurança dos dois. Iria andar pelo quarto à noite, como Patrick, perguntando o que fora feito do futuro deles.

QUATORZE

Para a viagem de volta Patrick preferiu vestir a roupa dos cirurgiões, um conjunto de calça e jaleco verde-claro, de fazenda leve e bastante folgado para não agravar seus ferimentos. O voo seria sem escalas, mas mesmo assim levaria mais de duas horas e ele precisava estar o mais confortável possível. O médico deu a ele um pequeno vidro de analgésico, por segurança, e também uma pasta com sua ficha médica. Patrick agradeceu. Despediu-se de Luis com um aperto de mão e disse adeus a uma enfermeira.

O agente Myers esperava no lado de fora do hospital com quatro soldados grandes e uniformizados.

— Vou fazer um trato com você, Patrick — ele disse. — Se se comportar, nada de algemas nem correntes nos pés, agora. Mas assim que aterrissarmos, não tenho escolha.

— Obrigado — Patrick disse e começou a andar vagarosamente pelo corredor. Suas pernas doíam da ponta dos pés até o quadril e os joelhos estavam fracos por falta de uso. Procurando manter os ombros retos, ele inclinou a cabeça gentilmente, despedindo-se ao passar pelas enfermeiras. Desceram de elevador até a garagem no subsolo, onde um furgão azul esperava com mais dois soldados armados e vigilantes, atentos aos outros carros estacionados. A mão forte o segurou pela axila e o ajudou a subir para o banco do centro. Um soldado deu a ele óculos escuros baratos de aviador.

— Vai precisar disto — ele disse. — Está danado de claro lá fora.

O furgão não chegou a sair da base. Seguiu lentamente pelo asfalto escaldante, passou pelos postos de controle com poucos guardas, nunca chegando a cinquenta quilômetros por hora. Nem uma palavra foi dita no interior do carro. Patrick olhou através dos óculos escuros e das janelas escuras para as fileiras de alojamentos, depois a fileira de escritórios, depois um hangar. Estava ali há quatro dias, ele calculou. Talvez três. Não tinha certeza porque nas primeiras horas estava ainda sob o efeito das drogas. Um ar-condicionado roncava atrás do painel, mantendo frio o interior do furgão. Patrick segurou com força a pasta com sua ficha médica porque era a única coisa que possuía no momento.

Pensou em Ponta Porã, seu lar agora, imaginando se tinham sentido sua falta. O que teriam feito com sua casa? A faxineira ainda estaria fazendo a limpeza? Provavelmente não. E seu carro, o pequeno Fusca vermelho que ele gostava tanto? Conhecia poucas pessoas na cidade. O que estariam dizendo a seu

respeito? Provavelmente nada.

Que diferença fazia agora? Independente do que podiam estar dizendo em Ponta Porã, sua família em Biloxi sem dúvida sentia sua falta. A volta do filho pródigo. O mais famoso biloxiano do mundo volta para casa, e como iam recebê-lo? Com correntes nas pernas e intimações legais. Por que não uma parada na Rodovia 90, ao longo da Costa, para homenagear aquele homem da cidade que tinha conseguido alguma coisa na vida? Ele os tinha posto no mapa, tinha feito sua cidade famosa. Quantos deles tinham inteligência suficiente para ter noventa milhões de dólares?

Patrick quase riu de tanta bobagem.

Em que cadeia ia ficar? Como advogado, conhecia várias — a da cidade, em Biloxi, a do condado de Harrison, até uma cela federal na Base Aérea de Keesler, em Biloxi. Não teria essa sorte.

Ficaria sozinho numa cela, ou com ladrões comuns e viciados em crack? Teve uma ideia. Abriu a pasta e leu rapidamente as anotações do médico. Lá estava, com maiúsculas:

PACIENTE DEVE PERMANECER HOSPITALIZADO
PELO MENOS POR MAIS UMA SEMANA

Deus o abençoe! Por que não tinha pensado nisso antes? As drogas. Seu pobre organismo foi submetido a mais narcóticos na última semana do que havia tomado durante toda a vida. Seus lapsos de memória e de julgamento podiam ser atribuídos a isso.

Precisava desesperadamente entregar a Sandy uma cópia daquela ordem de alta do médico para que uma cama decente estivesse à sua espera, de preferência num quarto particular com enfermeiras entrando e saindo. Era essa a prisão que ele tinha em mente. Podia ter dez policiais na porta. Ele não se importava. Só queria uma boa cama com controle remoto para mudar a posição e ficar longe dos criminosos comuns.

— Preciso dar um telefonema — ele disse, inclinando-se ao lado do soldado, na direção do motorista. Nenhuma resposta.

Pararam num hangar amplo com um avião de carga parado na frente. Os soldados esperaram no lado de fora, no sol, enquanto Patrick e o agente Myers entraram no pequeno escritório e começaram a discutir sobre a existência de alguma determinação constitucional que, não só dava direito ao prisioneiro de telefonar para seu advogado, como também de passar um fax.

Patrick venceu depois de calmamente ameaçar Brent com todo o tipo de processos terríveis e as instruções do médico foram passadas por fax para o

escritório de Sandy McDermott em Nova Orleans.

Depois de uma longa visita ao banheiro, Patrick voltou para a sua escolta e lentamente subiu os degraus do avião de carga da Força Aérea.

O avião pousou na Base Aérea de Keesler aos vinte minutos para o meio-dia. Surpreso e até mesmo um pouco desapontado, Patrick não viu nenhum comitê de recepção à sua espera. Um grupo estava no portão da frente, a dois quilômetros de distância, e por segurança filmou e fotografou o avião. Eles também ficaram desapontados.

Na verdade, Patrick queria ser visto pela imprensa descendo do avião com a roupa de cirurgião verde clara cuidadosamente escolhida, e depois descendo com dificuldade os degraus até o solo, ser visto, algemado e com correntes nas pernas se arrastando como um cão aleijado. Seria uma imagem de grande força, a primeira vista por todos aqueles jurados em potencial.

Como era de se esperar, a reportagem sobre o seu processo contra o FBI estava na primeira página do jornal matutino da Costa, com fotos grandes e coloridas. Só a alma mais cruel podia deixar de sentir um pouco de solidariedade por Patrick, pelo menos naquele momento.

O outro lado — o governo, os promotores, os investigadores — fora amaciado com o golpe. A volta do mestre da fraude e ainda por cima, advogado, era para ser um dia glorioso para os mantenedores da lei. Ao invés disso, o escritório local do FBI desligou todos os telefones e trancou as portas para evitar a entrada dos repórteres. Só Cutter se aventurou a sair e assim mesmo, secretamente. Era seu dever encontrar com Patrick assim que ele tocasse o solo.

Cutter esperava com o xerife Sweeney, dois oficiais da Força Aérea e Sandy.

— Olá, Patrick, bem-vindo ao lar — disse o xerife.

Patrick estendeu as mãos algemadas.

— Olá, Raymond — ele disse, com um sorriso.

Eles se conheciam bem, um conhecimento comum entre policiais e advogados locais. Raymond Sweeney era chefe de polícia de Harrison há nove anos, quando Patrick chegou à cidade.

Cutter deu um passo à frente para se apresentar, mas assim que Patrick o ouviu dizer FBI, virou o rosto e fez um sinal para Sandy. Um furgão da marinha, notavelmente semelhante ao que o havia levado até o avião em Porto Rico, os esperava. Entraram todos no carro, com Patrick no banco de trás ao lado do seu advogado.

— Para onde estamos indo? — Patrick murmurou.

— Para o hospital da base — Sandy respondeu, também em voz baixa. — Por motivos médicos.

— Bom trabalho.

O furgão seguiu a passo de lesma, passou por um posto de controle e o guarda ergueu os olhos por um segundo da página de esportes, depois seguiu por uma rua muito quieta com alojamentos de oficiais nos dois lados.

A vida agora estava repleta de sonhos, alguns à noite quando dormia, sonhos reais, e outros quando a mente estava desperta mas devaneando. A maioria era apavorante, pesadelos das sombras que cresciam cada vez mais. Outros ainda eram agradáveis desejos de um futuro feliz, livre do passado. Estes últimos eram raros, Patrick tinha aprendido. A vida que estava vivendo era a vida do passado. Não tinha fim.

Outros sonhos eram estranhos, imagens da volta à casa. Quem estaria lá para recebê-lo? O ar do Golfo teria a mesma textura, o mesmo cheiro? Quando ele ia voltar, em que estação do ano? Quantos amigos iam procurá-lo, e quantos iam evitá-lo? Patrick pensava numa porção de pessoas que desejaria ver, mas não tinha certeza de que queriam vê-lo. Seria um pária agora? Ou uma celebridade para ser abraçada? Provavelmente nenhuma das duas coisas.

Havia um conforto, pequeno mas real, agora que a caçada tinha terminado. Problemas horríveis o esperavam, mas no momento ele podia ignorar o que tinha ficado para trás. A verdade era que Patrick jamais conseguiu relaxar completamente nem aproveitar a nova vida. Nem o dinheiro podia acalmar seus temores. Esse dia que estava vivendo era inevitável, ele sabia o tempo todo. Tinha roubado muito dinheiro. Um pouco menos e as vítimas não teriam sido tão insistentes e determinadas.

Notava pequenas coisas enquanto a viagem prosseguia. As entradas das casas eram calçadas, o que era muito raro no Brasil, pelo menos em Ponta Porã. E as crianças usavam tênis para brincar. No interior do Brasil estavam quase sempre descalças e as solas dos pés eram resistentes como borracha. De repente sentiu falta da sua rua tranquila, a rua Tiradentes, com grupos de garotos chutando bolas de futebol, à procura de um jogo.

— Você está bem? — Sandy perguntou.

Ele fez que sim com a cabeça, ainda com os óculos escuros de aviador.

Sandy tirou da pasta o jornal da Costa. A manchete na primeira página gritava:

LANIGAN PROCESSA O FBI POR TORTURA E MAUS TRATOS

As duas fotos tomavam toda a primeira página.

Patrick olhou por um momento.

— Eu leio mais tarde.

Cutter estava sentado na frente de Patrick e, natural mente, ouvindo cada

respiração do seu prisioneiro. A conversa estava fora de questão, o que para Patrick era ótimo. O carro entrou no estacionamento do hospital da base e parou na entrada de emergência. Levaram Patrick pela porta de serviço, depois por um corredor, onde as enfermeiras esperavam para um rápido exame o novo paciente. Dois técnicos de laboratório pararam na frente deles e um disse:

— Bem-vindo ao lar, Patrick. — Um verdadeiro palhaço.

Nada de burocracia. Nada de formulários de pré-admissão.

Nenhuma pergunta sobre seguro ou quem estava pagando. Foi levado diretamente para o terceiro andar e instalado num quarto no fim do corredor. Cutter fez alguns comentários banais, deu algumas instruções, bem como o xerife. Uso do telefone limitado, guardas na porta, refeições no quarto. O que mais se pode dizer a um prisioneiro? Eles foram embora e só Sandy ficou.

Patrick sentou na beirada da cama, com os pés para fora.

— Eu gostaria de ver a minha mãe — ele disse.

— Ela está a caminho. Deve chegar à uma hora.

— Obrigado.

— E sua mulher e filha?

— Gostaria de ver Ashley Nicole, mas não agora. Tenho certeza de que não lembra de mim. A esta altura, deve achar que sou um monstro. Por razões óbvias, não quero ver Trudy.

Bateram na porta e o xerife Sweeney entrou com uma pilha de papéis.

— Sinto incomodar, Patrick, mas isto é necessário. Achei que seria melhor resolver logo.

— Claro, xerife — Patrick disse, preparando-se para o ataque.

— Preciso entregar isto a você. Primeiro, a acusação formal do grande júri do condado de Harrison, de homicídio doloso.

Patrick apanhou o papel e, sem olhar, entregou para Sandy.

— Isto é uma intimação e um pedido de divórcio, de Trudy Lanigan, registrado em Mobile.

— Que surpresa — Patrick disse, apanhando o documento. -Quais as alegações?

— Eu não li. Isto é uma intimação e queixa registradas pelo sr. Benjamin Aricia.

— Quem? — Patrick perguntou, numa tentativa malograda de humor. O xerife não sorriu.

— Isto é uma intimação e queixa feitas por sua antiga firma de advocacia.

— Quanto eles querem? — Patrick perguntou, apanhando os documentos.

— Eu não li. Isto é uma intimação e queixa feitas pela empresa de seguros Monarch-Sierra.

— Oh, sim, lembro-me daqueles garotos. — Passou o documento para Sandy, cujas mãos estavam agora cheias e as do xerife vazias.

— Sinto muito, Patrick — Sweeney disse.

— Isso é tudo?

— Por enquanto. Vou passar pelo fórum na cidade para ver se entrou mais algum processo.

Pode mandar. Sandy trabalha depressa.

Trocaram um aperto de mãos, desta vez sem o empecilho das algemas, e o xerife saiu.

Eu sempre gostei de Raymond — Patrick disse, com as mãos na cintura, dobrando lentamente os joelhos. Parou no meio do movimento e endireitou o corpo. — Um caminho longo demais, Sandy, estou ferido até os ossos.

— Ótimo. Isso ajuda o nosso processo. — Sandy examinou os papéis. — Ao que parece, Trudy está mesmo zangada com você. Quer você fora da vida dela.

— Eu fiz o possível. Quais são as alegações?

— Abandono de lar. Crueldade mental.

— Pobrezinha.

— Você pretende contestar?

— Depende do que ela quer.

Sandy passou para outra página.

— Bem, vendo assim rapidamente, parece que ela quer o divórcio, custódia total da filha, com anulação de todos os direitos paternos, incluindo o de visita, todos os bens móveis e imóveis que pertenciam aos dois por ocasião do seu desaparecimento — é assim que ela chama, seu desaparecimento — mais, oh, sim, uma porcentagem justa e razoável dos bens que você possa ter adquirido depois do seu desaparecimento.

— Surpresa, surpresa.

— Isso é tudo que ela quer, pelo menos por enquanto.

— Eu dou o divórcio a ela, Sandy, alegremente. Mas não vai ser tão fácil quanto ela pensa.

— O que pretende fazer?

— Falamos mais tarde. Estou cansado.

— Temos de conversar algum dia, Patrick. Não sei se você compreende ou não, mas temos muita coisa para conversar.

Mais tarde. Preciso descansar agora. Minha mãe vai chegar a qualquer momento.

— Ótimo. Para ir daqui de carro, enfrentar o trânsito de Nova Orleans, estacionar e caminhar até o escritório, levo duas horas. Quando exatamente você quer me ver outra vez?

— Desculpe, Sandy. Estou cansado, certo? Que tal amanhã de manhã? Estarei descansado e podemos trabalhar o dia inteiro.

Sandy se acalmou e guardou os papéis na pasta.

— Claro, amigo. Estarei aqui às dez horas.

— Obrigado, Sandy.

Ele saiu e Patrick descansou confortavelmente por oito minutos. Então, de repente, o quarto se encheu com todo o tipo de profissionais da saúde, uma equipe só de mulheres.

— Oi, eu sou Rose, sua enfermeira-chefe. Precisamos examiná-lo. Podemos tirar sua camisa? — Não era um pedido. Rose já estava tirando a camisa dele. Duas outras enfermeiras, fortes como Rose, apareceram uma de cada lado e começaram a despir Patrick. Aparentemente gostavam do que estavam fazendo. Outra enfermeira estava a postos com um termômetro e uma caixa cheia de instrumentos ameaçadores. Uma especialista em qualquer coisa abriu a boca e arregalou os olhos, nos pés da cama. Uma enfermeira com jaleco cor de laranja pairava ao lado da porta.

Elas invadiram o quarto como uma equipe e durante quinze minutos executaram várias tarefas no seu corpo. Patrick fechou os olhos e simplesmente aceitou. Elas saíram tão depressa quanto entraram.



Patrick e a mãe tiveram um encontro muito cauteloso. Ele pediu desculpas só uma vez, por tudo. Ela aceitou amorosamente e o perdoou como só as mães podem perdoar. A alegria dela por ver o filho desfazia qualquer ressentimento ou amargura que a tivesse atormentado nos últimos quatro dias.

Joyce Lanigan tinha sessenta e oito anos, saúde razoavelmente boa, só perturbada por pressão alta. Seu marido, o pai de Patrick, a tinha deixado por uma mulher mais jovem há vinte anos e logo em seguida morreu do coração. Nem ela nem Patrick foram ao enterro, no Texas. A segunda mulher estava grávida nu época. O filho dela, meio-irmão de Patrick, matou dois policiais da DEA, quando tinha dezessete anos e agora estava no corredor da morte em Huntsville, Texas. Esse pequeno volume de roupa suja da família não era conhecido em Nova Orleans ou Biloxi. Patrick nunca contou para Trudy durante os quatro anos do seu casamento. Nem para Eva. Para que ia contar?

Uma crueldade do destino. Os dois filhos do pai de Patrick acusados de homicídio. Um já condenado, o outro a caminho da condenação.

Patrick estava na universidade quando o pai os abandonou e depois morreu.

A mãe nunca conseguiu se ajustar à vida de uma mulher de meia-idade divorciada, sem preparo profissional e sem nunca ter trabalhado fora. O acordo do divórcio permitiu que ela ficasse com a casa e um mínimo de dinheiro para viver sem precisar trabalhar. Uma vez ou outra, ela substituía alguma professora da escola local, mas preferia ficar em casa, cuidando do jardim, assistindo novelas, tomando chá com as velhas senhoras da vizinhança.

Patrick sempre a achou uma pessoa deprimida, especialmente depois da partida do pai, cuja falta jamais o perturbou porque afinal ele não era grande coisa como pai. E também não era grande coisa como marido. Patrick encorajou a mãe a sair, a procurar emprego, descobrir uma razão de viver. Procurou convencê-la de que ela estava tendo outra oportunidade para viver.

Mas ela gostava demais de sofrer. Com o passar dos anos, à medida que Patrick cada vez mais se absorvia na sua profissão, passava menos tempo com ela. Ele mudou para Biloxi, casou com uma mulher que a mãe jamais tolerou e assim por diante.

Ele perguntou das tias, dos tios, dos primos, pessoas com quem não tinha contato muito antes da sua morte, pessoas em quem não tinha pensado nos últimos quatro anos. Perguntou só porque devia perguntar. De um modo geral, estavam todos bem.

Não, ele não queria ver nenhum deles.

Eles estavam ansiosos para vê-lo.

Estranho. Nunca estiveram ansiosos para vê-lo antes.

Estavam muito preocupados com ele.

Estranho também.

Conversaram carinhosamente por duas horas e o passado foi rapidamente apagado. Ela o censurou por estar tão magro. “Doentio”, foi a palavra que usou. Perguntou sobre seu novo queixo e novo nariz, e o cabelo escuro. Disse todas as coisas que as mães dizem, depois voltou para Nova Orleans. Ele prometeu manter contato.

Patrick sempre prometia isso, ela pensou ao sair. Mas raramente cumpria a promessa.

QUINZE

Em uma suíte no Hay-Adams Hotel, Stephano passou a manhã brincando de esconde-esconde no telefone, com ocupadíssimos executivos de grandes empresas. Foi fácil convencer Benny Aricia de que ele estava prestes a ser preso, fotografado, fichado e importunado de todos os modos pelo FBI. Convencer gente como Paul Atterson da Monarch-Sierra e Frank Jill da Northern Case Mutual era outra coisa. Ambos eram típicos diretores executivos, homens brancos sérios com enormes salários e uma vasta equipe para manter à distância qualquer inconveniência. Prisão e acusação eram para as classes mais baixas.

O FBI foi de grande ajuda. Hamilton Jaynes despachou agentes para as duas sedes — a da Monarch, em Palo Alto, e a da Northern Case Mutual, em St. Paul — com instruções para visitar os dois homens e fazer uma porção de perguntas sobre a busca e captura de um certo Patrick Lanigan.

Ambos atiraram a toalha na hora do almoço. Recolha seus cães, eles disseram para Stephano. A caçada acabou. Coopere totalmente com o FBI e pelo amor de Deus, faça alguma coisa para manter seus agentes fora do nosso território. Era por demais embaraçoso.

Assim, o consórcio se desfez. Stephano o havia mantido por quatro anos e com isso ganhou quase um milhão de dólares. Gastara mais dois milhões e meio dos seus clientes, e podia cantar vitória. Tinha encontrado Lanigan. Eles não encontraram os noventa milhões, mas o dinheiro existia ainda em algum lugar. Não foi nem usado. Havia uma chance de recuperá-lo.

Benny Aricia esteve na suíte com Stephano a manhã toda, lendo jornais, dando telefonemas, ouvindo as conversas de Stephano no telefone. À uma hora, ligou para seu advogado em Biloxi e foi informado da chegada de Patrick. E quase sem nenhuma fanfarra. A TV local deu a notícia ao meio-dia, completa com o avião de carga da Força Aérea roncando no céu e aterrissando na base de Keesler. Foi o mais perto que a imprensa conseguiu chegar. O xerife local confirmou que o homem estava de volta.

Aricia ouviu três vezes a gravação da tortura, voltando as fitas nos seus pontos favoritos. Há dois dias, num voo para a Flórida, ele as ouviu nos fones de ouvido, enquanto tomava um drinque na primeira classe, sorrindo quando ouvia os gritos de gelar o sangue do homem torturado e pedindo misericórdia. Mas agora os sorrisos eram raros nos lábios de Benny. Tinha certeza de que Patrick havia contado tudo que sabia, e não era suficiente. Certo de que seria apanhado algum dia, Patrick, astutamente, deixou o dinheiro com a moça, que então o

escondeu de todo mundo, inclusive dele próprio. Brilhante. Simplesmente brilhante.

— O que vai ser preciso para encontrar a moça? — Aricia perguntou para Stephano, almoçando na suíte do hotel. Não era a primeira, nem a segunda vez que essa pergunta era feita.

— O que ou quanto?

— Quanto, eu acho.

— Não posso dizer. Não tenho ideia de onde ela está, mas sabemos de onde ela é. E sabemos que provavelmente vai aparecer em Biloxi, agora que o seu homem está lá. Pode ser feito.

— Quanto?

— Só um palpite. Eu diria cem mil, sem garantias. Entre com o dinheiro e, quando acabar, nós saímos.

— Alguma chance de os federais virem a saber que ainda estamos procurando?

— Nenhuma.

Benny mexeu a sopa com a colher — tomate e macarrão. Depois de ter gasto quase dois milhões, era tolice não fazei uma última tentativa. As possibilidades eram remotas, mas a recompensa podia ser enorme. Era o mesmo jogo que estava jogando há quatro anos.

— E se a encontrar? — ele perguntou.

— Nós a faremos falar — Stephano disse e eles trocaram sorrisos, pensando na monstruosidade de fazer com uma mulher o que tinham feito com Patrick.

— E o advogado dele? — Aricia perguntou finalmente. -Não podemos grampear o escritório dele, sua casa, ouvir quando ele fala com o cliente? Sem dúvida vão falar sobre o dinheiro.

— É uma possibilidade. Fala sério?

— Sério? Eu tenho noventa milhões por aí, Jack. Menos um terço para aqueles advogados sugadores de sangue. É claro que falo sério.

— Pode ser complicado. O advogado não é burro, você sabe. E seu cliente é um cara muito cauteloso.

— Ora, vamos, Jack. Você é considerado o melhor. Sem dúvida é o mais caro.

— Faremos uma preliminar, vamos segui-lo por alguns dias, estabelecer sua rotina. Não há pressa. Seu cliente não vai a lugar nenhum por algum tempo. No momento, estou mais preocupado em tirar os federais da minha cola. Preciso fazer certas coisas triviais, como reabrir meu escritório e tirar os grampos dos meus telefones.

Aricia balançou a mão, descartando a importância dessas coisas.

— Quanto vai me custar?

— Não sei. Falamos sobre isso mais tarde. Termine seu almoço. Os advogados estão esperando.

Stephano saiu primeiro, a pé, e acenou amavelmente para os dois agentes estacionados em local proibido, na rua 1, um pouco adiante do hotel. Seguiu com passos rápidos para o escritório do seu advogado, a sete quadras dali. Benny esperou dez minutos e tomou um táxi.

Passaram a tarde numa sala de conferências, cheia de advogados e assistentes — os de Stephano e os do FBI. No fim, os dois lados conseguiram o que queriam. As acusações contra Stephano seriam retiradas e seus clientes não seriam importunados. O FBI recebeu dele, por escrito, a promessa de revelar tudo que sabia sobre a busca e captura de Patrick Lanigan.

Na verdade, Stephano pretendia contar mais do que sabia. A caçada tinha terminado, logo não havia mais nada a esconder. O resultado do interrogatório não foi grande coisa, apenas o nome de uma advogada brasileira que estava com o dinheiro. Agora, ela estava desaparecida e ele duvidava que o FBI tivesse tempo de ir atrás dela. Por que fariam isso? O dinheiro não era deles.

E embora se esforçasse ao máximo para não demonstrar, Stephano queria desesperadamente o FBI fora da sua vida. A sra. Stephano estava seriamente aborrecida, e a pressão em casa era enorme. Se não reabrisse seu escritório imediatamente, ia sair do mercado para sempre.

Assim, planejou contar o que eles queriam ouvir, quase tudo. Com o que restava do dinheiro de Benny, procuraria a moça por mais algum tempo e talvez tivesse sorte. Mandaria uma equipe a Nova Orleans para vigiar o advogado de Lanigan. O FBI não precisava saber desses pequenos detalhes.



Como não havia nem um centímetro quadrado disponível no prédio federal em Biloxi, Cutter pediu ao xerife Sweeney para arranjar um lugar na cadeia do condado. Sweeney concordou com relutância. A ideia de o FBI passar algum tempo no seu escritório era desagradável. Mandou limpar um quarto de depósito e instalou uma mesa e algumas cadeiras. A Sala Lanigan, como a chamaram.

Havia pouca coisa para guardar ali. Ninguém suspeitou de assassinato quando Patrick morreu, portanto não houve coleta de provas materiais, pelo menos não nas primeiras seis semanas Quando o dinheiro desapareceu, as suspeitas cresceram mas a pista já estava fria.

Cutter e Ted Grimshaw, o investigador-chefe do condado de Harrison, examinaram e inventariaram cuidadosamente as poucas evidências que tinham.

Havia uma grande coleção de fotos coloridas do Chevy Blazer incendiado e eles as pregaram na parede. As fotos haviam sido tiradas por Grimshaw.

O fogo fora extremamente intenso, agora eles sabiam por quê. Patrick certamente tinha colocado no interior do carro recipientes de plástico com gasolina. Isso explicava as estruturas de alumínio dos bancos, derretidas, a explosão dos vidros das janelas, a desintegração do painel e o pouco que sobrou do corpo. Seis fotos eram do corpo, como foi encontrado — uma pilha de matéria queimada com o osso pélvico projetando-se para fora, no chão, ao lado do banco do passageiro. O Blazer capotou várias vezes antes de sair da estrada e despencar pela encosta. Incendiou tombado sobre o lado direito.

O xerife Sweeney guardou a sucata do Blazer durante um mês, depois vendeu para o ferro-velho, com três outros carros acidentados abandonados. Mais tarde, desejou não ter vendido.

Havia uma meia dúzia de fotos do local em volta do veículo, árvores e arbustos enegrecidos pelo fogo. Os voluntários lutaram quatro horas para extinguir o fogo.

Sem dúvida veio muito a calhar o fato de Patrick querer ser cremado. De acordo com Trudy (tinham uma declaração datilografada, assinada por ela um mês depois dos funerais), Patrick havia resolvido de repente que queria ser cremado e as cinzas enterradas em Locust Grove, o mais bonito cemitério do condado. A decisão foi tomada quase onze meses antes do seu desaparecimento. Ele chegou a alterar o testamento, incluindo uma cláusula instruindo sua inventariante, Trudy, ou no caso de Trudy morrer com ele, Karl Huskey, para providenciar a cremação. Incluiu também detalhes específicos sobre os funerais e enterro.

O pretexto apresentado por ele para tudo isso foi a morte de um cliente que não havia planejado o que devia ser feito depois da sua morte. A família se digladiou ferozmente para resolver como o homem devia ser enterrado e Patrick se envolveu na briga. Ele até fez com que Trudy escolhesse seu lugar no cemitério. Ela escolheu um túmulo ao lado do dele, mas os dois sabiam que ela mudaria imediatamente se Patrick morresse primeiro.

Mais tarde, o agente funerário disse para Grimshaw que noventa por cento da cremação tinha sido feita no Blazer. Quando ele pesou as cinzas depois de cremar os restos por uma hora, a uma temperatura de duzentos graus, a balança registrou apenas 114 gramas, a menor quantidade já registrada. Ele não podia dizer nada sobre o corpo — homem, mulher, negro, branco, jovem, velho, vivo ou morto antes do fogo. Simplesmente era impossível. Para ser franco, ele nem tentou.

Não tinham um corpo, nem relatório da autópsia, nenhuma ideia de quem

podia ser. O fogo é o modo mais seguro de destruir evidências e Patrick fez um esplêndido trabalho para cobrir sua pista.



Tinha passado o fim de semana numa pequena cabana de caçador perto da cidadezinha de Leaf, no condado de Greene, na entrada da Floresta Nacional De Soto. Ele e um colega da escola de direito tinham comprado a casa de madeira há dois anos com planos modestos de fazer reformas. Era bastante rústica. Eles caçavam gamos no outono e no inverno e perus selvagens na primavera. Com os altos e baixos do seu casamento, ele passava ali os fins de semana cada vez com maior frequência. Ficava a uma hora e meia da sua casa. Muito isolada e tranquila. O amigo, coproprietário, há muito tempo tinha esquecido dela.

Trudy fingia se aborrecer com aquelas fugas de fim de semana, mas Lance estava sempre por perto, esperando que Patrick saísse da cidade.

Na noite de sábado, 9 de fevereiro de 1992, Patrick telefonou e avisou a mulher que estava saindo da cabana. Tinha terminado de redigir um documento muito complicado para uma apelação e estava cansado. Lance ficou mais uma hora, depois desapareceu nas sombras.

Patrick parou no armazém Verhall's, na Rodovia 15, na divisa dos condados de Stone e Harrison. Comprou cinquenta litros de gasolina por quatorze dólares e vinte e um centavos e pagou com cartão de crédito. Conversou com a idosa sra. Verhall, que ele conhecia há algum tempo. Ela conhecia quase todos os caçadores que passavam por ali, especialmente os que gostavam de parar e contar suas aventuras na floresta, como Patrick. Mais tarde ela disse que ele parecia bem disposto, embora tivesse se queixado de que estava cansado por ter trabalhado durante todo o fim de semana. Lembrou de ter estranhado esse fato. Uma hora mais tarde, ouviu os carros da polícia e dos bombeiros passarem na estrada.

A doze quilômetros do armazém, o Blazer de Patrick foi encontrado em chamas no fundo da encosta, a oitenta metros da rodovia. Um caminhoneiro viu o fogo e conseguiu chegar a uma distância de quinze metros, antes de ter as sobrancelhas chamuscadas. Passou um rádio pedindo socorro, sentou num toco de árvore e ficou vendo o carro pegar fogo, sem poder fazer nada. O Blazer estava tombado sobre o lado direito com as rodas viradas na direção da estrada, portanto era impossível ver se havia alguém lá dentro. Não teria feito nenhuma diferença. Um salvamento era completamente impossível.

Quando o primeiro policial chegou, a bola de fogo era tão intensa que mal se distinguiam os contornos do Blazer. O mato e os arbustos começaram a arder.

Um pequeno carro de bombeiros chegou com uma bomba de água, mas não era suficiente. Muitos carros pararam e logo uma multidão silenciosa via e ouvia o fogo roncando lá embaixo. Uma vez que o motorista do Blazer não estava entre eles, todos acreditaram que ele ou ela estava sendo incinerado com todo o resto.

Dois carros de bombeiros maiores chegaram e finalmente o fogo foi apagado. O xerife Sweeney esperou horas para tudo esfriar. Era quase meia-noite quando ele notou um volume escuro que julgou ser um corpo. O legista estava com ele. O osso pélvico resolveu a dúvida. Grimshaw tirou suas fotos. Esperaram o corpo esfriar mais um pouco, depois o retiraram numa caixa de papelão.

As letras e os números das placas do carro foram verificados à luz da lanterna e às 3:30 da manhã Trudy recebeu o telefonema que fez dela uma viúva. Pelo menos por quatro anos e meio.

O xerife resolveu não remover o carro durante a noite. Ao nascer do dia, ele voltou com cinco assistentes para revistar a área. Encontraram marcas de derrapagem numa extensão de 30 metros na estrada e imaginaram que talvez um gamo tivesse aparecido na frente do pobre Patrick, fazendo com que ele perdesse o controle do carro. Como o fogo tinha se espalhado em todas as direções, quaisquer pistas possíveis do que realmente aconteceu foram destruídas. A única surpresa foi a descoberta de um pé de tênis de corrida a 40 metros do Blazer. Era um Nike Air Max pouco usado, tamanho 44, que Trudy imediatamente identificou como sendo de Patrick. Ela chorou copiosamente quando viu o Nike.

O xerife calculou que o veículo girou e capotou várias vezes quando caiu na encosta e talvez, no meio de tudo isso, o corpo também foi atirado de um lado para o outro dentro do carro. O tênis saiu do pé e foi atirado para fora numa das capotagens etc. Fazia tanto sentido quanto todo o resto.

Puseram o Blazer num caminhão e o levaram embora. No fim da tarde, o que restava de Patrick estava cremado. O serviço religioso foi no dia seguinte, seguido por uma breve cerimônia no cemitério, a que ele assistiu com o binóculo.

Cutter e Grimshaw olharam para o tênis solitário no centro da mesa. Ao lado dele estavam vários depoimentos de testemunhas — Trudy, a sra. Verhall, o legista, o agente funerário, até de Grimshaw e do xerife — todos dizendo exatamente o que se esperava que dissessem. Uma única testemunha surpresa apareceu, meses depois do desaparecimento do dinheiro. Uma jovem senhora que morava perto do armazém de Verhall depôs sob juramento afirmando ter visto um Chevy Blazer vermelho, 1991, estacionado ao lado da estrada, próximo do local do incêndio. Ela viu o carro duas vezes. A primeira, na noite de sábado, depois umas vinte e quatro horas mais tarde, mais ou menos na hora do incêndio.

Seu depoimento foi tomado por Grimshaw, na casa dela, na área rural do condado de Harrison, sete semanas depois dos funerais de Patrick. A essa altura, a morte já estava sob suspeita porque o dinheiro tinha desaparecido.

DEZESSEIS

O médico era um jovem residente paquistanês chamado Hayani, por natureza uma alma terna e compassiva. Falava inglês com forte sotaque e parecia satisfeito em simplesmente sentar e conversar durante todo o tempo que Patrick desejava. Os ferimentos estavam cicatrizando muito bem.

Mas o paciente estava profundamente abalado.

— A tortura foi algo que jamais poderei descrever exatamente — Patrick disse, depois de quase uma hora. Hayani foi quem conduziu a conversa para o assunto. Estava em todos os jornais desde a notícia do processo contra o FBI e, do ponto de vista médico, era uma oportunidade rara de examinar e tratar alguém tão selvagemente maltratado. Qualquer médico jovem gostaria de estar tão perto do centro da tempestade.

Hayani balançou a cabeça gravemente. Continue a falar, seus olhos pediam.

Nesse dia Patrick estava realmente disposto a falar.

— Dormir é impossível — ele disse. — Talvez uma hora no máximo, antes de começar a ouvir vozes, depois sentir o cheiro da minha carne queimando e então acordo molhado de suor. E isso não está melhorando. Estou aqui agora, em casa, a salvo, eu acho, mas eles ainda estão lá fora, ainda à minha espera. Não posso dormir. Não quero dormir, doutor.

— Posso receitar alguns comprimidos.

— Não. Pelo menos, não ainda. Tomei drogas demais.

— Seu sangue está ótimo. Alguns resíduos, mas nada importante.

— Nada de drogas, doutor. Não agora.

— Você precisa dormir, Patrick.

— Eu sei, mas não quero. Se dormir, sou torturado outra vez.

Hayani escreveu alguma coisa na papeleta que tinha na mão.

Seguiu-se um longo silêncio, os dois homens pensando no que iam dizerem seguida. Hayani achava difícil acreditar que aquele homem fosse capaz de matar alguém, especialmente de um modo tão brutal.

Apenas um estreito raio de sol entrando pela janela iluminava o quarto.

— Posso ser franco com você, doutor? — Patrick perguntou, em voz mais baixa.

— É claro.

— Preciso ficar aqui o maior tempo possível. Aqui, neste quarto. Dentro de alguns dias, eles vão começar a querer me levar para a cadeia de Harrison, onde só terei um beliche numa pequena cela com mais dois ou três malfeitores

comuns e de modo algum poderei sobreviver a isso.

— Mas por que eles querem fazer isso?

— Para pressionar, doutor. Eles têm de aumentar a pressão gradualmente até eu dizer o que eles querem. Eles me prendem numa cela com estupradores e traficantes, com a mensagem bem clara de que se eu não começar a falar é onde vou ficar pelo resto da vida. Prisão na Parchman, o pior lugar do mundo. Já esteve na Parchman, doutor?

— Não.

— Eu estive. Tive um cliente lá certa vez. É literalmente o inferno. E a prisão do condado não é muito melhor. Mas você pode me manter aqui, doutor. Tudo que tem a fazer é dizer ao juiz que preciso continuar sob seus cuidados e eu fico aqui. Por favor, doutor.

— É claro, Patrick — ele disse, e anotou mais alguma coisa na papeleta. Outra longa pausa. Patrick fechou os olhos e respirou rapidamente. Só a lembrança da prisão o deixava transtornado.

— Vou recomendar uma avaliação psíquica — Hayani disse e Patrick mordeu o lábio para conter o sorriso.

— Por quê? — perguntou, fingindo alarme.

— Porque estou curioso. Alguma objeção?

— Acho que não. Quando?

— Dentro de um ou dois dias.

— Não sei se posso fazer isso tão cedo.

— Não há pressa.

— Assim é melhor. Não devemos apressar coisa alguma por aqui, doutor.

— Sim, compreendo. É claro. Talvez na próxima semana.

— Talvez, ou na outra.



A mãe do rapaz era Neldene Crouch. Morava agora num campo de trailers, fora da cidade de Hattiesburg, mas na época do desaparecimento do filho os dois moravam num campo de trailers perto de Lucedale, uma pequena cidade a quarenta quilômetros de Leaf. De acordo com sua lembrança, o filho estava desaparecido desde domingo, 9 de fevereiro de 1992, exatamente no dia da morte de Patrick Lanigan na Rodovia 15.

Porém, segundo os registros do xerife Sweeney, Neldene Prewitt (seu nome de casada na época) telefonou pela primeira vez para seu escritório no dia 13 de

fevereiro de 1992, dizendo que o filho estava desaparecido. Ela estava telefonando para todos os xerifes da área, bem como para o FBI e a CIA. Estava muito perturbada e às vezes quase histérica.

O nome do filho era Pepper Scarboro — Scarboro era o sobrenome do seu primeiro marido, o suposto pai de Pepper, embora ela jamais afirmasse com certeza quem era o pai. Quanto ao primeiro nome do rapaz, ninguém lembrava exatamente de onde tinha sido tirado o apelido Pepper. Na maternidade, ela dera a ele o nome de LaVelle, um nome que ele sempre detestara. Ele acabara escolhendo Pepper quando era ainda pequeno e decididamente o adotara como seu nome legítimo. Qualquer coisa menos LaVelle.

Pepper Scarboro tinha dezessete anos quando desapareceu. Completou a quinta série e, depois de três tentativas, deixou a escola e foi ser frentista num posto de gasolina em Lucedale. Um garoto estranho, muito gago, Pepper descobriu cedo no começo da adolescência o prazer da vida ao ar livre. Sua maior satisfação era acampar e caçar durante dias, em geral sozinho.

Pepper tinha poucos amigos e a mãe vivia apontando constantemente seus defeitos. Neldene tinha dois filhos menores e vários amigos e morava com o resto da família num trailer sujo, sem ar-condicionado. Pepper preferia dormir numa barraca na floresta. Economizou e comprou uma espingarda e material de acampamento. Desse modo, Pepper passava o maior tempo possível na Floresta Nacional De Soto, a vinte minutos do campo de trailers, mas a centenas de quilômetros da mãe.

Não havia nenhuma prova de que Pepper e Patrick tivessem se encontrado alguma vez. Por coincidência, a cabana de madeira de Patrick ficava mais ou menos na vizinhança da floresta onde Pepper gostava de caçar. Patrick e Pepper eram homens brancos, mais ou menos da mesma altura, embora Patrick fosse bem mais gordo. Porém, o mais interessante era o fato de a espingarda e o material de acampamento de Pepper terem sido encontrados na cabana de Patrick no final de fevereiro de 1992.

Os dois desapareceram aproximadamente ao mesmo tempo, mais ou menos na mesma área. Nos meses que se seguiram ao duplo desaparecimento, Sweeney e Cutter concluíram que nenhuma das pessoas desaparecidas no Mississippi por volta de 9 de fevereiro continuou desaparecida por mais de dez semanas, a não ser Pepper. Algumas, a maioria adolescentes problemáticos, desapareceram em fevereiro de 1992, mas no fim da primavera, todas tinham sido encontradas. Em março, uma dona de casa de Corinth havia fugido de seu marido violento e nunca mais fora vista.

Ao verificar nos computadores do FBI em Washington, Cutter descobriu que a pessoa dada como desaparecida na data mais próxima à da morte de Patrick era

um caminhoneiro de Dothan, Alabama, a sete horas de distância do acidente. Ele simplesmente desaparecera no sábado, 8 de fevereiro, deixando para trás um casamento infeliz e uma porção de contas para pagar. Depois de investigar esse caso por três meses, Cutter tinha certeza de que não havia nenhuma ligação entre o caminhoneiro e Patrick.

Estatisticamente, havia fortes indícios de que o desaparecimento de Pepper estava relacionado ao de Patrick. Se, por acaso, Patrick não tivesse morrido no incêndio do Blazer, o morto era sem dúvida Pepper. Porém, era uma evidência por demais especulativa para ser admitida num tribunal. Patrick podia ter escolhido um caroneiro da Austrália, um andarilho de lugares desconhecidos, alguém numa estação de ônibus.

Tinham uma lista de oito outros nomes, desde um senhor idoso em Mobile, visto pela última vez saindo da cidade no seu carro, aparentemente desorientado, atravessando o Mississippi, até uma prostituta jovem de Houston que disse aos amigos que ia mudar para Atlanta para começar vida nova. Os oito estavam desaparecidos há meses, e até mesmo há anos antes de fevereiro de 1992. Cutter e o xerife desde então consideravam a lista sem nenhum valor.

Pepper continuava como a perspectiva mais lógica, mas eles simplesmente não tinham como provar.

Porém Neldene achava que podia e estava muito ansiosa para compartilhar sua opinião com a imprensa. Dois dias depois de Patrick ser apanhado, ela procurou um advogado, um rábula local que havia feito seu último divórcio por cem dólares, e pediu sua ajuda para chegar até a imprensa. Ele aceitou imediatamente a tarefa, disse que faria isso de graça, e depois fez o que todos os advogados medíocres fazem quando têm um cliente com uma história — convocou uma entrevista coletiva no seu escritório em Hattiesburg, cento e cinquenta quilômetros ao norte de Biloxi.

Exibiu a cliente chorosa para a mídia atacando com os maiores impropérios o xerife local de Biloxi, o FBI e seus fracos esforços para localizar Pepper. Deviam ter vergonha de arrastar o caso durante quatro anos, enquanto sua pobre cliente vivia com sofrimento e incerteza. Ele esbravejou e praguejou aproveitando ao máximo seus quinze minutos de fama. Insinuou processar Patrick Lanigan, o homem que evidentemente matou Pepper e queimou seu corpo para destruir a evidência e fugir com noventa milhões de dólares, mas foi muito vago quando chegou aos fatos específicos.

A imprensa, deixando de lado qualquer cautela que pudesse ter aprendido, se é que aprendeu alguma, simplesmente explorou a história. Publicaram fotos do jovem Pepper, um garoto com ar abobalhado, uma penugem clara em volta da boca e cabelo despenteado. Um rosto foi assim dado à vítima sem face e ele se

tornou humano. Aquele era o garoto assassinado por Patrick.



A história de Pepper fez sucesso na imprensa. Ele era chamado de a “suposta vítima”, com a palavra “suposta” invariavelmente dita em voz muito baixa. Patrick viu a reportagem, sozinho no quarto.

Logo depois do seu desaparecimento, Patrick ficara sabendo que estavam dizendo que Pepper Scarboro era o corpo no Blazer. Ele e Pepper tinham caçado juntos em janeiro de 1992 e comeram cozido de carne no fim de uma tarde ao lado da fogueira, na floresta. Patrick ficara surpreso ao saber que o garoto praticamente vivia na floresta, preferindo o ar livre à sua casa, da qual ele falou muito pouco. Seu conhecimento sobre acampamento e sobrevivência na floresta era extraordinário. Patrick ofereceu o uso da varanda da sua cabana no caso de chuva ou mau tempo, mas ao que sabia, o garoto nunca a tinha usado.

Eles se encontraram várias vezes na floresta. Pepper avistava a cabana de madeira do alto de uma colina, a dois quilômetros de distância, e quando o carro de Patrick estava na frente, ele se escondia por perto. Gostava de seguir Patrick nos seus longos passeios ou quando entrava na floresta para caçar. Pepper atirava pedras e bolotas de carvalho nele, até Patrick gritar reclamando. Então, sentavam para uma breve conversa. Conversar não era uma das coisas preferidas de Pepper, mas parecia gostar daquela quebra na sua solidão. Patrick levava sanduíches e doces para ele.

Não ficou surpreso com a afirmação, na época e agora, de que tinha matado o garoto.



O dr. Hayani assistiu ao noticiário da noite com grande interesse. Leu os jornais e tinha conversado bastante sobre seu famoso paciente com sua esposa de pouco tempo. Sentados na cama assistiram tudo outra vez no último noticiário.

O telefone tocou quando estavam apagando as luzes e se preparando para dormir. Era Patrick, pedindo mil desculpas, mas sentindo muita dor e assustado, precisando de alguém com quem falar. Uma vez que tecnicamente era prisioneiro, seus telefonemas se limitavam ao seu advogado e seu médico e apenas duas vezes por dia para cada um. Será que o médico teria um minuto?

É claro. Mais desculpas por telefonar tão tarde, mas o sono era impossível agora e ele estava profundamente perturbado com todas as notícias, especialmente a sugestão de ter assassinado aquele garoto. O médico tinha visto na TV?

Sim, é claro. Patrick estava no quarto, com as luzes apagadas, encolhido na cama. Graças a Deus aqueles policiais estavam no corredor porque ele estava com medo, tinha de admitir. Ouvia coisas, vozes e ruídos que não faziam sentido. As vozes não vinham do corredor, mas de dentro do quarto. Podia ser efeito das drogas?

Pode ser uma porção de coisas, Patrick. Os medicamentos, a fadiga, o trauma de tudo que passou, o choque físico e psicológico.

Eles conversaram durante uma hora.

DEZESSETE

Há três dias que ele não lavava a cabeça. Queria aquela aparência de cabelo oleoso e sujo. Também não fez a barba. Trocou a camisola de algodão do hospital pelo conjunto verde claro de cirurgião, muito amarrotado. Hayani prometeu arranjar outra roupa para ele. Mas nesse dia ele precisava da roupa amarrotada. Calçou meia branca no pé direito mas logo acima do tornozelo direito havia uma queimadura que ele queria que todos vissem. O pé esquerdo ficou sem meia. Nos pés apenas uma sandália preta de borracha.

Nesse dia ele ia ser exibido. O mundo esperava.

Sandy chegou às dez trazendo para ele óculos escuros baratos, seguindo as instruções do seu cliente. E um boné preto dos Saints de Nova Orleans.

— Obrigado — Patrick disse, na frente do espelho do banheiro, admirando os óculos escuros e ajeitando o boné.

O dr. Hayani chegou um pouco depois e Patrick os apresentou. Patrick, de repente, estava nervoso e sentindo a cabeça vazia. Sentou na beirada da cama, passando os dedos no cabelo e tentando respirar lentamente.

— Nunca pensei que este dia chegaria, sabem? — ele murmurou, olhando para o chão. — Nunca.

Seu médico e seu advogado entreolharam-se, sem dizer nada.

Hayani pediu um forte antidepressivo e Patrick tomou os dois comprimidos.

— Talvez eu consiga dormir durante a coisa toda — ele disse.

— Eu me encarrego de falar — Sandy disse. — Procure relaxar.

— Ele vai relaxar logo — disse Hayani.

Uma batida na porta e o xerife Sweeney entrou com um número de policiais suficiente para enfrentar uma revolta. Amenidades formais foram trocadas. Patrick pôs o boné dos Saints, os óculos grandes e muito escuros e estendeu os pulsos para as algemas.

— O que é isso? — perguntou Sandy, apontando para as duas argolas de ferro que o xerife tinha na mão.

— Correntes para os tornozelos — disse Sweeney.

— Fora de questão — Sandy disse, asperamente. — O homem tem queimaduras nos tornozelos.

— Isso mesmo — disse o dr. Hayani corajosamente, ansioso para entrar na briga. — Veja — insistiu, apontando para o tornozelo esquerdo de Patrick.

Sweeney pensou por um momento e essa hesitação o perdeu. Sandy atacou.

— Ora, vamos, xerife, quais são as possibilidades de ele escapar? Está

ferido, algemado, no meio de toda essa gente. Que diabo pensa que ele vai fazer? Escapar e correr? Vocês não são tão ineficientes, são?

— Se for preciso telefono para o juiz — disse o dr. Hayani, furioso.

— Bem, ele chegou aqui com correntes nos tornozelos — disse o xerife.

— Isso foi coisa do FBI, Raymond — Patrick disse. — E eram nas pernas, não nos tornozelos. Mesmo assim doíam como o diabo.

As correntes de tornozelo foram deixadas de lado, e Patrick foi conduzido para o corredor, onde homens com uniformes cinzentos ficaram em silêncio assim que ele apareceu. Eles o cercaram e o grupo caminhou lentamente para o elevador. Sandy ficou à esquerda, gentilmente segurando o cotovelo dele.

O elevador era pequeno demais para todo o séquito. Os que não puderam entrar correram escada abaixo e os encontra no saguão, onde se reorganizaram, passaram pela frente da recepcionista e pelas portas, para o ar quente do outono onde uma fileira de veículos lavados e polidos os esperava. Puseram Patrick num Suburban novo, preto e reluzente, com a insígnia do condado de Harrison pintada de um para-choque a outro, e saíram, acompanhados por um Suburban branco que levava seus protetores armados. O Suburban branco, por sua vez, foi seguido por três carros-patrulha recentemente lavados e polidos. Na frente, mais dois carros-patrulha, as mais recentes aquisições, conduziam o comboio que passou pelo posto de controle e entrou no mundo civil.

Através dos óculos escuros grossos e baratos, Patrick via tudo lá fora. Ruas pelas quais havia passado com seu carro milhões de vezes. As casas pareciam familiares. Entraram na Rodovia 90 e lá estava o Golfo, as águas calmas e marrons parecendo as mesmas desde que ele partiu. Lá estava a praia, uma faixa estreita de areia entre a estrada e a água, longe demais do hotel e dos condomínios, no outro lado da estrada.

A Costa tinha prosperado durante seu exílio, graças unicamente à chegada inesperada dos cassinos. Quando ele deixou a cidade, já se comentava a vinda dos cassinos, e agora ele estava passando pela frente deles, grandes como os de Las Vegas, brilhando com seus luminosos acesos. Os carros estavam chegando aos estacionamentos, às nove e meia da manhã!

— Quantos cassinos? — ele perguntou ao xerife, sentado à sua direita.

— Treze na última contagem. Com mais para vir.

— Incrível.

O antidepressivo era muito eficaz. Sua respiração ficou pesada e o corpo

relaxou. Patrick teve a impressão de ter cochilado por um momento quando entraram na rua principal e ele se viu ansioso outra vez. Só faltavam umas duas quadras agora. Mais alguns minutos e seu passado ia chegar rugindo para recebê-lo. Ao lado da prefeitura, para a esquerda, rápido agora, o Vieux Marche, e no meio da velha rua ladeada por lojas e armazéns, um belo prédio grande e branco do qual no passado ele possuía uma parte, como sócio de Bogan, Rapley, Vitrano, Havarac e Lanigan, Advogados e Consultores Jurídicos.

O prédio ainda estava de pé, mas a sociedade que havia nele desmoronava.

Na frente estava o prédio do tribunal do condado de Harrison, a apenas três quadras do seu escritório. Era um prédio simples, de tijolos, com dois andares e um pequeno gramado verde na frente, perto da rua Howard. O gramado estava cheio de gente. As ruas, cheias de carros. Pedestres caminhavam apressados nas calçadas, ao que parecia, todos indo para o tribunal. Os carros na frente afastavam para o lado dando passagem para Patrick e sua caravana.

A multidão na frente do tribunal se agitava numa onda frenética que se estendia para os dois lados do prédio, contida por barricadas da polícia na parte de trás, protegendo uma área circundada com cordões de isolamento. Patrick tinha visto vários assassinos famigerados conduzidos apressadamente para dentro e para fora da porta dos fundos do tribunal e sabia exatamente o que estava acontecendo. O desfile parou. Portas se abriram e uma dezena de policiais saiu, cercando o Suburban negro. A porta do carro se abriu, deslizando lentamente para um lado. Patrick finalmente apareceu, a roupa verde clara contrastando com os uniformes marrom-escuros que o rodeavam.

Um enorme grupo de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas se comprimia ansioso ao longo da barricada mais próxima. Outros, atrás deles, corriam para chegar a tempo. Patrick percebeu imediatamente a luz da câmera, abaixou a cabeça e curvou o corpo para a frente entre os policiais. Eles o conduziram rapidamente para a porta dos fundos, com uma barragem de perguntas idiotas voando no ar, acima da sua cabeça.

“Patrick, que tal estar em casa? ”

“Onde está o dinheiro, Patrick? ”

“Quem morreu no acidente de automóvel, Patrick? ”

Entraram e subiram a escada, uma breve jornada que ele muitas vezes havia feito, quando tinha pressa de alcançar um juiz para alguma assinatura. O cheiro de repente era familiar. Os degraus de cimento não eram pintados há quatro anos. Outra porta, um corredor curto com uma multidão de funcionários do tribunal numa extremidade, olhando boquiabertos para ele. Eles o levaram para a sala do júri, ao lado do tribunal e Patrick sentou numa poltrona ao lado de um bule de café.

Sandy pairava ansioso ao seu lado querendo saber se ele estava bem. O xerife Sweeney dispensou os policiais que se postaram no corredor aguardando o próximo deslocamento do acusado.

— Café? — Sandy perguntou.

— Por favor, puro.

— Você está bem, Patrick? — Sweeney perguntou.

— Estou, claro, Raymond, obrigado. — Sua voz parecia dócil e assustada. Não conseguia controlar o tremor nas mãos e nos joelhos. Ignorou o café e, apesar das algemas, ajustou os óculos escuros e puxou mais para baixo a aba do boné. Inclinou os ombros para a frente.

Bateram na porta e apareceu o rosto bonito de uma jovem chamada Belinda.

— O juiz quer ver você agora, Patrick — ela disse.

A voz era tão familiar que Patrick ergueu a cabeça, olhou para a porta e disse, suavemente:

— Olá, Belinda.

— Olá, Patrick. Seja bem-vindo.

Ele olhou para o outro lado. Ela era secretária no fórum e todos os advogados a paqueravam. Um doce. Uma voz doce. Teriam mesmo se passado quatro anos?

— Onde? — perguntou o xerife.

— Aqui — ela disse. — Dentro de poucos minutos.

— Você quer falar com o juiz, Patrick? — Sandy perguntou. Não era obrigatório. Em circunstâncias normais, seria extremamente fora do comum.

— Claro. — Patrick estava desesperado para ver Karl Huskey.

Belinda saiu e fechou a porta.

— Vou sair um pouco — Sweeney disse. — Preciso de um cigarro.

Finalmente Patrick estava sozinho com seu advogado. De repente, ele se animou.

— Preciso saber de algumas coisas. Alguma notícia de Leah Pires?

— Não — Sandy disse.

— Logo ela entrará em contato, portanto, esteja preparado. Escrevi uma longa carta que gostaria que você entregasse a ela.

— Tudo bem.

— Outra coisa. Existe um aparelho antigrampos chamado DX-130, fabricado pela LoKim, uma empresa coreana de aparelhos eletrônicos. Custa mais ou menos cem dólares, tem o tamanho aproximado de um ditafone portátil. Compre um e traga na próxima vez que me visitar. Limparemos o quarto e os telefones antes de cada conferência. Quero também que contrate uma empresa respeitável de segurança em Nova Orleans para verificar seu escritório duas vezes por

semana. É muito caro, mas eu pago. Alguma pergunta?

— Não.

Outra batida na porta e Patrick se encolheu outra vez. O juiz Karl Huskey entrou sozinho, sem a toga, em mangas de camisa e gravata, óculos de leitura no meio do nariz. O cabelo grisalho e as pequenas linhas em volta dos olhos o faziam parecer muito mais velho e mais experiente do que seus quarenta e oito anos, exatamente como ele queria.

Patrick ergueu os olhos e sorriu quando o juiz estendeu a mão para ele.

— É bom ver você, Patrick — ele disse com sinceridade, apertando a mão de Patrick, fazendo tilintar as algemas. Huskey queria se inclinar e abraçar Patrick, mas com a discrição exigida pelo cargo, limitou-se a um caloroso aperto de mãos.

— Como vai, Karl — Patrick disse, sem se levantar.

— Muito bem. E você?

— Já tive dias melhores, mas é bom ver você. Mesmo nestas circunstâncias.

— Obrigado. Não posso imaginar...

— Acho que estou diferente, certo?

— Sem dúvida. Se o visse na rua, acho que não o reconheceria.

Patrick apenas sorriu.

Como poucos outros que conservavam ainda alguma amizade por Patrick, Huskey sentia-se traído, mas mesmo assim era um alívio saber que seu amigo não estava morto. Estava profundamente preocupado com a acusação de homicídio doloso. O divórcio e os processos civis podiam ser resolvidos, mas não a acusação de homicídio.

Por causa da amizade dos dois, Huskey não ia presidir o julgamento. Ele pretendia tratar dos assuntos preliminares, depois se retirar do caso, muito antes de serem determinadas as decisões importantes. Todos sabiam da amizade dos dois.

— Suponho que vai se declarar inocente — ele disse.

— Sim, exatamente.

— Então vai ser uma audiência preliminar de rotina. Eu negarei a fiança, uma vez que se trata de homicídio doloso.

— Compreendo, Karl.

— Não levará mais de dez minutos.

— Já estive aqui antes. Apenas a cadeira será diferente.

Nos seus doze anos como juiz, Huskey muitas vezes se admirara com a capacidade que tinha de solidarizar-se com pessoas que haviam cometido crimes hediondos. Ele via o lado humano do seu sofrimento. Via a culpa que os devorava vivos. Mandara para a prisão centenas de pessoas que, se tivessem uma

chance, teriam saído do tribunal e jamais pecariam novamente. Ele queria ajudar, estender a mão, perdoar.

Mas este era Patrick. Naquele momento, o meritíssimo estava quase chorando. Seu amigo — algemado, com uma roupa de palhaço, os olhos escondidos atrás dos óculos escuros, o rosto alterado, nervoso e trêmulo, extremamente assustado. Huskey queria levá-lo para casa, servir uma boa refeição, deixá-lo descansar e ajudá-lo a pôr de novo sua vida em ordem.

Ajoelhou ao lado de Patrick e disse:

— Patrick, não posso presidir este caso por razões óbvias. No momento, tratarei das preliminares para garantir sua proteção. Ainda sou seu amigo. Não hesite em me chamar. — Bateu gentilmente no joelho dele, esperando não estar tocando numa ferida aberta.

— Obrigado, Karl- Patrick disse, mordendo o lábio.

Karl queria olhar nos olhos dele, mas era impossível com aqueles óculos. Levantou-se e caminhou para a porta.

— Hoje tudo será rotina, doutor — ele disse para Sandy.

— Tem muita gente lá fora? — Patrick perguntou.

— Sim, Patrick. Amigos e inimigos. Estão todos lá. — Em seguida deixou a sala.

A Costa tinha uma longa tradição recheada de crimes sensacionais e criminosos famigerados, portanto uma sala de tribunal cheia de curiosos não era raro. Mas ninguém se lembrava de ter visto tanta gente para uma simples *audiência preliminar*.

A imprensa chegou cedo e conseguiu bons lugares. Uma vez que o Mississippi era um dos poucos estados que tinha ainda o bom senso de proibir câmeras no tribunal, os repórteres eram obrigados a ver e ouvir, depois relatar o que tinham visto. Tinham de ser repórteres de verdade, uma tarefa para a qual a maioria deles não estava preparada.

Todo grande julgamento atraía o mesmo tipo de curiosos funcionários e secretárias dos escritórios do tribunal, paralegais entediados, policiais aposentados, advogados locais que ficavam a maior parte do dia, tomando café nos escritórios, fofocando, examinando escrituras de imóveis, esperando o juiz assinar uma petição, fazendo qualquer coisa para ficar longe do próprio escritório — e Patrick atraiu todos esses e muitos outros.

Um grande número de advogados estava ali só para ver Patrick. Os jornais há dias publicavam histórias sobre ele, mas ninguém tinha visto uma foto recente. A história da tortura aumentou a curiosidade.

Charles Bogan e Doug Vitrano estavam juntos no meio da alcateia, o mais próximo possível da frente. Os malditos repórteres chegaram antes deles. Os

dois queriam poder estar na primeira fila, perto da mesa onde ficava o acusado. Queriam vê-lo, olhar nos olhos dele, murmurar ameaças e vulgaridades se fosse possível, descarregar tanta bile quanto permitia aquele ambiente civilizado. Mas estavam na quinta fila, esperando pacientemente pelo momento que eles pensavam que jamais chegaria.

O terceiro sócio, Jimmy Havarac, encostado na parede, no fundo da sala, conversava em voz baixa com um policial. Ignorava os olhares curiosos dos conhecidos, muitos deles advogados que secretamente se deliciaram com o desaparecimento do dinheiro e a quase falência da firma. Afinal, seria o mais alto honorário da história do estado, recebido por uma firma de advocacia. A inveja era a tendência natural. Ele os odiava, como odiava praticamente todos que estavam na sala do tribunal. Um bando de abutres esperando a carcaça.

Havarac, filho de um pescador de camarões, era ainda forte e um tanto primitivo, muito capaz de se envolver numa briga de bar. Cinco minutos sozinho com Patrick numa sala trancada e ele teria o dinheiro.

O quarto sócio, Ethan Rapley, estava em casa, no sótão, como de hábito, redigindo uma insípida moção. No dia seguinte saberia tudo pelos jornais.

Um pequeno grupo de advogados, velhos amigos, estava ali para dar força a Patrick. Uma fuga desse tipo era o sonho comum, geralmente não revelado, de muitos advogados de cidades pequenas, presos na rede de uma profissão tediosa e competitiva onde as expectativas eram altas demais. Pelo menos Patrick teve a coragem de procurar realizar seu sonho. Havia uma explicação para o corpo no carro, tinham certeza disso.

Atrasado e empurrado para um canto, lá estava Lance. Ele tinha andado no fundo da sala, com alguns repórteres, avaliando as medidas de segurança. Eram impressionantes, pelo menos por enquanto. Mas será que os policiais seriam capazes de manter aquela unidade todos os dias, durante um longo julgamento? Essa era a questão.

Havia muitos conhecidos superficiais que agora se diziam seus amigos íntimos. Alguns, na verdade, jamais tinham falado com Patrick, mas isso não os impedia de comentar sobre Patrick isto e Patrick aquilo. Assim também, Trudy, de repente, adquirira novos amigos que estavam ali para olhar severamente para o homem que havia partido seu coração e abandonado a preciosa pequena Ashley Nicole.

Eles liam livros de bolso, jornais e tentavam parecer entediados, como se não quisessem estar ali. Começou um movimento entre policiais, funcionários e meirinhos perto da cadeira do juiz e a sala ficou em silêncio. Os jornais foram abaixados em uníssono.

A porta ao lado da cadeira do juiz abriu e uniformes marrons entraram na

sala. O xerife Sweeney entrou, segurando o cotovelo de Patrick, depois mais dois policiais, e Sandy por último.

Lá estava ele! Os pescoços esticaram e as cabeças balançaram. Os artistas do tribunal começaram a trabalhar.

Patrick andou devagar até a mesa da defesa, a cabeça baixa, mas os olhos, atrás dos óculos, examinando os espectadores. Viu de relance Havarac no fundo da sala, o rosto carrancudo e expressivo. E quando sentou, avistou o padre Phillip, seu padre, parecendo muito mais velho, mas amável como sempre.

Patrick ficara sentado com os ombros inclinados para a frente, queixo quase tocando o peito, sem nenhum orgulho. Não olhou em volta porque sentia os olhares de todas as direções.

Sandy passou o braço pelos ombros dele e murmurou alguma coisa sem importância.

A porta abriu outra vez e T. L. Parrish, o promotor, entrou sozinho e dirigiu-se para a mesa ao lado da de Patrick. Parrish era do tipo intelectual discreto. Não pretendia nenhum posto mais alto. Seu trabalho no tribunal era metódico, nem um pouco bombástico e letal. Parrish era o segundo promotor que detinha o maior número de condenações no estado. Sentou-se ao lado do xerife, que saíra da mesa de Patrick e fora para onde devia estar. Atrás deles estavam os agentes Joshua Cutter, Brent Myers e dois outros homens do FBI cujos nomes Parrish nem sabia.

O palco estava armado para um julgamento espetacular que só começaria dentro de seis meses. Um meirinho pediu ordem, mandou que todos se levantassem quando o juiz Huskey entrou e assumiu seu lugar na tribuna.

— Por favor, sentem-se. — Foram suas primeiras palavras e todos obedeceram.

— A corte se reúne para o *Estado versus Patrick S. Lanigan*, processo número 96-1140. O réu está presente?

— Sim, meritíssimo — Sandy disse, erguendo-se da cadeira.

— Sr. Lanigan, poderia se levantar? — pediu Huskey.

Patrick, ainda algemado, vagarosamente empurrou a cadeira para trás e ficou de pé, com o corpo, a cabeça e os ombros inclinados para a frente. E não estava representando. O antidepressivo tinha amortecido várias partes do seu corpo, incluindo seu cérebro.

Patrick enrijeceu um pouco os músculos.

— Sr. Lanigan. Tenho aqui uma cópia de um indiciamento do grande júri do condado de Harrison contra o senhor no qual é alegado que matou um desconhecido, um ser humano, e por isso deve ser acusado de homicídio doloso. O senhor leu este indiciamento?

— Sim, senhor- ele respondeu, erguendo o queixo, a voz tão forte quanto era possível.

— Examinou a acusação formal com seu advogado?

— Sim, senhor.

— Como deseja se declarar?

— Inocente.

— Sua declaração de inocente é aceita. Pode sentar.

Huskey examinou alguns papéis e continuou:

— Esta corte, por moção própria, impõe a ordem de silêncio ao acusado, aos advogados, à polícia e às autoridades que investigam o caso e a todas as testemunhas e funcionários desta corte, que entra em vigor agora e assim permanecerá até o fim do julgamento. Tenho cópias desta ordem para todos. Qualquer violação resultará em desacato à corte e serei rigoroso com os que a desobedecerem. Nenhuma palavra a repórteres ou jornalistas sem minha aprovação. Alguma pergunta dos advogados?

Seu tom dizia claramente que ele não só falava sério, como também teria grande prazer em punir os que violassem a ordem. Os advogados não disseram nada.

— Muito bem. Preparei um esquema para escolha de jurados, moções, prejulgamento e julgamento. Pode ser encontrado no fórum. Mais alguma coisa?

Parrish ficou de pé e disse:

— Apenas uma pequena questão, meritíssimo. Gostaríamos de levar o acusado para a nossa casa de detenção logo que for possível. Como o senhor sabe, ele está agora no hospital da base e, bem, nós...

— Eu falei com o médico, dr. Parrish. O acusado está em tratamento. Posso assegurar que logo que o médico der alta, nós o transferiremos para a cadeia do condado de Harrison.

— Obrigado, meritíssimo.

— Se não há nada mais, esta corte entra em recesso.

Patrick foi retirado rapidamente da sala, desceu a escada do fundo, entrou no Suburban negro, enquanto as câmeras clicavam e giravam. Patrick cochilou na viagem de volta ao hospital.

DEZOITO

Os únicos crimes possivelmente cometidos por Stephano eram de sequestro de Patrick e agressão, e era pouco provável que fosse condenado por isso. Aconteceu na América do Sul, muito longe dada jurisdição dos Estados Unidos. A agressão foi cometida por outros, incluindo alguns brasileiros. O advogado de Stephano tinha certeza de que podiam vencer se chegassem ao tribunal.

Mas havia clientes envolvidos e uma reputação a ser protegida. O advogado conhecia muito bem a habilidade do FBI para pressionar, sem na realidade fazer uma acusação formal. Aconselhou Stephano a aceitar um acordo — concordar em contar tudo em troca da promessa do governo de garantir imunidade para ele e para seus clientes. Uma vez que não havia nenhum outro crime, que mal havia nisso?

O advogado insistiu em estar presente na tomada do depoimento de Stephano. As sessões deviam se estender por muitas horas durante vários dias, mas o advogado queria estar lá. Jaynes quis que o depoimento fosse tomado no edifício Hoover, por seus homens. Café e doces foram servidos. Duas câmeras de vídeo focalizavam a ponta da mesa onde Stephano estava sentado calmamente, em mangas de camisa, com o advogado ao lado.

— Quer dizer seu nome? — disse Underhill, o primeiro dos interrogadores que tinham memorizado o dossiê de Lanigan.

— Jonathan Edmund Stephano. Jack.

— O nome de sua firma?

— Edmund e Associados.

— O que faz sua firma?

- Muitas coisas. Consultoria de segurança. Vigilância. Pesquisa pessoal. Localização de pessoas desaparecidas.

— Quem é o dono da empresa?

— Eu. De toda ela.

— Quantos funcionários tem?

— Varia. No momento, onze em horário integral. Trinta mais ou menos, de meio expediente ou freelancers.

— Foi contratado para encontrar Patrick Lanigan?

— Fui.

— Quando?

— Vinte e oito de março de 1992. — Stephano tinha arquivos com uma profusão de anotações, mas não precisava deles.

— Quem o contratou?

— Benny Aricia, o dono do dinheiro roubado.

— Quanto você cobrou?

— Inicialmente duzentos mil.

— Quanto ele pagou a você até hoje?

— Um milhão e novecentos mil.

— O que você fez depois de ser contratado por Benny Aricia?

— Várias coisas. Imediatamente voei para Nassau, nas Bahamas, para verificar com o banco de onde o dinheiro foi roubado. É uma agência do United Bank of Wales. Meu cliente, o sr. Aricia, e sua antiga firma de advocacia tinham aberto uma conta nesse banco para receber o dinheiro e, como sabemos, mais alguém estava esperando também.

— O sr. Aricia é cidadão americano?

— Sim, é.

— Por que abriu uma conta no estrangeiro?

— Eram noventa milhões de dólares, sessenta para ele, trinta para os advogados, e ninguém queria que aparecesse num banco em Biloxi. O sr. Aricia morava em Biloxi na ocasião e todos concordaram que não seria uma boa ideia alguém de Biloxi saber do dinheiro.

— O sr. Aricia estava tentando evitar o imposto de renda?

— Eu não sei. Terão de perguntar a ele. Não era da minha conta.

— Com quem falou no United Bank of Wales?

O advogado bufou sua desaprovação mas ficou calado.

— Graham Dunlap, um inglês. Uma espécie de vice-presidente do banco.

— O que ele disse?

— A mesma coisa que disse para o FBI. Que o dinheiro tinha desaparecido.

— De onde tinha sido enviado o dinheiro?

— Daqui de Washington. A transferência começou às nove e meia da manhã de 26 de março de 1992, partindo do D. C. National Bank. Era uma remessa prioritária, ou seja, levaria menos de uma hora para chegar a Nassau. Às dez e quinze, a ordem de transferência chegou ao United Bank, onde ficou por nove minutos antes de ser transferida para um banco em Malta. De lá, foi para o Panamá.

— Como foi feita a transferência da conta?

A pergunta irritou o advogado.

— Isso é perda de tempo — ele reclamou. — Vocês têm essas informações há quatro anos. Passaram mais tempo nos bancos do que o meu cliente.

Underhill não se abalou.

— Temos direito de fazer essas perguntas. Estamos simplesmente

verificando o que sabemos. Como o dinheiro foi transferido da conta, sr. Stephano?

— Sem conhecimento do meu cliente e dos seus advogados, alguém, o sr. Lanigan, supomos, conseguiu acesso à nova conta no estrangeiro e preparou com antecedência as instruções da transferência para Malta, antes de o dinheiro chegar. Ele preparou instruções falsas dos advogados do meu cliente, na sua ex-firma, e desviou o dinheiro nove minutos depois de ter chegado ao banco. Eles, é claro, pensavam que ele estivesse morto e não tinham motivo para suspeitar que alguém estava atrás do dinheiro. O acordo que originou os noventa milhões foi extremamente sigiloso, e ninguém, exceto meu cliente, seus advogados e algumas pessoas do Departamento de Justiça sabiam exatamente quando ou para onde o dinheiro seria transferido.

— Ao que sabemos, alguém já estava no banco quando o dinheiro chegou.

— Sim. Temos quase certeza de que era Patrick Lanigan. Na manhã em que o dinheiro foi transferido, ele se apresentou a Graham Dunlap como sendo Doug Vitrano, um dos sócios da firma de advocacia. Tinha identificação perfeita — passaporte, carteira de motorista etc. estava bem vestido e sabia tudo sobre o dinheiro que devia chegar de Washington. Tinha um documento autenticado dos sócios autorizando-o a receber o dinheiro em nome da firma e depois transferir para um banco em Malta.

— Eu sei que vocês têm cópias desse documento e das autorizações para a transferência — disse o advogado.

— Sim, temos — disse Underhill, folheando suas anotações, sem dar atenção ao advogado. O FBI havia rastreado o dinheiro até Malta e dali para o Panamá, onde a pista desapareceu. Tinham uma foto muito escura tirada pela câmera de segurança do banco, do homem que se apresentou como Doug Vitrano. O FBI e os sócios da firma estavam certos de que era Patrick, embora maravilhosamente disfarçado. Estava muito mais magro, o cabelo curto e muito escuro, bigode escuro e óculos com aro de tartaruga. Fora de avião até a ilha, ele explicou para Graham Dunlap, a fim de monitorar a chegada e a transferência do dinheiro, porque a firma e o cliente estavam muito preocupados com a transação. Certamente não era uma medida incomum para Dunlap e ele imediatamente colocou-se à disposição do suposto Vitrano. Uma semana depois Dunlap foi demitido e voltou para Londres.

— Então fomos para Biloxi, onde passamos um mês procurando pistas — Stephano continuou.

— E descobriu os grampos nos escritórios da firma de advocacia?

— Exatamente. Por razões óbvias, imediatamente suspeitamos do sr. Lanigan e nossa tarefa era agora dupla. Primeiro encontrá-lo e ao dinheiro, e depois

determinar como ele havia realizado o roubo. Os outros sócios nos garantiram acesso aos seus escritórios durante uma semana e nossos técnicos examinaram cada centímetro. Como vocês devem saber, estavam infestados. Encontramos escutas em todos os telefones, em todos os escritórios, debaixo de cada mesa, nos corredores, até no banheiro dos homens, no primeiro andar. Em toda a parte, sem exceção. O escritório de Charles Bogan estava completamente limpo. Ele tinha sempre o cuidado de mantê-lo trancado à chave. Os aparelhos de escuta eram da mais alta qualidade, vinte e dois ao todo. Os sinais eram coletados numa central instalada numa caixa de arquivos antigos, no sótão, um lugar que há anos não era tocado.

Underhill escutava mas não ouvia. Afinal, tudo estava sendo gravado em vídeo, e seus superiores podiam estudar mais tarde. Ele conhecia muito bem essas preliminares. Apanhou um resumo técnico com quatro parágrafos muito densos, uma análise do esquema de escuta instalado por Patrick. Os microfones eram de última geração — minúsculos, potentes, caros e fabricados por uma empresa conceituada da Malásia. A compra e posse desses aparelhos era ilegal nos Estados Unidos, mas eles podiam ser adquiridos com relativa facilidade em qualquer cidade da Europa. Patrick e Trudy tinham passado o Ano-novo em Roma, poucas semanas antes da morte dele.

A central encontrada no sótão impressionou até os técnicos do FBI. Tinha menos de três meses de fabricação quando Stephano a encontrou e o FBI admitiu com relutância que era superior a tudo que eles conheciam. Fabricada na Hungria, podia receber sinais dos vinte e dois microfones escondidos nos escritórios, separar a gravação de cada um e transmitir, um de cada vez ou todos ao mesmo tempo, para uma antena parabólica próxima.

— Determinaram para onde estavam sendo enviados os sinais? — perguntou Underhill. Era uma pergunta justa porque o FBI certamente não sabia.

— Não. O alcance é de 4. 800 metros, em todas as direções, portanto seria impossível dizer.

— Alguma ideia?

— Sim, muito boa. Duvido que Lanigan fosse bastante tolo para instalar uma parabólica num raio menor de 4. 800 metros do centro da cidade de Biloxi. Teria de alugar o espaço, esconder a antena, passar grande parte do tempo monitorando as conversas. Lanigan já tinha demonstrado que era muito metódico. Sempre suspeitei que ele usou um barco. Seria mais simples e mais seguro. O escritório fica a seiscentos metros da praia. Há muitos barcos no Golfo. É possível ancorar a duas milhas da costa e nunca ter de falar com pessoa alguma.

— Lanigan tinha um barco?

— Não encontramos nenhum.

— Alguma prova de que usou um barco?

— Talvez. — Stephano fez uma pausa porque estava entrando em território desconhecido do FBI.

A pausa irritou Underhill.

— Isto não é um interrogatório formal, sr. Stephano.

— Eu sei. Falamos com todos os donos de barcos para alugar, na Costa, de Destin até Nova Orleans, e só encontramos um possível suspeito. Uma pequena empresa em Orange Beach, Alabama, que alugou um veleiro de trinta e dois pés para um homem, no dia 11 de fevereiro de 1992, o dia em que Lanigan foi enterrado. O aluguel era de mil dólares por mês. O homem ofereceu o dobro para que a transação fosse feita em dinheiro vivo, sem nenhum comprovante. Eles acharam que ele fosse traficante e não aceitaram a transação. O homem então ofereceu um depósito de cinco mil dólares, mais dois mil por mês, por dois meses. Os negócios andavam parados. O barco tinha seguro contra roubo. Eles arriscaram.

Underhill ouviu impassível. Sem tomar notas.

— Mostrou alguma foto a eles?

— Mostramos. Disseram que podia ser Patrick. Mas sem barba, o cabelo mais escuro, boné de beisebol, óculos, gordo. Isso foi antes de ele descobrir o método de emagrecer rapidamente. Seja como for, o cara não conseguiu fazer uma identificação positiva.

— Que nome ele usou?

— Randy Austin. Tinha carteira de motorista da Geórgia. E recusou-se a apresentar qualquer outra identificação. Estava oferecendo dinheiro vivo, cinco mil. O homem teria vendido o barco a ele por vinte.

— O que aconteceu com o barco?

— Foi devolvido finalmente. O homem disse que ficou mais desconfiado ainda porque Randy não parecia saber muito sobre veleiros. Fez perguntas, tentando obter informações. Randy disse que estava indo para o sul, saíra de um casamento malsucedido em Atlanta e estava cansado da competição nos negócios, do excesso de dinheiro, da rotina. Costumava velejar muito no passado, e agora queria navegar calmamente até as Keys e colocar suas habilidades em prática. Disse que pretendia não entrar em mar aberto. Uma boa história, e o dono do barco ficou mais calmo, mas ainda desconfiado. No dia seguinte, Randy apareceu do nada, nenhum carro, nenhum táxi, como se tivesse caminhado ou pedido carona até a marina e, depois de uma porção de preliminares, saiu com o barco. O veleiro tinha um bom motor a óleo diesel e podia navegar a oito nós, independente do vento. Ele desapareceu no leste e o

dono não tinha nada mais para fazer, por isso seguiu a costa, de carro, parou em alguns bares no caminho, sempre de olho em Randy, que estava a trezentos e setenta metros da costa, navegando muito bem. Ele ancorou numa marina em Perdido Bay e saiu num Taurus alugado, com placa de Alabama. Isso se repetiu por uns dois dias. O dono do barco continuou a vigiar. Randy primeiro chegou só a uma milha da costa, depois se aventurou para mais longe. No terceiro ou quarto dia, Randy seguiu para oeste, na direção de Mobile e Biloxi e desapareceu por três dias.

— Voltou então, depois saiu e seguiu outra vez para oeste. Nunca para leste ou sul, na direção das Keys. O homem deixou de se preocupar com o barco porque Randy ficava por perto. Ele saía durante uma semana mais ou menos e sempre voltava.

— E você acha que era Patrick?

— Acho. Estou convencido de que era. Para mim faz sentido. Ele estava isolado no barco. Podia passar dias sem falar com ninguém. Podia colher informação de centenas de pontos diferentes ao longo da costa Biloxi-Gulfport. Além disso, o barco era um lugar perfeito para uma dieta de fome.

— O que aconteceu com o barco?

— Randy o deixou no cais e simplesmente desapareceu. O dono recuperou o barco mais os cinco mil.

— Vocês examinaram o barco?

— Com um microscópio. O homem disse que nunca estivera tão limpo.

— Quando ele desapareceu?

— O homem não tinha certeza porque tinha deixado de vigiar o barco diariamente. Ele o encontrou no cais no dia 30 de março, quatro dias depois do roubo do dinheiro. Falamos com um garoto que estava de serviço no cais e, segundo ele, Randy atracou no dia 24 ou 25 de março e nunca mais foi visto. Portanto, as datas encaixam perfeitamente.

— O que aconteceu com o carro alugado?

— Nós o localizamos mais tarde. Foi alugado no balcão da Avis, no Aeroporto Regional de Mobile na segunda-feira de manhã, 10 de fevereiro, mais ou menos dez horas depois de terem debelado o fogo no automóvel do acidente. Alugado por um homem sem barba, cabelo curto e escuro, óculos com aro de tartaruga, paletó e gravata, dizendo que acabava de desembarcar de um voo doméstico de Atlanta. Mostramos lotos para a funcionária que o atendeu e ela fez uma identificação muito vaga de Patrick Lanigan. Evidentemente ele usou a mesma carteira de motorista da Geórgia. Usou um cartão Visa falso, com o nome de Randy Austin e um número roubado de uma conta legítima em Decatur, Geórgia. Disse que trabalhava por conta própria no ramo de imóveis e estava

procurando um local para construir um cassino. Assim, não foi registrado nenhum nome de empresa no formulário. Ele queria o carro por uma semana. A Avis nunca mais o viu. Só foi ver o carro depois de quatorze meses.

— Por que acha que ele não devolveu o carro? — Underhill perguntou, pensativo.

— Simples. Quando ele o alugou, a morte de Patrick acabara de acontecer e não fora ainda publicada. Mas no dia seguinte, seu rosto estava na primeira página dos jornais de Biloxi e de Mobile. Provavelmente achou que era muito arriscado devolver o carro. Mais tarde eles o encontraram em Montgomery, acidentado e roubado.

— Para onde Patrick foi?

— Meu palpite é que deixou a área de Orange Beach em 24 ou 25 de março. Assumiu a identidade de Doug Vitrano, seu antigo sócio. Soubemos depois que no dia 25 ele voou de Montgomery para Atlanta, depois para Miami, na primeira classe, e em seguida para Nassau. Todas as passagens estavam em nome de Doug Vitrano e ele usou o passaporte para sair de Miami e para entrar nas Bahamas. O voo chegou em Nassau às oito e meia da manhã do dia 26 e às nove ele estava no banco, quando as portas se abriram. Apresentou o passaporte e os outros papéis para Graham Dunlap. Desviou o dinheiro, disse adeus, apanhou o avião para Nova York e desceu em La Guardia às 2:30 da tarde. A essa altura, ele se desfez dos documentos de Vitrano e apanhou outros. Nós o perdemos.



Quando os lances chegaram a cinquenta mil dólares, Trudy disse sim. O programa se chamava “Inside Journal”, um noticiário sensacionalista com sólido índice de audiência e, aparentemente, muito dinheiro. Eles instalaram as luzes, cobriram as janelas e ligaram fios por toda a sala. A “jornalista” era Nancy de Ângelo, vinda de avião diretamente de Los Angeles com seu bando de cabeleireiros e maquiadores.

Para não ficar atrás, Trudy passou duas horas na frente do espelho e quando apareceu estava simplesmente gloriosa. Nancy disse que ela parecia bem demais. Devia parecer magoada, ferida, desanimada, abandonada e pressionada pela justiça, zangada com o que o marido havia feito com ela e com a filha. Ela começou a chorar e Lance teve de consolá-la durante uma hora. Quando voltou, Trudy estava quase tão bonita quanto antes, com jeans e uma camisa de algodão.

Ashley Nicole foi usada como peça do cenário. Sentou-se perto da mãe no sofá.

— Agora, procure parecer triste — Nancy disse, enquanto os técnicos verificavam as luzes. — Precisamos de lágrimas ela disse para Trudy. — Lágrimas genuínas.

Conversaram durante uma hora sobre todas as coisas horríveis que Patrick estava fazendo para elas. Trudy chorou ao se lembrar do enterro. Tinham uma foto do tênis encontrado no local do acidente. Ela sofreu por meses e anos. Não, não estava casada de novo. Não, não tivera notícias do marido desde que ele voltara. Não tinha certeza de que queria vê-lo. Não, ele não procurou ver a filha, e ela começou a chorar outra vez.

Ela detestava a ideia do divórcio, mas o que podia fazer? E o processo, horrível! Essa asquerosa companhia de seguros atrás dela como se fosse um animal.

Patrick era uma pessoa horrível. Se encontrassem o dinheiro, ela esperava receber alguma parte dele? É claro que não! Trudy ficou chocada com a pergunta.

A reportagem durou vinte minutos e Patrick a assistiu no seu quarto escuro de hospital. Ele sorriu.

DEZENOVE

A secretária de Sandy recortava do jornal de Nova Orleans a foto dele e a reportagem sobre seu comparecimento no tribunal no dia anterior quando o telefone tocou. Ela o localizou imediatamente e o colocou na linha.

Leah Pires estava de volta. Ela disse olá e perguntou se ele havia verificado os telefones do seu escritório. Sandy disse que o fizera, na véspera. Ela estava numa suíte, num hotel na rua do Canal, a poucas quadras do escritório, e sugeriu que se encontrassem lá. Uma sugestão de Leah tinha mais força do que o pedido de um juiz federal. Tudo bem, Sandy ficou excitado só de ouvir a voz dela no telefone.

Ela não tinha pressa, por isso Sandy desceu lentamente pela Poydras, pela Magazine, até chegar à rua do Canal. Recusou-se terminantemente a olhar para trás. A paranoia de Patrick era compreensível — o pobre homem vivera fugindo durante quatro anos até ser alcançado pelos fantasmas. Mas ninguém ia convencer Sandy de que as mesmas pessoas podiam segui-lo. Ele era um advogado de um caso famoso. Os bandidos não seriam loucos para grampear seus telefones e seguir seus passos. Um movimento errado podia causar graves danos ao caso de Patrick.

Mas tinha entrado em contato com uma empresa local de segurança e marcara uma hora para livrar seus escritórios de possíveis microfones. Era a vontade do seu cliente, não a dele.

Leah o cumprimentou com um firme aperto de mãos e um rápido sorriso, mas ele notou imediatamente toda a sua preocupação. Ela estava descalça, com calça jeans e uma camiseta de algodão, muito casual, provavelmente como a maioria dos brasileiros, ele pensou. Sandy nunca havia estado naquele hotel. A porta do closet estava aberta. Ele viu pouca roupa lá dentro. Ela estava se movimentando rapidamente, apenas com uma mala, provavelmente fugindo, exatamente como Patrick até a última semana. Leah serviu café para os dois e o convidou a sentar-se a uma mesa.

— Como ele está? — ela perguntou.

— Está se recuperando. O médico diz que está bem.

— Qual foi a gravidade da tortura? — ela perguntou em voz baixa. Sandy adorou o leve sotaque.

— Não foi fácil. — Tirou alguns papéis da pasta e entregou a ela. — Veja.

Ela franziu a testa quando viu a primeira foto, depois murmurou alguma coisa em português. Seus olhos se encheram de lágrimas quando viu a segunda.

— Pobre Patrick — ela disse a si mesma. — Pobre querido.

Ela examinou lentamente as fotos, enxugando as lágrimas com as costas da mão até Sandy ter a boa ideia de apanhar um lenço de papel. Leah não se acanhava de chorar vendo as fotos, e quando terminou, ela as arrumou numa pilha e guardou na pasta de papelão outra vez.

— Eu sinto muito — disse Sandy. Não podia pensar em mais nada. — Aqui está uma carta de Patrick — ele disse, finalmente.

Ela parou de chorar e serviu mais café.

— Alguns dos ferimentos são permanentes? — perguntou.

— O médico acha que provavelmente não. Terá cicatrizes, mas com o tempo tudo estará curado.

— Mentalmente, como ele está?

— Está bem. Está dormindo cada vez menos. Tem pesadelos constantemente, de dia e de noite. Mas com o tratamento começa a melhorar. Francamente, nem imagino o que ele deve estar passando. — Tomou um pouco de café e disse: Acho que tem sorte por estar vivo.

— Ele sempre disse que eles não o matariam.

Sandy queria perguntar muita coisa. O advogado que havia nele ansiava por uma bateria de perguntas. Patrick sabia que eles tinham chegado muito perto dele? Sabia que a caçada estava para terminar? Onde ela estava quando eles fecharam o cerco? Ela vivia com ele? Como tinham escondido o dinheiro? Onde estava o dinheiro agora? Está seguro? Por favor, diga alguma coisa. Sou o advogado dele, pode confiar em mim.

— Vamos falar sobre o divórcio — ela disse, mudando de assunto bruscamente. Podia sentir a curiosidade dele. Levantou, foi até uma gaveta, tirou uma pasta grossa e a pôs na mesa, na frente dele. — Você viu Trudy na TV ontem à noite? — ela perguntou.

— Sim. Patético, não achou?

— Ela é muito bonita — Leah disse.

— Sim, é. Infelizmente acredito que Patrick cometeu o erro de casar com ela por sua beleza.

— Não seria o primeiro.

— Não, não seria.

— Patrick a desprezava. Ela não é uma boa pessoa e foi infiel a ele durante todo o tempo em que estiveram casados.

— Infiel?

— Sim. Está tudo nesse dossiê. No último ano em que ficaram juntos, Patrick contratou um investigador para vigiá-la. O amante era um homem chamado Lance Maxa, e eles se encontravam o tempo todo. Há até algumas

fotos de Lance entrando na casa de Patrick, e saindo, quando ele não estava. Há fotos de Lance e Trudy tomando banho de sol na beira da piscina de Patrick, nus, é claro.

Sandy apanhou a pasta e folheou rapidamente até encontrar as fotos. Nus como recém-nascidos. Ele sorriu satisfeito.

— Estas fotos serão úteis no processo de divórcio.

— Patrick quer o divórcio, compreende? Ele não vai contestar. Mas precisamos calar Trudy. Ela está se divertindo dizendo todas aquelas coisas horríveis sobre Patrick.

— Isto deve fazê-la calar a boca. E a filha?

Leah sentou e olhou para ele.

— Patrick ama Ashley Nicole, mas há um problema. Ele não é o pai.

Sandy deu de ombros como se estivesse acostumado a ouvir isso todos os dias.

— Quem é?

— Patrick não sabe. Talvez Lance. Ao que parece Trudy e Lance estão juntos há muito tempo. Desde os tempos de colégio.

— Como ele sabe que não é o pai?

— Quando a menina tinha um ano e dois meses, Patrick conseguiu uma pequena amostra de sangue do dedo dela. Mandou examinar, junto com uma amostra do seu sangue num laboratório que faz testes de DNA. Sua suspeita estava certa. Definitivamente ele não é o pai. O resultado está no dossiê.

Sandy levantou e começou a andar de um lado para o outro para pensar melhor. Parou na janela, olhando o tráfego na rua do Canal. Outra peça no quebra-cabeça de Patrick acabava de ser encaixada. A pergunta do momento era: Por quanto tempo Patrick havia planejado abandonar a vida que levava? Mulher infiel, filha que não era sua, acidente horrível, sem cadáver, roubo sofisticado, pegar o dinheiro e fugir. Tudo tinha funcionado com perfeição, até agora, é claro.

— Então, por que contestar o divórcio? — ele perguntou, olhando para a rua. — Se ele não quer a filha, por que revelar toda a sujeira?

Sandy sabia a resposta, mas queria que ela explicasse. Fazendo isso, Leah talvez o fizesse entrever pelo menos uma parte do plano de mestre.

— Você leva a roupa suja só para o advogado dela — ela disse. — Mostra a ele o dossiê, todo ele. A essa altura, eles vão ficar ansiosos para um acordo.

— Um acordo. Quer dizer, dinheiro?

— Correto.

— Que tipo de acordo?

— Ela não recebe coisa alguma.

— O que há para receber?

— Depende. Pode ser uma pequena fortuna ou uma grande fortuna.

Sandy olhou intrigado para ela.

— Não posso negociar um acordo de bens sem saber o que o meu cliente possui. Em algum momento, vocês terão de me dar uma pista.

— Tenha paciência — ela disse, sem perder a calma. — Com o tempo, vai saber mais.

— Patrick acredita realmente que pode se livrar disto com dinheiro?

— Certamente vai tentar.

— Não vai funcionar.

— Tem uma ideia melhor?

— Não.

— Foi o que pensei. É a nossa única chance.

Sandy relaxou e encostou na parede.

— Ajudaria muito se vocês me contassem um pouco mais.

— Contaremos. Eu prometo. Mas primeiro trataremos do divórcio. Trudy tem de desistir de qualquer direito aos bens de Patrick.

— Isso pode ser fácil. E divertido.

— Então faça e conversaremos outra vez na próxima semana.

De repente, estava na hora de Sandy ir embora. Ela estava de pé, arrumando os papéis. Ele apanhou o dossiê e guardou na pasta.

— Quanto tempo vai Ficar aqui? — ele perguntou.

— Não muito — ela disse, entregando um envelope. — É uma carta para Patrick. Diga que eu estou bem, estou me movimentando e por enquanto não vi ninguém me seguindo.

Sandy apanhou o envelope e tentou olhar nos olhos dela. Leah estava nervosa e ansiosa para que ele saísse. Sandy queria ajudá-la, ou pelo menos oferecer ajuda, mas tinha certeza de que qualquer coisa que dissesse naquele momento seria ignorada.

Com um sorriso forçado, ela disse:

— Você tem um trabalho a fazer. Faça-o. Patrick e eu cuidaremos do resto.



Enquanto Stephano contava sua história em Washington, Benny Aricia e Guy se instalaram em Biloxi. Alugaram um apartamento com três quartos em Back Bay, com telefones e fax.

A teoria era de que a moça teria de aparecer em Biloxi. Patrick estava preso e seu futuro próximo era bastante previsível. Ele não ia a parte alguma. Ela teria de ir até ele. E eles a apanhariam quando isso acontecesse.

Aricia reservara cem mil dólares para essa última tarefa e jurou que seria o fim da história. Com um prejuízo de quase dois milhões, ele simplesmente tinha de parar de torrar dinheiro, enquanto ainda restava algum. A Northern Case Mutual e a Monarch-Sierra, os outros dois membros de sua precária parceria, tinham desistido do serviço. Enquanto Stephano distraía o FBI com suas mentiras, Guy e o resto da organização podiam encontrar a moça. Era um tiro no escuro.

Osmar e seus homens vagavam ainda pelas ruas do Rio, vigiando os mesmos lugares todos os dias. Se ela voltasse, eles a veriam. Osmar estava trabalhando com uma grande equipe, mas os honorários no Rio eram baixos.



A volta à Costa trouxe sentimentos amargos para Benny Aricia. Chegara em 1985, como executivo das Indústrias Platt & Rockland, um poderoso conglomerado que durante vinte anos o enviara a todas as partes do mundo para diagnosticar e solucionar seus problemas. Uma das divisões mais lucrativas da empresa era o Estaleiro New Coastal em Pascagoula, entre Biloxi e Mobile. Em 1985, o New Coastal fechou um contrato de doze bilhões de dólares com a marinha para construir quatro submarinos nucleares, e alguém da diretoria resolveu que Benny precisava de um lar fixo.

Criado em Nova Jersey, formado em Boston, casado na época com uma socialite descontente, Aricia era extremamente infeliz por morar na Costa do Golfo, no Mississippi. Ele considerava isso um grave desvio de sua ascensão na hierarquia da empresa que tanto ambicionava. A mulher o deixou depois de dois anos em Biloxi.

A Platt & Rockland era uma empresa pública com vinte e um bilhões de capital em ações, oitenta mil funcionários e trinta e seis divisões espalhadas por cento e três países. Ela vendia material para escritório, cortava madeira, fabricava milhares de produtos de consumo, vendia seguros, perfurava poços de gás natural, transportava carga em containers, minerava cobre e, entre muitos outros empreendimentos, construía submarinos nucleares. Era um conjunto extenso de empresas descentralizadas e, via de regra, a mão esquerda raramente sabia o que a direita estava fazendo. Apesar disso, seus lucros eram enormes.

O sonho de Benny era simplificar a empresa, vender todas as divisões inoperantes e investir nas divisões mais prósperas. Sua ambição era ilimitada e nos altos escalões da diretoria, todos sabiam que ele queria o posto mais alto.

Para ele, a vida em Biloxi era uma piada de mau gosto, uma parada obrigatória na pista de corrida orquestrada por seus inimigos dentro da

companhia. Ele detestava fazer contratos com o governo, detestava a burocracia, os burocratas e a arrogância do Pentágono. Detestava o passo lento em que estava se processando a construção dos submarinos.

Em 1988 seu pedido de transferência foi negado. Um ano depois, surgiram os rumores de grave estouro no orçamento do projeto Expedição da construção de submarinos. A construção foi paralisada e auditores do governo e altas patentes do Pentágono aterrissaram no Estaleiro New Coastal. Benny estava no meio do fogo e o fim estava próximo.

Como fornecedora das Forças Armadas, a Platt & Rockland tinha uma extensa tradição de estouros de orçamento, superfaturamento e falsas indenizações. Era um modo de fazer negócio e, quando descoberto, a empresa despedia todos os que estavam ligados ao projeto e negociava com o Pentágono uma pequena compensação.

Benny procurou um advogado local, Charles Bogan, o sócio principal de uma pequena firma, que incluía um jovem sócio chamado Patrick Lanigan. O primo de Bogan era senador dos Estados Unidos pelo Mississippi. O senador era um trapaceiro contumaz que dirigia o sub comitê de verbas militares e gozava de boa reputação nas Forças Armadas.

O mentor do advogado Bogan era agora um juiz federal e assim a pequena firma tinha as melhores conexões políticas no Mississippi. Benny sabia disso e cuidadosamente escolheu Bogan.

A Lei da Falsa Indenização, também conhecida como Lei da Denúncia, foi aprovada pelo Congresso para encorajar a revelação de superfaturamento nos contratos com o governo. Benny estudou a lei atentamente e até pediu a um advogado da empresa para estudá-la com ele antes de procurar Bogan.

Afirmava ser capaz de provar um plano da Platt & Rockland para superfaturar o contrato com o governo em mais ou menos seiscentos milhões de dólares no projeto Expedição. Via que o machado estava prestes a cair e não queria ser o bode expiatório. A denúncia anularia qualquer chance de conseguir encontrar um emprego comparável ao que tinha. A Platt & Rockland inundaria o setor com rumores da sua culpa. Ele iria para a lista negra. Seria o fim da vida de executivo de Benny. Ele sabia muito bem quais eram as regras do jogo.

De acordo com a lei, a pessoa que fazia a denúncia *podia* receber quinze por cento do total pago ao governo pela empresa acusada. Benny tinha a documentação provando o plano da Platt & Rockland. Precisava da habilidade e das boas conexões políticas de Bogan para receber os quinze por cento.

Bogan contratou engenheiros e consultores particulares para fazer a análise do caso e interpretar os milhares de documentos que Aricia desviava da New Coastal. O plano era muito bem armado e não tão complicado como parecia a

princípio. A empresa estava fazendo o que sempre fazia — cobrando preços diferentes pelos mesmos materiais e expedindo notas frias. A prática estava tão arraigada na Platt & Rockland que só dois altos executivos do estaleiro sabiam da sua existência. Benny afirmava ter descoberto tudo por acaso.

Os advogados elaboraram um texto claro e convincente e entraram com o processo no tribunal federal em setembro de 1990. O processo alegava seiscentos milhões de dólares em indenizações fraudulentas submetidas pela Platt & Rockland. Benny pediu demissão no dia em que o processo deu entrada na justiça.

O processo foi preparado e ensaiado meticulosamente e Bogan atacou com toda a força. O mesmo fez seu primo. O senador estava no caso muito antes da entrada do processo e o monitorou com grande interesse quando o mesmo chegou a Washington. Bogan não se vendia barato, nem o senador. Os honorários da firma seriam a terça parte, como era comum. Um terço de quinze por cento de seiscentos milhões de dólares. A parte do senador jamais foi divulgada.

Bogan passou informação suficiente para a imprensa para aumentar a pressão no Mississippi e o senador fez o mesmo em Washington. A Platt & Rockland viu-se sitiada, atacada pela pior publicidade possível. Como a vítima escolhida, teve seus orçamentos cortados, os acionistas estavam furiosos. Doze gerentes do Estaleiro New Coastal foram despedidos. Mais demissões estavam prometidas.

Como de hábito, a Platt & Rockland negociou intensamente com a justiça, mas dessa vez não estava conseguindo nada. No fim de um ano, a empresa concordou em devolver os seiscentos milhões de dólares e nunca mais pecar. Como dois dos submarinos estavam semi construídos, o Pentágono concordou em não rescindir o contrato. Assim, a Platt & Rockland podia concluir o projeto, inicialmente calculado em doze bilhões de dólares, mas que já estava quase em vinte bilhões.

Benny se preparou para receber sua fortuna. Bogan e os outros sócios da firma se prepararam para gastar as suas. Foi quando Patrick desapareceu com o dinheiro deles.

VINTE

A espingarda de caça de Pepper Scarboro era uma Remington, calibre 12, comprada numa loja de penhores em Lucedale, quando ele tinha dezesseis anos, jovem demais para comprar numa loja licenciada. Pagou duzentos dólares pela arma e, segundo sua mãe, Neldene, era a coisa que ele mais amava na face da terra. O xerife Sweeney e o xerife Tatum, do condado de Greene, encontraram a espingarda com um saco de dormir muito usado e uma pequena barraca, uma semana depois da morte de Patrick, quando faziam o inventário de rotina na cabana de madeira. Trudy dera permissão para a revista, o que constituía um problema, uma vez que não tinha nenhum interesse de ser proprietária da cabana. Qualquer tentativa de usar a espingarda, o saco de dormir e a barraca como prova no julgamento de Patrick por homicídio, encontraria uma grande resistência, uma vez que foram encontrados sem mandado de busca. Um argumento válido seria que o xerife não estava à procura de nenhuma prova, uma vez que na ocasião não existia nenhum crime. Eles estavam simplesmente reunindo os bens de Patrick para entregar à família.

Trudy não quis o saco de dormir e a barraca. Insistia em afirmar que não pertenciam a Patrick. Nunca os tinha visto antes. Patrick jamais compraria objetos de terceira classe como aqueles. Além disso, ele não acampava. Dormia na cabana. Sweeney etiquetou os objetos e guardou-os no depósito por não encontrar um lugar melhor. Esperaria um ou dois anos e depois venderia numa das suas liquidações anuais. Seis semanas depois, Neldene Crouch chorou copiosamente quando viu o material de acampamento de Pepper.

A espingarda era outra história. Fora encontrada debaixo de uma cama, com a barraca e o saco de dormir, no quarto em que Patrick dormia. Na opinião de Sweeney, alguém os havia escondido apressadamente debaixo da cama. O que despertou a curiosidade do xerife foi a espingarda. Sweeney gostava de caçar e sabia que nenhum caçador sensato deixaria uma espingarda ou um rifle de caça numa cabana remota, à disposição de qualquer ladrão. Nada de valor jamais era deixado nas cabanas de caçador naquela área. Examinou cuidadosamente a arma no local e notou que o número de série estava raspado. Em algum momento, depois da sua fabricação, aquela arma fora roubada.

Comentou o fato com o xerife Tatum e resolveram tirar as impressões digitais da arma. Tinham certeza de que nada encontrariam, mas ambos eram policiais experientes e pacientes.

Mais tarde, depois de várias promessas de imunidade, o dono da loja de

penhores em Lucedale admitiu ter vendido a arma para Pepper.



Sweeney e Ted Grimshaw, o investigador-chefe do condado de Harrison, bateram cortesmente na porta do quarto de Patrick, no hospital, e só entraram quando foram convidados. Sweeney havia telefonado antes avisando Patrick da sua visita e para informar o motivo. Apenas procedimento de rotina. Patrick ainda não estava devidamente fichado.

Fotografaram o rosto dele sentado numa cadeira, com uma camiseta e short de ginástica, o cabelo despenteado e parecendo zangado. Segurou a placa com os números na frente do peito. Grimshaw se encarregou de tirar as impressões digitais, enquanto Sweeney se encarregava da conversação. Patrick insistiu em ficar de pé ao lado da pequena mesa para tirar as impressões.

Sweeney fez algumas perguntas sobre Pepper Scarboro, mas Patrick se apressou em lembrar que tinha um advogado que devia estar presente em qualquer tipo de interrogatório. Além disso, não tinha nada a dizer sobre nada, com ou sem o advogado.

Eles agradeceram e foram embora. Cutter e o especialista em impressões digitais do FBI de Jackson os esperavam na Sala Lanigan, no prédio da cadeia. Quando foi encontrada, a espingarda calibre 12 de Pepper tinha mais de uma dezena de impressões claras e fortes. Foram tiradas por Grimshaw, arquivadas num cofre e agora estavam sobre a mesa. A espingarda estava na prateleira, ao lado da barraca e do saco de dormir, do pé de tênis, das fotografias e de mais alguns itens esparsos de provas que seriam usadas contra Patrick.

Tomaram café em copos de plástico e falaram sobre pescaria enquanto o especialista do FBI comparava as impressões antigas com as novas através de uma lente de aumento. Não precisou muito tempo.

— Várias dessas impressões são perfeitamente idênticas — ele disse. — O cabo da arma estava cheio de impressões de Lanigan.

Sem dúvida, era uma boa notícia, eles pensaram. E agora o que iam fazer?



Patrick insistiu em usar outro quarto para todos os encontros futuros com seu advogado e o dr. Hayani se apressou em providenciar. Pediu também uma cadeira de rodas para transportá-lo ao quarto no térreo. Com uma enfermeira

empurrando a cadeira, ele passou pelos dois policiais calmamente sentados no corredor no lado de fora da sua porta, passou pelo agente especial Brent Myers e entrou no elevador para a breve viagem ao térreo. Um dos policiais o acompanhou.

Patrick foi levado para a sala de reuniões dos médicos. O hospital era pequeno e a sala, ao que parecia, era pouco usada. Sandy tinha encomendado o aparelho antigrampos mencionado por Patrick, mas só ia recebê-lo dentro de alguns dias.

— Por favor, veja se apressa isso — Patrick disse.

— Ora, vamos, Patrick. Certamente não pensa que eles iam grampear esta sala. Ninguém sabia que íamos usá-la até uma hora atrás.

— Todo cuidado é pouco. — Patrick levantou da cadeira de rodas e andou em volta da mesa de conferências. Andava sem nenhuma dificuldade, Sandy notou.

— Escute, Patrick, acho que deve tentar relaxar um pouco Sei que está fugindo há muito tempo. Viveu sempre com medo, sempre olhando para trás. Sei disso. Mas esses dias acabaram Eles o apanharam. Relaxe.

— Eles ainda estão lá fora, certo? Eles me pegaram mas não o dinheiro. E o dinheiro é muito mais importante. Não se esqueça disso, Sandy. Não descansarão enquanto não tiverem o dinheiro.

— Então, quem podia estar instalando escutas por aqui? Os bandidos ou os mocinhos? Policiais ou ladrões?

— As pessoas que perderam o dinheiro já gastaram uma maldita fortuna tentando recuperá-lo.

— Como você sabe?

Patrick apenas deu de ombros, como se não fosse hora de brincadeiras.

— Quem são eles? — Sandy perguntou e houve uma longa pausa, igual a uma daquelas que Leah usava para mudar de assunto.

— Sente-se — Patrick disse. Sentaram, cada um de um lado da mesa. Sandy tirou da pasta o grosso dossiê que Leah havia entregue a ele algumas horas antes, o dossiê com toda a sujeira sobre Trudy.

Patrick reconheceu imediatamente.

— Quando você a viu? — perguntou, ansioso.

— Esta manhã. Ela está bem, manda todo seu amor, diz que ninguém a está seguindo e pediu para entregar isto a você. Empurrou o envelope para Patrick sobre a mesa. Patrick o abriu e tirou uma carta de três páginas. Começou a ler devagar, completamente esquecido do advogado.

Sandy folheou os papéis da pasta de Trudy e escolheu as fotos dela nua junto à piscina, com seu gigolô deitado ao lado. Mal podia esperar para mostrar as

fotos para o advogado dela em Mobile. Tinham um encontro marcado dentro de três horas.

Patrick terminou de ler, dobrou a carta cuidadosamente e a guardou no envelope.

— Tenho outra carta para ela — ele disse. Olhou para o outro lado da mesa e viu as fotos.

— Um bom trabalho, não acha?

— É espantoso. Nunca vi tantas provas num processo de divórcio.

— Bem, deu um bocado de trabalho. Estávamos casados há quase dois anos quando, acidentalmente, encontrei seu primeiro marido. Foi numa festa antes do jogo dos Saints em Nova Orleans. Tomamos alguns drinques e ele me falou sobre Lance. Lance é o gatão nas fotos.

— Leah me explicou isso.

— Trudy estava com a gravidez adiantada na época, por isso eu não disse nada. O casamento estava desmoronando lentamente e esperáramos que um filho consertasse tudo. Trudy tinha uma espantosa capacidade para enganar. Resolvi entrar no jogo, ser um pai orgulhoso e tudo o mais, mas um ano depois comecei a juntar evidências. Não tinha certeza do que ia precisar, mas sabia que o casamento tinha acabado. Eu saía da cidade sempre que era possível — a negócios, para caçar, pescar, fins de semana com os amigos, qualquer coisa. Ela não parecia se importar.

— Vou me encontrar com o advogado dela às cinco horas.

— Ótimo. Você vai gostar. É o sonho de qualquer advogado. Faça todas as ameaças, mas consiga o acordo. Ela tem de desistir por escrito de todos os seus direitos, Sandy. Não vai receber nada do que é meu.

— Quando vamos falar dos seus bens?

— Logo. Prometo. Mas há uma coisa mais urgente.

Sandy tirou da pasta o bloco obrigatório e se preparou para tomar notas.

— Estou ouvindo — ele disse.

— Lance é um cara perigoso. Cresceu nos bares de Point Cadet, não terminou o primeiro grau e esteve preso três anos por tráfico de drogas. Uma má semente. Ele tem amigos no mundo do crime. Conhece gente capaz de qualquer coisa por dinheiro Há outra pasta bem grossa sobre ele. Vejo que Leah não a entregou para você.

— Não. Só esta.

— Peça a ela na próxima vez. Eu juntei todo o lixo sobre Lance durante um ano, com o mesmo detetive particular. Lance é arraia-miúda no mundo do crime, mas é perigoso porque tem amigos. E Trudy tem dinheiro. Não sabemos quanto resta, mas provavelmente ela ainda não gastou tudo.

— E você acha que ele vem atrás de você?

— Provavelmente. Pense um pouco, Sandy. Trudy é a única pessoa no momento que ainda precisa que eu esteja morto. Se me tirar do caminho, fica com o dinheiro que ainda tem e não precisa se preocupar com a empresa de seguros. O dinheiro e o estilo de vida significam tudo para ela.

— Mas como ele pode...

— Pode ser feito, Sandy. Acredite. Pode ser feito.

Disse isso com a tranquila segurança de quem já cometeu um crime e conseguiu escapar e, por um segundo, o sangue de Sandy ficou gelado.

— Pode ser feito facilmente — ele disse pela terceira vez, acentuando as linhas em volta dos olhos parados.

— Tudo bem, o que devo fazer? Sentar com os policiais no corredor?

— Muito imaginativo, Sandy.

— Estou ouvindo.

— Primeiro, diga ao advogado dela que nosso escritório recebeu uma denúncia anônima segundo a qual Lance está procurando um assassino de aluguel. Faça isso no fim do seu encontro de hoje porque, a essa altura, o cara está em estado de choque e vai acreditar em qualquer coisa que você disser. Diga que vai discutir o assunto com a polícia. Ele certamente vai telefonar para sua cliente que, é claro, negará com veemência. Mas a credibilidade dela com o advogado estará a zero. Trudy vai ficar apavorada só com a ideia de que alguém suspeita que ela e Lance estão pensando nisso. Então, procure o xerife e o FBI e conte a mesma história. Diga a eles por que está preocupado com a minha segurança. Insista para que eles falem com Trudy e Lance sobre esses rumores. Eu a conheço muito bem. Ela é capaz de sacrificar Lance para ficar com o dinheiro, mas não se houver uma possibilidade de ser apanhada também. Se a polícia começar a suspeitar, ela desiste.

— Vejo que pensou bastante nisso. Mais alguma coisa?

— Sim. A última coisa que você vai fazer é passar essa informação para a imprensa. Procure um repórter...

— Isso não vai ser difícil.

— Um em quem possa confiar.

— Muito mais difícil.

— Na verdade, não. Tenho lido os jornais e tenho alguns nomes para você. Verifique primeiro. Descubra um de que você goste. Diga a ele para publicar os rumores, sem citar fontes, que em troca terá exclusividade em todas as histórias verdadeiras. É assim que esses caras trabalham. Diga que o xerife está investigando as denúncias de que a mulher está procurando contratar os serviços de um assassino profissional para ficar com o dinheiro. Ele vai gostar. Não

precisará confirmar a história. Que diabo, eles publicam boatos todos os dias.

Sandy terminou de tomar notas, admirado com a organização do seu cliente. Fechou a pasta sobre Trudy, bateu com a caneta na capa e perguntou:

— Quanto disto tudo você tem?

— Roupa suja?

— É.

— Acho que uns vinte e cinco quilos. Está trancado num mini depósito em Mobile desde que eu desapareci.

— O que mais tem lá?

— Mais roupa suja.

— De quem?

— Meus ex-sócios. E outros. Chegaremos lá mais tarde.

— Quando?

— Logo, Sandy.



O advogado de Trudy, J. Murray Riddleton, era um homem jovial de sessenta anos que se especializava em dois tipos de casos: divórcios grandes e litigiosos e aconselhamento financeiro de como passar a perna no governo. Era um verdadeiro estudo de contrastes: bem-sucedido mas mal vestido, inteligente mas inexpressivo, sorridente mas perigoso, voz macia mas língua afiada. Seu grande escritório no centro de Mobile era cheio de arquivos há muito tempo esquecidos e livros de direito obsoletos. Recebeu Sandy cortesmente, indicou uma cadeira e ofereceu um drinque. Afinal, faltavam poucos minutos para as cinco. Sandy declinou e J. Murray não bebeu nada.

— Então, como vai o nosso garoto? — J. Murray perguntou com um sorriso cheio de dentes.

— Está falando de quem?

— Ora, vamos. Nosso garoto Patrick. Você já encontrou o dinheiro?

— Não sabia que eu estava procurando.

J. Murray achou isso hilariante e riu por alguns segundos. Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que estava com o completo controle daquele encontro. As cartas estavam todas empilhadas no seu lado da mesa.

— Eu vi sua cliente na TV ontem à noite — Sandy disse. -Naquele jornal sensacionalista, como se chama mesmo?

— “Inside Journal”. Ela não foi maravilhosa? E a menina, que gracinha. Tenho pena delas.

— Meu cliente gostaria que sua cliente evitasse qualquer outro comentário em público sobre seu casamento e divórcio.

— Seu cliente vai comer na mão da minha cliente. E você, na minha.

— Eu passo, e meu cliente também.

— Escute, filho, eu sou mestre em Primeira Emenda. Posso dizer o que quiser. Posso fazer o que quiser. Publicar qualquer coisa. Tudo está bem garantido pela Constituição. — Apontou para a parede cheia de livros de direito cobertos com teias de aranha ao lado da janela. — Pedido indeferido. Minha cliente tem direito de tornar público o que quiser, quando quiser. Ela foi humilhada por seu cliente, e agora enfrenta um futuro muito incerto.

— Muito justo. Eu só queria clarear as coisas.

— Está bem claro agora?

— Sim. Muito bem. Não temos nenhum problema com o fato de a sua cliente querer o divórcio e ela pode ficar com a custódia da filha.

— Nossa, obrigado. Vocês estão sendo generosos.

— Na verdade, meu cliente não pretende exercitar seus direitos de visita à criança.

— Homem esperto. Depois de abandonar a filha por quatro anos, devia estar louco para vê-la.

— Há outra razão — Sandy disse, abrindo a pasta e apanhando o relatório do exame de DNA. Estendeu uma cópia para J. Murray, que tinha parado de rir e estava examinando os papéis com olhos semi cerrados.

— O que é isto? — perguntou, desconfiado.

— Por que não lê? — Sandy disse.

J. Murray arrancou os óculos de leitura de um bolso do paletó e o prendeu nas orelhas, na cabeça redonda. Afastou o papel até ficar na distância certa e leu devagar. Depois da primeira página, ergueu os olhos com o rosto inexpressivo e os ombros, muito retos, se curvaram um pouco no fim da segunda página.

— Desastroso, não é? — Sandy disse, quando J. Murray terminou.

— Não me venha com esse olhar superior. Tenho certeza de que isso pode ser explicado.

— Tenho certeza que não. De acordo com a Lei do Alabama, o DNA é prova conclusiva. Agora, não sou um mestre em Primeira Emenda como você, mas se isto for publicado vai ser muito embaraçoso para sua cliente. Imagine, ter um filho de um homem enquanto fingia estar feliz casada com outro. Acho que não vai soar muito bem em toda a Costa.

— Pode publicar- J. Murray disse, sem convicção. — Não me importo.

— Acho melhor verificar com sua cliente antes.

— É insignificante, de acordo com a nossa lei. Mesmo que ela tenha

cometido adultério, ele continuou a viver com ela depois de saber. Portanto, aceitou. Ele não pode usar isso como base para o divórcio.

— Esqueça o divórcio. Ela pode ter o divórcio. Esqueça a menina também.

— Ah, compreendo. É extorsão. Ela desiste dos bens dele e ele não publica nada disto.

— Mais ou menos isso.

— Seu cliente é completamente louco e você também. — J. Murray ficou muito vermelho e fechou os punhos por um segundo.

Sandy friamente folheou os papéis na pasta e tirou a segunda bomba. Empurrou o relatório sobre a mesa para J. Murray.

— O que é isso? — J. Murray perguntou.

— Leia.

— Estou cansado de ler.

— Tudo bem, é o relatório do detetive particular que seguiu durante um ano sua cliente e o namorado dela, antes do desaparecimento do meu cliente. Eles estiveram juntos, só os dois, em vários lugares, mas especialmente na casa do meu cliente, dentro da casa, supomos que na cama, em pelo menos dezesseis ocasiões.

— Grande coisa.

— Veja isso. — Sandy atirou as fotos coloridas e ampliadas, duas com os dois nus, em cima do relatório.

J. Murray olhou rapidamente, depois as apanhou para um exame mais detalhado.

Sandy resolveu ajudar.

— Essas foram tiradas na piscina da casa do meu cliente, quando ele estava num seminário em Dallas. Reconhece alguém?

J. Murray rosnou baixinho.

— Há muitas mais — Sandy garantiu, e esperou que J. Murray conseguisse tirar os olhos da foto. — Tenho também três outros relatórios de detetives particulares. Parece que meu cliente estava muito desconfiado.

Na frente de Sandy, J. Murray se transformou de um advogado arrogante num patético mediador, uma mudança camaleônica comum entre advogados que de repente se acham privados de toda a munição. Ele soltou o ar ruidosamente, vencido, e afundou na cadeira giratória.

— Eles nunca nos contam nada, não é mesmo? — ele disse. De repente era nós contra eles. Advogados contra clientes. Ele e Sandy estavam realmente juntos agora, e o que iam fazer?

Mas Sandy não estava disposto a integrar a equipe de Murray.

— Repito, não sou um mestre em Primeira Emenda como você diz que é,

mas se isso for parar nos jornais, então certamente vai ser muito embaraçoso para Trudy.

J. Murray abanou a mão no ar e olhou para o relógio.

— Tem certeza de que não quer um drinque?

— Tenho certeza.

— O que o seu garoto tem?

— Francamente, não sei ainda. E isso não é o mais importante. O que importa é o que ele terá quando a poeira baixar, mas no momento ninguém sabe de nada.

— Certamente ele tem grande parte dos noventa milhões.

— Ele está sendo processado por muito mais do que isso. Para não mencionar a possibilidade de uma longa sentença e talvez uma execução. Este divórcio, sr. Riddleton, é o menor dos seus problemas.

— Então por que está nos ameaçando?

— Ele quer que ela fique de boca fechada, que consiga o divórcio e vá embora, que desista de qualquer queixa futura contra ele. Ele quer isso resolvido agora.

— Caso contrário? — J. Murray soltou o nó da gravata e afundou mais na cadeira. De repente, era muito tarde e ele queria ir para casa. Pensou por um longo minuto e disse: — Ela vai perder tudo, ele sabe disso? A empresa de seguros vai tirar tudo que ela tem.

— Não há vencedores aqui, sr. Riddleton.

— Deixe-me falar com ela.

Sandy apanhou seus papéis e caminhou lentamente em direção à porta. J. Murray conseguiu dar outro sorriso e quando apertaram as mãos para se despedir, Sandy, como se tivesse quase esquecido, mencionou a denúncia anônima recebida no seu escritório em Nova Orleans sobre Lance estar procurando um assassino profissional. Não sabia se devia acreditar ou não, mas estava pensando em falar com o xerife e o FBI assim mesmo.

Falaram sobre o assunto rapidamente. Riddleton prometeu mencionar isso para sua cliente.

VINTE E UM

A última parada na ronda do dr. Hayani era no quarto de Patrick. Era quase noite, há muito passada a hora de ir para casa, e ele encontrou o paciente famoso sentado na cadeira com seu short de ginástica ao lado de uma mesa de trabalho improvisada, no único canto vazio do quarto. A mesa era pequena, com uma lâmpada que Patrick conseguira com um enfermeiro. Num copo de plástico estavam canetas e lápis. Em outro, o começo de uma coleção de clipes de papel, elásticos, tachinhas, tudo doado pela equipe de enfermagem. Tinha até três blocos de anotações.

Patrick estava trabalhando. Uma coleção impressionante de documentos legais estava num canto e lia um dos inúmeros processos contra ele quando o médico entrou, para sua terceira visita do dia.

— Bem-vindo ao meu escritório — Patrick disse. Uma TV pendia a pouca distância da sua cabeça. As costas da cadeira estavam a poucos centímetros dos pés da cama.

— Muito bom — Hayani disse. Num hospital, as notícias correm mais depressa do que num escritório de advocacia e nos últimos dois dias todos comentavam divertidos sobre a nova firma aberta no quarto 312. — Espero que você não processe médicos.

— Nunca. Em treze anos de prática, nunca processei um médico. Nem um hospital. — Levantou e ficou de frente para Hayani.

— Eu sabia que ia gostar de você — o médico disse, examinando cuidadosamente as queimaduras no peito de Patrick. — Como vai indo? — perguntou pela terceira vez naquele dia.

— Estou ótimo — Patrick repetiu, pela centésima vez naquele dia.

As enfermeiras, encantadas e curiosas, entravam no quarto no mínimo duas vezes a cada hora, inventando um sem-número de tarefas e sempre perguntando alegremente: “Como está se sentindo? ”

“Estou ótimo”, ele sempre respondia.

— Dormiu um pouco hoje? — Hayani perguntou, abaixando-se para examinar a coxa esquerda de Patrick.

— Não. É difícil dormir sem algum comprimido e não gosto de tomar nada durante o dia — Patrick respondeu. Na verdade, era impossível dormir com aquela procissão contínua de enfermeiras.

Ele sentou na beirada da cama e olhou para o médico.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou.

Hayani parou de escrever na papeleta.

— Claro.

Patrick olhou para a esquerda e para a direita, como se pudesse haver ouvidos por toda a parte.

— Quando eu era advogado — começou, em voz baixa — tive um cliente, um banqueiro, que foi apanhado dando um desfalque no banco. Tinha quarenta e quatro anos, era casado, três filhos adolescentes, um grande cara que cometeu um erro idiota. Foi preso na própria casa, tarde da noite, e levado para a prisão do condado. A prisão estava lotada e o puseram numa cela com dois jovens vagabundos negros, ruins como o diabo. Primeiro eles o amordaçaram. Depois o espancaram e fizeram coisas que você não vai querer ouvir. Duas horas depois de estar sentado em sua casa, assistindo a um filme, estava semi morto numa cela a cinco quilômetros dali. — Patrick abaixou a cabeça e apertou a base do nariz com dois dedos.

O dr. Hayani tocou de leve o ombro dele.

— Não pode deixar que isso aconteça comigo, doutor -Patrick disse, com lágrimas nos olhos, a voz rouca.

— Não se preocupe, Patrick.

— Só de pensar fico apavorado, doutor. Tenho pesadelos.

— Tem a minha palavra, Patrick.

— Deus sabe que já sofri bastante.

— Eu prometo, Patrick.



O interrogador seguinte era um homenzinho irrequieto chamado Warren, que fumava um cigarro atrás do outro e via o mundo através das lentes escuras e grossas dos óculos. Seus olhos eram invisíveis. Com a mão esquerda ele manejava o cigarro, com a direita, a caneta e nada mais se movia, a não ser os lábios. Quase escondido atrás das pequenas pilhas de papéis, disparava perguntas para a outra extremidade, onde Stephano girava um clipe de papel entre os dedos e seu advogado brigava com um laptop.

— Quando formou seu consórcio? — Warren perguntou.

— Depois que perdemos a pista em Nova York, paramos de procurar e esperamos. Ouvíamos onde podíamos ouvir. Seguimos antigas pistas. Nada aconteceu. As pistas estavam frias e nos preparamos para uma longa jornada. Conheci Benny Aricia e ele estava disposto a financiar a busca. Depois falei

também com pessoas da Monarch-Sierra e da Northern Case Mutual e em princípio aprovaram o empreendimento. A Northern Case Mutual acabara de pagar mais de dois milhões e meio para a viúva. Não podiam entrar com um processo para reaver o dinheiro porque não havia provas conclusivas de que ele estivesse vivo. Concordaram em entrar com meio milhão. A Monarch-Sierra foi mais difícil, porque naquela época não havia pago ainda. Seu prejuízo era de quatro milhões.

— A Monarch era responsável pelo seguro de negligência da firma de advocacia?

— Mais ou menos. Era uma cláusula separada, acrescentada ao contrato da apólice de Erros e Omissões. Protegia a firma contra fraude e roubo praticados por funcionários e sócios. Uma vez que Lanigan roubou da firma, a Monarch-Sierra tinha obrigação de pagar cerca de quatro milhões de dólares.

— Mas seu cliente, o sr. Aricia, recebeu esse dinheiro, certo?

— Sim. Primeiro ele processou a firma de advocacia pelos sessenta milhões de prejuízo, mas a firma tinha poucos ativos disponíveis. A firma concordou em entregar o valor da apólice. Nós nos reunimos e fizemos um acordo. A Monarch-Sierra concordou em pagar sem contestar, se o sr. Aricia destinasse até um milhão para encontrar Lanigan. O sr. Aricia concordou, mas só se a Monarch-Sierra entrasse com outro milhão para financiar a operação.

— Então, Aricia entrou com um milhão, a Monarch-Sierra com um milhão e a Northern Case Mutual com meio milhão. Total, dois milhões e meio.

— Sim, esse foi o acordo inicial.

— E onde ficou a firma de advocacia em tudo isso?

— Eles resolveram não participar. Na verdade, não tinham dinheiro e estavam chocados demais para fazer alguma coisa. Inicialmente, eles ajudaram de outro modo.

— E todos pagaram o combinado?

— Sim. O dinheiro foi depositado na conta da minha firma.

— Agora, que terminou a busca, quanto tem ainda?

— Quase nada.

— Quanto foi gasto?

— Três milhões e meio, mais ou menos. Há cerca de um ano ficamos sem fundos. As empresas de seguros disseram não. O sr. Aricia entrou com outro meio milhão, depois mais trezentos mil dólares. Seu total, até hoje, é de um milhão e novecentos mil dólares.

Na verdade, era de dois milhões, agora que Benny havia resolvido relutantemente financiar a procura da moça. O FBI, e claro, não podia saber disso.

— E como foi gasto o dinheiro?

Stephano consultou rapidamente suas anotações.

— Quase um milhão em folha de pagamento, viagens e outras despesas relacionadas à busca. Um milhão e meio em recompensas. E um milhão de honorários para a minha firma.

— Você recebeu um milhão de dólares? — Warren perguntou, sem mover um músculo mas com o tom de voz um pouco mais elevado.

— Sim. Em mais de quatro anos.

— Fale sobre as recompensas.

— Bem, é o coração da busca.

— Estamos ouvindo.

— Uma das primeiras coisas que fizemos foi estabelecer uma recompensa para qualquer informação sobre o desaparecimento de Patrick Lanigan. Vocês sabiam dessa recompensa, mas pensaram que era oferecida pela firma de advocacia. Fomos discretamente até a firma e convencemos Charles Bogan a anunciar a disposição de dar uma recompensa por qualquer informação. Bogan anunciou publicamente que estavam prometendo cinquenta mil, para começar. Nosso trato com Bogan era que ele devia nos notificar se recebesse alguma resposta.

— O FBI não foi informado disso.

— Não. O FBI sabia da recompensa, e aprovou. Mas nosso trato com Bogan foi mantido em segredo. Queríamos ser os primeiros a receber qualquer informação. Não era uma questão de desconfiar do FBI, apenas queríamos ser os primeiros a encontrar Lanigan e o dinheiro.

— Quantos homens você tinha trabalhando no caso nessa época?

— Provavelmente uns doze.

— E onde você estava?

— Aqui. Mas ia a Biloxi pelo menos uma vez por semana.

— O FBI sabia o que você estava fazendo?

— De modo nenhum. Pelo que sei, o FBI jamais soube do nosso envolvimento, até a semana passada.

O dossiê na frente de Warren sem dúvida demonstrava isso.

— Continue.

— Não ficamos sabendo de coisa alguma por dois meses, três meses, quatro. Aumentamos a recompensa para setenta e cinco mil, depois para cem mil. Bogan ficou furioso com todos os malucos que apareciam e informou o FBI. Então, em agosto de 1992, ele recebeu um telefonema de um advogado em Nova Orleans dizendo que um cliente seu sabia alguma coisa sobre o desaparecimento. O homem parecia sincero, e fomos a Nova Orleans para falar com ele.

— Qual é o nome dele?

— Raul Lauziere, na rua Loyola.

— Você falou com ele?

— Falei.

— E quem mais, da sua firma?

Stephano olhou para seu advogado que estava imóvel e parecia absorto em pensamentos.

— Isto é um negócio sigiloso. Prefiro não mencionar os nomes dos meus sócios.

— Ele não é obrigado — o advogado disse em voz muito alta, encerrando o assunto.

— Muito bem. Continue.

— Lauziere parecia ser um homem sério, honesto e digno de crédito. Estava também perfeitamente preparado. Parecia saber tudo sobre o desaparecimento de Patrick e sobre o dinheiro. Tinha uma pasta com recortes de todas as notícias publicadas nos jornais sobre o caso. Tudo estava indexado e catalogado. Ele nos entregou um relatório de quatro páginas datilografadas em espaço duplo de tudo que seu cliente sabia.

— Faça um resumo com os detalhes principais. Eu leio mais tarde.

— Certamente — disse Stephano, e começou a contar do que se lembrava. — O cliente dele era uma jovem chamada Erin que estava com dificuldades para continuar seu curso de medicina em Tulane. Recém divorciada, falida etc., para sobreviver trabalhava no turno da noite numa grande livraria num shopping. Em janeiro de 1992 ela viu um homem procurando alguma coisa na seção de viagens e idiomas. Era um homem forte, vestido de terno, barba grisalha bem cuidada, e parecia um pouco nervoso. Eram quase nove horas da noite e a livraria estava praticamente deserta. Finalmente ele escolheu um curso de idioma com doze fitas, livros de exercícios etc., tudo acondicionado numa caixa. Ao se dirigir para a caixa, onde Erin trabalhava, outro homem entrou na livraria. O primeiro homem imediatamente se escondeu entre as estantes e pôs o curso de idioma na prateleira. Apareceu então na outra extremidade, e tentou passar despercebida pelo segundo homem, uma pessoa que ele evidentemente conhecia mas com quem não queria falar. Mas não conseguiu. O outro homem ergueu os olhos e disse: “Patrick, há quanto tempo. ” Conversaram brevemente sobre as respectivas carreiras. Os dois eram advogados. Erin, ao lado do caixa, escutou o que diziam, porque não tinha nada mais para fazer. Evidentemente ela estava curiosa e observando tudo.

— O homem chamado Patrick parecia ansioso para ir embora e, assim que foi possível, despediu-se amavelmente e partiu. Três noites depois, mais ou

menos à mesma hora, ele voltou. Erin estava arrumando os livros na estante, e não no caixa. Ela o viu entrar e o observou. O homem fez questão de olhar para o funcionário no caixa e, quando viu que não era ela, andou pela livraria até chegar à seção de viagens e idiomas. Apanhou o mesmo curso de idioma, foi até o balcão, pagou em dinheiro e saiu rapidamente. Quase trezentos dólares. Erin o viu sair. Ele não a viu, ou se viu, não a reconheceu.

— Então, o curso que ele escolheu era de que língua?

— Esta, é claro, era a grande questão. Três semanas mais tarde Erin leu no jornal a reportagem sobre a morte de Patrick Lanigan num terrível acidente de carro e reconheceu o homem na foto. Então, seis semanas depois apareceu a história sobre o dinheiro roubado da sua ex-firma, com a mesma foto.

— A livraria tinha câmeras de segurança?

— Não. Nós verificamos.

— Então, qual era o idioma?

— Lauziere não quis nos dizer. Pelo menos a princípio. Estávamos oferecendo cem mil dólares por uma informação sólida sobre o paradeiro de Lanigan. Ele e sua cliente, é claro, queriam toda a recompensa em troca do nome do idioma escolhido por ele. Negociamos durante três dias. Ele não cedeu. Permitiu que interrogássemos Erin. Passamos seis horas com ela e todos os aspectos da sua história conferiam; assim, concordamos em pagar os cem mil.

— Português do Brasil?

— Sim. O mundo de repente encolheu para nós.



Como todos os advogados, J. Murray Riddleton infelizmente já havia passado por aquilo muitas vezes. O caso, perfeitamente estanque, começava a vazar. As coisas mudavam de uma hora para outra.

Só por maldade, e com muito prazer em fazê-lo, ele permitiu que Trudy fizesse seu papel de inocente ofendida antes de dar o golpe final.

— Adultério! — ela exclamou com toda a virtude de uma virgem puritana. Até Lance conseguiu fazer cara de escandalizado. Ele segurou a mão de Trudy.

— Eu sei, eu sei — J. Murray disse, continuando seu jogo. -Acontece em quase todos os processos de divórcio. Essas coisas podem ficar muito desagradáveis.

— Eu mato aquele cara — Lance rosnou.

— Chegaremos a isso mais tarde — disse J. Murray.

— Com quem? — ela quis saber.

— Com Lance. Eles afirmam que vocês dois estavam transando antes,

durante e depois do casamento. Na verdade, afirmam que vocês transam desde os tempos de colégio.

— Ele é um idiota — Lance disse, sem convicção.

Trudy balançou a cabeça afirmativamente, concordando com Lance. Absurdo. Depois, perguntou, nervosa:

— Que provas ele diz que tem?

— Vocês negam? — perguntou J. Murray, completando a armadilha.

— Completamente — ela disse, decidida.

É claro — acrescentou Lance. — O homem é uma mentira ambulante.

J. Murray retirou do fundo de uma gaveta um dos relatórios dados por Sandy.

— Ao que parece, Patrick suspeitou quase durante todo o tempo do casamento. Ele contratou detetives para vigiar os dois. Este é o relatório de um deles.

Trudy e Lance trocaram um olhar rápido, depois perceberam que tinham sido apanhados. De repente, era difícil negar um relacionamento de mais de vinte anos. Os dois adotaram um ar superior no mesmo instante. E daí? Grande coisa.

— Vou fazer um resumo — disse J. Murray, citando datas, horas e locais.

Eles não se envergonhavam das suas atividades, mas era constrangedor saber que tudo estava tão bem documentado.

— Ainda negam? — J. Murray perguntou, quando terminou o resumo.

— Qualquer um pode escrever uma coisa dessas — Lance disse. Trudy ficou calada.

J. Murray apanhou outro relatório que cobria os sete meses anteriores ao desaparecimento de Patrick. Datas, horas, locais. Patrick saía da cidade, bum, Lance entrava em cena. Todas as vezes.

— Esses detetives podem testemunhar no tribunal? — Lance perguntou quando o advogado terminou.

— Nós não vamos ao tribunal — disse J. Murray.

— Por que não?

— Por causa disto. — J. Murray empurrou as fotos coloridas e ampliadas sobre a mesa. Trudy apanhou uma e sua respiração acelerou ao ver sua foto deitada nua na beira da piscina com seu garanhão ao lado. Lance também ficou chocado, mas conseguiu sorrir. Ele gostou das fotos.

Os dois trocaram as fotos uma a uma, sem uma palavra. J. Murray saboreou o momento, depois disse:

— Vocês dois foram descuidados.

— Esqueça o sermão — Lance disse.

Previsivelmente, Trudy começou a chorar. Os olhos se encheram de lágrimas, o lábio tremeu, o nariz fungou e então ela chorou. J. Murray vira isso

um milhão de vezes. Elas sempre choravam, não pelo que tinham feito, mas pelo preço dos seus pecados.

— Ele não vai ficar com a minha filha — ela disse, zangada através das lágrimas. Tinha perdido a luta e eles a ouviram chorar por algum tempo.

Lance, sempre vigilante, tentou consolá-la com carícias.

— Desculpe-me — ela disse, finalmente, enxugando as lágrimas.

— Relaxe — J. Murray disse sem a menor compaixão. — Ele não quer a menina.

— Por que não? — Trudy perguntou, os canais lacrimais fechando imediatamente.

— Ele não é o pai.

Eles entrecerraram os olhos, pensaram, tentaram juntar os fatos.

J. Murray apanhou outro relatório.

— Ele tirou uma amostra de sangue quando a menina tinha um ano e dois meses e mandou fazer um teste de DNA. Não pode ser o pai de modo algum.

— Então quem... — Lance começou a dizer, mas não completou o pensamento.

— Depende de quem mais estava por perto — J. Murray disse, solícito.

— Não tinha ninguém por perto — Trudy disse, furiosa.

— Exceto eu — Lance afirmou, e fechou os olhos. A paternidade desceu pesadamente sobre seus ombros. Lance detestava crianças. Tolerava Ashley Nicole só porque pertencia a Trudy.

— Meus parabéns — disse J. Murray. Tirou da gaveta um charuto barato e atirou para Lance. — É uma menina — disse com uma risada.

Trudy ficou possessa e Lance girou o charuto entre os dedos. Quando J. Murray parou de se divertir, ela perguntou:

— Então, o que fazemos?

— É simples. Você desiste de todos os direitos sobre os bens dele, sejam quais forem, e ele concede o divórcio, a menina, tudo o mais que você quiser.

— Quais são os bens dele? — ela perguntou.

— O advogado de Patrick não tem certeza por enquanto. Talvez jamais venhamos a saber. O homem está a caminho do corredor da morte e o dinheiro pode estar enterrado para sempre.

— Mas eu estou para perder tudo — ela disse. — Veja o que ele fez comigo. Recebi dois milhões e meio quando ele morreu, agora a empresa de seguros está pronta para me deixar na miséria.

— Ela merece um bocado de dinheiro — Lance disse, seguindo a deixa.

— Posso processá-lo por crueldade mental ou fraude, ou qualquer coisa parecida? — ela implorou.

— Não. Entenda, é muito simples. Você consegue o divórcio e a menina e Patrick fica com todo o dinheiro que conseguiu. E tudo fica em segredo. Do contrário, ele vai contar tudo isto para a imprensa. — J. Murray bateu com a mão nos relatórios e nas fotos. — E você será humilhada. Você lavou sua roupa suja em público e ele está perfeitamente disposto a retribuir o favor.

— Onde eu assino? — ela disse.



J. Murray preparou três doses de vodca e logo depois estava preparando outras três. Finalmente, falou nos rumores idiotas a respeito de Lance estar procurando um assassino profissional. Eles negaram rápida e furiosamente e J. Murray confessou que na verdade não acreditava naquela bobagem.

Eram tantos os rumores que corriam na Costa...

VINTE E DOIS

Começaram a seguir Sandy McDermott quando ele saiu de Nova Orleans, às oito horas da manhã e seguiu pela Interestadual 10. Foi seguido até onde o tráfego ficava menos intenso, perto de Lake Pontchartrain. Telefonaram então, informando que ele estava a caminho de Biloxi. Segui-lo era fácil. Ouvir o que ele dizia era outra história. Guy tinha escutas preparadas para o escritório, a casa e até o carro de Sandy, mas a decisão de instalá-las ainda não fora tomada. Os riscos eram grandes. Especialmente Aricia estava preocupado. Ele argumentou com Stephano e com Guy que Sandy podia estar esperando ter seus telefones grampeados para poder passar informações falsas ou até mesmo prejudiciais a eles. Seu cliente já tinha provado sua eficiência para evitar essas coisas. E eles discutiram longamente.

Sandy não estava olhando para trás. Nem estava vendo muita coisa na frente. Estava simplesmente dirigindo, seguindo em frente, evitando contato, a mente, como sempre, a quilômetros de distância.

Do ponto de vista estratégico, as várias batalhas de Lanigan estavam em boa situação. Os processos civis movidos pela Monarch-Sierra, pela firma de advogados e por Aricia faziam parte da longa lista de causas pendentes. Sandy só devia dar respostas formais dentro de um mês. A publicação compulsória só seria feita dentro de no mínimo três meses e duraria um ano. O mesmo se dava com o processo movido por Patrick contra o FBI. Algum dia seria alterado para incluir Stephano e seu consórcio. Seria um prazer o julgamento desse caso, mas Sandy duvidava que chegaria a ter a chance.

O divórcio estava sob controle.

A acusação de homicídio doloso, evidentemente o centro das atenções, era outro caso. Sem dúvida, o problema mais sério de Patrick, era também o mais rápido. Segundo a lei, o estado devia julgar Patrick dentro de duzentos e setenta dias depois da acusação formal, portanto o relógio estava andando.

Na opinião de Sandy, uma condenação baseada na evidência seria um tiro no escuro. No momento, não havia elementos cruciais de prova — fatos significantes, como a identidade do corpo encontrado no carro e como ele morreu e a certeza de que fora morto por Patrick. Na melhor das hipóteses, era um caso frágil e circunstancial. Seria baseado essencialmente em suposições.

Entretanto, uma condenação baseada no sentimento público era possível. Mas agora todos num raio de cento e sessenta quilômetros de Biloxi conheciam a maior parte dos detalhes e todos os seres vivos alfabetizados acreditavam que

Patrick matou alguém para forjar sua morte, para se esconder e roubar noventa milhões de dólares. Patrick tinha uns poucos admiradores, que sonhavam também com uma nova vida, um novo nome e muito dinheiro. Mas não estariam no seu júri. A maioria das pessoas, segundo pesquisas de opinião e os comentários ouvidos no tribunal, achava que Patrick era culpado e devia cumprir pena. Muito poucos eram a favor da pena de morte. Deixavam isso para os estupradores e assassinos de policiais.

Porém, o mais premente no momento era manter Patrick vivo. O dossiê de Lance, entregue pessoalmente pela bela Leah na noite anterior, em outro quarto de hotel, descrevia um homem quieto, de pavio curto e uma tendência para a violência. Gostava de armas e fora certa vez indiciado pelo grande júri federal por comprar armas roubadas em uma loja de penhores. As acusações foram retiradas posteriormente. Além dos três anos passados na prisão por tráfico de drogas, foi condenado a sessenta dias por tomar parte numa briga de bar em Gulfport, mas a sentença foi suspensa porque a prisão estava superlotada. Foi preso mais duas vezes — uma por briga e outra por dirigir alcoolizado.

A imagem de Lance podia ser bastante apresentável. Bem vestido e bonito, era admirado pelas mulheres. Sabia se vestir e manter uma conversa interessante em coquetéis. Mas suas incursões na sociedade eram temporárias. Seu coração estava sempre nas ruas, logo acima da sarjeta, onde convivia com agiotas, bookmakers, compradores de objetos roubados e conhecidos traficantes de drogas, os espertos colarinhos-brancos do crime local. Esses eram seus amigos, os homens com quem convivia. Patrick também os tinha encontrado e o dossiê continha nada menos de uma dúzia de pequenas biografias dos amigos de Lance, todos com fichas na polícia.

A princípio Sandy não acreditou na paranoia de Patrick. Agora, acreditava. Embora soubesse muito pouco do submundo, pela natureza da sua profissão ocasionalmente entrava em contato com criminosos. Muitas vezes ouviu dizer que por cinco mil dólares era possível mandar matar um homem. Talvez até menos, ao longo da Costa.

Lance certamente tinha mais do que cinco mil dólares. E um maravilhoso motivo para eliminar Patrick. As apólices de seguro de vida que enriqueceram Trudy não excluíam qualquer causa especial de morte, a não ser suicídio. Uma bala na cabeça era tratada exatamente como um acidente de carro, ou um ataque cardíaco, ou qualquer outra coisa. Morte era morte.



A Costa não era território de Sandy. Ele não conhecia o xerife ou seus

assistentes, os juízes e suas manias, os outros membros da Ordem dos Advogados. Suspeitava que foi exatamente por isso que Patrick o escolheu.

Sweeney não foi especialmente agradável no telefone. Estava muito ocupado, ele disse, e além disso, conversar com advogados era, quase sempre, uma perda de tempo. Ele concederia alguns minutos, a partir das nove e meia e dependendo de não surgir nenhuma emergência. Sandy chegou cedo e se serviu de café do bule que encontrou ao lado da água gelada. Os assistentes do xerife andavam de um lado para o outro. A cadeia ficava nos fundos. Sweeney o encontrou e o levou para seu escritório, uma sala espartana com móveis usados doados pelo governo e fotos desbotadas de políticos sorridentes na parede.

- Sente-se — disse Sweeney, apontando para uma velha cadeira e sentando atrás da sua mesa. Sandy obedeceu.

- Importa-se se eu gravar? — perguntou Sweeney, apertando o botão de um gravador grande no centro da mesa. — Eu gravo tudo — ele disse.

- Tudo bem — disse Sandy, como se tivesse escolha. -Obrigado por arranjar tempo para falar comigo.

- Sem problema — disse Sweeney. Sem um sorriso, sem modificar a impressão de que o encontro o aborrecia. Acendeu um cigarro e tomou alguns goles de café escaldante de um copo de plástico.

- Vou diretamente ao assunto — Sandy disse, como se a conversa preliminar de praxe fosse uma opção. — Meu escritório recebeu uma denúncia de que a vida de Patrick pode estar em perigo. — Sandy detestava mentir, mas não tinha escolha, dadas as circunstâncias. Era isso que seu cliente queria.

- Por que alguém ia telefonar para seu escritório dizendo que seu cliente está em perigo? — perguntou Sweeney.

- Tenho investigadores trabalhando no caso. Eles conhecem muita gente. Algum rumor foi passado adiante e um dos meus investigadores seguiu a pista. É assim que essas coisas acontecem.

Sweeney ficou impassível. Fumou seu cigarro e pensou no assunto. Na última semana, tinha ouvido todos os tipos possíveis de rumores sobre as aventuras de Patrick Lanigan. Ninguém falava em outra coisa. As histórias eram as mais variadas. Sweeney achava que sua rede de informações era melhor que a do advogado, especialmente por ele ser de Nova Orleans. Portanto, podia deixar que ele falasse.

- Suspeita de alguém?

- Sim, o nome dele é Lance Maxa. Estou certo de que o conhecem.

- Conhecemos.

- Ele tomou o lugar de Patrick ao lado de Trudy logo depois do enterro.

- Alguns diriam que Patrick tomou o lugar dele — disse Sweeney, com seu

primeiro sorriso. Sandy estava realmente em território desconhecido. O xerife sabia mais do que ele.

- Então acho que sabe tudo sobre Lance e Trudy — Sandy disse, um pouco irritado.

- Sabemos. Notamos muito bem as coisas por aqui.

-Tenho certeza que sim. Seja como for, Lance, como deve saber, é um tipo perigoso e meus homens ouviram dizer que está à procura de um assassino profissional.

- Quanto ele está oferecendo? — Sweeney perguntou, com ceticismo.

- Não sei. Mas ele tem o dinheiro e o motivo.

- Já ouvi isso.

- Ótimo. O que pretende fazer?

- Sobre o quê?

- Sobre manter meu cliente vivo.

Sweeney respirou fundo e resolveu ficar calado. Procurou se controlar.

- Ele está numa base militar, num quarto de hospital com meus policiais guardando a porta e agentes do FBI no corredor. Não sei ao certo no que está pensando.

- Escute, xerife, não estou tentando dizer como deve fazer seu serviço.

- Não mesmo?

- Não. Pode ficar certo. Por favor, tente compreender que, neste momento, meu cliente é um homem muito assustado. Estou aqui falando por ele. Foi seguido e vigiado durante quatro anos. Foi apanhado. Ouve vozes que nós não ouvimos. Vê sombras que não vemos. Está convencido de que vão tentar matá-lo e espera que eu o proteja.

- Ele está seguro.

- Por enquanto. Que tal falar com Lance, fazer um bom interrogatório e contar a ele o que estão dizendo. Se ele souber que está sendo vigiado, não vai ser idiota e tentar alguma coisa.

- Lance é idiota.

- Talvez, mas Trudy não é. Se ela achar que podem ser apanhados, ela vai fazer Lance voltar ao seu lugar.

- Ela tem feito isso a vida toda.

- Exatamente. Ela não vai correr nenhum risco.

Sweeney acendeu outro cigarro e olhou para o relógio.

- Mais alguma coisa? — perguntou, de repente ansioso para se levantar e sair. Ele era o xerife, não um gerente de escritório.

- Só mais uma coisa. E repito, não estou tentando ensinar nada. Patrick tem um grande respeito pelo senhor. Mas, bem, ele pensa que está muito mais seguro

onde está.

- Que surpresa.

- A cadeia pode ser perigosa para ele.

- Ele devia ter pensado nisso antes de matar o desconhecido.

Sandy ignorou isso e disse:

- Estará melhor protegido no hospital.

- Já esteve na minha cadeia?

- Não.

- Pois então não venha me ensinar o quanto é insegura. Faço isso há muito tempo, compreendeu?

- Não estou ensinando coisa alguma.

- Uma ova que não está. Tem mais cinco minutos. Mais alguma coisa?

- Não.

- Ótimo. — Sweeney se levantou de um salto e saiu da sala.

O meritíssimo Karl Huskey chegou à Base Aérea de Keesler no fim da tarde e passou lentamente pela segurança, a caminho do hospital. Estava em pleno julgamento de um caso de tráfico de drogas que já durava uma semana e, por isso, estava muito cansado. Patrick havia telefonado, pedindo a ele para passar pelo hospital se fosse possível.

No enterro de Patrick, Karl fora um dos que carregaram o caixão e sentara-se ao lado de Sandy McDermott. Porém, ao contrário de Sandy, Huskey era um amigo recente de Patrick. Conheceram-se durante um processo no qual Patrick trabalhara logo depois de chegar a Biloxi. Ficaram amigos, como acontece entre advogados e juízes que se encontram todas as semanas. Conversavam sobre a péssima qualidade da comida nos almoços mensais da Ordem dos Advogados e certa vez beberam demais numa festa de Natal. Jogavam golfe duas vezes por ano.

Era um relacionamento tranquilo, mas não íntimo, pelo menos não durante os três primeiros anos de Patrick em Biloxi. Mas a amizade aprofundou-se nos meses que precederam o desaparecimento de Patrick. Porém, com alguma perspicácia era fácil para o juiz notar a profunda mudança que se operara em Patrick.



Nos meses seguintes ao desaparecimento, todos da comunidade jurídica que o conheciam melhor, incluindo Karl, reuniam-se para drinques no Lower Bar, no Mary Mahoney’s Restaurant, nas tardes das sextas-feiras, tentando resolver o caso Patrick.

Atribuíam a Trudy uma parte da culpa, embora, na opinião de Karl, ela fosse um alvo muito fácil. Superficialmente, o casamento não parecia tão deteriorado. Patrick certamente nunca falava no assunto, pelo menos não com os que se reuniam no Mary Mahoney's. Especialmente a compra do Rolls-Royce, o namorado que passou a morar na casa dela, a atitude de "que tudo vá para o inferno", adotada assim que recebeu o dinheiro do seguro de vida, fizeram com que todos se voltassem contra ela, impossibilitando qualquer julgamento objetivo. Ninguém sabia ao certo se ela estava dormindo com mais alguém antes do desaparecimento de Patrick. Na verdade, Buster Gillespie, funcionário do Tribunal de Equidade que fazia parte do grupo das sextas-feiras, admirava Trudy. Ela havia trabalhado com a mulher dele num baile de caridade e ele estava sempre pronto a dizer alguma coisa agradável a respeito dela. Mas era o único. Era fácil falar de Trudy e criticá-la.

A pressão do trabalho certamente foi um fator importante na fuga de Patrick. A firma naquela época estava nadando em dinheiro e ele queria desesperadamente se tornar sócio. Trabalhava longas horas e se encarregava dos casos difíceis que os outros sócios não queriam. Nem o nascimento de Ashley Nicole conseguiu mantê-lo em casa. Patrick se tornou sócio três anos depois de entrar para a firma, mas poucas pessoas de fora sabiam disso. Ele contou para Karl, discretamente, certo dia, depois de um julgamento, mas sem nenhuma bazófia.

Patrick estava cansado e estressado, mas afinal, era assim que estavam quase todos os advogados que entravam no tribunal de Karl. As mudanças mais estranhas em Patrick eram físicas. Ele tinha um metro e oitenta e três de altura e dizia que nunca fora magro. Contava que corria muito quando estava na escola de direito, chegando a fazer sessenta e cinco quilômetros por semana. Mas como um advogado muito ocupado, quem tinha tempo? Ele começou a ganhar peso, e estava gordo demais no último ano que passou em Biloxi. Parecia não se importar com as brincadeiras e comentários do pessoal do tribunal. Karl chamou a atenção dele mais de uma vez, mas ele continuava a comer. Um mês antes de desaparecer, durante um almoço, ele disse a Karl que estava pesando cento e quinze quilos e que Trudy estava furiosa com isso. Ela, é claro, fazia duas horas diárias de aeróbica com Jane Fonda e continuava magra como uma modelo.

Ele disse que sua pressão estava alta e prometeu começar uma dieta. Karl o encorajou a fazer isso. Mais tarde ficou sabendo que a pressão de Patrick estava normal.

O aumento de peso e a súbita perda de peso faziam sentido agora.

A barba também. Ele começou a deixá-la crescer em novembro de 1990, dizendo que seria uma barba de caçador. A barba não era incomum entre os

colarinhos-brancos e advogados do Mississippi. O ar era frio. O nível de testosterona elevado. Era uma coisa de garoto. Patrick se recusava a tirar a barba e Trudy reclamava disso também. Quanto mais tempo ele a mantinha, mais grisalha ela ficava. Os amigos acabaram se acostumando. Trudy não.

Patrick deixou crescer um pouco o cabelo, usando-o mais cheio no alto da cabeça e cobrindo as orelhas. Karl comentara que ele estava com a aparência do Jimmy Carter de 1976. Patrick disse que tinha perdido de vista o cabeleireiro que cortava seu cabelo e não conseguia encontrar um no qual pudesse confiar.

Usava boas roupas e o excesso de peso não o fez perder a elegância, mas era jovem demais para se descuidar desse modo da aparência física.

Três meses antes de sair de Biloxi, Patrick conseguiu convencer seus sócios de que a firma precisava de um folheto próprio. Era um projeto pequeno, mas ao qual ele se dedicou intensamente. Embora supostamente Patrick não tivesse conhecimento, a firma estava prestes a conseguir o acordo de Aricia e o dinheiro estava quase à vista. As vaidades se ampliavam diariamente. Uma firma muito séria estava para ficar muito rica, portanto, por que não se apresentarem em um folheto profissional sobre a firma? Era um modo de lazer a vontade de Patrick. Todos os cinco posaram individualmente para um fotógrafo profissional, depois passaram uma hora posando para a foto do grupo. Patrick imprimiu cinco mil e foi muito elogiado pelos outros sócios. Lá estava ele na página dois, gordo, barbado, cabeludo e em nada parecido com o Patrick que encontraram no Brasil.

A foto foi usada pela imprensa com a notícia da sua morte. Era sem dúvida a mais recente e, por coincidência, Patrick tinha enviado uma para o jornal local, para o caso de a firma desejar publicar uma propaganda. Eles riram comentando isso, enquanto tomavam drinques no Mary Mahoney's. Podiam imaginar Patrick orquestrando a fotografia na sala de conferência da firma. Podiam imaginar Bogan e Vitrano, Rapley e Havarac com seus ternos azuis muito escuros e os mais graves sorrisos enquanto Patrick preparava os alicerces do seu plano de fuga.

Nos meses seguintes ao desaparecimento, o grupo no Mary Mahoney's muitas vezes bebeu à saúde de Patrick, fazendo o jogo do "Onde está Patrick? " O tempo passou e com ele o choque do desaparecimento. Terminada a análise da vida dele, os encontros se tornaram mais raros e finalmente pararam. Meses se transformaram em anos. Patrick jamais seria encontrado.



Karl ainda achava difícil acreditar. Entrou no elevador e subiu sozinho para o terceiro andar.

Karl se perguntava se alguma vez tinha desistido de Patrick. Era muito difícil ignorar os mistérios. Um dia cansativo no tribunal e ele pensava em Patrick numa praia cheia de sol lendo um romance, tomando um drinque, olhando as mulheres. Outro ano sem aumento de salário e ele se perguntava o que os noventa milhões estariam fazendo. O último rumor sobre a falência da firma de Bogan e ele censurava Patrick pelo sofrimento que havia provocado. Não, a verdade era que Karl pensava em Patrick por um motivo ou outro todos os dias, desde que ele partiu.

Não viu enfermeiras nem outros pacientes no corredor. Os dois policiais levantaram de suas cadeiras quando viram o juiz. Um disse: “Boa noite, juiz. ” Ele os cumprimentou e entrou na penumbra do quarto.

VINTE E TRÊS

Patrick, sentado na cama, sem camisa e com as persianas fechadas, assistia “Jeopardy” na televisão. Só uma fraca lâmpada de mesa iluminava o quarto.

— Sente aqui — ele disse, apontando para os pés da cama.

Esperou o tempo suficiente para Karl ver as queimaduras no seu peito e rapidamente vestiu uma camiseta de mangas curtas. O lençol o cobria até a cintura.

— Obrigado por vir — ele disse. Desligou a TV e o quarto ficou mais escuro.

— Queimaduras feias, Patrick — Karl disse, sentando na beirada da cama, o mais longe possível, as pernas para fora.

Patrick ergueu os joelhos na altura do peito. Sob o lençol ele ainda parecia dolorosamente magro.

— Foi muito feio — ele disse, enlaçando os joelhos com as mãos. — O médico diz que estão cicatrizando bem. Mas preciso ficar aqui por mais algum tempo.

— Não tem problema quanto a isso, Patrick. Ninguém está gritando, pedindo para você ser removido para a cadeia.

— Ainda não. Mas a imprensa logo vai começar.

— Relaxe, Patrick. Isso vai depender da minha decisão.

Patrick ficou aliviado.

— Obrigado, Karl. Sabe, eu não sobreviveria na prisão. Você conhece o lugar.

— E o que me diz de Parchman? É dez vezes pior.

Na longa pausa, Karl desejou não ter dito isso. Foi uma observação instintiva e cruel.

— Desculpe — ele disse. — Foi inoportuno.

— Eu me mato se tiver de ir para a Parchman.

— Eu não o culpo. Vamos falar de alguma coisa agradável.

— Você não pode ficar com o caso, pode, Karl?

— Não. É claro que não. Tenho de recusar.

— Quando?

— Muito em breve.

— Quem vai ficar então?

— Trussel ou Lanks, provavelmente Trussel. — Karl olhou atentamente para ele. Patrick estava tendo dificuldade de olhar para o juiz. Karl esperava ver um

brilho diferente nos olhos dele, seguido de um sorriso, depois uma risada e então Patrick iria relaxar e contar com orgulho suas aventuras. “Ora, vamos, Patrick”, ele queria dizer. “Conte tudo. Quero ouvir a história toda. ”

Mas os olhos estavam distantes. Aquele não era o mesmo Patrick.

Karl tentou assim mesmo.

— Onde arranjou esse queixo?

— Comprei no Rio.

— E o nariz?

— Mesmo lugar, mesmo dia. Você gosta?

— É muito bonito.

— No Rio, há uma clínica de cirurgia plástica em cada esquina.

— Ouvi dizer que tem praias.

— Praias belíssimas.

— Conheceu algumas mulheres por lá?

— Algumas.

Sexo não fazia parte das conversas de Patrick. Ele gostava de olhar longa e apreciativamente para uma bela mulher, mas até onde Karl sabia, fora fiel a Trudy durante o casamento. Certa vez, no acampamento de caça, tinham comparado as respectivas mulheres. Patrick admitiu que era um desafio manter Trudy satisfeita.

Uma longa pausa e Karl percebeu que Patrick não estava com pressa de falar. O primeiro minuto passou em silêncio e o segundo se arrastou. Karl estava feliz por estar ali, satisfeito por ver o amigo, mas havia um limite para o tempo que podia ficar sentado num quarto escuro olhando para as paredes.

— Escute, Patrick, não vou julgar o seu caso, portanto não estou aqui como seu juiz. Não sou seu advogado. Sou seu amigo. Pode falar comigo.

Patrick apanhou uma lata pequena de suco de laranja com um canudinho.

— Quer beber alguma coisa?

— Não.

Tomou um pouco do suco e pôs a lata outra vez na mesa.

— Acho que parece romântico, certo? O sonho de simplesmente ir embora, desaparecer na noite e quando o sol se levanta você é outra pessoa. Todos os problemas deixados para trás — a rotina do trabalho, um casamento em ruínas, a pressão para se tornar cada vez mais rico. Você tem esse sonho, não tem, Karl?

— Acho que todo mundo tem, num determinado momento. Por quanto tempo você planejou tudo?

— Muito tempo. Eu duvidava realmente de que a menina fosse minha. Resolvi...

— O que você disse...?

— É verdade, Karl. Eu não sou o pai. Trudy transou com outros durante todo o nosso casamento. Eu amava a menina tanto quanto possível, mas era um tormento. Consegui provas e prometi a mim mesmo esclarecer tudo com Trudy, mas era mais fácil adiar. Por estranho que pareça, de certo modo me acostumei com a ideia de ela ter um amante. Eu estava planejando ir embora, mas não sabia como. Então li alguns livros sobre como mudar de identidade, obter novos documentos e viver na clandestinidade. Não é complicado. Só precisa pensar e planejar um pouco.

— Então deixou crescer a barba e engordou vinte e cinco quilos.

— Isso mesmo. Fiquei atônito quando vi o quanto tinha mudado com a barba. Isso foi exatamente na época em que me tornei sócio da firma e eu já estava queimado. Estava casado com uma mulher infiel, brincando com uma criança que não era minha, trabalhando com um bando de gente que eu não suportava. Alguma coisa estalou, Karl. Estava no meu carro, certo dia, na Rodovia 90, para fazer algo importante, mas fiquei preso no engarrafamento e olhei para o Golfo. Um pequeno veleiro mal se movia no horizonte. E eu desejei desesperadamente estar nele, navegar para algum lugar onde ninguém me conhecesse. Fiquei ali sentado no carro, vendo o barco deslizar lentamente na água, querendo nadar até ele. Eu chorei, Karl Dá para acreditar?

— Nós todos temos esses dias.

— Então alguma coisa se soltou e nunca mais fui o mesmo. Eu sabia que ia desaparecer.

— Quanto tempo levou?

— Eu tinha de ser paciente. Em geral as pessoas se apressam quando resolvem desaparecer e cometem erros. Eu tinha tempo. Não estava quebrado, nem fugindo de credores. Fiz um seguro de vida de dois milhões de dólares e isso levou três meses. Eu sabia que não podia deixar Trudy e a menina sem nada. Comecei a engordar, comendo como um louco. Alterei meu testamento. Convenci Trudy de que devíamos providenciar os planos para nosso enterro e fiz tudo isso sem levantar suspeitas.

— A cremação foi um toque de mestre.

— Obrigado. Eu recomendo sem restrições.

— É impossível determinar a causa da morte e a identificação do corpo, coisas importantes como essas.

— Não vamos falar nisso.

— Desculpe.

— Então ouvi falar do sr. Benny Aricia e sua pequena guerra contra o Pentágono e as Indústrias Platt & Rockland. Bogan manteve o caso todo em sigilo. Pesquisei mais e descobri que Vitrano, Rapley e Havarac estavam todos

no negócio. Todos os sócios, menos eu. Eles mudaram, Karl, todos eles. Ficaram cheios de segredos e de mistério. Sem dúvida eu era o sócio mais novo, mas era sócio. A votação a meu favor foi unânime e dois meses depois estavam me deixando de lado, enquanto conspiravam com Aricia. De repente, eu era o cara que fazia todas as viagens, o que convinha maravilhosamente para todos. Trudy podia arranjar seus encontros amorosos. Os sócios podiam se encontrar com Aricia sem precisar fazer segredo. Eles me mandavam para toda a parte, o que me convinha também porque estava fazendo meus planos. Certa vez passei três dias em Fort Lauderdale ouvindo depoimentos e descobri um cara em Miami que falsificava documentos de identidade perfeitos. Duzentos dólares e eu tinha uma nova carteira de motorista, passaporte, cartão de seguro social e título de eleitor. Tudo daqui, do condado de Harrison. Carl Hildebrand era meu nome, em sua honra.

— Estou lisonjeado.

— Em Boston, Conheci um cara que sabe como fazer a gente desaparecer. Por mil dólares tive meu seminário particular de como desaparecer. Em Dayton contratei um especialista em vigilância, que me ensinou tudo sobre "grampos" e microfones e outros aparelhinhos sujos desse tipo. Eu fui paciente, Karl. Muito paciente. Ficava no escritório até tarde e consegui toda informação possível sobre Aricia. Ouvia com atenção, interrogava as secretárias, revistava as cestas de papéis. Então comecei a grampear escritórios, no começo só uns poucos, para aprender. Instalei uma escuta no de Vitrano e mal podia acreditar no que estava ouvindo. Eles iam me chutar da firma, Karl. Dá para acreditar? Sabiam que sua parte no caso Aricia seria de cerca de trinta milhões e estavam planejando dividir por quatro. Mas a divisão não seria em partes iguais. Bogan, é claro, receberia mais, cerca de dez milhões. Ele precisava molhar a mão de algumas pessoas em Washington. Os outros três receberiam cinco milhões e o resto seria gasto na firma. Eu, segundo seus planos, estaria na rua.

— Quando foi isso?

— Durante quase todo o ano de 1991. O caso Aricia foi marcado para ser resolvido em 14 de dezembro de 1991 e, a partir daí, levariam uns noventa dias para receber o dinheiro. Nem o senador podia apressar mais as coisas.

— Fale sobre o acidente de carro.

Patrick mudou de posição, depois virou as pernas para o lado e levantou da cama.

— Uma cãibra — ele murmurou, esticando as costas e as pernas. Parou na porta do banheiro, balançando de um pé para o outro, olhando para Karl, ainda sentado. — Foi num domingo.

— Nove de fevereiro.

— Certo. Nove de fevereiro. Passei o fim de semana na minha cabana e quando estava voltando para casa, sofri o acidente, morri e fui para o céu.

Karl olhou atentamente para ele sem sorrir.

— Tente outra vez.

— Por quê, Karl?

— Fascinação mórbida.

— Isso é tudo?

— Pode estar certo. Foi uma obra de arte, Patrick. Como conseguiu fazer?

— Terei de omitir alguns detalhes.

— Certamente.

Saíram para o corredor e Patrick explicou aos guardas que ele e o juiz iam andar um pouco. Os policiais os seguiram à distância. Uma enfermeira sorriu e perguntou se eles queriam alguma coisa. Duas Diet Cokes, Patrick disse cortesmente. Patrick caminhou deliberadamente em silêncio até o fim do corredor, onde as janelas de vidro fosco davam para o estacionamento. Sentaram num banco de vinil, de frente para o corredor, onde os policiais esperavam a quinze metros, de costas para eles.

Patrick estava com calça de cirurgião, sem meias, sandália de couro.

— Você viu as fotos do local do acidente? -ele perguntou, em voz muito baixa.

— Vi.

— Eu o encontrei um dia antes. A descida é bastante íngreme e achei que seria perfeita para o acidente. Esperei até mais ou menos dez horas da noite de domingo e saí da cabana. Parei numa pequena loja na divisa do condado.

— Verhall's.

— Certo, Verhall's. Enchi o tanque.

— Cinquenta litros, quatorze dólares e vinte e um centavos, pagos com cartão de crédito.

— Sim, acho que foi isso. Conversei com a sra. Verhall, e saí. O tráfego não estava intenso. Três quilômetros adiante, entrei numa estrada de cascalho e segui por quase dois quilômetros até o lugar que havia escolhido. Parei, abri a mala e troquei de roupa. Tinha levado um conjunto usado por ciclistas nas estradas de terra — capacete, protetores de ombros, joelhos e mãos, tudo. Voltei para a estrada e segui para o sul. Na primeira vez havia um carro atrás de mim. Na segunda, um carro vinha em minha direção, a uma certa distância. Pisei com força no freio, para deixar marcas de derrapagem. Na terceira vez a estrada estava vazia. Pus o capacete, respirei fundo e saí da estrada. Foi assustador, Karl.

Karl imaginou que a essa altura havia outro corpo em algum lugar do carro, morto ou vivo, mas não ia perguntar. Pelo menos, não agora.

— Eu não estava a mais de cinquenta quilômetros quando saí da estrada, mas cinquenta parecem mais de cem quando estamos no ar com as árvores passando por nós. O carro pulava, raspando nas árvores. O para-brisa estilhaçou. Eu girava o volante para a direita e para a esquerda, procurando me desviar do melhor modo possível, mas bati de frente num pinheiro grande e senti uma dor aguda no ombro esquerdo. Nenhum sangue. Eu estava dependurado em alguma coisa e percebi que o Blazer estava caído de lado. Comecei a me arrastar para fora do carro. Quando saí da maldita coisa, vi que tinha tido muita sorte. Meu ombro não estava quebrado, só deslocado. Andei em volta do Blazer, atônito com o estrago. O teto tinha afundado bem acima da minha cabeça. Mais alguns centímetros e eu nunca teria saído de dentro dele.

— Parece incrivelmente arriscado. Podia ter morrido ou ficar gravemente ferido. Por que não empurrou simplesmente o carro para a encosta?

— Não ia funcionar. Tinha de parecer um acidente verdadeiro, Karl A encosta não era bastante íngreme. Esta é uma área de planície, lembre disso.

— Por que não prender o acelerador com um tijolo e saltar do carro?

— Tijolos não queimam. Se encontrassem um tijolo no carro podiam desconfiar. Pensei em tudo e resolvi que podia jogar o carro entre as árvores e sair ileso. Eu tinha um cinto de segurança, um airbag, um capacete.

— O próprio Evel Knievel.

A enfermeira levou as Diet Cokes e conversou com eles por um momento. Quando ela se foi, Patrick perguntou:

— Onde eu estava?

— Acho que estava pronto para pôr fogo no carro.

— Certo. Parei um momento para escutar. A roda traseira esquerda estava girando. Era o único som que se ouvia. De onde estava eu não podia ver a estrada mas olhei para cima e não vi nenhum movimento. Nada. Tudo limpo para minha saída. A casa mais próxima ficava a quilômetros de distância. Tinha certeza de que ninguém podia ter ouvido o acidente, mas mesmo assim, agi rapidamente. Tirei o capacete e os protetores e joguei para dentro do Blazer, depois corri mais para baixo, para onde tinha escondido a gasolina.

— Quando?

— No mesmo dia, mais cedo. Muito cedo. De madrugada. Eu tinha quatro recipientes de plástico de oito litros cada um e os levei rapidamente até o Blazer. Estava escuro como breu e eu não podia usar uma lanterna, mas tinha marcado uma pequena trilha. Deixei os recipientes no Blazer, parei, escutei. Nenhum ruído da estrada. Nenhum som em lugar algum. A adrenalina corria livre e eu estava com o coração na garganta. Esvaziei o último recipiente dentro e fora do carro e o atirei para dentro do Blazer com os outros. Recuei uns dez metros e

acendi um cigarro que estava no bolso. Joguei o cigarro aceso, recuei mais e me escondi atrás de uma árvore. O cigarro atingiu o Blazer e então a gasolina explodiu. Como uma bomba. Num instante o fogo saía de todas as janelas. Subi uma encosta e encontrei um ponto de onde podia ver tudo, mais ou menos a uns trinta metros. Eu queria ver sem ser visto. O fogo rugia ferozmente. Eu não tinha ideia de que fosse fazer tanto barulho. Algumas moitas começaram a arder e tive medo de ter começado um incêndio na floresta. Felizmente tinha chovido na sexta-feira, uma chuva forte que encharcou as árvores e a superfície do solo. — Patrick tomou um pouco da Coca. — Só agora lembrei que não perguntei da sua família, Karl. Desculpe. Como vai Iris?

— Iris está ótima. Podemos falar sobre a família mais tarde. Neste momento, quero ouvir sua história.

— Certo. Onde eu estava? Estou tão esquecido. Todas essas drogas.

— Vendo o carro pegar fogo.

— Certo. O fogo ficou extremamente quente, o tanque de gasolina explodiu. Outra bomba. Por um momento pensei que o fogo ia me alcançar. Destroços voavam no ar, batendo nas árvores ao cair. Finalmente ouço ruídos na estrada. Vozes, gente gritando. Não vejo ninguém, mas é grande o movimento. Depois de um longo tempo o fogo se espalha em volta do carro. Está vindo na minha direção. Começo a me afastar. Ouço uma sirene. Estou tentando encontrar um regato que vi na véspera, a cem metros mais ou menos, no interior da floresta. Vou seguir o regato. Estou procurando a minha moto.

Karl ouvia cada palavra, absorvia cada cena, caminhava passo a passo com Patrick. A rota de fuga fora assunto de muitos debates nos meses seguintes ao desaparecimento e ninguém tinha uma pista.

— Uma moto?

— Sim. Muito velha. Comprei por quinhentos dólares, em dinheiro, de um vendedor de carros usados em Harrietsburg vários meses antes. Às vezes eu brincava com ela na floresta. Ninguém sabia da existência dela.

— Nem certificado de propriedade, ou registro?

— É claro que não. Deixe-me continuar, Karl. Correndo pela floresta, procurando o regato, ainda assustado mas ileso, ouvindo o fogo e as vozes cada vez mais distantes e a sirene cada vez mais alta, eu sabia que estava correndo para a liberdade. Patrick estava morto e levou com ele uma vida que não era boa. Seria pranteado e enterrado adequadamente e todos diriam adeus. E dentro de pouco tempo todos começariam a esquecer. Mas eu corria desesperadamente para uma nova vida. Era uma sensação embriagadora.

E o pobre homem queimado no carro, Patrick? Enquanto você corria alegremente pela floresta alguém estava morrendo no seu lugar, Karl quase

disse. Patrick parecia ter se esquecido completamente do fato de ter cometido um homicídio.

— Então, de repente, estou perdido. A floresta é densa e tomei o caminho errado. A essa altura posso usar a pequena lanterna que tenho no bolso. Volto pelo caminho até não mais ouvir a sirene. Então, sento num tronco caído para me acalmar. Estou em pânico. Não seria irônico? Sobreviver ao acidente para morrer de fome perdido na floresta? Começo a andar outra vez, tenho sorte e encontro o regato. Logo encontro a moto. Eu a empurro por alguns metros encosta acima até uma velha trilha de caça e a essa altura o peso dos meus cento e quinze quilos está quase me matando. Encontro uma estrada de terra e avisto a primeira casa. Eu adaptei tubos de alumínio na moto para abafar o ruído do motor. Logo estou numa estrada asfaltada no condado de Stone. Evito as estradas principais preferindo as secundárias. Umas duas horas depois, estou outra vez na cabana de madeira.

— Por que voltou para a cabana?

— Precisava me organizar.

— Nilo pensou que podia ser visto por Pepper?

Patrick nem piscou. Karl calculou o momento exato para a pergunta e esperou a reação. Nenhuma. Patrick olhou para os pés por alguns segundos e disse:

— Pepper tinha ido embora.

VINTE E QUATRO

Underhill estava de volta, depois de oito horas assistindo vídeos e fazendo a revisão de notas em outra sala. Entrou, disse um olá geral, mais ou menos na direção de Stephano e do advogado, e começou a trabalhar.

— Se pudermos começar de onde paramos ontem, sr. Stephano.

— Onde paramos mesmo?

— Sua incursão no Brasil.

— Certo. Bem, vejamos. É um grande país. Cento e sessenta milhões de habitantes, mais quilômetros quadrados do que o mais baixo dos nossos quarenta e oito estados e com uma tradição de ser um lugar maravilhoso para se esconder, especialmente quando se está fugindo. Os nazistas o escolheram para esconderijo durante anos. Organizamos um dossiê sobre Lanigan e mandamos traduzir para o português. Um desenhista da polícia e alguns especialistas em computadores nos deram uma série de retratos falados de como Patrick devia estar se parecendo. Passamos horas com o capitão de barcos alugados em Orange Beach, bem como com os banqueiros em Nassau que juntos nos ajudaram a criar uma série de retratos de Lanigan. Falamos até com os sócios da firma para aperfeiçoar o retrato. Eles, por sua vez, o mostraram para as secretárias. Um dos sócios, o sr. Bogan, chegou a levar um para a viúva de Lanigan para saber o que ela achava.

— Agora que o pegaram, os retratos eram parecidos?

— Bastante. O queixo e o nariz nos desorientaram um pouco.

— Por favor, continue.

— Viajamos para o Brasil e contratamos as três melhores firmas de investigadores do país. Uma no Rio, uma em São Paulo e outra no Recife, no Nordeste. Estávamos pagando muito bem em dólares, por isso pudemos contratar o que há de melhor. Nós as organizamos como uma equipe e nos reunimos em São Paulo durante uma semana. Ouvimos o que eles tinham a dizer. Inventaram a história de que Patrick era um americano fugitivo, procurado pelo sequestro e assassinato da filha de uma família muito rica, que agora oferecia uma recompensa por qualquer informação sobre seu paradeiro. O assassinato de uma criança tinha por objetivo despertar mais simpatia do que o roubo de dinheiro de um bando de advogados.

“Fomos primeiro aos cursos de línguas estrangeiras, mostrando fotos de Lanigan e oferecendo dinheiro. Os melhores cursos nem abriram a porta para nós. Em outros, olhavam para as fotos mas não podiam ajudar. A essa altura, nós

todos respeitávamos extremamente Lanigan e não acreditávamos que ele corresse o risco de estudar num lugar onde perguntas fossem feitas e registros arquivados. Procuramos então professores particulares, dos quais há milhões no Brasil. Foi um trabalho tedioso.

— Ofereciam dinheiro adiantado pela informação?

— Fazíamos o que nossos agentes brasileiros queriam fazer, ou seja, mostrar as fotos, contar a história do assassinato da criança, depois esperar a reação. À menor sugestão de mordida na isca, delicadamente sugeríamos uma recompensa.

— Alguma mordida?

— Sim, poucas, aqui e ali, mas nunca chegamos a pagar nada, pelo menos não para professores particulares.

— Para outros?

Stephano fez um gesto afirmativo e olhou para uma folha de papel.

— Em abril de 1994, encontramos um cirurgião plástico no Rio que demonstrou algum interesse nas fotos de Lanigan. No fim de um mês de conversa, finalmente nos convenceu de que tinha operado Lanigan. Tinha algumas fotos do cliente, antes e depois da operação. Ele nos levou na conversa e no fim concordamos em pagar um quarto de milhão, em dinheiro, depositados no exterior, por toda sua ficha.

— O que havia na ficha?

— Apenas o básico. Fotos de frente do nosso homem antes e depois da cirurgia. Realmente era estranho porque Lanigan tinha insistido em não ser fotografado. Ele não queria deixar nenhuma pista, apenas pagar em dinheiro as alterações. Não deu o nome verdadeiro, disse que era um homem de negócios do Canadá que de repente resolveu parecer mais jovem. O cirurgião ouvia isso constantemente e sabia reconhecer um homem em fuga. Tinha uma câmera oculta no consultório, daí as fotos.

— Podemos vê-las?

— Certamente.

O advogado despertou de repente e entregou um envelope para Underhill que o abriu e examinou as fotos.

— Como encontraram o médico?

— Enquanto procurávamos nos cursos de línguas e entre os professores particulares, estávamos investigando também outros profissionais. Falsários, cirurgiões plásticos, importadores.

— Importadores?

— Sim, há uma palavra em português para esses caras, mas “importador” é a tradução mais próxima. Formam um grupo de especialistas que fazem a pessoa entrar no Brasil e desaparecer — novos nomes, novos documentos, os melhores

lugares para morar e para se esconder. Completamente impenetráveis. Tivemos também pouca sorte com os falsários. Eles não podem se dar ao luxo de falar sobre seus clientes. É péssimo para o negócio.

— Mas com os médicos foi diferente?

— Na verdade não. Eles não falam. Mas contratamos um cirurgião plástico como consultor e ele nos deu os nomes dos seus colegas menos honestos que trabalhavam com os anônimos. Foi assim que encontramos o médico no Rio.

— Isso foi mais de dois anos depois do desaparecimento de Lanigan.

— Exato.

— Foi a primeira prova de que ele estava realmente no país?

— A primeira, sim.

— O que vocês fizeram durante os dois anos seguintes?

— Gastamos um monte de dinheiro. Batemos numa porção de portas. Seguimos uma porção de pistas falsas. Como eu disse, é um país muito grande.

— Quantos homens trabalhavam para você no Brasil?

— Em dado momento, eu estava pagando sessenta agentes. Ainda bem que não são tão caros quanto os americanos.



Se o juiz queria uma pizza, então o juiz teria uma pizza. Comprada no Hugo’s, um antigo bistrô dirigido por uma família, na rua Division, perto do Point e distante das lanchonetes na avenida da praia. Foi entregue por um policial no quarto 312. Patrick sentiu o cheiro assim que a pizza saiu do elevador. Olhou para ela quando Karl abriu a caixa nos pés da sua cama. Fechou os olhos e aspirou o aroma celestial de azeitonas pretas, cogumelos portobello, presunto italiano, pimenta verde e seis tipos de queijo. Especialmente nos últimos dois anos da sua antiga vida, Patrick comeu milhares de pizzas do Hugo’s, e estava sonhando com isso há semanas. Estar em casa tinha certas vantagens.

— Você parece a morte descongelada. Coma — Karl disse. Patrick devorou a primeira fatia da pizza sem uma palavra e apanhou a segunda.

— Como conseguiu emagrecer tanto? — Karl perguntou, mastigando.

— Podemos pedir cerveja? — perguntou Patrick.

— Não. Sinto muito. Você está preso, não esqueça.

— Perder peso está na cabeça. Se você resolver, é fácil. Eu de repente tinha uma forte motivação para passar fome.

— Qual foi o máximo que chegou a pesar?

— Na sexta-feira, antes de desaparecer, estava pesando cento e dezoito quilos. Perdi vinte e três quilos e meio nas seis primeiras semanas. Esta manhã eu estava pesando oitenta quilos.

— Você parece um refugiado. Coma.

— Obrigado.

— Você estava na cabana.

Patrick limpou o queixo com um guardanapo de papel e devolveu a fatia de pizza à caixa. Tomou um pouco de Diet Coke.

— Sim, eu estava na cabana. Eram mais ou menos onze e meia. Entrei pela porta da frente e não acendi as luzes. Há outra cabana a oitocentos metros da minha. Pertence a umas pessoas de Hattiesburg e embora eu não acreditasse que estivessem na cabana naquele fim de semana, precisava ter cuidado. Cobri a pequena janela do banheiro com uma toalha escura, acendi a luz e fiz a barba rapidamente. Depois cortei o cabelo e tingi de castanho-escuro, quase preto.

— Sinto ter perdido isso.

— Ficou muito bem. Era estranho. Eu até me senti como uma pessoa diferente quando olhei no espelho. Depois, limpei tudo, varri todo o cabelo e toda a barba porque eu sabia que eles iam revistar a cabana com um pente fino e fiz um embrulho da caixa com a tinta e os tubos. Vesti roupa mais pesada. Fiz café forte e tomei metade do bule. A outra metade foi para a garrafa térmica para minha viagem. À uma hora da manhã saí apressadamente da cabana. Não esperava os policiais naquela noite, mas sempre havia uma possibilidade. Eu sabia que levariam algum tempo para identificar o Blazer e avisar Trudy e alguém podia sugerir uma visita à cabana por um ou outro motivo. Eu não esperava que isso acontecesse, mas à uma hora estava ansioso para partir.

— Ficou preocupado com Trudy?

— Não muito. Eu sabia que ela ia controlar muito bem o choque e que ia me enterrar com a maior pompa possível. Seria uma viúva modelo durante um mês mais ou menos e depois receberia o dinheiro do seguro. Seria o seu melhor momento. Muita atenção, muito dinheiro. Não, Karl, eu não amava aquela mulher. Nem me preocupava com ela.

— Você voltou à cabana?

— Não.

Karl não podia, não queria deixar de fazer a pergunta.

— A espingarda e o material de acampamento de Pepper foram encontrados debaixo de uma das camas. Como foram parar lá?

Patrick ergueu os olhos por um segundo, parecendo surpreso, depois olhou para o outro lado. Karl absorveu essa reação porque ia pensar nela muitas vezes

nos próximos dias. O espanto, depois o olhar rápido, e então, incapaz de dizer a verdade, olhando para o lado.

Em um filme antigo alguém dizia: “Quando você mata alguém, comete vinte e cinco erros. Se puder pensar em quinze deles, você é um gênio. ” Talvez Patrick, com todo seu planejamento meticuloso, simplesmente tenha se esquecido das coisas de Pepper. No impulso do momento, foi apressado demais.

— Eu não sei — ele disse, quase num resmungo, sempre olhando para a parede.

Karl tinha o que queria e insistiu.

— Para onde você foi?

— Eu estava fugindo do inferno, de moto — Patrick disse, animado outra vez e ansioso para continuar. — A temperatura estava em quatro graus e, numa moto em alta velocidade, numa descida é como se fossem quatro graus abaixo de zero. Segui pelas estradas secundárias, devagar, porque o vento cortava como uma navalha. Atravessei a divisa para o Alabama sempre evitando as estradas principais. Uma moto numa estrada, às três horas da manhã, pode chamar a atenção de um policial entediado, por isso evitei também as cidades. Finalmente cheguei à periferia de Mobile mais ou menos às quatro da manhã. Um mês antes, tinha encontrado um pequeno motel onde aceitavam dinheiro e não faziam perguntas. Entrei no estacionamento, escondi a moto atrás do motel e fui até a porta da frente, como se acabasse de descer de um táxi. Trinta dólares por um quarto, dinheiro vivo, nenhuma ficha para preencher. Levei uma hora para me esquentar. Dormi duas horas e acordei com o sol. Quando você soube da minha morte, Karl?

— Acho que quando você estava correndo de moto pelo interior. Doug Vitrano me telefonou pouco depois das três. Ele me acordou, o que sempre me deixa irritado. Perdi o sono e lamentei sua morte quando você estava brincando de Easy Rider e correndo para uma vida melhor.

— Eu não estava ainda livre de casa.

— Não, mas certamente não estava preocupado com seus amigos.

— Eu me senti mal por isso, Karl.

— Não, não sentiu.

— Tem razão, não senti. — Patrick estava calmo, animado, absorto na história, com um largo sorriso.

— Você acordou com o sol. Um novo homem num novo mundo. Todas as preocupações e problemas deixados para trás.

— A maior parte. Era extremamente excitante e também aterrador. Era quase impossível dormir. Assisti televisão até quase oito e meia, não vi nada sobre minha morte, tomei um banho de chuveiro, troquei de roupa...

— Espere. Onde estava a tintura de cabelo e os tubos?

— Joguei numa lata de lixo em algum lugar do condado de Washington, Alabama. Chamei um táxi, o que não é muito fácil conseguir em Mobile. O táxi parou na porta do meu quarto e fui embora. Não avisei que estava saindo. Deixei a moto atrás do motel e fui a uma galeria comercial que eu sabia que abria às nove horas. Comprei uma jaqueta azul-marinho, uma calça e um par de tênis.

— Como pagou tudo isso?

— Em dinheiro.

— Não tinha cartão de crédito?

— Tinha, tinha um Visa falso conseguido em Miami. Só dava para uma pequena quantia e depois devia ser jogado fora. Eu guardei para o aluguel do carro.

— Quanto dinheiro você tinha?

— Uns vinte mil.

— Onde arranjou?

— Há algum tempo eu vinha economizando. Estava ganhando bem, embora Trudy se esforçasse para gastar mais depressa do que eu ganhava. Eu disse para a contadora da firma que precisava desviar algum dinheiro para evitar que minha mulher gastasse tudo. Ela disse que estava sempre fazendo isso para os advogados. O dinheiro foi para outra conta. Eu retirava periodicamente e guardava numa gaveta. Satisfeito?

— Sim. Então, você comprou um par de tênis.

— Fui a outra loja e comprei uma camisa branca e uma gravata. Troquei de roupa num pequeno banheiro e pronto, eu parecia qualquer um dos milhões de caixeiros-viajantes. Comprei mais alguma roupa e acessórios, guardei numa nova mochila e chamei outro táxi. Este me levou ao aeroporto de Mobile onde tomei o café da manhã e esperei o voo da Northwest Airlink de Atlanta. O avião chegou. Segui as outras pessoas que iam para o trabalho, todas muito ocupadas e ansiosas para atacar Mobile e parei com dois outros homens no balcão da Avis. Eles tinham carros reservados. O meu caso era um pouco mais complicado. Eu tinha uma carteira de motorista da Geórgia e meu passaporte, para qualquer eventualidade. Usei o Visa e estava apavorado. O número do cartão era válido — algum pobre coitado de Decatur, Geórgia, e eu estava morrendo de medo de que um computador desse pela coisa e disparasse o alarme. Mas não aconteceu nada. Preenchi o formulário e saí apressadamente.

— Qual era seu nome então?

— Randy Austin.

— A grande pergunta, Randy — Karl disse, dando uma mordida na pizza e mastigando lentamente. — Você estava no aeroporto. Por que simplesmente não

entrou num avião e foi embora?

— Oh, eu pensei nisso. Quando tomava café eu vi dois aviões levantando voo e minha vontade era entrar num deles e ir embora. Mas havia uma coisa inacabada. Era uma decisão muito difícil.

— Qual era a o negócio inacabado?

— Acho que você sabe. Fui de carro até Gulf Shores, depois segui a Costa até Orange Beach onde aluguei um apartamento pequeno.

— Que você já tinha visto.

— É claro. Eu sabia que eles aceitavam o pagamento em dinheiro. Era fevereiro e fazia frio, não havia muita gente na praia. Tomei um sedativo fraco e dormi seis horas. Assisti ao noticiário da noite e vi o local onde eu morri em chamas. Meus amigos estavam inconsoláveis.

— Seu miserável.

— Fui a um supermercado e comprei um saco de maçãs e alguns comprimidos para emagrecer. Andei três horas na praia, uma coisa que fiz todas as noites enquanto estive escondido em Mobile. Na manhã seguinte, fui a Pascagoula discretamente e comprei um jornal, vi minha cara gorda e sorridente na primeira página, li sobre a tragédia, vi o seu comovente e curto discurso elogioso e também fiquei sabendo que o enterro seria naquela tarde às três horas. Fui a Orange Beach e aluguei um veleiro. Depois fui de carro a Biloxi e cheguei a tempo para os serviços fúnebres.

— Os jornais disseram que você assistiu ao enterro.

— Verdade. Eu me escondi numa árvore no bosque atrás do cemitério e assisti a tudo com um binóculo.

— Para mim parece a maior bobagem que podia fazer.

— Foi. Completamente idiota. Mas fui atraído para o lugar. Tinha de ter certeza, ver que meu golpe tinha dado certo. E acho que, naquela hora, estava convencido de que podia fazer qualquer coisa.

— Acho que você escolheu a árvore, o local perfeito.

— Não. Na verdade, eu não estava muito certo se ia fazer aquilo. Deixei Mobile e segui para oeste na interestadual repetindo para mim mesmo para não fazer aquela bobagem. Não chegar perto de Biloxi.

— Com todo seu peso, subiu na árvore?

— Eu estava motivado. Era um carvalho com galhos grossos.

— Graças a Deus. Eu gostaria que um galho tivesse quebrado e você caísse de cabeça.

— Não, não gostaria.

— Sim, gostaria. Estávamos amontoados em volta do túmulo, contendo as lágrimas e consolando a viúva e você empoleirado numa árvore como um sapo

gordo rindo de nós.

— Você está só tentando ficar zangado, Karl.

Patrick estava certo. Quatro anos e meio haviam eliminado qualquer zanga que Karl pudesse ter sentido. A verdade era que estava feliz ali sentado nos pés da cama de hospital, comendo pizza com Patrick e absorvendo todos os detalhes tão cobiçados.

Porém, não passaram do enterro. Patrick já havia falado muito e estavam de volta ao quarto, um lugar no qual ele não confiava.

— Diga-me, como estão Bogan e Vitrano e os rapazes? — ele perguntou, recostando nos travesseiros, saboreando o que ia ouvir.

VINTE E CINCO

O último telefonema que Paulo Miranda recebeu da filha fora há dois dias. Ela estava num hotel em Nova Orleans, ainda trabalhando para seu misterioso novo cliente, ainda advertindo o pai contra as pessoas que podiam estar à sua procura e vigiando a casa dele porque seu cliente tinha inimigos no Brasil. Como nos telefonemas anteriores, ela foi breve, vaga e parecia assustada, embora tentando desesperadamente não demonstrar. O pai se irritou e insistiu em saber detalhes. Ela estava mais preocupada com a segurança dele. O pai queria que ela voltasse para casa. Perdeu a paciência e contou que tinha falado com os antigos sócios dela e que ela estava despedida. Eva explicou calmamente que estava trabalhando sozinha agora, uma advogada independente com um cliente rico tratando de assuntos de comércio internacional. Isso significava que viagens como essas iam se tornar rotina.

Ele não queria discutir com a filha no telefone, especialmente estando tão preocupado com ela.

Paulo estava também cansado dos homenzinhos sorrateiros que andavam de um lado para o outro na sua rua e o seguiam quando ele ia a pé até o supermercado ou de carro para a PUC. Ele os procurava, estavam sempre por perto. Paulo Miranda tinha inventado apelidos para eles. Várias vezes o porteiro do prédio de Eva disse a ele que os homens andavam por ali também.

Sua última aula de um curso de filosofia alemã terminou à uma hora. Durante trinta minutos ele conversou com um aluno na sua sala, depois saiu da universidade. Chovia e ele estava sem guarda-chuva. Seu carro estava num pequeno estacionamento do campus, atrás de um prédio da universidade.

Osmar o esperava. Paulo saiu com um jornal protegendo a cabeça, olhando para o chão, a mente a quilômetros de distância, passou debaixo de uma árvore e parou numa poça de água ao lado do carro. Ao lado estava uma Fiorino vermelha. O motorista saiu do carro, ruas Paulo não notou,, nem ouviu ou viu qualquer coisa. Estava tirando as chaves do bolso quando Osmar o empurrou para o lado e para dentro da Fiorino. Sua pasta caiu no chão.

A porta bateu. No escuro, Paulo sentiu o cano de uma arma entre os olhos e alguém o mandou ficar calado.

A porta do motorista do seu carro foi aberta, papéis da sua pasta foram espalhados desde o banco da frente até os pneus traseiros.

A Fiorino saiu do estacionamento.

Alguém telefonou para a polícia informando sobre o sequestro.

O carro seguiu para fora da cidade, entrou na zona rural e Paulo não tinha ideia de onde estava. Estava quente dentro do carro sem janelas sem luz. Ele via as silhuetas de dois homens sentados muito perto dele, ambos armados. Pararam atrás de uma casa de fazenda e levaram Paulo para dentro, para um quarto, banheiro, sala de estar com televisão, nos fundos da casa. Tinham bastante comida. Disseram que não lhe fariam nenhum mal, a não ser, é claro, que ele tentasse escapar. Se se comportasse, ficaria ali por uma ou duas semanas e depois seria libertado.

Paulo trancou a porta e foi até a janela. Dois homens, sentados debaixo de uma árvore, bebiam e riam com fuzis automáticos ao lado.

O filho de Paulo, no Rio, síndico do prédio de Eva, a firma de advocacia onde trabalhara e uma das suas amigas que trabalhava numa agência de viagens receberam telefonemas anônimos. A mensagem era sempre a mesma. Paulo Miranda fora sequestrado. A polícia estava investigando.

Eva estava em Nova York, numa suíte do Pierre Hotel, fazendo compras na Quinta Avenida, passando tempo nos museus. Suas instruções eram para se manter em movimento, fazer rápidas visitas a Nova Orleans. Recebeu três cartas de Patrick e escreveu duas, todas através de Sandy. Fosse qual fosse a tortura sofrida por ele, não afetara sua atenção para os detalhes. As cartas eram específicas — planos e listas e procedimentos em caso de emergência.

Ela telefonou para o pai e ninguém atendeu. Telefonou para o irmão e o céu desabou sobre sua cabeça. Eva precisava voltar imediatamente, ele insistiu. O irmão era um homem pacato, não acostumado a pressão e adversidade. Desmoronava com facilidade. Todas as decisões importantes da família ficavam a cargo de Eva.

Eva falou com ele durante uma hora, tentando acalmar os dois. Não, não houve nenhum pedido de resgate. Nem uma palavra dos sequestradores.

Contrariando as instruções específicas, Eva telefonou para ele. Nervosa, num telefone público no aeroporto La Guardia, olhando a todo momento para trás através dos óculos escuros e passando a mão no cabelo, ligou para o quarto dele e falou em português. Se alguém estava ouvindo, pelo menos teria de encontrar um intérprete.

— Patrick, é Leah — ela disse, com a maior calma possível.

— O que aconteceu? — ele perguntou em português. Há algum tempo não ouvia a voz maravilhosa de Eva e não ficou satisfeito por ouvi-la naquele momento.

Podemos falar?

— Sim. O que aconteceu? — Patrick verificava o telefone no seu quarto a cada três ou quatro horas. Estava entediado. Examinava também todos os cantos com o sensor comprado por Sandy. Com os guardas na porta vinte e quatro horas por dia, tinha aprendido a relaxar um pouco. Mas as linhas externas ainda o preocupavam.

— É meu pai — ela disse e contou o desaparecimento de Paulo. — Preciso voltar para casa.

— Não, Leah — ele disse, calmamente. — É uma armadilha. Seu pai não é um homem rico. Não estão pedindo dinheiro. Eles querem você.

— Não posso abandonar meu pai.

— E também não pode encontrá-lo.

— É tudo culpa minha.

— Não. A culpa é minha. Mas não piore as coisas correndo para a armadilha.

Enrolando uma mecha de cabelo no dedo, ela olhou para o movimento no aeroporto.

— O que eu faço então?

— Vá a Nova Orleans. Telefone para Sandy quando chegar. Deixe-me pensar.

Ela comprou a passagem, foi até o portão de embarque e sentou num canto onde podia se esconder entre a parede e uma revista. Pensou no pai e nas coisas terríveis que podiam fazer com ele. Os únicos dois homens que ela amava sequestrados pelas mesmas pessoas e Patrick ainda estava no hospital por causa dos ferimentos. Seu pai era mais velho e não tão forte quanto Patrick. Eles o estavam maltratando por causa dela. E ela não podia fazer nada.



Depois de um dia de investigação, um policial de Biloxi viu o carro de Lance sair do Grand Casino às 10:20 da noite. Lance foi detido sem nenhum motivo válido até a chegada de Sweeney.

Ele e Lance conversaram no banco traseiro de um carro-patrulha no estacionamento de um Burger King.

O xerife perguntou como ia seu negócio de drogas e Lance disse que ia bem.

— Como vai Trudy? — perguntou o xerife, com um palito entre os dentes. Estavam travando uma luta no banco traseiro do carro para ver quem ficava mais calmo. Lance chegou até a pôr os novos óculos Ray-Ban.

— Ela está ótima. Como vai a sua mulher?

— Eu não tenho mulher. Escute, Lance, recebemos algumas denúncias bastante sérias de que você está procurando um assassino profissional.

— Mentiras, mentiras, completas mentiras.

— Sim, bem, nós não pensamos assim. Compreenda, Lance, todos os seus amigos são iguais a você. Na condicional ou trabalhando com afinco para voltar para a prisão. Escória, você sabe. Sempre à procura de dinheiro sujo, sempre a um passo de alguma encrenca. Eles ouvem uma boa informação e mal podem esperar para passar para os federais, pois isso pode ajudar nas suas condicionais.

— Isso é formidável, de verdade. Gosto disso.

— Assim, sabemos que você tem algum dinheiro, tem essa mulher que está para perder uma bolada e tudo seria perfeito se o sr. Lanigan continuasse morto.

— Quem?

— Sim. Portanto, vamos fazer o seguinte. Nós e os federais. Vamos pôr você sob vigilância, você e a mulher, e vamos ver e ouvir tudo. Você faz um movimento e nós o apanhamos. Vocês dois, você e Trudy, vão ficar numa encrenca muito maior do que a de Lanigan.

Devo ficar assustado com isso?

Se tivesse cérebro ficaria.

Posso ir agora?

Por favor.

As duas portas foram abertas por fora e Lance foi levado de volta a seu carro.

Na mesma hora, o agente Cutter tocou a campainha da casa de Trudy, esperando que ela estivesse dormindo. Tinha esperado num café em Fairhope, até saber que Lance fora detido.

Trudy estava acordada. Abriu um pouco a porta presa pela corrente de segurança.

— O que você quer? — perguntou, quando Cutter mostrou o distintivo e disse com ênfase: “FBI. ” Ela o reconheceu.

— Posso entrar?

— Não.

— Lance está sob custódia da polícia. Acho que devemos conversar.

— O quê?

— A polícia de Biloxi está com ele.

Ela abriu o fecho de segurança. Ficaram de pé no hall. Cutter estava adorando a situação.

— O que ele fez? — ela perguntou.

— Acho que será solto logo.

— Vou telefonar para meu advogado.

— Ótimo. Mas antes quero dizer uma coisa. Sabemos de boa fonte que Lance está procurando um assassino profissional para liquidar seu marido, Patrick Lanigan.

— Não! — Ela cobriu a boca com a mão. A surpresa parecia genuína.

— Sim. E você pode ser envolvida. É o seu dinheiro que Lance está tentando proteger e tenho certeza de que será considerada coautora do crime. Se acontecer alguma coisa com Lanigan, viremos diretamente para cá.

— Eu não fiz nada.

— Não ainda. Nós a estamos vigiando muito de perto, sra. Lanigan.

— Não me chame assim.

— Desculpe.

Cutter saiu, deixando-a parada no hall.

Sandy estacionou numa travessa da rua Canal mais ou menos à meia-noite, desceu do carro e seguiu apressadamente pela Decatur até o coração do French Quarter. Seu cliente tinha feito uma preleção sobre segurança, especialmente quando fosse se encontrar com Leah. Só Sandy podia levá-los a ela, portanto precisava ser extremamente cauteloso. “Ela corre grande perigo, Sandy”, Patrick tinha dito uma hora atrás. “Todo cuidado é pouco. ”

Sandy deu três voltas no quarteirão e quando teve certeza de não estar sendo seguido, entrou num bar e tomou uma soda, vigiando a rua. Depois atravessou a rua para o Royal Sonesta. No meio dos turistas, foi até o elevador e subiu ao terceiro andar. Leah abriu a porta e trancou assim que ele entrou.

Ela parecia cansada e tensa, o que era de se esperar.

— Sinto muito sobre seu pai — Sandy disse. — Teve alguma notícia?

— Não. Estive viajando.

Sandy serviu-se de café com açúcar da bandeja em cima da televisão.

— Patrick me contou — ele disse. — Quem é essa gente?

— Tenho um dossiê ali. — Apontou para uma mesinha. — Por favor, sente-

se. — Indicou os pés da cama.

Sandy sentou-se com o café e esperou. Estava na hora de terem uma conversa.

— Nós nos conhecemos há dois anos, em 1994, depois da operação plástica dele no Rio. Patrick disse que era um empresário canadense que precisava de um advogado com experiência em comércio internacional. Mas o que ele realmente precisava era de um amigo. Fui sua amiga por dois dias, e então me apaixonei. Ele me contou tudo sobre seu passado, tudo. Sua fuga fora um trabalho perfeito e ele tinha muito dinheiro, mas Patrick não conseguia se esquecer do passado. Estava resolvido a descobrir quem o estava caçando e se estavam perto ou não. Em agosto de 1994, vim aos Estados Unidos e entrei em contato com uma empresa de segurança de Atlanta. Tem um nome estranho, Grupo Plutão, um grupo de ex-agentes do FBI que Patrick descobriu depois do seu desaparecimento. Eu me apresentei com nome falso, disse que era da Espanha e que precisava de informações sobre a busca de Patrick Lanigan. Paguei cinquenta mil dólares. Eles enviaram seus homens a Biloxi onde entraram em contato com a antiga firma de Patrick. Deram a entender que tinham vagas informações sobre onde ele estava e os advogados imediatamente os enviaram a um homem em Washington, chamado Jack Stephano. Stephano é um detetive muito caro, especializado em espionagem industrial e na localização de pessoas desaparecidas. Encontraram com ele em Washington. Stephano foi muito cauteloso e não disse quase nada, mas era evidente que estava comandando a busca a Patrick. Encontraram-se várias vezes e surgiu a perspectiva de uma recompensa. Eles ofereceram a venda de informações e Stephano concordou em pagar cinquenta mil dólares se essas informações o levassem a Patrick. Durante esses encontros, ficaram sabendo que Stephano tinha bons motivos para crer que Patrick estava no Brasil. Isso, é claro, nos deixou apavorados.

— Foi a primeira indicação de que eles sabiam que ele estava no Brasil?

— Sim, a primeira. Patrick estava no Brasil há mais de dois anos. Quando me contou a verdade sobre seu passado, não tinha ideia de que seus perseguidores estavam no lugar certo. Saber que eles estavam no Brasil foi devastador.

— Por que ele não fugiu outra vez?

— Várias razões. Ele pensou em fugir. Falamos a respeito horas sem fim. Eu estava disposta a sair do Brasil com ele. Mas no fim, ele se convenceu de que podia se esconder melhor no interior. Conhecia bem o país — a língua, o povo, a infinidade de bons esconderijos. Além disso, não queria que eu deixasse meu país. Acho que devíamos ter fugido para a China ou outro lugar qualquer.

— Talvez não pudessem.

— Talvez. Mantive contato com o Grupo Plutão. Foram contratados para acompanhar a investigação de Stephano do melhor modo possível. Entraram em contato com o cliente dele, o sr. Benny Aricia, com a mesma história sobre uma possível informação. Procuraram também as empresas de seguros. Todos os mandaram procurar Stephano. Eu ia de avião para Biloxi de três em três meses, sempre de algum lugar da Europa, e eles me diziam o que tinham descoberto.

— Como Stephano o encontrou?

— Não posso contar isso agora. Patrick terá de contar.

Outro buraco negro e muito importante. Sandy pôs a xícara de café no chão e pensou por um momento. Certamente seria mais fácil se eles resolvessem contar tudo. Começar do começo até o presente, para que ele, o advogado, pudesse ajudar no futuro imediato. Talvez não precisassem de nenhuma ajuda.

Então Patrick sabia que tinha sido encontrado.

Ela entregou a ele a pasta que estava na mesa.

— Essas são as pessoas que estão com meu pai — ela disse.

— Stephano?

— Sim. Só eu sei onde está o dinheiro, Sandy. O sequestro é uma armadilha.

— Como Stephano sabe da sua existência?

— Patrick disse para eles.

— Patrick?

— Sim. Você viu as queimaduras, não viu?

Sandy ficou de pé tentando pensar com clareza.

— Então, por que ele não contou onde estava o dinheiro?

— Porque ele não sabia.

— Ele deu tudo para você.

— Mais ou menos isso. Eu tenho o controle. Agora estou sendo caçada e meu pobre pai apanhado no meio de tudo.

— O que devo fazer?

Ela tirou de uma gaveta outra pasta mais fina.

— Aqui estão algumas informações sobre a investigação do FBI sobre Patrick. Não conseguimos saber muito por razões óbvias. O agente encarregado chama-se Cutter, de Biloxi. Assim que eu soube que Patrick fora capturado, telefonei para Cutter. Isso provavelmente salvou a vida de Patrick.

— Mais devagar. Não é fácil acompanhar isso tudo.

— Eu disse a Cutter que Patrick Lanigan fora encontrado e que estava nas mãos dos homens que trabalhavam para Jack Stephano. Suponho que o FBI procurou diretamente Stephano e o ameaçou. Seis homens no Brasil torturaram Patrick durante algumas horas, quase o mataram, depois o entregaram para o FBI.

Sandy absorvia cada palavra, com os olhos fechados.

— Continue — ele disse.

— Dois dias depois, Stephano foi detido em Washington e seus escritórios selados.

— Como sabe de tudo isso?

— Ainda estou pagando o Grupo Plutão. Eles são muito bons. Suspeitamos que Stephano esteja falando com o FBI, e ao mesmo tempo me perseguindo. E ao meu pai.

— O que devo dizer a Cutter?

— Primeiro fale a meu respeito. Diga que sou uma advogada muito amiga de Patrick, que estou tomando decisões por ele e que sei de tudo. Depois, fale sobre meu pai.

— E você acha que o FBI vai pressionar Stephano?

— Talvez sim, talvez não. Mas não temos nada a perder.

Era quase uma hora e ela estava muito cansada. Sandy apanhou as pastas e foi até a porta.

— Temos muito que conversar — ela disse.

— Eu gostaria de saber tudo.

— Apenas nos dê algum tempo.

— Acho melhor se apressar.

VINTE E SEIS

O dr. Hayani começou sua ronda às sete em ponto. Como Patrick tinha dificuldade para dormir, o médico passava no quarto dele todas as manhãs para ver como ele estava. Em geral o paciente estava dormindo, porém mais tarde sempre descrevia os sofrimentos da noite. Nessa manhã, Patrick estava acordado sentado na frente da janela, só com o short de algodão. Olhava para a persiana fechada, olhava para nada porque não havia nada para ver. A única iluminação vinha da fraca lâmpada da mesa de cabeceira.

— Patrick, você está bem? — Hayani perguntou.

Ele não respondeu. Hayani olhou para a mesa no canto onde Patrick trabalhava. Estava em perfeita ordem, sem livros ou pastas abertas.

Finalmente ele disse:

— Estou ótimo, doutor.

— Você dormiu?

— Não. Nem um pouco.

— Você está seguro agora, Patrick. O sol já está alto.

Patrick não disse nada, não se moveu. Hayani o deixou como o encontrou, apertando com força os braços da cadeira e olhando para as persianas fechadas.

Patrick ouviu vozes agradáveis no corredor, o médico falando outra vez com os policiais cansados de não fazer nada, e as enfermeiras que passavam apressadas. O café seria servido logo, não que estivesse muito interessado em comida. Depois de quatro anos e meio de fome, conseguia dominar a vontade de comer. Um pouco disto ou daquilo, maçã ou cenoura crua quando a fome apertava. As enfermeiras, a princípio, tinham se esforçando para fazer Patrick ganhar peso, mas o dr. Hayani impôs uma dieta com pouca gordura, vegetais cozidos no vapor e massas.

Patrick levantou e foi até a porta. Abriu e cumprimentou os policiais, Pete e Eddie.

Dormiu bem? — perguntou Eddie, como fazia todas as manhãs.

Dormi seguro, obrigado, Eddie — Patrick disse, a outra parte do ritual.

O agente Brent Myers do FBI que tinha escoltado Patrick de Porto Rico estava sentado na frente do elevador. Patrick o cumprimentou com uma leve inclinação da cabeça, mas Myers não viu, absorto na leitura do jornal.

Patrick voltou para o quarto e começou a se exercitar dobrando os joelhos cuidadosamente. Seus músculos estavam recuperados, mas as queimaduras ainda doloridas. Exercícios de braço e abdominais, nem pensar ainda.

Uma enfermeira bateu na porta e entrou.

— Bom dia, Patrick — ela arrulhou alegremente. — Hora do café. — Pôs a bandeja na mesa. — Como foi sua noite?

— Maravilhosa. Obrigado.

— Ótimo. Quer mais alguma coisa?

— Não, obrigado.

— É só chamar — ela disse, saindo.

A rotina variava muito pouco de um dia para o outro. Por mais tediosa que fosse, Patrick não esquecia o quanto podia ser pior. O café da manhã na cadeia de Harrison era servido em bandejas de metal passadas por pequenas aberturas entre as grades e consumido na presença de vários companheiros de cela, uma mistura que variava a cada dia.

Tomou o café e entrou no seu pequeno escritório no canto, debaixo da televisão. Acendeu a lâmpada e olhou para os papéis.

Há uma semana estava em Biloxi. Sua outra vida tinha terminado treze dias antes, numa rua estreita de terra a milhões de quilômetros de distância. Ele queria ser Danilo outra vez, o sr. Silva, com sua vida tranquila e sua casa simples, onde a empregada falava com ele no seu português melodioso com leves sugestões de suas raízes indígenas. Sentia falta das longas caminhadas nas ruas quentes de Ponta Porã e das longas corridas pelo campo. Queria falar outra vez com os velhos que ficavam sentados na sombra das árvores tomando chimarrão, sempre prontos para conversar com quem tivesse tempo. Sentia falta do movimento do centro comercial da cidade.

Sentia falta do Brasil, o lar de Danilo, com sua vastidão e beleza, seus contrastes acentuados, as cidades populosas e as outras, pequenas e atrasadas, seu povo gentil. Sentia falta da sua querida Eva, a suavidade do seu toque, a beleza do seu sorriso, as maravilhas do seu corpo, o calor da sua alma. Não poderia viver sem ela.

Por que o homem não pode ter mais de uma vida? Onde estava escrito que não se pode começar de novo? E de novo? Patrick estava morto e Danilo, capturado.

Ele sobreviveu tanto à morte do primeiro quando à captura do segundo. Por que não podia escapar outra vez? Uma terceira vida o chamava, esta de agora, mas sem o sofrimento da primeira nem as sombras da segunda. Seria a vida perfeita com Eva. Iriam para qualquer lugar, desde que estivessem juntos e o passado não pudesse alcançá-los. Iam morar numa casa grande e criar pequenos coelhos.

Ela era forte, mas tinha um limite, como todo mundo. Eva amava o pai e o lar era um ímã poderoso. Todos os cariocas de verdade amam sua cidade e a

consideram criada especialmente por Deus.

Eva estava em perigo por sua causa e agora Patrick devia protegê-la.

Poderia fazer isso outra vez? Ou a sorte o tinha abandonado?



Cutter concordou em se encontrar às oito horas, só porque o sr. McDermott insistiu em dizer que era urgente. O prédio do FBI começava a despertar com a chegada dos poucos burocratas. A multidão dos que trabalhavam ali só chegaria às nove.

Cutter não foi brusco, mas também não foi muito hospitaleiro. Conversas com advogados insistentes estavam no fim da lista das suas tarefas preferidas. Serviu café muito quente em copos de plástico e arrumou um pouco os papéis na sua pequena mesa.

Sandy agradeceu por recebê-lo e Cutter amaciou um pouco.

— Está lembrado do telefonema que recebeu há treze dias? — Sandy perguntou. — A mulher do Brasil?

— Claro.

— Eu me encontrei algumas vezes com ela. É advogada de Patrick.

— Ela está aqui?

— Está por perto. — Sandy assoprou o café depois arriscou um pequeno gole. Explicou rapidamente o que sabia sobre Leah, embora sem dizer o nome dela. Então perguntou como ia a investigação de Stephano.

Cutter ficou curioso. Fez algumas anotações com uma caneta barata e tentou situar os jogadores.

— Como sabe de Stephano?

— Minha colaboradora, a advogada do Brasil, sabe tudo sobre Stephano. Lembre, ela me deu o seu nome.

— Como ela sabia?

— É uma história longa e complicada e eu não sei a maior parte dela.

— Então por que falar no assunto?

— Porque Stephano ainda está atrás do meu cliente e eu quero que seja impedido.

Mais anotações, outro gole de café escaldante. Uma tentativa de gráfico começava a aparecer enquanto ele tentava determinar quem disse o que para quem. Sabia quase tudo que estava acontecendo em Washington com o interrogatório de Stephano, mas havia muitas lacunas no depoimento dele.

Certamente tinha ficado estabelecido que Stephano devia encerrar a busca.

— E como sabe disso?

— Porque seus homens no Brasil sequestraram o pai da minha colaboradora.

Cutter não conseguiu manter os lábios fechados, nem a mente clara. Olhou para o teto enquanto as engrenagens giravam na sua cabeça. Começava a fazer sentido.

— Seria possível essa advogada brasileira saber onde está o dinheiro?

— Há uma possibilidade.

Tudo claro agora.

Sandy continuou.

— O sequestro é um esforço para atraí-la de volta ao Brasil, onde eles a apanharão e a submeterão ao mesmo tratamento a que submeteram Patrick. Tudo gira em torno do dinheiro.

As palavras de Cutter soaram solenes, mas contra sua vontade.

— Quando ocorreu o sequestro?

— Ontem.

Um paralegal no escritório de Sandy havia visto na Internet duas horas atrás. Era uma notícia breve na página seis de *O Globo*, um jornal popular do Rio. Dava o nome da vítima, Paulo Miranda. Sandy ainda não sabia o nome verdadeiro de Leah e era lógico imaginar que o FBI a identificaria assim que soubesse da história. Francamente, ele não via nenhum mal em dizer o nome dela para o FBI. O problema era que ele não sabia.

— Não podemos fazer muita coisa.

— Uma ova que não podem. Stephano é o responsável. Se o pressionarem, se disserem que a minha colaboradora não vai cair na armadilha e que está pronta a revelar às autoridades brasileiras o nome de Jack Stephano como o mentor do sequestro.

— Vou ver o que posso fazer. — Cutter não havia se esquecido de que Sandy McDermott dera entrada num processo de muitos milhões de dólares contra o FBI por crimes que não tinham cometido. Não ia ganhar nada falando sobre o processo naquele momento. Talvez mais tarde.

— Stephano só se importa com o dinheiro — Sandy disse. — Se fizerem algum mal ao pai dela, ele jamais verá um centavo.

— Está insinuando que há possibilidade de uma negociação?

— O que você acha? Se estivesse ameaçado com o corredor da morte ou prisão perpétua, não estaria disposto a negociar?

— Então, o que dizemos para Stephano?

— Diga a ele para libertar o homem e então podemos falar sobre o dinheiro.



O dia de Stephano começou cedo. A reunião, a quarta, devia durar o dia todo e terminar suas histórias de aventuras na caçada a Patrick. Seu advogado não estava presente, ocupado no tribunal com um caso importante. Stephano não precisava de advogado para segurar sua mão e, francamente, estava cansado de pagar 450 dólares por hora para o homem. O interrogador era outro. Oliver qualquer coisa. Isso não importava. Eram todos da mesma escola.

— Estava falando sobre o cirurgião plástico — disse Oliver, como se tivessem sido interrompidos por um simples telefonema. Os dois não se conheciam e há treze horas Jack não falava com ninguém sobre Patrick.

— Sim.

— E isso foi em abril de 1994?

— Correto.

— Continue então.

Stephano recostou-se confortavelmente na cadeira.

— A pista esfriou por algum tempo. Na verdade, por um longo tempo. Demos duro, mas os meses passavam sem nada, absolutamente nada. Nem uma pista. Então, no fim de 94, fomos procurados por uma firma de investigadores de Atlanta, o Grupo Plutão.

— Plutão?

— Sim. Grupo Plutão. Nós os chamávamos de garotos de Plutão. Boa gente. Alguns deles ex-agentes do FBI. Fizeram perguntas sobre a operação Patrick Lanigan, disseram que talvez tivessem alguma informação. Estive com eles algumas vezes aqui em Washington. Tinham um cliente misterioso que afirmava saber tudo sobre Lanigan. É claro que fiquei interessado. Eles não tinham pressa porque seu cliente parecia ter muita paciência. O cliente, é claro, queria muito dinheiro. Por estranho que possa parecer, isso era bastante encorajador.

— Como assim?

— Se o cliente sabia o bastante para esperar uma boa recompensa, então devia saber que Lanigan ainda tinha muito dinheiro. Em julho de 95, os garotos de Plutão me apresentaram um plano. Que tal, disseram eles, se seu cliente nos levasse a um lugar no Brasil onde Lanigan tinha morado recentemente? Eu disse, muito bom. Eles disseram, quanto? E concordamos com cinquenta mil dólares. Eu estava desesperado. O dinheiro mudou de mãos por meio de uma transferência para um banco no Panamá. Então me disseram para ir à pequena cidade de Itajaí, no estado de Santa Catarina, no interior do sul do Brasil. O

endereço que nos deram nos levou a um pequeno prédio de apartamentos num bom bairro da cidade. O porteiro nos recebeu cordialmente, especialmente depois que molhamos sua mão. Mostramos retratos de Lanigan depois da plástica e ele disse talvez. Mais um dinheirinho e ele o identificou definitivamente. Jan Horst era o nome do homem, um alemão, ele achava, que falava bem o português. Alugou um apartamento de três cômodos por dois meses, pagou em dinheiro, não recebia visitas e passava pouco tempo em casa. Era amistoso e gostava de tomar café com o porteiro e sua mulher. Ela também confirmou a identificação. Horst disse que era escritor e estava viajando, colhendo dados para um livro sobre imigração dos alemães e dos italianos no Brasil. Quando foi embora, disse que ia a Blumenau para estudar a arquitetura bávara da cidade.

— Vocês foram a Blumenau?

— É claro que fomos. E imediatamente. Andamos por toda a cidade, mas desistimos no fim de dois meses. Depois do entusiasmo inicial, voltamos ao tédio de andar por hotéis e supermercados mostrando as fotos e oferecendo dinheiro.

— E os garotos de Plutão, como vocês os chamam?

— Eles esfriaram consideravelmente. Eu estava ansioso para falar com eles, mas não tinham muito para dizer. Acho que o cliente deles se assustou e ficou satisfeito com os cinquenta mil afinal. De qualquer modo, seis meses se passaram com poucas informações de Plutão. Então, no fim de janeiro desse ano, eles voltaram com toda a força. Seu cliente precisava de dinheiro e eles estavam prontos para vender a informação. Nós fizemos cera por alguns dias e então eles lançaram a bomba. Por um milhão de dólares podíamos saber exatamente onde estava o nosso homem. Eu disse não. Eu tinha o dinheiro, mas achava muito arriscado. O cliente deles não ia falar enquanto o dinheiro não fosse pago e eu não queria pagar enquanto seu cliente não falasse. Não tínhamos nenhum meio de verificar se o cliente sabia mesmo de alguma coisa. Na verdade, ao que eu sabia, não existia mais nenhum cliente. A coisa esquentou e as negociações terminaram.

— Mas continuaram a manter contato.

— Sim, depois de algum tempo. Foi preciso. O cliente deles devia estar sem dinheiro. Precisávamos achar Lanigan. Outro acordo foi proposto segundo o qual, por mais cinquenta mil dólares, eles nos dariam o nome e o local em que Lanigan tinha morado quando saiu de Itajaí. Concordamos porque, na nossa opinião, cinquenta mil era barato e havia sempre a chance de, com sorte, encontrarmos outra pista. Do ponto de vista deles, era uma manobra inteligente, porque reforçava a credibilidade do seu cliente. E, é claro, era outro passo na

direção do milhão de dólares. Havia um cérebro orientando os homens de Plutão e eu estava desesperado para fazer o jogo deles. Eu teria pago o milhão de dólares com prazer. Só precisava de alguma certeza.

— Qual foi a segunda cidade?

— São Mateus, no Espírito Santo, ao norte do Rio, na costa. É uma cidadezinha com sessenta mil habitantes, um lugar muito bonito com um povo acolhedor, e passei um mês no meio deles, mostrando as fotos. O negócio com o apartamento era o mesmo de Itajaí. Dois meses pagos em dinheiro por um homem chamado Derrick Boone, inglês. Sem exigir nenhum dinheiro, o proprietário identificou positivamente Boone como sendo o nosso homem. Ao que parece, Boone ficou uma semana a mais sem pagar, por isso havia algum ressentimento. Ao contrário de Itajaí, porém, Boone não falava com ninguém e o proprietário não sabia nada sobre seus movimentos. Nada mais apareceu e deixamos São Mateus no começo de março desse ano. Voltamos a nos reunir em São Paulo e no Rio e fizemos novos planos.

— Quais foram os novos planos?

— Saímos do norte e nos concentramos nas pequenas cidades dos estados próximos do Rio e de São Paulo. Aqui em Washington, fui mais agressivo com os garotos de Plutão. O cliente deles insistia no milhão. Meu cliente estava disposto a pagar sem verificação prévia. Era um impasse, com os dois times jogando duro mas dispostos a continuar com a negociação.

— Chegaram a descobrir como o cliente deles sabia tanto sobre os movimentos de Lanigan?

— Não. Especulamos durante horas. Nossa teoria era de que o cliente deles também estava atrás de Lanigan, por um ou outro motivo. Podia ser alguém do FBI precisando de dinheiro. Isso, é claro, era só um palpite, mas nós pensamos em tudo. A segunda teoria, a mais provável, era de que o cliente era alguém que Lanigan conhecia e em quem confiava, resolvido a vendê-lo por um milhão. Fosse como fosse, meu cliente e eu decidimos que não podíamos deixar escapar a oportunidade. Estávamos nesse trabalho há quase quatro anos e não tínhamos nada. Como aprendemos, existe um milhão de lugares maravilhosos para se esconder no Brasil e Lanigan parecia saber o que estava fazendo.

— Vocês resolveram o impasse?

Eles resolveram. Em agosto daquele ano, eles fizeram outra oferta. Fotografias atuais de Lanigan em troca de mais cinquenta mil. Concordamos. O dinheiro foi enviado para o estrangeiro. Ele entregaram as fotos no meu escritório aqui em Washington. Eram três, ampliadas e em preto e branco.

— Posso vê-las, por favor?

— Claro. — Stephano tirou as fotos da sua pasta ultra organizada e as

empurrou para Oliver sobre a mesa. A primeira mostrava Lanigan num supermercado cheio de gente, tirada de bem longe. Ele estava de óculos escuros e segurava o que parecia um tomate. A segunda foi tirada um momento antes ou um momento depois e mostrava Lanigan andando na calçada carregando uma sacola. Estava de jeans e parecia um perfeito brasileiro. A terceira era mais reveladora. Patrick de short e camiseta lavando seu Fusca. As placas não eram visíveis, nem toda a casa. Estava sem óculos escuros e seu rosto aparecia nitidamente.

— Sem nome de rua, sem as placas do carro — Oliver disse.

— Nada. Nós as estudamos durante horas, mas não descobrimos nada. Como eu disse, havia um cérebro por trás dos garotos de Plutão.

— Então, o que vocês fizeram?

— Concordamos em pagar um milhão.

— Quando?

— Em setembro. O dinheiro foi depositado com um agente fiduciário em Genebra, para ser usado somente quando as duas partes dessem ordem. De acordo com o combinado, o cliente deles tinha quinze dias para nos dar o nome da cidade e da rua onde ele estava morando. Roemos as unhas durante quinze dias, então no décimo sexto dia, depois de uma verdadeira guerra verbal, eles nos deram o prometido. A cidade era Ponta Porã, o nome da rua era Tiradentes. Corremos para a cidade e entramos sorrateiramente nela. A essa altura, tínhamos grande respeito por Lanigan e considerávamos brilhante seu modo de seguir sempre para a frente, garantindo a retaguarda. Nós o encontramos e o vigiamos durante uma semana para ter certeza. Seu nome era Danilo Silva.

— Uma semana?

— Isso mesmo. Precisávamos ser pacientes. Ele tinha escolhido Ponta Porã por um motivo. É o lugar ideal para se esconder. As autoridades locais cooperam desde que o pagamento seja bom. Os alemães descobriram isso depois da guerra. Um movimento em falso, os tiras são avisados e se movem imediatamente para proteger o indivíduo. Por isso esperamos e planejamos e finalmente o pegamos fora da cidade, numa pequena estrada, sem testemunhas. Uma saída fácil. Nós o levamos para o Paraguai, para uma casa segura.

— E lá vocês o torturaram.

Stephano tomou um pouco de café e olhou para Oliver.

— Mais ou menos isso — ele disse.

VINTE E SETE

Patrick andou de um lado para o outro, espreguiçou-se numa das extremidades da sala dos médicos, enquanto Sandy, sentado, ouvia e tomava notas. Os biscoitos levados por uma enfermeira estavam ainda intocados. Sandy se perguntou quantos prisioneiros acusados de homicídio recebiam biscoitos. Quantos tinham uma equipe de guarda-costas sempre por perto. Quantos comiam pizza com um juiz.

— As coisas estão mudando, Sandy — Patrick disse, sem olhar para ele. — Temos de nos mexer depressa.

— Mexer para onde?

— Ela não vai ficar aqui enquanto o pai estiver desaparecido.

— Como sempre, estou completamente confuso. As lacunas estão cada vez maiores e vocês dois falam por códigos. Mas sou apenas o advogado. Para que iam me contar as coisas?

— Ela tem dossiês e relatórios, toda a história. Você precisa falar com ela.

— Falei com ela ontem à noite.

— Ela está à sua espera.

— É mesmo? Onde?

— Há uma casa de praia em Perdido. Ela está lá.

— Deixe-me adivinhar. Querem que eu largue tudo e corra para lá imediatamente.

— É importante, Sandy.

— Meus outros clientes também são — ele disse, irritado. — Por que não me avisam com antecedência?

— Sinto muito.

— Preciso estar no tribunal esta tarde. Minha filha vai jogar futebol. Será que custa muito me dar algum tempo?

— Eu não podia prever um sequestro, Sandy. Tem de admitir que as circunstâncias são um tanto incomuns. Procure compreender.

Sandy respirou fundo e escreveu alguma coisa no bloco de anotações. Patrick sentou na ponta da mesa, muito perto dele.

— Eu sinto muito, Sandy.

— Sobre o que vamos falar na casa de praia?

— Aricia.

— Aricia — ele repetiu, e desviou os olhos. Conhecia os fatos básicos, pelo menos os que os jornais publicaram.

— Pode demorar um pouco, por isso é melhor levar alguma roupa.

— Vou ficar na casa de praia?

— Vai.

— Com Leah?

— Sim. É uma casa grande.

— E o que exatamente devo dizer para minha mulher? Que estou numa casa de praia com uma bela mulher brasileira?

— Eu não faria isso. Diga que tem uma reunião com o resto da minha equipe de defesa.

— Isso é ótimo.

— Obrigado, Sandy.



Underhill se juntou a Oliver depois da pausa para o café. Sentaram lado a lado, de costas para a câmera de vídeo, olhando para Stephano.

— Quem interrogou Patrick? — Underhill perguntou para Stephano.

— Não sou obrigado a dizer os nomes dos homens que trabalham para mim.

— Essa pessoa tinha experiência com interrogatório físico?

— Limitada.

— Descreva os meios usados.

— Não tenho certeza...

— Vimos as fotos das queimaduras, sr. Stephano, e nós, do FBI, estamos sendo processados por danos infligidos por seus homens. Agora, diga o que fizeram e como.

— Eu não estava presente. Não planejei o interrogatório porque tenho pouca experiência nesse campo. Sabia, em termos gerais, que uma série de choques elétricos seriam aplicados em vários pontos do corpo do sr. Lanigan. Foi isso que aconteceu. Eu não tinha ideia de que fossem causar queimaduras graves.

Na pausa que se seguiu, Underhill olhou para Oliver e Oliver olhou rapidamente para Underhill com incredulidade patente. Stephano se limitou a sorrir com desdém.

— Quanto tempo durou?

— Cinco a seis horas.

Eles examinaram os papéis de uma pasta e trocaram algumas palavras em voz baixa. Underhill fez perguntas sobre o processo de identificação e Stephano descreveu a tomada de impressões digitais. Oliver procurou estabelecer a sequência de tempo e passou quase uma hora verificando com precisão quando eles o apanharam, até onde o levaram, por quanto tempo o interrogaram.

Fizeram perguntas específicas sobre a viagem da selva até a pista de aterrissagem em Concepción. Exploraram e cobriram tudo o mais. Depois confabularam por um momento e voltaram à pergunta crucial.

— Durante o interrogatório do sr. Lanigan, o que ficaram sabendo a respeito do dinheiro?

— Não muita coisa. Ele nos disse onde o dinheiro havia estado, mas não estava mais lá.

— Podemos supor que ele contou isso sob pressão extrema?

— Suposição correta.

— Está convencido de que ele não sabia onde estava o dinheiro, naquele momento?

— Eu não estava lá. Mas o homem que conduziu o interrogatório me disse que acredita que o sr. Lanigan não sabia a localização exata do dinheiro.

— O interrogatório não foi gravado em vídeo ou em áudio?

— É claro que não — Jack disse, como se nunca tivesse pensado nisso.

— O sr. Lanigan mencionou um cúmplice?

— Não que eu saiba.

— O que significa isso?

— Significa que eu não sei.

— E o homem que conduziu o interrogatório? Ele ouviu o sr. Lanigan mencionar um cúmplice?

— Não que eu saiba.

— Então, ao que você sabe, o sr. Lanigan jamais mencionou um cúmplice?

— Correto.

Examinaram os papéis outra vez e conversaram em voz baixa. Depois, fez-se uma longa pausa extremamente desagradável para Stephano. Ele acabara de dizer duas mentiras -nenhuma gravação, nenhum cúmplice — e ainda se sentia seguro com elas. Como aqueles caras podiam saber o que foi dito na selva do Paraguai? Mas eles eram o FBI. Por isso Stephano esperou inquieto.

A porta abriu bruscamente e Hamilton Jaynes entrou acompanhado por Warren, o terceiro interrogador.

— Olá, Jack — Jaynes disse em voz alta, sentando à mesa. Warren sentou ao lado dos companheiros.

— Olá, Hamilton — Stephano disse, cada vez mais inquieto.

— Eu estava ouvindo na sala ao lado — Jaynes disse, com um sorriso. — E de repente comecei a imaginar se você está mesmo dizendo a verdade.

— É claro que estou.

— É claro. Escute, já ouviu falar em Eva Miranda?

Stephano repetiu o nome devagar, como se estivesse completamente confuso.

— Acho que não.

— É uma advogada do Rio. Amiga de Patrick.

— Não, nunca ouvi.

— Muito bem, isso me preocupa, Jack, porque acho que você sabe exatamente quem ela é.

— Nunca ouvi falar nela.

— Então por que está tentando encontrá-la?

— Não sei do que está falando — Stephano disse, sem nenhuma convicção.

Underhill foi o primeiro a falar. Olhou diretamente para Stephano, mas falou para Jaynes.

— Ele está mentindo.

— É claro que está — disse Oliver.

— Sem dúvida — acrescentou Warren.

Os olhos de Stephano iam de uma voz para a outra. Fez menção de dizer alguma coisa, mas Jaynes o interrompeu erguendo as mãos abertas. A porta abriu e outro membro da escola Underhill-Oliver-Warren entrou na sala e disse:

— A análise da voz apresenta provas suficientes de que ele está mentindo. — Dado o recado, ele recuou e saiu.

Jaynes apanhou uma única folha de papel e resumiu o que estava escrito.

— Esta é a reportagem de um jornal do Rio, desta manhã. É sobre o sequestro de um homem chamado Paulo Miranda. A filha dele é a amiga de Patrick, Jack. Verificamos com as autoridades do Rio. Nenhum pedido de resgate. Nem uma palavra dos sequestradores. — Empurrou o jornal sobre a mesa na direção de Stephano, mas não até onde ele pudesse alcançar.

— Então, onde está o sr. Miranda?

— Eu não sei. Não sei do que estão falando.

Jaynes olhou para a outra ponta da mesa.

— Ainda mentindo — disse Underhill. Oliver e Warren concordaram com uma inclinação da cabeça.

— Fizemos um acordo, Jack. Você nos diz a verdade e retiramos as acusações contra você. E, se estou bem lembrado, concordamos em não deter seus clientes. Agora, o que vamos fazer, Jack?

Stephano estava olhando para Underhill e Oliver, que pareciam prontos para saltar assim que ele dissesse alguma coisa. Os dois olharam friamente para ele, muito atentos.

— Ela sabe onde está o dinheiro — Stephano disse, resignado.

— Você sabe onde ela está?

-Não. Ela fugiu do Rio quando encontramos Patrick.

-Nenhum sinal dela?

-Não.

Jaynes olhou para sua equipe da verdade. Não, Stephano não estava mais mentindo.

— Eu concordei em contar tudo — Jack disse. -Não concordei em fazer nada mais. Ainda podemos procurar a moça.

— Nós não sabíamos da existência dela.

— Uma pena. Se for necessário, posso alterar nosso acordo. Terei prazer em falar com meu advogado.

— Sim, mas já o apanhamos numa mentira.

— Peço desculpas. Não vai mais acontecer.

— Desista da moça, Jack. E solte o pai dela.

— Vou pensar no assunto.

— Não. Vai fazer isso agora.



A casa de praia era uma construção moderna em três níveis, numa fila de outras aparentemente iguais num novo projeto na Costa. Outubro era fora de estação. Quase todas as outras pareciam vazias. Sandy estacionou atrás de um quatro portas brilhante com placas da Louisiana, um carro alugado, ele pensou. O sol estava baixo no horizonte, a poucos centímetros da água calma. O Golfo estava deserto, não se via nenhum barco, nenhum navio. Ele subiu os degraus e seguiu pelo deque que circundava a casa até encontrar uma porta.

Leah abriu a porta com um sorriso, forçado sem dúvida porque ela era urna pessoa cheia de calor humano, não acostumada aos sentimentos tenebrosos que a perseguiam agora.

— Entre — eia disse suavemente, fechando a porta assim que ele entrou.

A sala de estar era espaçosa com o teto redondo, vidro nos três lados e uma lareira no centro.

— Belo lugar — ele disse, e então sentiu o cheiro delicioso que vinha da cozinha. Por culpa de Patrick, Sandy não tinha almoçado.

— Está com fome? — ela perguntou.

— Morrendo.

— Estou preparando alguma coisa.

— Maravilha.

O assoalho de madeira de lei estalou quando ele a seguiu até a sala de jantar. Sobre a mesa havia uma caixa de papelão e, ao lado, papéis em perfeita ordem. Leah estava trabalhando. Parou ao lado da mesa e disse.

— Este é o dossiê de Aricia.

— Preparado por quem?

— Patrick, é claro.

— Onde esteve nos últimos quatro anos?

— Num depósito em Mobile.

As respostas eram curtas e cada uma criava uma dezena de perguntas que Sandy gostaria de fazer.

— Veremos isso mais tarde -ela disse, descartando o assunto com um leve aceno da mão.

Na cozinha ele viu um frango assado sobre a tábua de cortar ao lado da pia. Uma panela de arroz com legumes estava no fogo.

— É bastante simples — ela disse. — Acho difícil cozinhar na cozinha de outra pessoa.

— Parece delicioso. De quem é esta cozinha?

— Eu aluguei a casa por um mês.

Ela cortou o frango e pediu a Sandy para servir o vinho, um fino pinot noir da Califórnia. Sentaram à pequena mesa na copa com uma vista magnífica da água e do fim do pôr do sol.

— Saúde — ela disse, erguendo o copo.

— A Patrick — Sandy disse.

— Sim, a Patrick. — Aparentemente ela não estava com vontade de comer. Sandy levou à boca um bom pedaço de peito de frango.

— Como ele está?

Sandy mastigou rapidamente para não falar com a boca cheia com aquela mulher deliciosa. Um gole de vinho. Enxugou os lábios com o guardanapo.

— Patrick está bem. As queimaduras estão cicatrizando bem. Um cirurgião plástico o examinou ontem e disse que não vai precisar de nenhum enxerto. As cicatrizes ficarão com ele por muitos anos, mas com o tempo desaparecerão. As enfermeiras levam biscoitos para ele. O juiz leva pizza. Não menos de seis homens armados o guardam noite e dia, portanto, eu diria que Patrick está melhor do que a maioria dos acusados de homicídio.

— Está falando do juiz Huskey?

— Sim. Karl Huskey. Você conhece?

— Não. Patrick falava muito nele. Eram bons amigos. Certa vez ele me disse que se fosse capturado esperava que acontecesse enquanto Karl Huskey ainda fosse juiz.

— Vai se aposentar logo — Sandy disse. Que maravilha, ele pensou.

— Ele não pode julgar o caso de Patrick, pode?

— Não. Logo vai pedir seu afastamento do caso. — Sandy comeu um pedaço bem menor de frango, ainda sozinho porque Leah nem tinha tocado no

garfo e na faca. Segurando o copo de vinho perto da cabeça, ela olhou para as nuvens alaranjadas e violeta no horizonte.

— Desculpe. Esqueci de perguntar pelo seu pai.

— Nem uma palavra. Há três horas falei com meu irmão e nada ainda.

— Eu sinto muito, Leah. Gostaria de poder fazer alguma coisa.

— E eu gostaria de poder fazer alguma coisa. É frustrante. Não posso ir para casa e não posso ficar aqui.

— Eu sinto muito — Sandy disse outra vez, por não ter nada mais para dizer.

Ele continuou a comer em silêncio. Ela apenas mexeu com o garfo na comida, olhando para o mar.

— Isto está delicioso — ele disse duas vezes.

— Obrigada. — Leah sorriu tristemente.

— O que seu pai faz?

— É professor universitário.

— Onde?

— No Rio. Na PUC.

— Onde ele mora?

— Em Ipanema, no apartamento em que morei toda a minha vida.

O pai era um assunto delicado, mas pelo menos Sandy estava obtendo respostas às suas perguntas. Talvez falar nele ajudasse um pouco. Fez mais perguntas, todas genéricas e nenhuma sobre o sequestro.

Leah não tocou na comida.



Quando Sandy terminou, ela perguntou:

— Café?

— Bem, provavelmente vamos precisar, não é?

— Sim.

Levaram para a cozinha os pratos alugados com a casa. Leah fez café enquanto Sandy examinava a casa. Encontraram-se na sala de jantar, onde o café foi servido e a conversa, genérica, terminou. Sentaram-se à mesa, um de frente para o outro.

— Quanto você sabe sobre o caso Aricia? — ela perguntou.

— Ele é o cliente de quem Patrick roubou noventa milhões de dólares, segundo os jornais. Era executivo da Platt & Rockland e denunciou a empresa por superfaturamento. Entrou com um processo com base na Lei da Falsa Indenização. A Platt & Rockland teve de pagar cerca de seiscentos milhões. Sua recompensa, de acordo com a lei, era de quinze por cento dessa quantia. Seus

advogados foram Bogan e Companhia, a firma onde Patrick trabalhava. Isso é tudo. Os fatos básicos.

— Muito bom. Tudo que vou dizer pode ser comprovado por estes documentos e fitas. Vamos examiná-los, pois você vai precisar conhecer este material por dentro e por fora.

— Na verdade, já fiz isso antes, sabia? — Ele sorriu, mas ela não. Não tentaria de novo fazer humor.

— A queixa de Aricia era fraudulenta desde o começo. — Ela falava deliberadamente, sem pressa. Esperou que ele absorvesse a afirmação, o que levou poucos segundos. — Benny Aricia é um homem muito corrupto que elaborou um plano para fraudar a empresa e o governo. Contou com a ajuda de alguns advogados muito capazes, da antiga firma de Patrick, e de pessoas poderosas em Washington.

— Deve estar falando do senador Nye, primo em primeiro grau de Bogan.

— Em princípio, sim. Mas como sabe, o senador Nye tem uma influência considerável em Washington.

— Foi o que ouvi.

— Aricia armou cuidadosamente seu plano, depois o levou a Charles Bogan. Patrick era o novo sócio da firma, mas não sabia coisa alguma sobre Aricia. Os outros sócios entraram para a conspiração, todos, menos Patrick. O clima na firma mudou e Patrick desconfiou que alguma coisa estava acontecendo. Ele começou a investigar e ouvir as conversas e por fim descobriu que o cliente chamado Aricia era a causa de todo aquele segredo. Patrick foi paciente. Fingiu não saber de nada e todo o tempo estava coletando provas. Muitas delas estão aqui. — Tocou na caixa de papelão.

— Vamos voltar ao começo — Sandy disse. — Explique como a alegação era fraudulenta.

— Aricia dirigia o Estaleiro New Coastal em Pascagoula. É uma divisão da Platt & Rockland.

— Eu sei de tudo isso. Grande fornecedor das Forças Armadas com um passado duvidoso, fama de fraudar o governo.

— Isso mesmo. Aricia aproveitou a magnitude do projeto para complementar seu plano. A New Coastal estava construindo os submarinos nucleares Expedição e o orçamento já estava estourado. Aricia resolveu piorar as coisas. A New Coastal apresentava relatórios adulterados, milhares de horas na escala aprovada pelo sindicato, de um trabalho que nunca foi feito. De funcionários que jamais existiram. Comprava material a preços grosseiramente inflacionados — lâmpadas a dezesseis dólares cada uma, copos de plástico a trinta dólares cada um e assim por diante. A lista é interminável.

— Está tudo nesta caixa?

— Só os itens maiores. Sistemas de radar, mísseis, armamentos, coisas de que nunca ouvi falar. As lâmpadas são insignificantes. Aricia estava na empresa tempo suficiente para saber exatamente como evitar que fosse descoberto. Ele criou uma tonelada de documentos. Seu nome aparecia em poucos deles. A Platt & Rockland tinha seis divisões envolvidas em contratos com as Forças Armadas, assim a sede era um verdadeiro zoológico. Aricia tirou vantagem disso. Para cada documento falso que entregava para a Marinha, tinha autorização por escrito assinada por algum executivo da sede da empresa. Aricia subcontratava para a compra de materiais com preço superfaturado, depois pedia aprovação de um superior. Era um sistema fácil, especialmente para um homem astuto como Aricia, que planejava arruinar a empresa. Tinha registros e relatórios meticulosos que mais tarde entregou para os advogados.

— E Patrick os apanhou?

— Alguns.

Sandy olhou para a caixa. A tampa estava fechada.

— E isto esteve escondido desde o desaparecimento dele?

— Sim.

— Alguma vez ele voltou para verificar se estava em ordem?

— Não.

— E você?

— Eu estive aqui há dois anos para renovar o contrato de guarda da caixa. Abri a caixa mas não tive tempo de examinar os documentos. Eu estava nervosa e com medo e não queria vir. Estava certa de que esse material jamais seria usado porque ele jamais seria apanhado. Mas Patrick sempre soube.

O advogado que havia em Sandy estava pronto para outra bateria de perguntas que nada tinham a ver com Aricia, mas conteve-se. Relaxe, ele pensou, não pareça ansioso demais e talvez suas perguntas sejam respondidas com o tempo.

— Então o plano de Aricia funcionou e em determinado momento ele procurou Charles Bogan, cujo primo é um senador agressivo de Washington, e seu antigo chefe, um juiz federal. Bogan sabia que Aricia era responsável pelo estouro do orçamento?

Ela levantou, tirou da caixa um gravador de pilha e uma caixa de minicassetes todos etiquetados e em ordem. Procurou, separando os minicassetes com a ponta de uma caneta, e encontrou o que queria. Colocou-o no toca-fitas. Era evidente que Leah havia feito isso muitas vezes antes.

— Ouça — ela disse. — Onze de abril de 1991. A primeira voz é de Bogan, a segunda, de Aricia. Foi Aricia quem telefonou e Bogan atendeu na sala de

conferências da firma.

Sandy se inclinou para a frente, apoiado nos cotovelos. A fita começou a girar.

BOGAN: Recebi um telefonema dos advogados da Platt de Nova York, hoje. Um cara chamado Krasny.

ARICIA: EU O conheço. Um típico idiota de Nova York.

BOGAN: Sim, ele não foi muito amistoso. Disse que talvez tenha provas de que você sabia do superfaturamento das telas Stalker que a New Coastal comprou da RamTec. Pedi para me mostrar as provas. Ele disse que precisava mais ou menos de uma semana.

ARICIA: Relaxe, Charlie. De modo nenhum eles podem provar porque eu não assinei nada.

BOGAN: Mas você sabia?

ARICIA: É claro que eu sabia. Fui eu que planejei. Eu tratei da transação. Outra das minhas ideias maravilhosas. O problema deles, Charlie, é que não podem provar. Não há documentos, não há testemunhas.

O toca-fitas parou e Leah disse.

— A mesma conversa dez minutos depois.

ARICIA: Como vai o senador?

BOGAN: Vai bem. Ontem ele esteve com o secretário da Marinha.

ARICIA: Como foram as coisas?

BOGAN: Muito bem. Eles são velhos amigos, você sabe. O senador expressou seu grande desejo de punir a Platt & Rockland pela fraude, mas sem prejudicar o projeto Expedição. O secretário pensa assim também e disse que vai pedir a punição da Platt & Rockland.

ARICIA: Ele pode apressar as coisas?

BOGAN: Por quê?

ARICIA: Eu quero o maldito dinheiro, Charlie. Posso senti-lo. Posso sentir o gosto dele.

Leah apertou um botão e a fita parou. Retirou o cassete e guardou na caixa.

— Patrick começou a gravar no começo de 1991. O plano deles era excluí-lo da firma em fins de fevereiro, alegando que não estava gerando trabalho suficiente para a firma.

— Esta caixa está cheia de fitas gravadas?

— Tem umas sessenta, todas cuidadosamente editadas por Patrick, de modo que pode ouvir tudo em três horas.

Sandy consultou o relógio.

— Temos muito que fazer — ela disse.

VINTE E OITO

Paulo pediu um rádio e eles negaram, mas quando compreenderam que ele só queria ouvir música, levaram um toca-fitas muito usado e dois cassetes da Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro. Ele gostava de música clássica. Paulo ligou o aparelho com volume bem baixo e começou a folhear uma revista da pilha ao seu lado. Seu pedido de livros estava sendo estudado. A comida até aquele momento era muito boa. Ao que parecia, queriam que ele ficasse satisfeito. Seus sequestradores eram homens jovens sob as ordens de outra pessoa, que, Paulo sabia, nunca ia ver. Se eles o libertassem, os jovens fugiriam e era impossível seguir sua pista.

O segundo dia passou lentamente. Eva era esperta demais para cair na armadilha. Algum dia, tudo isso seria explicado. Paulo podia esperar tanto quanto eles.



O meritíssimo chegou com uma pizza na segunda noite. Gostou tanto da primeira que telefonou para Patrick à tarde para ver se podiam repetir a dose. Patrick estava ansioso por companhia.

Huskey tirou da pequena pasta uma pilha de envelopes que jogou na mesa de trabalho do advogado Lanigan.

— Uma porção de gente quer dizer olá, a maioria do tribunal. Eu disse que podiam escrever.

— Não sabia que tinha tantos amigos.

— Não tem. São funcionários de escritório entediados, com tempo de sobra para escrever cartas. É o mais perto que podem chegar da ação.

— Nossa, obrigado.

Huskey levou uma cadeira para perto da cama de Patrick e apoiou os pés numa gaveta aberta da mesa de cabeceira. Patrick comeu quase dois pedaços de pizza e seu jantar estava terminado.

— Logo terei de requerer meu afastamento do caso — Huskey disse, quase se desculpando.

— Eu sei.

— Conversei longamente com Trussel esta manhã. Sei que você não gosta muito dele, mas é um bom juiz. Está disposto a aceitar o caso.

— Prefiro o juiz Lanks.

— Sim, mas infelizmente não tem escolha. Lanks está com problemas de pressão alta e estamos tentando mantê-lo afastado dos casos maiores. Como você sabe, Trussel tem mais experiência do que Lanks e eu juntos, especialmente em casos de pena de morte.

Patrick estremeceu levemente, apertou um pouco os olhos, os ombros se curvaram para a frente por um momento. Um caso de pena de morte. A ideia o apavorava, especialmente quando conseguia se arrastar até o espelho e olhava longamente para o próprio rosto. Huskey percebeu os menores sinais da reação.

Como dizem, qualquer pessoa é capaz de matar, e Huskey já havia conversado com muitos assassinos nos seus doze anos como juiz. Entretanto Patrick era o primeiro amigo a enfrentar o corredor da morte.

— Por que você vai se aposentar? — Patrick perguntou.

— Os motivos de sempre. Estou farto e se não sair agora nunca mais vou conseguir. Meus filhos estão para entrar na faculdade e preciso de mais dinheiro. — Depois de uma pequena pausa, perguntou: — Só por curiosidade, como sabia que vou deixar a magistratura? Não estou anunciando isso.

— As palavras voam.

— Até o Brasil?

— Eu tinha um espião, Karl.

— Alguém daqui?

— Não. É claro que não. Não podia correr o risco de entrarem contato com ninguém daqui.

— Então era alguém de lá?

— Sim, uma advogada que Conheci.

— E contou tudo a ela?

— Sim. Contei tudo a ela.

Huskey uniu as pontas dos dedos e disse:

— Acho que isso faz sentido.

— É uma coisa que eu recomendo sem restrições quando você estiver por lá, sumido.

— Vou me lembrar. Essa advogada, onde ela está agora?

— Aqui perto, eu acho.

— Agora compreendo. Ela deve estar com o dinheiro.

Patrick sorriu, depois riu. O gelo estava quebrado, finalmente.

— O que você quer saber sobre o dinheiro, Karl?

— Tudo. Como você o roubou. Onde está. Quanto ainda resta.

— Qual a melhor fofoca que você ouviu no tribunal sobre o dinheiro?

— Oh, há centenas. A minha favorita é a de que você dividiu o dinheiro e

escondeu em cofres subterrâneos na Suíça, que você estava só passando um tempo no Brasil e depois de alguns anos ia começar a se divertir com seu dinheiro.

— Nada mau.

— Lembra de Bobby Doak, aquele cara de fuinha cheio de espinhas que faz divórcios por noventa e nove dólares e detesta qualquer advogado que cobre mais?

— Claro, ele faz propaganda nos folhetos da igreja.

— Esse mesmo. Ontem ele estava tomando café no fórum e contando que sabia de fonte segura que você gastou todo o dinheiro com drogas e prostitutas adolescentes e por isso estava vivendo como um camponês no Brasil.

— Isso combina com Doak.

O espírito de humor passou rapidamente e Patrick ficou calado. Huskey não ia perder o momento.

— Então, onde está o dinheiro?

— Não posso dizer, Karl.

— Quanto resta?

— Uma tonelada.

— Mais do que você roubou?

— Mais do que eu peguei, sim.

— Como você fez?

Patrick desceu pelo outro lado da cama e foi até a porta. Estava fechada. Esticou os músculos das costas e das pernas e tomou água de uma garrafa. Depois, sentou na beirada da cama, olhando para baixo, para Karl.

— Eu tive sorte — ele disse, quase num murmúrio. Mas Karl ouvia cada sílaba.

— Eu ia embora, Karl, com ou sem o dinheiro. Sabia que o dinheiro estava para chegar na firma e tinha um plano para ficar com ele. Mas se não tivesse dado certo, eu ia embora do mesmo modo. Não podia aguentar outro dia com Trudy. Eu detestava meu trabalho e de qualquer modo ia ser cortado da firma. Bogan e aqueles homens estavam envolvidos em uma fraude gigantesca e eu era a única pessoa fora da firma que sabia de tudo.

— Que fraude?

— A denúncia de Aricia contra a Platt & Rockland e o processo. Falaremos disso mais tarde. Então, lentamente planejei minha fuga e tive sorte e consegui. A sorte me acompanhou até duas semanas atrás. Uma sorte incrível.

— Nós chegamos só até o enterro.

— Certo. Voltei para o pequeno apartamento de Orange Beach. Fiquei lá mais uns dois dias, dentro de casa, ouvindo fitas de aulas de português e

memorizando o vocabulário. Passei também horas editando as conversas gravadas nos escritórios da firma. Tinha uma porção de documentos para organizar. Na verdade, trabalhei arduamente. À noite, andava na praia durante horas, para suar, derreter os quilos adquiridos o mais depressa possível. Eu deixei de pensar em comida.

— Que tipo de documentos?

— O dossiê Aricia. Eu saí no veleiro. Tinha alguns conhecimentos básicos e de repente me senti motivado para ser um grande marinheiro. Eu podia passar dias no barco e logo eu estava me escondendo lá fora, no mar.

— Aqui?

— Sim. Ancorava perto da Ship Island de onde podia avistar a praia de Biloxi.

— Por que fez isso?

— Eu instalei escutas nos escritórios da firma, Karl. Todos os telefones, todas as mesas, exceto a de Bogan, estavam grampeados. Tinha um microfone até no banheiro dos homens no primeiro andar entre os escritórios de Bogan e de Vitrano. Os microfones transmitiam para uma central escondida no sótão. É uma firma antiga num prédio antigo com milhões de arquivos empilhados no sótão. Ninguém vai lá. Havia uma velha antena no telhado do prédio e passei meus fios por ela. O receptor então transmitia para uma parabólica de vinte e cinco centímetros no veleiro. Era alta tecnologia, coisa de última geração, Karl. Comprei no mercado negro em Roma e me custou um bocado. Com binóculo eu via a chaminé e os sinais eram facilmente coletados. Toda conversa no raio de escuta de um microfone era transmitida para mim, no veleiro. Eu gravava todas e fazia a edição à noite. Eu sabia onde eles iam almoçar e o estado de espírito das suas mulheres a cada dia. Eu sabia de tudo.

— Isso é incrível.

— Devia ouvir aqueles homens tentando parecer comovidos depois do meu enterro. Aceitavam todos os telefonemas de pêsames, parecendo devidamente abalados. Mas quando estavam sozinhos, zombavam da minha morte. Ela evitara um confronto desagradável. Bogan fora escolhido para me comunicar que eu estava demitido. Um dia depois do enterro, ele e Havarac tomaram uísque na sala de conferências rindo da minha sorte por ter morrido num momento tão oportuno.

— Você tem essas gravações?

— É claro. Veja só. Tenho a fita da conversa de Trudy com Doug Vitrano, no meu ex-escritório, algumas horas antes do meu enterro, quando abriram meu cofre e encontraram a apólice de seguro de vida de dois milhões de dólares. É hilariante. Trudy não precisou nem de vinte segundos para perguntar: “Quando

recebo o dinheiro? ”

— Quando posso ouvir isso?

— Eu não sei. Logo. Há centenas de fitas. Levei algumas semanas trabalhando doze horas por dia para editar. Imagine todos os telefonemas que tive de catalogar.

— Eles nunca suspeitaram?

— Na verdade, não. Rapley certa vez disse para Vitrano que meu senso de oportunidade fora incrível, pois comprei uma apólice de seguro de vida de dois milhões oito meses antes da minha morte. E houve um ou dois comentários sobre meu comportamento estranho ultimamente, mas sem nenhuma consequência. Estavam felizes demais por eu estar fora do seu caminho.

— Você grampeou os telefones de Trudy?

— Pensei nisso, mas afinal, por que ter esse trabalho? Seu comportamento era previsível. Ela não podia me ajudar em nada.

— Mas Aricia podia.

— Certamente. Eu sabia cada movimento que eles faziam para Aricia. Sabia que o dinheiro ia ser pago no estrangeiro. Sabia qual o banco e quando ia chegar lá.

— Então, como o roubou?

— Mais uma vez, muita sorte. Embora Bogan estivesse no comando de tudo, Vitrano era quem mais se comunicava com os banqueiros. Viajei para Miami com documentos falsos que me identificavam como Doug Vitrano. Eu tinha o número do seguro social dele e outros dados vitais. O cara em Miami tinha um catálogo no computador com um milhão de rostos e a gente apenas aponta para um deles e, pronto, o rosto está na sua carteira de motorista. Escolhi um rosto mais ou menos entre o meu e o de Vitrano. De Miami voei para Nassau e foi aí que a coisa complicou. Eu me apresentei no banco, o United Bank of Wales. O homem com quem Vitrano sempre falava chamava-se Graham Dunlap. Apresentei todos os meus documentos falsos, inclusive uma relação falsa assinada por todos os sócios, em papel timbrado da firma, é claro, me orientando para transferir o dinheiro assim que chegasse. Dunlap não esperava o sr. Vitrano e ficou realmente surpreso, até mesmo lisonjeado com o fato de alguém da firma fazer aquela viagem para uma simples transferência de rotina. Ele me serviu café e mandou uma secretária comprar croissants. Eu estava comendo no escritório dele quando o dinheiro chegou.

— Ele nem pensou em telefonar para a firma?

Não. Compreenda, Karl, eu estava preparado para o caso de Dunlap demonstrar a menor suspeita. Estava resolvido a dar uma pancada na cabeça dele, sair correndo do prédio e tomar um táxi para o aeroporto. Eu tinha três

passagens diferentes para três voos diferentes.

— Para onde teria ido?

— Bem, eu ainda estava morto, não esqueça. Provavelmente para o Brasil. Arranjaria emprego num bar e passaria o resto dos meus dias na praia. Pensando bem agora, talvez eu tivesse ficado melhor sem o dinheiro. Estava comigo e eles certamente viriam atrás de mim. Por isso estou aqui agora. Seja como for, Dunlap fez as perguntas certas e minhas respostas foram perfeitas. Ele confirmou a chegada do dinheiro e eu imediatamente autorizei a transferência para um banco em Malta.

— Todo?

— Quase todo. Dunlap hesitou por um minuto quando percebeu que todo o dinheiro ia sair do seu banco. Eu quase engoli a língua. Ele falou alguma coisa sobre honorários administrativos por seus serviços e eu perguntei qual era a porcentagem comum. Como um perfeito idiota ele disse que cinquenta mil estaria bem e eu disse tudo bem. Cinquenta mil ficaram na conta e foram depois transferidos para Dunlap. O banco fica no centro de Nassau...

— Ficava no centro de Nassau. Fechou seis meses depois do roubo.

— É, ouvi dizer. Uma pena. Quando saí pela porta da frente, meus pés pisaram na calçada, foi difícil não sair pulando como um doido no meio dos carros. Eu queria gritar e pular na rua, mas me controlei. Entrei no primeiro táxi que apareceu, disse que estava atrasado para o meu voo e lá fomos nós. O avião para Atlanta saía em uma hora. Para Miami, uma hora e meia. Os passageiros estavam embarcando no que ia para La Guardia e voei para Nova York.

— Com noventa milhões de dólares.

— Menos os cinquenta mil de Dunlap. Foi o voo mais longo da minha vida. Tomei três martínis e continuava só nervos. Fechava os olhos e via agentes da alfândega com metralhadoras me esperando no desembarque. Tinha certeza de que Dunlap desconfiou e telefonou para a firma e que eles tinham conseguido me seguir até o aeroporto e me viram entrar no avião. Nunca em toda a vida tive tanta vontade de sair de um avião. Aterrissamos, taxiamos para o terminal, desembarcamos. Um flash de uma câmera espocou quando chegamos no portão e eu pensei, é isso! Eles me pegaram! Era um garoto com uma Kodak. Praticamente corri para o banheiro e sentei no vaso durante vinte minutos. Ao lado dos meus pés estava a mochila de lona com tudo que eu tinha no mundo.

— Não esqueça dos noventa milhões.

— Ah, tem razão.

— Como o dinheiro foi parar no Panamá?

— Como sabe que foi parar no Panamá?

— Eu sou o juiz, Patrick. Os policiais falam comigo. É uma cidade pequena.

— Estava nas instruções de transferência de Nassau. O dinheiro foi para uma nova conta em Malta e depois imediatamente para o Panamá.

— Como ficou tão informado sobre remessa de dinheiro?

— Um pouco de pesquisa. Trabalhei nisso um ano inteiro. Diga, Karl, quando ficou sabendo que o dinheiro tinha desaparecido?

Karl riu e recostou-se mais na cadeira, cruzando as mãos na nuca.

— Bem, seus amigos na firma não conseguiram manter em segredo o pequeno negócio.

— Estou chocado.

— Na verdade, a cidade inteira sabia que eles estavam para ficar podres de ricos. Eles se preocuparam tanto com o segredo, mas estavam gastando dinheiro como loucos. Havarac comprou o maior e mais negro Mercedes já fabricado. O arquiteto de Vitrano estava terminando de desenhar a nova casa da família — três mil metros quadrados. Rapley assinou contrato para a compra de um veleiro de oitenta pés. Disse que estava pensando em se aposentar. Ouvi a conversa da boca dos melhores advogados da cidade. Trinta milhões em honorários advocatícios seriam difíceis de esconder por aqui, mas eles realmente nem tentaram. Eles queriam que todos soubessem.

— Parece mesmo um bando de advogados.

— Você atacou numa noite de quinta-feira, certo?

— Certo, 26 de março.

— No dia seguinte eu estava me preparando para continuar um julgamento quando um dos advogados recebeu um telefonema do escritório. A notícia era de que tinha havido problemas com o grande acordo de Bogan, Rapley, Vitrano, Havarac e Lanigan. O dinheiro desaparecera. Todo. Roubado por alguém, no exterior.

— Meu nome foi mencionado?

— Não no primeiro dia. Mas não demorou. Correu a notícia de que uma das câmeras de segurança do banco tinha captado alguém vagamente parecido com você. Outras peças se encaixaram e a boataria tomou conta da cidade.

— Você acreditou que eu tinha feito aquilo?

— A princípio, fiquei chocado demais para acreditar em qualquer coisa. Nós todos ficamos. Nós o tínhamos enterrado, oramos para seu descanso eterno. Era impossível acreditar. Mas com a passagem dos dias, o choque passou e tudo se encaixou. O novo testamento, o seguro de vida, o corpo cremado -começamos a ter suspeitas. Então eles encontraram todos os grampos nos escritórios. O FBI estava interrogando todo mundo. Uma semana depois do roubo, todos aceitavam a ideia de que você tinha dado o golpe.

— Ficou orgulhoso de mim?

— Não posso dizer que Fiquei orgulhoso. Atônito, talvez. Talvez estarrecido. Afinal havia um corpo cremado. Depois, Fiquei intrigado.

— Nem o menor sinal de admiração.

— Não é assim que eu lembro, Patrick. Não, uma pessoa inocente fora assassinada para que você pudesse roubar o dinheiro. Além disso, você tinha abandonado mulher e filha.

— A mulher recebeu uma bolada. A filha não é minha.

— Eu não sabia disso naquela época. Ninguém sabia. Não, não creio que alguém sentiu admiração.

— E os meus amigos da firma?

— Ninguém os viu durante meses. Foram processados por Aricia. Outros processos se seguiram. Estavam com dívidas enormes e pediram falência. Divórcios, bebida, foi horrível. Foi o processo mais perfeito de autodestruição.

Patrick voltou para a cama e cruzou as pernas. Saboreando tudo com um sorriso maldoso. Huskey levantou-se e foi até a janela.

— Quanto tempo você ficou em Nova York? — perguntou, espiando entre as lâminas da persiana.

— Mais ou menos uma semana. Eu não queria que o dinheiro voltasse para os Estados Unidos, por isso mandei transferir para Toronto. O banco no Panamá era filial do Banco de Ontário, portanto foi fácil transferir tudo de que eu precisava.

— Você começou a gastar?

— Não muito. Eu era canadense, com documentos quentes, transferido de Vancouver, e o dinheiro me permitiu comprar um pequeno apartamento e obter cartões de crédito. Conheci um professor de português e estudava o idioma seis horas por dia. Fui várias vezes à Europa para que meu passaporte fosse usado e examinado. Tudo funcionou perfeitamente. Depois de três meses, coloquei o apartamento à venda e fui para Lisboa, onde estudei a língua por alguns meses. Então, em 5 de agosto de 1992, fui para São Paulo.

— Seu dia da independência.

— Completa liberdade, Karl. Desci naquela cidade com duas malas pequenas. Entrei num táxi e logo me perdi num mar de vinte milhões de pessoas. Estava escuro e chovia, o trânsito engarrafado e eu estava no táxi, pensando que ninguém no mundo sabia onde eu estava. Quase chorei, Karl. Era liberdade, pura e absoluta. Olhava os rostos das pessoas que passavam na rua e pensava, agora sou uma delas. Sou brasileiro, meu nome é Danilo e nunca serei outra pessoa.

VINTE E NOVE

Sandy dormiu três horas num colchão duro, numa espécie de jirau acima da sala de estar, bem longe dela, e acordou com o sol espiando entre as frestas da persiana. Eram seis e meia. Eles se recolheram às três horas da manhã depois de sete horas exaustivas examinando documentos e ouvindo uma dezena de conversas secretas gravadas por Patrick.

Sandy tomou um banho, vestiu-se e desceu para a cozinha, onde Leah estava sentada na banqueta com uma xícara de café fresco e surpreendentemente alerta. Ela preparou torrada de pão de trigo com geleia, enquanto ele folheava os jornais. Sandy estava pronto para partir, voltar ao seu escritório com os documentos sobre Aricia e catalogar tudo no seu território.

— Alguma notícia do seu pai? — ele perguntou. As vozes àquela hora eram suaves, as palavras, poucas.

— Não. Mas não posso telefonar daqui. Mais tarde vou ao supermercado e ligo de um telefone público.

— Vou rezar por ele.

— Obrigada.

Puseram todo o dossiê Aricia na mala do carro dele e se despediram. Ela prometeu telefonar dentro de vinte e quatro horas. Não pretendia viajar tão cedo. Os problemas do seu cliente tinham passado de graves para urgentes.

O ar estava frio. Afinal, era outubro e até a Costa sentia a sugestão do outono. Ela vestiu uma jaqueta com capuz e foi andar na praia, descalça, com as pernas nuas, uma das mãos no bolso, a outra segurando a xícara de café. Os óculos escuros a aborreciam. A praia estava deserta. Por que sentia tanta necessidade de esconder o rosto?

Como todos os cariocas, Eva passou grande parte da vida na praia, o centro da cultura. Passou a infância no apartamento dos pais em Ipanema, um dos bairros mais chiques do Rio, onde todas as crianças cresciam na praia.

Não estava acostumada a longas caminhadas perto da água sem ver um milhão de pessoas tomando sol e brincando. Seu pai fora um dos primeiros a comandar o movimento contra o desenvolvimento desordenado de Ipanema. Ele desprezava o aumento da população, as construções ao acaso e trabalhava incansavelmente junto a grupos de moradores. Era algo contrário à típica atitude do carioca de viver e deixar viver, mas com o tempo veio a ser admirado e até mesmo bem recebido. Como advogada, Eva ainda dedicava tempo aos grupos de preservação de Ipanema e do Leblon.

O sol se escondeu atrás das nuvens e o vento tomou força. Ela voltou para a casa com as gaivotas crocitando acima da sua cabeça. Fechou todas as portas e janelas e foi de carro ao supermercado a 30 quilômetros de distância onde pretendia comprar xampu e frutas e procurar o telefone mais próximo.

Não viu o homem imediatamente, e quando finalmente notou, ele parecia estar de pé ao seu lado há séculos. Ela estava segurando um vidro de condicionador de cabelo e ele fungou, como se estivesse resfriado. Eva virou a cabeça e olhou para ele por trás dos óculos escuros. Ficou atônita com o olhar fixo do homem. Tinha trinta ou quarenta anos, barba por fazer, mas ela não teve tempo para notar mais nada.

O homem olhava para ela com intensos olhos verdes, que pareciam arder no rosto moreno. Ela se afastou calmamente, com o condicionador na mão. Talvez fosse apenas um tipo estranho local, um pervertido inofensivo que vagueava pelos supermercados, assustando os turistas. Talvez todos do supermercado soubessem o nome dele e não se importavam com o que ele fazia porque era incapaz de fazer mal a uma mosca.

Minutos depois, ela o viu outra vez, agora procurando se esconder perto da padaria, o rosto atrás de uma massa de pizza mas os olhos metálicos observando todos os seus movimentos. Por que estava se escondendo, cobrindo o rosto? Eva notou que ele estava de short e sandália.

O pânico a invadiu, enviando ondas para as pernas. Seu primeiro pensamento foi correr, mas conseguiu se controlar a tempo suficiente para encontrar um pequeno cesto de compras. Fosse ele quem fosse, o homem a tinha identificado e era vantajoso para Eva poder observá-lo tanto quanto ele a estava observando. Quem poderia dizer quando ia ver aquele homem outra vez? Demorou na seção de frutas e verduras, depois passou pela de queijos e não o viu por um longo tempo. Então, lá estava ele de costas para ela, com duas caixas de leite na mão.

Alguns minutos depois, ela o viu através das grandes janelas da frente, caminhando para o estacionamento, a cabeça inclinada para o lado, falando num celular, sem carregar nada. O que aconteceu com o leite? Eva teria saído pela porta dos fundos mas seu carro estava na frente do supermercado. Pagou com a maior calma possível, mas sua mão tremia quando a estendeu para o troco.

Havia trinta carros no estacionamento, incluindo o dela, alugado, e Eva sabia que não era possível examinar todos. Mesmo se quisesse. Ele devia estar num deles. Tudo que ela queria era sair dali sem ser seguida. Entrou rapidamente no carro, saiu do estacionamento e seguiu na direção da casa de praia, embora sabendo que não podia mais voltar para lá. Dirigiu uns oitocentos metros e bruscamente fez uma volta completa, bem a tempo de ver o homem três carros atrás, num Toyota novo. Os olhos verdes se desviaram no último segundo.

Estranho, ela pensou, o fato de ele não esconder os olhos.

Tudo parecia estranho naquele momento. Era estranho estar dirigindo numa estrada estranha, num país estranho com um passaporte falso dizendo que era uma pessoa que jamais quis ser, e indo não sabia ainda para onde. Sim, tudo era estranho e confuso e amedrontador como o diabo e o que Eva precisava e queria desesperadamente era ver Patrick, gritar com ele durante uma hora e agredi-lo também. Isso não fazia parte do combinado. Uma coisa era Patrick ser caçado por seu passado, mas ela não tinha feito nada. Para não mencionar Paulo.

Como todos os brasileiros, ela dirigia com um pé no acelerador e outro no freio e o tráfego ao longo da praia precisava urgentemente de uma boa dose desse sistema. Mas precisava ficar calma. Você não entra em pânico quando está fugindo. Você pensa, você vigia, você planeja.

Observou os carros atrás dela. Obedeceu a todas as regras do trânsito.

“Saiba sempre onde você está”, Patrick sempre dizia. Eva tinha estudado o guia das estradas durante horas. Virou para o norte e parou num posto de gasolina para ver o que acontecia. Nada. O homem de olhos verdes não estava atrás dela, mas isso não servia de consolo. Ele sabia que Eva o tinha visto. Foi apanhado. Então simplesmente avisou alguém com seu pequeno celular e agora um outro a estava vigiando.

Uma hora depois entrou no terminal do aeroporto em Pensacola e esperou oito minutos pelo voo para Miami. Qualquer voo teria servido. Mas o para Miami era o primeiro. E foi desastroso.

Ela esperou com uma revista aberta na frente do rosto, num café, observando tudo que se movia. Um guarda de segurança olhou para ela apreciativamente e Eva achou difícil ignorá-lo. Fora isso, o aeroporto estava quase vazio.

O voo de Miami parecia demorar séculos. Dezoito dos vinte e quatro lugares estavam vazios e os outros cinco passageiros pareciam inofensivos. Ela até conseguiu dormir um pouco.

Em Miami ela se escondeu na sala de estar do aeroporto por uma hora, tomando água mineral e observando a multidão. No balcão da Varig comprou uma passagem de primeira classe para São Paulo, só ida. Não sabia bem por quê. Não era em São Paulo que ele morava, mas certamente era a direção certa. Talvez

pudesse se esconder num bom hotel durante alguns dias. Estaria mais perto do pai, onde quer que ele estivesse. Aviões saíam para centenas de lugares. Por que não visitar seu país?

Seguindo a rotina, o FBI expediu um alerta para a alfândega e para a imigração, bem como para as empresas aéreas. A jovem que procuravam tinha trinta e um anos, passaporte brasileiro, nome verdadeiro Eva Miranda, mas provavelmente estava usando outro. Cientes da identidade do pai, foi simples descobrir seu nome verdadeiro. Quando Leah Pires entrou na fila de verificação de passaportes, no aeroporto internacional de Miami, não esperava nenhum problema. Procurava ainda o homem que a estivera seguindo.

Seu passaporte com o nome de Leah Pires não havia despertado nenhuma suspeita nas duas últimas semanas.

Mas o funcionário da alfândega vira o alerta uma hora antes, quando tomava café. Apertou o botão de alarme enquanto examinava lentamente cada palavra do passaporte. A hesitação a princípio pareceu apenas inconveniente, mas então Leah compreendeu que alguma coisa estava errada. Os outros passageiros passavam rapidamente pelos outros controles, mal parando para abrir os passaportes. Um supervisor com paletó azul marinho surgiu do nada e parou ao lado do funcionário da alfândega.

— Quer por favor vir para este lado, sra. Pires? — ele disse delicada mas autoritariamente. Apontou para uma fileira de portas no corredor largo.

— Algum problema? — ela perguntou.

— Não na verdade. Apenas algumas perguntas.

Ele esperava por ela ao lado de um guarda uniformizado e com uma arma na cintura. O supervisor segurava seu passaporte. Dezenas de passageiros atrás dela assistiam à cena.

— Perguntas sobre o quê? -ela quis saber, acompanhando o supervisor e o guarda até a segunda porta.

— Apenas algumas perguntas — ele repetiu, abrindo a porta e entrando com ela numa sala quadrada sem janelas. Uma sala de detenção. Ela notou o nome Rivera na lapela do homem. Ele não parecia latino.

— Devolva meu passaporte — ela disse, assim que ficaram sozinhos com a porta fechada.

— Não tão depressa, sra. Pires. Preciso fazer algumas perguntas.

— E eu não preciso responder.

— Por favor, relaxe. Sente-se. Aceita café ou água?

— Não.

— Este endereço no Rio é verdadeiro?

— Claro que é.

— De onde está vindo?

— Pensacola.

— Seu voo?

— Airlink 855.

— Seu destino?

— São Paulo.

— Onde, em São Paulo?

— Talvez isso seja um assunto particular.

— Negócio ou passeio?

— Que importância tem isso?

— Tem importância, Seu passaporte diz que mora no Rio. Então, onde vai ficar em São Paulo?

— Num hotel.

— O nome do hotel?

Ela hesitou, tentando lembrar o nome de um hotel, e o pequeno intervalo foi fatal.

— Bem... o Continental — disse, finalmente, sem a menor intenção de dizer a verdade.

Ele tomou nota e depois disse:

— E posso supor que o quarto está reservado em nome de Leah Pires?

— É claro — ela respondeu irritada. Mas bastava um telefonema para saber que estava mentindo.

— Onde está sua bagagem? — ele perguntou.

Outra falha e desta vez muito mais reveladora. Eva hesitou, desviou os olhos e disse:

— Estou viajando com pouca bagagem.

Bateram na porta. Rivera abriu apenas alguns centímetros, recebeu uma folha de papel e disse alguma coisa em voz baixa para quem estava no outro lado. Leah sentou-se e tentou relaxar. A porta fechou e Rivera examinou a evidência.

— Segundo nossas anotações, a senhora entrou no país há oito dias, aqui em Miami, num voo de Londres, com origem em Zurique. Oito dias e sem bagagem. Parece estranho, não acha?

— É crime viajar com pouca bagagem?

— Não, mas é crime usar passaporte falso. Pelo menos aqui nos Estados Unidos.

Ela olhou para o passaporte em cima da mesa ao lado dele, sabendo que era o mais falso possível.

— Não é um passaporte falso — disse, indignada.

— A senhora conhece uma pessoa chamada Eva Miranda? -Rivera perguntou e Leah não conseguiu manter o queixo erguido. Seu coração parou e seu rosto se contraiu e ela compreendeu que a caçada tinha terminado.

Rivera compreendeu que tinha acertado o alvo.

— Tenho de telefonar para o FBI — ele disse. — Vai levar algum tempo.

— Estou presa? — ela perguntou.

— Ainda não.

— Sou advogada. Eu...

— Nós sabemos. E temos o direito de detê-la para interrogatório. Nossos escritórios ficam no subsolo. Vamos.

Ela foi levada rapidamente, segurando a bolsa, os olhos ainda escondidos atrás dos óculos escuros.



A mesa comprida estava cheia de papéis e pastas, com folhas amarrotadas de blocos de anotações e guardanapos, e copos de plástico vazios e até restos de sanduíches da lanchonete do hospital. O almoço tinha acabado há cinco horas mas nenhum dos advogados estava pensando em jantar. Estavam mantendo o tempo fora da sala. Ali dentro, o tempo não contava.

Os dois estavam descalços. Patrick com uma camiseta e short de ginástica. Sandy com uma camisa social de algodão muito amarrotada, calça de brim, sem meias, a mesma roupa que tinha vestido algumas horas antes na casa de praia.

A caixa de Aricia estava vazia num canto, o conteúdo na mesa.

Bateram na porta e a abriram ao mesmo tempo e o agente Joshua Cutter entrou antes de ser convidado. Parou ao lado da porta.

— Esta é uma reunião particular- Sandy disse muito perto do rosto de Cutter. Os documentos na mesa não podiam ser vistos. Patrick foi até a porta ficando entre Cutter e a mesa.

— Por que não bate antes de entrar? — ele perguntou, zangado.

— Desculpe — Cutter disse, calmamente. -Não vou demorar. Só achei que deviam querer saber que temos Eva Miranda sob custódia. Foi detida no aeroporto de Miami tentando fugir para o Brasil, com passaporte falso e tudo.

Patrick ficou paralisado e tentou pensar em alguma coisa para dizer.

— Eva? — Sandy perguntou.

— Isso mesmo, também conhecida como Leah Pires. Este é o nome no passaporte falso — Cutter respondeu à pergunta de Sandy, olhando para Patrick.

— Onde ela está? — Patrick perguntou, petrificado.

— Na cadeia, em Miami.

Patrick caminhou ao lado da mesa. Cadeia era horrível em qualquer lugar, mas a cadeia de Miami parecia sinistra.

— Tem o telefone de onde ela está?

— Não.

— Ela tem direito a um telefonema.

— Estamos providenciando.

Arranje o número, certo?

Vamos ver. Cutter continuou a olhar para Patrick, ignorando Sandy. — Ela estava com pressa. Sem bagagem, nem uma mala. Apenas tentando fugir para o Brasil, deixando você para trás.

— Cale a boca — Patrick disse.

— Pode ir agora — disse Sandy.

— Só achei que gostariam de saber — Cutter disse com um sorriso e saiu.

Patrick sentou-se, massageando as têmporas. Sua cabeça já estava doendo antes da visita de Cutter, agora parecia que ia estourar. Ele e Eva tinham ensaiado e repetido todos os roteiros possíveis para o caso de ele ser apanhado. O primeiro, e de acordo com o plano, seria para o caso de ela continuar nas sombras, ajudando Sandy e se movimentando livremente. O segundo, ela podia ser apanhada por Stephano e Aricia, a possibilidade sem dúvida mais assustadora. O terceiro, o FBI podia apanhá-la, o que não era tão apavorante quanto o segundo, mas criava problemas enormes. Pelo menos ela estava a salvo.

Não tinham discutido essa quarta possibilidade, sua volta para o Brasil sem ele. Patrick não acreditava que ela pretendia abandoná-lo.

Sandy silenciosamente arrumou as pastas e limpou a mesa.

— A que horas você a deixou? — Patrick perguntou.

— Mais ou menos às oito. Ela está bem, Patrick. Eu já disse isso.

— Não disse nada sobre Miami ou Brasil?

— Não. Nada. Eu a deixei com a impressão de que ela ia Ficar alguns dias na casa de praia. Ela disse que a alugou por um mês.

— Então, ela ficou assustada. Por que outro motivo ia fugir?

— Eu não sei.

— Procure um advogado em Miami, Sandy. Depressa.

— Conheço alguns.

— Ela deve estar morrendo de medo.

TRINTA

Passava das seis horas, portanto Havarac deveria estar num cassino, na mesa de vinte — e — um, tomando uísque de graça e procurando uma mulher. Havia muitos rumores sobre suas dívidas de jogo. Sem dúvida Rapley estava fechado no sótão, um lugar onde o resto do mundo preferia que ele estivesse. As secretárias e paralegais já tinham saído. Doug Vitrano trancou a porta da frente do prédio e foi para o escritório dos fundos, o maior e melhor, onde Charlie Bogan o esperava sentado à sua mesa com as mangas arregaçadas.

Patrick tinha grampeado todos os escritórios menos o do sócio principal, o que reforçou a autoridade de Bogan durante as brigas colossais que tiveram depois do sumiço do dinheiro. Quando Bogan não estava no escritório, ou em algum lugar próximo, ele trancava a porta com cadeado. Seus sócios foram muito descuidados, ele não se cansava de repetir. Especialmente Vitrano, cujo telefone foi usado para as últimas conversas desastrosas com Graham Dunlap no exterior, por meio das quais Patrick ficou sabendo para onde ia o dinheiro. Tudo isso fora lembrado até quase partirem para a troca de socos.

Bogan não podia, com justiça, dizer que suspeitava de espionagem dentro da sua firma. Se tivesse suspeitado, por que não avisou os outros sócios? Ele simplesmente foi cauteloso, e teve sorte. As conversas importantes eram sempre no escritório de Bogan. Ele era o único que tinha a chave. Nem os faxineiros podiam entrar quando Bogan não estava presente.

Vitrano fechou a porta e desmoronou na poltrona de couro macio, no outro lado da mesa.

— Estive com o senador esta manhã — Bogan disse. — Ele me convidou para ir a sua casa. — A mãe de Bogan e o pai do senador eram irmãos. O senador era um ano mais velho do que Bogan.

— Ele está de bom humor? — Vitrano perguntou.

— Eu não diria isso. Ele queria saber tudo sobre Lanigan e eu contei tudo que sei. Ainda nem sinal do dinheiro. Ele está muito nervoso com o que Lanigan possa saber. Garanti, como já fiz tantas vezes, que toda comunicação com ele foi feita deste escritório e que este escritório estava limpo. Portanto, ele não precisa se preocupar com o que Lanigan sabe agora.

— Mas ele está preocupado?

— É claro que está preocupado. Perguntou outra vez se há algum documento que o ligue a Aricia e outra vez eu disse que não.

— O que é verdade.

— Sim. Não há documentos com o nome do senador. Tudo que tratamos com ele foi verbal. A maior parte no campo de golfe. Eu já disse isso para ele um milhão de vezes, mas ele quer ouvir outra vez, desde a volta de Patrick.

— Você não falou do Closet?

— Não.

Os dois olharam para a poeira na mesa de Bogan e lembraram-se do que tinha acontecido no Closet. Em janeiro de 1992, um mês depois do Departamento de Justiça aprovar o acordo de Aricia, e mais ou menos dois meses antes da data marcada para a chegada do dinheiro, Aricia apareceu de surpresa certo dia, sem telefonar ou marcar hora e furioso. Patrick ainda estava na firma, mas faltavam três semanas para o seu enterro. A firma já havia começado uma grande reforma nos escritórios e por isso Bogan não podia receber Aricia no seu. Os pintores estavam por toda parte e os móveis todos cobertos com panos. Levaram o belicoso Aricia para uma pequena sala de reuniões no outro lado do corredor, na frente do escritório de Bogan, uma sala que todos chamavam simplesmente de Closet, por causa do tamanho. Uma pequena mesa quadrada com uma cadeira de cada lado. Sem janelas. O teto era inclinado porque uma escada passava por cima.

Vitrano foi chamado porque era o segundo no comando e a reunião começou. Não durou muito. Aricia estava furioso porque os advogados iam receber trinta milhões de dólares. Agora que o acordo fora aprovado, ele caiu na realidade e achou que trinta milhões para honorários advocatícios era vergonhoso. A coisa ficou feia quando Bogan e Vitrano fizeram pé firme. Prontificaram-se a mostrar o contrato para serviços jurídicos, mas Aricia não quis nem saber.

No calor do momento, Aricia perguntou quanto dos trinta milhões ia para o senador. Bogan ficou irritado e disse que não era da conta dele. Aricia afirmou que era da sua conta, porque afinal o dinheiro era dele e começou a esbravejar atacando o senador e todos os políticos em geral. Insistiu principalmente no fato de o senador ter trabalhado tanto em Washington pressionando a Marinha, o Pentágono e o Departamento de Justiça para aprovar o acordo do seu processo. “Quanto ele vai receber? ”, ele repetia.

Bogan tentava evitar os golpes diretos. Só dizia que eles iam cuidar do senador. Lembrou a Aricia que ele havia escolhido a sua firma com tanto cuidado por causa das suas conexões políticas. E acrescentou, acaloradamente, que sessenta milhões no bolso de Aricia não eram um mau negócio, considerando que as alegações de Aricia eram uma fraude desde o começo.

Falaram demais.

Aricia propôs dez milhões para a firma. Bogan e Vitrano rejeitaram imediatamente. Ele saiu furioso do Closet, praguejando até a porta do prédio.

Não havia telefones no Closet, mas foram encontrados dois microfones. Um na parte inferior da mesa, na junção de dois suportes de madeira, presos com massa de vidraceiro. O outro entre velhos e empoeirados livros de direito na única estante da pequena sala. Os livros eram apenas decorativos.

Depois do choque da perda da fortuna e da subsequente descoberta, por Stephano, de todos os grampos e fios, durante muito tempo Bogan e Vitrano não falaram sobre a reunião no Closet. Nunca contaram para Aricia a existência dos microfones, especialmente por causa do processo imediato movido por ele contra a firma e porque agora ele detestava a simples menção dos seus nomes. O incidente caiu no esquecimento. Talvez nunca tivesse acontecido, afinal.

Agora que Patrick estava de volta, foram obrigados a encarar timidamente o problema. Havia sempre a chance de os microfones não terem funcionado a contento ou que Patrick, com a pressa, tivesse ignorado aquela conversa. Havia muitas outras gravações para serem absorvidas e assimiladas. Na verdade, resolveram que era muito provável que a reunião no Closet tivesse escapado à atenção de Patrick.

— Acha que ele ia guardar as gravações durante quatro anos? — perguntou Vitrano.

Mas Bogan não respondeu. Com as mãos cruzadas sobre a barriga, ele observava a poeira acumulada sobre a mesa. Oh, como tudo podia ter sido! Ele receberia cinco milhões, o senador, outros cinco. Nada de falência, nada de divórcio. Teria ainda a mulher, a família, a casa e seu status. Os cinco milhões podiam ser agora dez e em pouco tempo, vinte, dinheiro de verdade, a liberdade para fazer qualquer coisa. Estava tudo ali, um banquete servido e de repente Patrick tirara tudo da mesa.

A satisfação quase embriagadora da captura de Patrick durou apenas alguns dias, depois desapareceu aos poucos, quando se tornou evidente que o dinheiro não chegou com ele em Biloxi. A cada dia que passava, o dinheiro parecia ficar mais longe.

— Charlie, você acha que vamos conseguir o dinheiro? — Vitrano perguntou com voz quase inaudível, olhando para o chão. Há anos ele não chamava Bogan de Charlie. Era uma familiaridade sem precedentes numa firma infestada de tanto ódio.

— Não — ele disse. Depois de uma longa pausa, continuou: — Teremos sorte se não formos indiciados.



Com uma hora de telefonemas importantes pela frente, Sandy resolveu começar pelo mais difícil. Sentado no carro no estacionamento do hospital, telefonou para a mulher e disse que ia trabalhar até tarde, tão tarde que possivelmente teria de ficar em Biloxi. Seu filho tinha um jogo de futebol. Ele pediu desculpas, pôs toda a culpa em Patrick e disse que explicaria mais tarde. Ela aceitou muito melhor do que Sandy esperava.

Encontrou uma secretária fazendo hora extra no escritório e conseguiu com ela alguns números de telefone. Sandy conhecia dois advogados em Miami, mas nenhum estava no escritório às sete e quinze. Ninguém atendeu o telefone na casa de um deles. O outro tinha um número que não constava da lista. Sandy deu uma série de telefonemas para advogados que conhecia em Nova Orleans e finalmente conseguiu o telefone da casa de Mark Birck, um especialista em direito penal muito conceituado em Miami. Birck não ficou exatamente encantado com o telefonema que interrompeu seu jantar, mas ouviu o que Sandy tinha a dizer. Sandy deu uma versão resumida da saga de Patrick, incluindo o último acontecimento, a prisão de Eva em Miami. Por isso estava telefonando. Birck demonstrou interesse e afirmou conhecer a fundo as leis de imigração bem como os procedimentos legais aplicados a ela. Daria dois telefonemas depois do jantar. Sandy concordou em telefonar outra vez depois de uma hora.

Precisou dar três telefonemas para localizar Cutter e vinte minutos de insistência para que o agente concordasse em se encontrar com ele para um café, numa lanchonete. Enquanto esperava por Cutter, Sandy ligou para Birck.

Birck informou que Eva Miranda estava realmente sob custódia num centro de detenção federal em Miami. Não fora ainda acusada formalmente de nenhum crime, mas era cedo ainda para isso. Não seria possível vê-la nessa noite e seria muito difícil no dia seguinte. De acordo com a lei, o FBI e a Alfândega podem deter por quatro dias um estrangeiro apanhado com passaporte falso e só então é possível entrar com um pedido de soltura. É compreensível, Birck explicou, considerando as circunstâncias. Essas pessoas tendem a desaparecer rapidamente.

Birck estivera várias vezes no centro de detenção e disse que não era dos piores. Ela estava sozinha numa cela e, de um modo geral, a salvo. Com sorte, teria acesso a um telefone pela manhã.

Sem entrar em detalhes, Sandy aceitou o fato de que não tinha pressa em libertar Eva da prisão. Havia outras pessoas à procura dela lá fora. Birck prometeu agir de manhã e tentar falar com ela.

Seus honorários seriam dez mil dólares, que Sandy concordou em pagar.

Sandy desligou no momento em que Cutter entrou na lanchonete e sentou a uma mesa perto da janela, como tinham combinado. Sandy trancou o carro e

entrou também.



O jantar foi comida descongelada no micro-ondas e servida numa bandeja de plástico muito usada. Eva estava com fome, mas a ideia de comer aquilo nem passou por sua cabeça. A comida foi levada à sua cela de paredes de concreto por duas mulheres robustas uniformizadas, com as chaves tilintando nas argolas de metal presas no cinto. Uma perguntou como ela estava. Eva murmurou alguma coisa em português e elas a deixaram em paz. A porta era de metal reforçado com uma pequena portinhola quadrada na parte de cima. Ocasionalmente ouvia as vozes de outras prisioneiras, mas fora isso, tudo era silêncio.

Eva nunca estivera numa cela antes, nem como advogada. A não ser Patrick, não lembrava de nenhum amigo que tivesse sido preso. O choque iniciai deu lugar ao medo, depois à humilhação de estar enjaulada como uma criminosa. Só a lembrança do pai a ajudou a se manter calma nas primeiras horas. Sem dúvida ele estava em condições bem piores do que ela. Eva rezava para que não o maltratassem.

Era fácil rezar na prisão. Ela rezou pelo pai e rezou por Patrick. Embora não fosse fácil, resistiu à tentação de culpá-lo por seus problemas. A maior culpada era ela. Entrara em pânico e fugira depressa demais. Patrick a ensinara a se mover sem deixar pistas, a arte de desaparecer. O erro foi culpa sua, não dele.

A acusação de passaporte falso não era legalmente importante, ela pensou, e podia ser resolvida com rapidez. Num país violento, com prisões superlotadas, certamente um delito simples de uma pessoa sem antecedentes criminais podia ser resolvido rapidamente com uma pequena multa e extradição.

O fato de ter dinheiro era um consolo. Amanhã ia procurar um bom advogado com bastante influência política. Podia telefonar para altos funcionários em Brasília cujos nomes ela conhecia. Se fosse necessário, o dinheiro podia ser usado para apressar as coisas. Ela estaria livre em pouco tempo e de volta à casa para resgatar seu pai. Seria fácil se esconder em algum lugar no Rio.

A cela era quente, fechada à chave e guardada por uma porção de pessoas armadas. Era um lugar seguro, ela pensou. Os homens que torturaram Patrick e que estavam com seu pai não podiam alcançá-la.

Eva apagou a luz da cela e deitou na cama estreita. O FBI certamente não perdeu tempo para dizer a Patrick que ela estava sob custódia, portanto a essa

hora ele devia saber. Eva o imaginava com seu bloco de anotações, sublinhando isto e aquilo, analisando de vários ângulos os últimos acontecimentos. A essa altura, Patrick já devia ter imaginado pelo menos dez modos de libertá-la. E ele não ia dormir enquanto não tivesse reduzido a lista para os três planos melhores.

O prazer estava em fazer os planos, ele sempre dizia.



Cutter pediu um refrigerante sem cafeína e um sonho de chocolate. Estava de folga, o terno escuro padrão e a camisa branca substituídos por jeans e uma camisa de manga curta. A vaidade era sua segunda principal qualidade e agora que tinham encontrado a moça, estava especialmente satisfeito com a própria importância.

Sandy comeu um sanduíche de presunto, em quatro dentadas. Eram quase 9 horas da noite. Almoçara no hospital, no quarto de Patrick, há muito, muito tempo.

— Precisamos ter uma conversa muito séria — ele disse. A lanchonete estava cheia e ele falou em voz muito baixa.

— Estou ouvindo — disse Cutter.

Sandy engoliu, passou o guardanapo nos lábios, inclinou-se mais para a frente e disse:

— Não interprete mal, mas precisamos incluir outras pessoas.

— Quem, por exemplo?

— Por exemplo, seus superiores. Gente de Washington.

Cutter pensou por um minuto, olhando o movimento da Rodovia 90. O Golfo estava a centenas de metros.

— Claro — ele disse. — Mas preciso dizer alguma coisa para eles.

Sandy olhou em volta. Ninguém estava olhando para eles.

— O que acha de dizer que posso provar que o processo de Aricia contra a Platt & Rockland foi uma fraude completa, que ele conspirou com a firma de Bogan para fraudar o governo e que o primo de Bogan, o senador, fazia parte da conspiração e ia receber vários milhões de dólares por debaixo dos panos?

— Uma história maravilhosa.

— Eu posso provar.

— E se acreditarmos nisso, então devemos permitir que o sr. Lanigan faça um tipo de restituição e saia livre.

— Talvez.

— Não tenha tanta pressa. Ainda tem a questão do corpo encontrado no

carro.

Cutter deu uma mordida no seu sonho e mastigou pensativamente.

— Que tipo de prova?

— Documentos, telefonemas gravados, todo o tipo de coisas.

— Admissíveis no tribunal?

— A maior parte.

— Suficientes para uma condenação?

— Uma caixa cheia.

— Onde está a caixa?

— Na mala do meu carro.

Instintivamente Cutter olhou para trás na direção geral do estacionamento. Depois olhou para Sandy.

— É o material que Patrick coletou antes de desaparecer?

— Exato. Ele descobriu o caso de Aricia. A firma ia despedi-lo, por isso Patrick colheu o material com toda paciência.

— Casamento falido etc. etc., então ele pegou o dinheiro e fugiu.

— Não. Ele fugiu e depois pegou o dinheiro.

— Seja o que for. Então agora ele quer fazer um acordo, certo?

— É claro. Você não faria o mesmo?

— E o homicídio?

— Este é um assunto de âmbito estadual, fora da sua alçada. Trataremos disso mais tarde.

— Podemos trazê-lo para a nossa alçada.

— Receio que não. Vocês têm a acusação formal do roubo de noventa milhões. O estado do Mississippi tem a acusação de homicídio. Infelizmente para vocês, os federais não podem entrar agora com a acusação de homicídio.

Era exatamente por isso que Cutter detestava advogados. Não era fácil blefar com eles.

Sandy continuou:

— Escute, este encontro é uma formalidade. Apenas estou seguindo os canais, não quero pular etapas. Mas estou perfeitamente preparado para começar a dar telefonemas para Washington amanhã bem cedo. Achei que devíamos conversar esperando que você se convença de que estamos prontos para um acordo. Do contrário, amanhã estou no telefone.

— O que você quer?

— Alguém com autoridade absoluta, no FBI e no Departamento de Justiça. Marcaremos uma reunião numa sala espaçosa em algum lugar e eu exponho o caso.

— Deixe-me falar com Washington. E espero que a coisa seja muito boa.

Trocaram um frio aperto de mãos e Sandy foi embora.

TRINTA E UM

A sra. Stephano estava dormindo outra vez. Aqueles jovens aborrecidos todos com ternos escuros tinham saído da sua rua e os vizinhos pararam de telefonar com suas perguntas intrometidas. As fofocas durante o bridge voltaram para assuntos mais normais. Seu marido estava calmo.

Ela dormia profundamente quando o telefone tocou às 5:30 da manhã. Estendeu o braço e o apanhou na mesa de cabeceira.

— Alô.

Uma voz sonora e firme disse:

— Jack Stephano, por favor.

— Quem quer falar com ele? — ela perguntou. Jack se mexeu debaixo das cobertas.

— Hamilton Jaynes, FBI.

E ela disse:

— Oh, meu Deus! — Cobriu o fone com a mão. — Jack, é o FBI outra vez.

Jack acendeu a lâmpada, olhou para o relógio, apanhou o telefone.

— Quem é?

— Bom dia, Jack. Hamilton Jaynes. Detesto telefonar a essa hora.

— Pois então não telefone.

— Só queria que soubesse que estamos com a moça, Eva Miranda, sob custódia. Ela está segura, a salvo, portanto pode chamar seus cães de aluguel de volta.

Stephano levantou da cama e ficou de pé ao lado da mesa de cabeceira . Desaparecia a última esperança. A caçada ao dinheiro estava terminada.

— Onde ela está? — perguntou, sem esperar a verdade.

— Nós a pegamos, Jack. Está conosco.

— Meus parabéns.

— Escute, Jack. Mandei alguns homens ao Rio para monitorar a situação do pai dela. Vocês têm vinte e quatro horas, Jack. Se ele não for libertado até as cinco horas da manhã, amanhã vamos expedir um mandado de prisão para Aricia. Que diabo, provavelmente vou prender também o sr. Atterson, da Monarch-Sierra, e o sr. Jill, da Northern Case Mutual, sabe, só por esporte. Na verdade, eu quero muito falar com esses caras, junto com Aricia.

— Você tem prazer em fazer isso, certo?

— Estou adorando. Vamos deportar seus homens para o Brasil e isso pode levar alguns meses. Nada de fiança em caso de extradição, portanto você e seus

clientes trambiqueiros vão passar o Natal na cadeia. Quem sabe a extradição possa funcionar para variar e você vai parar no Rio. Ouvi dizer que as praias são lindas. Ainda está aí, Jack?

— Estou ouvindo.

— Vinte e quatro horas. — Ele desligou o telefone.

A sra. Stephano estava no banheiro com a porta trancada, nervosa demais para falar com ele.

Jack desceu e fez café. Sentou à mesa na cozinha, no escuro, esperando o sol aparecer. Estava farto de Benny Aricia.

Ele fora contratado para encontrar Patrick e o dinheiro, não para fazer perguntas sobre como o dinheiro foi gerado. Ele conhecia os pontos básicos da história de Aricia com a Platt & Rockland, e sempre suspeitou de que havia muita coisa mais. Tentou investigar superficialmente uma ou duas vezes, mas Aricia não estava interessado em falar sobre os eventos que precederam o desaparecimento de Patrick.

Desde o começo, Jack suspeitou que os escritórios da firma de advocacia foram grampeados por duas razões. A primeira, descobrir toda a sujeira dos outros sócios e seus clientes, especialmente Aricia. A segunda, levar Patrick até o dinheiro, depois do enterro. O que ninguém sabia, exceto talvez Aricia e os sócios, era o número de provas comprometedoras que fora gravado e armazenado por Patrick. Stephano suspeitava de que deviam ser muitas.

Quando o dinheiro desapareceu e Stephano começou a busca, a firma preferiu não tomar parte no consórcio. Tinha trinta milhões de dólares em jogo, mas preferiu lamber as feridas e ir para casa. O motivo alegado foi falta de dinheiro. Os sócios estavam praticamente falidos, as coisas iam piorar muito e eles simplesmente não tinham meios para participar. Na época, isso parecia lógico, mas Stephano sentiu também uma certa relutância em encontrar Patrick.

Havia alguma coisa naquelas fitas. Patrick os apanhara em flagrante. Por mais miserável que suas vidas fossem então, a captura de Patrick podia ser seu pior pesadelo.

O mesmo para Aricia. Resolveu esperar uma hora e então telefonar para ele.



Às seis e meia, o escritório de Hamilton Jaynes estava repleto de gente. Dois agentes sentados no sofá examinavam o mais recente relatório dos seus contatos no Rio. Um estava de pé ao lado da mesa de Jaynes, esperando para informar o atual paradeiro de Aricia. Ele estava ainda no apartamento alugado, em Biloxi.

Outro estava perto da mesa, com os dados recentes sobre Eva Miranda. Uma secretária entrou com uma caixa cheia de pastas. Jaynes estava na sua cadeira, falando no telefone, abatido e sem paletó, ignorando todo mundo.

Joshua Cutter entrou, também cansado e amarrotado. Dormira apenas duas horas no aeroporto de Atlanta, esperando o voo para Washington, D. C., onde um agente o esperava de carro para levá-lo ao edifício Hoover. Jaynes desligou o telefone imediatamente e colocou todos para fora do escritório.

— Traga café, muito café — ele disse para a secretária.

A sala ficou vazia e Cutter sentou com o corpo rígido na frente da mesa grande. Embora extremamente fatigado, esforçava-se para continuar alerta. Nunca tinha estado nem perto do escritório do subdiretor antes.

— Vamos ouvir a história — Jaynes rosnou.

— Lanigan quer fazer um acordo. Afirma que tem provas suficientes para condenar Aricia, os advogados e um senador dos Estados Unidos cujo nome não citou.

— Que tipo de evidência?

— Uma caixa cheia de documentos e fitas, material acumulado por Lanigan antes de desaparecer.

— Você viu a caixa?

— Não. McDermott disse que estava na mala do seu carro.

— E o dinheiro?

— Não fomos tão longe. Ele quer conversar com você e com alguém do Departamento de Justiça para discutir as possibilidades de um acordo. Tenho a impressão de que ele acha que pode comprar sua saída de tudo isso.

— Sempre há uma possibilidade, quando se rouba dinheiro sujo. Onde ele quer conversar?

— Lá mesmo, em algum lugar de Biloxi.

— Deixe-me falar com Sprawling no Departamento de Justiça — Jaynes disse para ninguém em particular, estendendo a mão para o telefone. O café chegou.

Mark Birck batia com sua caneta na mesa enquanto esperava na sala de visitas do centro de detenção federal. Não eram ainda nove horas, cedo demais para um advogado visitar um cliente, mas Birck tinha amigos na administração. Explicou que era uma emergência. A mesa tinha divisórias dos dois lados e um vidro grosso no centro. Ia falar com ela através de uma pequena abertura na tela.

Durante trinta minutos ele bateu com a caneta na mesa e trocou de posição centenas de vezes. Finalmente ela apareceu num canto, com um macacão amarelo com letras escuras desbotadas no peito. A guarda retirou as algemas e ela massageou os pulsos.

Quando ficaram sozinhos, ela se sentou na cadeira e olhou para ele. Birck passou seu cartão pela abertura, ela apanhou e examinou cuidadosamente.

— Patrick me mandou — ele disse, e ela fechou os olhos. -Você está bem? — ele perguntou.

Ela se inclinou para a frente, apoiada nos cotovelos e falou através da abertura na tela.

— Estou bem. Obrigada por ter vindo. Quando vou sair daqui?

— Não por alguns dias ainda. Os federais podem fazer uma de duas coisas. A primeira, e mais grave, podem indiciá-la por viajar com passaporte falso. É pouco provável porque você é estrangeira e não tem antecedentes criminais. A segunda e mais provável, simplesmente a deportam com a sua promessa de nunca mais voltar. Qualquer que seja o caso, precisam de alguns dias para resolver. Durante esse tempo você fica aqui porque não podemos pedir fiança no momento.

— Eu compreendo.

— Patrick está muito preocupado com você.

— Eu sei. Diga a ele que estou bem. E muito preocupada com ele.

Birck abriu seu bloco de anotações e disse:

— Agora, Patrick quer um relatório detalhado de como você foi apanhada.

Ela sorriu e ficou mais calma. É claro que Patrick ia querer os detalhes. Ela começou com o homem de olhos verdes e lentamente contou toda a história.

Benny sempre zombava da praia de Biloxi. Uma faixa estreita de areia entre a estrada perigosa demais para ser atravessada a pé e a água escura, salobra demais para nadar. No verão, atraía veranistas de baixa renda e nos fins de semana estudantes jogavam Frisbees e alugavam jet-skis. A construção dos cassinos levou mais turistas à praia, mas eles pouco se demoravam, voltando logo ao jogo.

Ele estacionou no píer de Biloxi, acendeu um longo charuto, tirou os sapatos e começou a andar na praia. Estava muito mais limpa agora, outro benefício dos cassinos. Estava também deserta. Alguns barcos de pesca saíam para o mar.

O telefonema de Stephano, uma hora antes, arruinou sua manhã e, de um modo geral, alterou o resto da sua vida. Com a moça na prisão, não tinha nenhuma chance de encontrar o dinheiro. Ela não podia levá-lo a ele, nem ser usada para obrigar Lanigan a falar.

Os federais ameaçavam indiciar Patrick. Patrick por sua vez tinha o dinheiro

e as provas. Uma coisa seria trocada pela outra e Aricia seria apanhado entre dois fogos. Sob pressão, seus companheiros de conspiração, Bogan e o resto daqueles advogados covardes, iam cantar imediatamente. Benny sabia que estava sozinho e era o alvo principal. Na verdade, sabia disso há muito tempo. Seu sonho era de algum dia encontrar o dinheiro, depois desaparecer com ele, exatamente como Patrick.

Mas o sonho acabou. Tinha ainda um milhão de dólares. Tinha amigos em outros países e contatos no mundo inteiro. Estava na hora de desaparecer, exatamente como Patrick.



Sandy tinha um encontro marcado para as 10 horas da manhã com T. L. Parrish, no gabinete do promotor. Pensou em adiar o encontro e passar a manhã trabalhando nos documentos, mas desistiu. Quando deixou seu escritório às 8:30, toda a sua equipe e seus sócios estavam tirando cópias e ampliando as partes principais.

Parrish tinha solicitado o encontro. Sandy tinha certeza de que sabia por quê. O processo do estado tinha enormes lacunas, e agora, passado o entusiasmo da acusação formal, estava na hora de negociar. Os promotores procuram sempre casos perfeitamente estanques e sempre podem encontrar muitos. Mas um caso de grande publicidade com lacunas é um problema muito sério.

Parrish queria plantar verde, mas antes de começar, bufou, fez pose e falou sobre o local do julgamento. Um júri em qualquer lugar do mundo não seria muito simpático a um advogado que matou por dinheiro. Sandy apenas ouviu, no começo. Parrish recitou suas estatísticas favoritas sobre seu índice de condenações e o fato de nunca ter perdido uma causa que envolvesse homicídio doloso. Já mandei oito para o corredor da morte, ele disse, e não estava mentindo.

Na verdade, Sandy tinha coisas melhores para fazer. Precisava ter uma conversa séria com Parrish, mas não nesse dia. Perguntou como ele podia provar que o crime tinha sido cometido no condado de Harrison. Continuou falando sobre a causa da morte — como o promotor podia provar? Patrick certamente não ia testemunhar e ajudar a promotoria. E a principal pergunta, quem era a vítima? De acordo com a pesquisa de Sandy, não havia um único registro de condenação por crime de morte no estado sem uma vítima identificada.

Tendo antecipado essas perguntas, Parrish estava preparado para evitar respostas concretas.

— Seu cliente já considerou uma negociação a respeito de se declarar culpado? — ele perguntou finalmente, como se a ideia fosse dolorosa para ele.

— Não.

— Acha que consideraria?

— Não.

— Por quê?

— Você convocou o grande júri, você conseguiu a acusação formal de homicídio, sacudiu sua vitória para a imprensa, agora tem de provar. Não pensou em esperar e examinar as provas. Esqueça.

— Posso conseguir uma condenação por homicídio culposo — Parrish disse zangado. — A pena é de vinte anos.

— Talvez — Sandy disse, calmamente. — Mas meu cliente não foi acusado de homicídio culposo.

— Posso fazer isso amanhã.

— Ótimo. Pois então faça. Retire as acusações de homicídio doloso, entre com a acusação de homicídio culposo, depois podemos conversar.

TRINTA E DOIS

Era chamada de Suíte Camille e ocupava todo um terço do último andar do Biloxi Nugget, o mais novo, mais vistoso e mais bem-sucedido de todos os cassinos estilo Las Vegas que brotavam na Costa. Os homens de Las Vegas acharam que seria interessante batizar as suítes e as salas de banquetes do Nugget com os nomes dos piores furacões que já haviam assolado a Costa. Para o homem comum, que apenas fazia questão de muito espaço, o preço é de 750 dólares por dia. Por isso Sandy concordou em pagar. Para o jogador nadando em dinheiro, que vinha de avião de muito longe, a suíte era cortesia da casa. Mas o jogo não fazia parte dos planos de Sandy. Seu cliente, a menos de três quilômetros do hotel, aprovou a despesa. A Suíte Camille tinha dois quartos, cozinha, sala íntima e duas salas de estar -espaço suficiente para reunir grupos separados. Tinha também quatro linhas internas de telefone, um fax e um videocassete. O paralegal de Sandy levou o PC e a aparelhagem técnica de Nova Orleans, bem como a primeira parte do dossiê de Aricia.

O primeiro visitante ao escritório improvisado do sr. McDermott foi J. Murray Riddleton, o advogado do processo de divórcio de Trudy, completamente derrotado. Timidamente ele entregou uma proposta de acordo sobre direitos de propriedade e visita da filha. Conversaram sobre o assunto durante o almoço. Os termos da rendição foram ditados por Patrick. Uma vez que ele estava agora dando as ordens, Sandy encontrou vários detalhes sujeitos a discussão.

— Esta é uma boa minuta provisória — Sandy disse várias vezes, continuando a marcar o papel com tinta vermelha. Riddleton aceitou o castigo como um profissional. Discutiu cada ponto, reclamou das modificações, mas os dois advogados sabiam que o acordo seria mudado para satisfazer a vontade de Patrick. O teste de DNA e as fotos na piscina imperavam supremos.

O segundo visitante foi Talbot Mims, o advogado de Biloxi da Northern Case Mutual, um homem jovial e animado que viajava num furgão ultra confortável com um motorista que sabia correr, bancos forrados de couro, uma pequena mesa de trabalho, dois telefones, um fax, beeper, televisão e videocassete para que Mims pudesse estudar depoimentos gravados, um laptop e um PC, além de um sofá para pequenos cochilos, embora ele só se desse a esse luxo depois dos mais árduos dias no tribunal. Seu séquito incluía uma secretária e um paralegal, ambos providos com seus celulares, e um associado obrigatório, convocado para justificar seu preço por hora.

Os quatro se apresentaram apressadamente na Suíte Camille onde Sandy os

recebeu com calça jeans e ofereceu refrigerantes do frigobar. Todos recusaram. A secretária e o paralegal imediatamente descobriram assunto para tratar nos seus celulares. Sandy conduziu Mims e o associado anônimo para uma das salas, onde se sentaram em frente a uma enorme janela com vista para o espaçoso estacionamento do Nugget e, mais adiante, os pilares de aço de outro cassino suntuoso.

— Vou diretamente ao assunto — Sandy disse. — Conhece um homem chamado Jack Stephano?

Mims pensou rapidamente.

— Não.

— Foi o que pensei. Ele é um superdetetive de Washington, D. C. Foi contratado por Aricia, pela Northern Case Mutual e a Monarch-Sierra para encontrar Patrick.

— E daí?

— Daí, dê uma olhada nisto — Sandy disse com um sorriso, tirando algumas fotos coloridas de uma pasta. Mims as espalhou na mesa — as horríveis queimaduras no corpo de Patrick em toda sua glória.

— Essas fotos estavam nos jornais, certo?

— Algumas.

— É, acho que você as distribuiu quando processou o FBI.

— O FBI não fez isso com meu cliente, sr. Mims.

— Oh, não? — Mims deixou as fotos e esperou.

— O FBI não encontrou Patrick.

— Então, por que o processou?

— Golpe publicitário, com o objetivo de angariar alguma simpatia do público para com o meu cliente.

— Não funcionou.

— Talvez não com você, mas você não vai estar no júri, vai? Seja como for, esses ferimentos foram resultado de uma prolongada sessão de tortura infligida pelos homens que trabalhavam para Jack Stephano, que trabalhava para vários clientes, um deles a Northern Case Mutual, uma grande e orgulhosa empresa com sólida reputação de responsabilidade e seis bilhões em títulos de acionistas.

Talbot Mims era extremamente prático. Tinha de ser. Com trezentos arquivos abertos no seu escritório e dezoito grandes seguradoras como clientes, não tinha tempo para brincar de gato e rato.

— Duas perguntas — ele disse. — A primeira, pode provar isso?

— Posso. O FBI pode confirmar.

— Segunda. O que você quer?

— Quero um executivo do alto escalão da Northern Case Mutual aqui nesta

sala, amanhã, alguém com autoridade indiscutível.

— São pessoas muito ocupadas.

— Nós todos somos ocupados. Não estou ameaçando abrir nenhum processo, mas pense o quanto isto pode ser embaraçoso.

— Para mim parece uma ameaça.

— Interprete como quiser.

— A que horas amanhã?

— Quatro da tarde.

— Estaremos aqui — disse Mims, estendendo a mão para Sandy. Saiu apressado, os asseclas correndo atrás dele.

A equipe de Sandy chegou no meio da tarde. Uma secretária atendia o telefone, que a essa altura tocava a cada dez minutos. Sandy tinha ligado para Cutter, T. L. Parrish, o xerife Sweeney, Mark Birck em Miami, o juiz Huskey, um punhado de advogados de Biloxi e Maurice Mast, o procurador-geral para o distrito oeste do Mississippi. Quanto a telefonemas pessoais, ligou duas vezes para a mulher para saber da família e uma vez para o diretor da terceira série onde estava seu filho.

Sandy tinha falado com Hal Ladd duas vezes no telefone mas só o conheceu pessoalmente na Suíte Camille. Ladd representava a Monarch-Sierra. Chegou sozinho, o que deixou Sandy surpreso pois os advogados de defesa das empresas de seguros *sempre* viajavam aos pares. Independente da tarefa a ser realizada, sempre havia dois deles antes de começar o trabalho. Os dois ouviam, olhavam, falavam, tomavam notas e o mais importante, os dois cobravam do cliente pelo mesmo trabalho.

Sandy sabia de duas grandes firmas de Nova Orleans que adotavam a prática de três representantes ao mesmo tempo para a defesa de empresas de seguros.

Ladd era um homem sério, de quase cinquenta anos, e por sua reputação, não precisava da assistência de outro advogado. Aceitou delicadamente um refrigerante dietético e sentou-se na mesma cadeira ocupada antes por Mims.

Sandy fez a mesma pergunta.

— Conhece um homem chamado Jack Stephano?

Ele não conhecia e Sandy repetiu a biografia resumida. Depois espalhou na mesa as fotos dos ferimentos de Patrick e os dois discutiram o assunto por um momento. As queimaduras não foram infligidas pelo FBI, Sandy explicou. Ladd sabia ler nas entrelinhas. Com longa experiência na representação de seguradoras, não se surpreendia mais com a baixeza dos métodos que elas eram capazes de usar.

Mesmo assim, aquilo era chocante.

— Supondo que possa provar isso, tenho certeza de que meu cliente vai

preferir que seja mantido em silêncio — disse Ladd.

— Estamos preparados para alterar nosso processo, retirar o processo contra o FBI e nomear como acusados seu cliente, a Northern Case Mutual, Aricia, Stephano e qualquer outra pessoa responsável pela tortura. Trata-se de um cidadão americano intencionalmente ferido e torturado por cidadãos americanos. A ação vale milhões. Faremos o julgamento aqui mesmo em Biloxi.

Não se Ladd pudesse evitar. Ele concordou em falar imediatamente com a Monarch-Sierra e exigir que o advogado da empresa deixasse tudo que estivesse fazendo e voasse para Biloxi. Parecia ofendido por seu cliente ter patrocinado a busca sem informá-lo.

— Se for verdade, nunca mais represento esta empresa -concluiu.

— Confie em mim. É verdade.



Era quase noite quando vedaram os olhos de Paulo, algemaram seus pulsos e o levaram para fora da casa. Não havia nenhuma arma encostada nele, não foi feita nenhuma ameaça. Nenhuma voz. Viajou no banco de trás de um carro pequeno durante uma hora mais ou menos. O rádio tocava música clássica.

Quando o carro parou, as duas portas da frente se abriram e alguém ajudou Paulo a saltar.

— Venha comigo — disse uma voz ao seu lado, e ele sentiu a mão grande e forte segurar seu cotovelo. Estavam numa estrada de terra. Andaram uns cem metros e pararam. A voz disse: — O senhor está numa estrada a vinte quilômetros do Rio. A trezentos metros à esquerda há uma pequena casa com telefone. Vá até lá e peça ajuda. Eu estou armado. Se olhar para trás, não terei escolha senão atirar.

— Não vou olhar para trás — Paulo disse.

As algemas foram retiradas.

— Agora vou tirar a venda. Siga em frente bem depressa.

A venda foi arrancada, Paulo abaixou a cabeça e começou a correr na estrada. Não ouviu nenhum som atrás. Não ousava olhar em volta. Chamou a polícia do telefone da pequena casa na beira da estrada, depois telefonou para o filho.

TRINTA E TRÊS

As taquigrafas do tribunal chegaram às oito horas em ponto. As duas se chamavam Linda — uma com "i" a outra com "y". Mostraram seus cartões e acompanharam Sandy até o centro da suíte onde os móveis estavam encostados nas paredes e mais cadeiras foram acrescentadas. Ele pediu que Y se acomodasse numa das extremidades da sala, de costas para a janela de cortinas fechadas, e colocou I na outra extremidade, num pequeno nicho perto do bar, de onde ela poderia avistar todos os participantes da reunião. As duas precisavam desesperadamente de um último cigarro antes de começar. Sandy as enviou para o quarto mais afastado da sala.

Jaynes chegou em seguida com seu grupo. Havia um motorista, um agente idoso do FBI que servia também como guarda-costas, vigia e office-boy. Havia um advogado do FBI, Cutter e o supervisor imediato de Cutter. Do gabinete do procurador geral, Jaynes tinha Sprawling, um veterano de olhos escuros que falava pouco mas prestava atenção ao menor ruído. Os seis homens estavam com ternos azul-marinho escuros e apresentaram seus cartões de visita, que o auxiliar paralegal de Sandy recolheu. A secretária de Sandy anotou os pedidos de café enquanto os homens atravessaram juntos a sala e entraram na saleta.

Em seguida chegou Maurice Mast, procurador para o distrito oeste do Mississippi, trazendo consigo um único assistente. Foi seguido por T. L. Parrish e a reunião estava pronta para começar.

A disposição hierárquica foi feita automaticamente. O motorista de Jaynes e o assistente de Mast ficaram na sala de estar, onde encontraram um prato com doces e os jornais da manhã.

Sandy fechou a porta, cumprimentou a todos e agradeceu suas presenças. Estavam sentados em volta da sala. Ninguém sorria, mas não pareciam descontentes por estar ali. A curiosidade era geral.

Sandy apresentou as duas taquigrafas do tribunal e explicou que as duas transcrições da reunião ficariam com ele e seriam consideradas extremamente confidenciais, o que aparentemente satisfez a todos. Não houve perguntas ou comentários nesse momento porque ninguém tinha certeza do objetivo da reunião.

Sandy tinha na mão um bloco de anotações em perfeita ordem, todo o caso organizado em doze páginas mais ou menos. Era como se estivesse na frente de um júri. Transmitiu os cumprimentos do seu cliente, Patrick Lanigan, e disse que as queimaduras estavam cicatrizando muito bem. Depois recapitulou as

acusações contra Patrick. Homicídio doloso, ação movida pelo estado, furto qualificado, uso fraudulento de escutas e fuga, acusações estas apresentadas pelos Estados Unidos. Homicídio doloso podia significar morte. As outras acusações podiam acarretar trinta anos de prisão.

— As acusações federais são graves — ele disse, muito sério. - Mas empalidecem comparadas à de homicídio. Francamente e com todo o respeito, gostaríamos de nos livrar dos federais para nos concentrar nas acusações de homicídio.

— Você tem algum plano para se livrar de nós? — Jaynes perguntou.

— Temos uma oferta.

— Essa oferta inclui dinheiro?

— Certamente.

— Não estamos reivindicando dinheiro algum. Não foi roubado do governo federal.

— É aí que vocês se enganam.

Sprawling estava ansioso para falar.

— Pensa realmente que pode se livrar disso com dinheiro? — Era mais um desafio. Sua voz era áspera e monótona, o discurso, eficiente.

O júri rosnava para ele, mas Sandy estava resolvido a seguir com seu roteiro.

— Por favor esperem — ele disse. — Se permitirem que apresente o meu caso, podemos então discutir as opções. Muito bem, suponho que nós todos conheçamos bem o processo movido pelo sr. Aricia em 1991 contra seu ex-empregador, sob a Lei da Falsidade Documental. Foi preparado e apresentado pela firma Bogan aqui de Biloxi, uma firma que, na época, acabava de incluir um novo sócio chamado Patrick Lanigan. O processo foi fraudulento. Meu cliente descobriu e ficou sabendo que a firma pretendia despedi-lo depois da aprovação da ação judicial pela justiça ou antes da chegada do dinheiro. Durante vários meses, meu cliente colheu evidências que provam clara e convincentemente que o sr. Aricia e seus advogados conspiravam para roubar noventa milhões de dólares do governo. A evidência está sob a forma de documentos e conversas gravadas.

— Onde está essa evidência? — quis saber Jaynes.

— Com meu cliente.

— Nós podemos requisitá-la, sabe disso. Podemos conseguir um mandado de busca e apanhar a evidência a qualquer momento.

— E se meu cliente não aceitar o mandado de busca? Se ele destruir a evidência ou simplesmente escondê-la outra vez? O que vão fazer então? Vão prendê-lo? Indiciá-lo por outra coisa qualquer? Francamente, ele não tem medo de vocês e dos seus mandados de busca.

— E você? — perguntou Jaynes. — Se está de posse da evidência, podemos arranjar um mandado de busca contra você.

— Não vou entregar. Tudo que recebo do meu cliente é material privilegiado e confidencial, sabem disso. É o que chamamos de produto do trabalho de advogado. Não se esqueçam de que o sr. Aricia processou meu cliente. Todos os documentos em minha posse são privilegiados. Em nenhuma circunstância entregarei os documentos sem ordem do meu cliente.

— E se eu conseguir uma ordem judicial? — perguntou Sprawling.

-Nesse caso eu a ignoro, depois entro com uma apelação. Senhores, será tempo perdido.

Aparentemente eles aceitaram a derrota. Ninguém parecia surpreso.

— Quantas pessoas estão envolvidas? — perguntou Jaynes.

— Os quatro sócios da firma e o sr. Aricia.

No silêncio pesado que se seguiu, todos esperavam que Sandy mencionasse o nome do senador, mas ele não o fez. Olhou para suas anotações e continuou:

— A proposta é muito simples. Nós entregamos os documentos e as fitas gravadas. Patrick devolve o dinheiro, todo ele. Em troca, as acusações do governo são retiradas para nos concentrarmos nas do estado. O fisco concorda em deixá-lo em paz. Sua advogada brasileira, Eva Miranda, é libertada imediatamente. — Sandy fez a enumeração sem hesitar porque havia ensaiado bem e seu júri absorveu cada palavra. Sprawling tomava notas atentamente. Jaynes olhava para o chão, nenhuma expressão no rosto. Os outros pareciam neutros, mas todos com inúmeras perguntas em mente.

— E isso tem de ser feito hoje — Sandy acrescentou. — Há uma certa urgência.

— Por quê? — perguntou Jaynes.

— Porque ela está presa. Porque vocês todos estão aqui e todos têm autoridade para tomar decisões. Porque meu cliente determinou um limite de tempo até as 5 horas da tarde de hoje para fechar o acordo, do contrário ele fica com o dinheiro, destrói as provas, cumpre sua sentença e espera ficar livre algum dia.

Em se tratando de Patrick, ninguém duvidava de coisa alguma. Até aquele momento ele tinha conseguido continuar preso num quarto particular com uma equipe à sua disposição.

— Vamos falar sobre o senador — disse Sprawling.

— Grande ideia — disse Sandy. Abriu a porta para a outra sala e disse alguma coisa para um paralegal. Uma mesa de rodinhas, carregando caixas de som e um toca-fitas, foi levada para o centro da sala e Sandy fechou a porta outra vez. Consultou suas anotações e disse: — A data é 14 de janeiro de 1992,

cerca de três semanas antes do desaparecimento de Patrick. A conversa teve lugar na firma de advocacia, no primeiro andar, numa sala chamada de Closet, uma espécie de sala para todos os fins, às vezes usada para pequenas reuniões. A primeira voz que irão ouvir é de Charlie Bogan, depois Benny Aricia, depois Doug Vitrano. Aricia chegou de surpresa na firma, e como verão, não estava de bom humor.

Sandy foi até a mesa, examinou os botões do aparelho. O toca-fitas era novo e tinha duas caixas de som. Todos o observavam atentamente, a maioria se inclinando um pouco para a frente.

Sandy disse:

— Mais uma vez, Bogan primeiro, depois Aricia, depois Vitrano. — E apertou um botão. Depois de dez segundos de silêncio, as vozes soaram claras vindas das caixas. Vozes tensas.

BOGAN: Concordamos com honorários de um terço, é o padrão. Você assinou o contrato. Há um ano e meio você sabe que nossos honorários são um terço do total.

ARICIA: Vocês não merecem trinta milhões de dólares.

VITRANO: E você não merece sessenta.

ARICIA: Quero saber como o dinheiro vai ser dividido.

BOGAN: Dois terços, um terço. Sessenta, trinta.

ARICIA: Não, não. Os trinta milhões que vêm para a firma. Quem recebe quanto?

VITRANO: Isso não é da sua conta.

ARICIA: Uma ova que não é. É meu dinheiro. Eu estou pagando seus honorários. Tenho direito de saber quem recebe o quê?

BOGAN: Não, não tem esse direito.

ARICIA: Quanto o senador vai receber?

BOGAN: Não é da sua conta.

ARICIA (gritando): É da minha conta. Esse cara está passando seu último ano em Washington, pressionando todo mundo, influenciando pessoas na Marinha, no Pentágono e na Justiça. Que diabo, ele passou mais tempo trabalhando no meu dossiê do que para o estado que ele representa.

VITRANO: Não grite, está bem, Benny.

ARICIA: Quero saber quanto o ladrãozinho nojento vai receber. Tenho direito de saber quanto vocês estão jogando por debaixo dos panos, porque é o meu dinheiro.

VITRANO: Tudo é por debaixo dos panos, Benny.

ARICIA: Quanto?

BOGAN: Vamos tomar conta dele, Benny, certo? Por que está fazendo tanto

barulho? Nada disso é novidade.

VITRANO: Acho que você escolheu esta firma especialmente por causa das nossas conexões em Washington.

ARICIA: Cinco milhões? Dez milhões? Qual é o preço dele?

BOGAN: Você nunca vai saber.

ARICIA: Uma ova que não. Vou telefonar para o filho da mãe e perguntar.

BOGAN: Vá em frente. Faça isso.

VITRANO: Qual é o seu problema, Benny? Está para receber sessenta milhões e agora começa a ficar sovina?

ARICIA: Não me venha com sermões, especialmente sobre sovinice. Quando cheguei aqui, vocês estavam trabalhando por duzentos dólares a hora. Agora, olhem para vocês, tentando justificar honorários de trinta milhões. Já estão até reformando os escritórios. Já encomendaram carros novos. Logo vão comprar barcos e aviões e todos os outros brinquedos de gente rica. E tudo com o meu dinheiro.

BOGAN: Seu dinheiro? Será que não está se esquecendo de alguma coisa, Benny? Vou ajudá-lo a se lembrar. Seu processo era tão falso quanto uma nota de três dólares.

ARICIA: É, mas eu fiz tudo acontecer. Eu, não vocês, preparei a armadilha para a Platt & Rockland.

BOGAN: Então por que nos contratou?

ARICIA: Uma ótima pergunta.

VITRANO: Você tem má memória, Benny. Você nos procurou por causa das nossas conexões com os políticos. Você precisava de ajuda. Nós armamos o caso, gastamos quatro mil horas trabalhando nele e puxamos os cordões certos em Washington. Tudo com o seu conhecimento, devo acrescentar.

ARICIA: Vamos tirar o senador da jogada. Isso pode nos economizar uns dez milhões. Tirem mais dez milhões e isso deixa vocês com dez milhões. Na minha opinião é um pagamento muito mais justo por seu trabalho.

VITRANO (rindo): Grande negócio, Benny. Você está se esquecendo de um detalhe muito importante. Se não fosse por nós e pelos políticos, você podia não receber nem um centavo.

Sandy apertou o botão. A fita parou, mas as vozes pareciam continuar na sala por mais um minuto. Todos olhavam para o chão, para o teto, para as paredes, cada um tentando saborear e gravar para mais tarde o melhor da conversa.

Com um sorriso debochado, Sandy disse:

— Senhores, isto é só um exemplo.

— Quando vamos ouvir o resto? — perguntou Jaynes.

— Pode ser daqui a poucas horas.

— Seu cliente está disposto a testemunhar perante um grande júri federal? — perguntou Sprawling.

— Sim, está. Mas não promete testemunhar no julgamento.

— Por que não?

— Ele não precisa explicar. Essa é a sua posição. — Sandy empurrou a mesa até a porta, bateu e a devolveu para o paralegal. Voltou para o grupo. — Vocês precisam conversar. Vou sair por um momento. Fiquem à vontade.

— Não vamos conversar aqui — Jaynes disse, levantando apressadamente. Havia fios demais e, dada a história de Patrick, nenhum lugar era seguro. Em fila atravessaram a outra sala e saíram da suíte. Lynda e Linda correram para o quarto dos fundos para fumar e ir ao banheiro.

Sandy serviu-se de café e esperou.



Eles voltaram a se reunir dois andares abaixo, em dois quartos que logo ficaram pequenos demais para tanta gente. Paletós foram jogados nos travesseiros das duas camas. Jaynes mandou o motorista esperar no corredor com o assistente de Mast. Assuntos sensíveis demais para seus ouvidos inferiores iam ser discutidos.

O maior perdedor com o acordo proposto seria Maurice Mast. Se fossem retiradas as acusações federais, ele não teria ninguém para acusar. Um julgamento de grandes proporções deixaria de acontecer e ele achou que devia pelo menos registrar sua objeção antes do começo da discussão.

— Vamos parecer uns tolos se permitirmos que Patrick compre sua liberdade — ele disse, mais ou menos na direção de Sprawling que tentava em vão relaxar numa frágil poltrona de madeira.

Sprawling estava apenas um nível abaixo do secretário de Justiça, o que o situava vários níveis acima de Mast. Ia ouvir cortesmente as opiniões dos seus subordinados, depois ele e Jaynes tomariam as decisões finais.

Hamilton Jaynes olhou para T. L. Parrish e perguntou:

— Tem certeza de que pode condenar Lanigan por homicídio?

T. L. era um homem cauteloso e sabia que qualquer promessa feita para aquele grupo seria lembrada por muito tempo.

— Homicídio doloso pode ter alguns problemas. Homicídio culposo é certo.

— Quanto por homicídio culposo?

— Vinte anos.

— Quanto tempo ficará preso?

— Cinco, mais ou menos.

Estranhamente, isso pareceu agradar Jaynes, um homem de carreira, convencido de que os violadores da lei deviam passar algum tempo na prisão.

— Você concorda, Cutter? — ele perguntou, andando ao lado da cama.

— Não temos muita evidência — Cutter disse. — Em relação ao assassinato, não podemos provar quem, como, o quê, quando ou onde. Achamos que sabemos por quê, mas o julgamento pode ser um pesadelo. Homicídio culposo é muito mais fácil.

Jaynes perguntou para Parrish:

— E o juiz? Acha que ele dará a pena máxima?

— Se for condenado por homicídio culposo, provavelmente o juiz dará vinte anos. A condicional é determinada pelas autoridades do presídio.

— Podemos então ter certeza de que Lanigan passará os próximos cinco anos atrás das grades? — Jaynes perguntou, olhando em volta.

— Sim, certamente — Parrish disse, defensivamente. — E não vamos desistir de homicídio doloso. Nossa intenção é apresentar um forte argumento no sentido de que Lanigan matou outra pessoa para poder roubar o dinheiro. A pena de morte é um tiro no escuro, mas se ele for condenado por homicídio simples pode passar a vida na prisão.

— Para nós será que faz diferença se ele passar algum tempo na Parchman ou numa prisão federal? — Jaynes perguntou. Era evidente que para ele não fazia a menor diferença.

— Tenho certeza de que Patrick tem uma opinião a esse respeito — Parrish disse, provocando alguns pálidos sorrisos.

A proposta agradava a T. L. porque fazia dele o único promotor do caso. Mast e o FBI seriam retirados rapidamente de cena. Havia uma falha e ele resolveu empurrar Mast um pouco mais para a beira do abismo.

— Não tenho dúvida de que Patrick vai cumprir a sentença na Parchman — ele disse com convicção.

Mast não ia desistir facilmente. Balançou a cabeça e franziu a testa.

— Eu não sei — ele disse. — Acho que a repercussão não será boa para nós. Não se pode roubar um banco, ser preso, depois oferecer a devolução do dinheiro em troca da retirada das acusações. A justiça não está à venda.

— É um pouco mais complicado do que isso — Sprawling disse. — De repente temos um peixe maior para apanhar e Lanigan é a chave. O dinheiro que ele roubou era sujo. Simplesmente estaremos recuperando o dinheiro e devolvendo aos contribuintes.

Mast não tinha intenção de discutir com Sprawling.

Jaynes olhou para T. L. Parrish e disse:

— Com todo o respeito, sr. Parrish, devo pedir que saia da sala por um momento. Nós, os federais, precisamos discutir em particular.

— Claro — disse Parrish. Ele se levantou e saiu para o corredor.

Fim do bate-papo. Estava na hora de Sprawling costurar o acordo.

— Senhores, é muito simples. Pessoas muito importantes na Casa Branca estão observando tudo isto atentamente. O senador Nye nunca foi amigo do presidente e, para ser franco, um bom escândalo nessa área seria muito do agrado do governo. Daqui a dois anos Nye estará concorrendo à reeleição. Essas alegações o manterão ocupado. E se forem verdadeiras, então o homem está acabado.

— Faremos a investigação — Jaynes disse para Mast. — E você trata da acusação.

De repente ficou claro para Mast que aquela reunião o beneficiaria. A decisão de fazer o acordo com Patrick fora tomada por pessoas com muito maior poder político do que Sprawling e Jaynes. Eles só estavam procurando mantê-lo satisfeito porque, afinal de contas, ele era o procurador distrital dos Estados Unidos.

A ideia de indiciar e acusar um senador dos Estados Unidos tinha enorme potencial e agradava muito a Mast. Podia imaginar-se num tribunal cheio de gente, passando as fitas de Patrick, os jurados e os espectadores atentos a cada palavra.

— Você concorda, Cutter? -ele perguntou, andando ao lado da cama.

— Não temos muita evidência — Cutter disse. — Em relação ao assassinato, não podemos provar quem, como, o quê, quando ou onde. Achamos que sabemos por quê, mas o julgamento pode ser um pesadelo. Homicídio culposo é muito mais fácil.

Jaynes perguntou para Parrish:

— E o juiz? Acha que ele dará a pena máxima?

— Se for condenado por homicídio culposo, provavelmente o juiz dará vinte anos. A condicional é determinada pelas autoridades do presídio.

— Podemos então ter certeza de que Lanigan passará os próximos cinco anos atrás das grades? — Jaynes perguntou, olhando em volta.

— Sim, certamente — Parrish disse, defensivamente. — E não vamos desistir de homicídio doloso. Nossa intenção é apresentar um forte argumento no sentido de que Lanigan matou outra pessoa para poder roubar o dinheiro. A pena de morte é um tiro no escuro, mas se ele for condenado por homicídio simples pode passar a vida na prisão.

— Para nós será que faz diferença se ele passar algum tempo na Parchman

ou numa prisão federal? — Jaynes perguntou. Era evidente que para ele não fazia a menor diferença.

— Tenho certeza de que Patrick tem uma opinião a esse respeito — Parrish disse, provocando alguns pálidos sorrisos.

A proposta agradava a T. L. porque fazia dele o único promotor do caso. Mast e o FBI seriam retirados rapidamente de cena. Havia uma falha e ele resolveu empurrar Mast um pouco mais para a beira do abismo.

— Não tenho dúvida de que Patrick vai cumprir a sentença na Parchman — ele disse com convicção.

Mast não ia desistir facilmente. Balançou a cabeça e franziu a testa.

— Eu não sei — ele disse. — Acho que a repercussão não será boa para nós. Não se pode roubar um banco, ser preso, depois oferecer a devolução do dinheiro em troca da retirada das acusações. A justiça não está à venda.

— É um pouco mais complicado do que isso — Sprawling disse. — De repente temos um peixe maior para apanhar e Lanigan é a chave. O dinheiro que ele roubou era sujo. Simplesmente estaremos recuperando o dinheiro e devolvendo aos contribuintes.

Mast não tinha intenção de discutir com Sprawling.

Jaynes olhou para T. L. Parrish e disse:

— Com todo o respeito, sr. Parrish, devo pedir que saia da sala por um momento. Nós, os federais, precisamos discutir em particular.

— Claro — disse Parrish. Ele se levantou e saiu para o corredor.

Fim do bate-papo. Estava na hora de Sprawling costurar o acordo.

— Senhores, é muito simples. Pessoas muito importantes na Casa Branca estão observando tudo isto atentamente. O senador Nye nunca foi amigo do presidente e, para ser franco, um bom escândalo nessa área seria muito do agrado do governo. Daqui a dois anos Nye estará concorrendo à reeleição. Essas alegações o manterão ocupado. E se forem verdadeiras, então o homem está acabado.

— Faremos a investigação — Jaynes disse para Mast. — E você trata da acusação.

De repente ficou claro para Mast que aquela reunião o beneficiaria. A decisão de fazer o acordo com Patrick fora tomada por pessoas com muito maior poder político do que Sprawling e Jaynes. Eles só estavam procurando mantê-lo satisfeito porque, afinal de contas, ele era o procurador distrital dos Estados Unidos.

A ideia de indiciar e acusar um senador dos Estados Unidos tinha enorme potencial e agradava muito a Mast. Podia imaginar-se num tribunal cheio de gente, passando as fitas de Patrick, os jurados e os espectadores atentos a cada

palavra.

— Então vamos aceitar o acordo? — ele disse, dando de ombros, como se não desse a mínima.

— Sim — disse Sprawling. — Não é nada complicado. Vai ser bom para nossa imagem recuperar o dinheiro. Patrick passa um longo tempo na prisão e nós pegamos peixes muito maiores.

— Além disso, o presidente quer que seja feito — Mast disse com um sorriso. Ninguém mais sorriu.

— Eu não disse isso — Sprawling se apressou a observar. -Não falei com o presidente sobre este caso. Meus superiores falaram com a equipe dele. É tudo que eu sei.

Jaynes chamou T. L. Parrish de volta e passaram quase uma hora revendo a oferta de Patrick, estudando cada um dos seus aspectos. A moça podia ser libertada dentro de uma hora. Patrick teria de pagar os juros do dinheiro, resolveram. E o processo contra o FBI? Jaynes fez uma lista dos pontos que iam discutir com Sandy.



Em Miami, Mark Birck levou pessoalmente a Eva a notícia maravilhosa de que seu pai fora libertado. Não fora maltratado, na verdade eles o trataram muito bem.

Birck disse que com um pouco de sorte ela também seria libertada dentro de um ou dois dias.

TRINTA E QUATRO

Solenes e procurando demonstrar calma, eles voltaram para a Suíte Camille e retomaram seus lugares. Quase todos tinham deixado os paletós no outro quarto, estavam com as mangas arregaçadas e as gravatas afrouxadas, como se tivessem trabalhado arduamente. O relógio de Sandy dizia que tinham demorado quase uma hora e meia. Sprawling era agora o porta-voz do grupo.

— A respeito do dinheiro — ele começou, e Sandy imediatamente compreendeu que teria o acordo. Era apenas uma questão de detalhes. — A respeito do dinheiro, quanto seu cliente está disposto a devolver?

— Tudo.

— E isso é quanto?

— Os noventa milhões.

— E os juros?

— Quem se importa com juros?

— Nós nos importamos.

— Por quê?

— Bem, é justo.

— Justo para quem?

— Ora, para os contribuintes.

Sandy praticamente riu dele.

— Ora, vamos. Vocês trabalham para o governo federal. Desde quando se preocupam em proteger os contribuintes?

— É o procedimento padrão nos casos que envolvem roubo e desfalque — explicou Maurice Mast.

— Quanto? — Sandy perguntou. — Qual é a porcentagem dos juros?

— A menor taxa de juros é nove por cento — disse Sprawling. — Seria justo, eu acho.

— Acha mesmo? O que o imposto de renda arbitra quando determina que eu paguei demais e me devolve o dinheiro?

Ninguém respondeu.

— Seis por cento — Sandy disse. — Seis miseráveis por cento é o que o governo paga.

Sandy, é claro, tinha a vantagem de ter tudo planejado. Antecipou as questões e preparou as respostas e era extremamente divertido ver todos eles se esforçando para acompanhá-lo.

— Então, está oferecendo seis por cento? — perguntou Sprawling, lenta e

cautelosamente.

— É claro que não. Nós temos o dinheiro, nós resolvemos quanto vamos pagar. É o mesmo princípio usado pelo governo. Nós achamos que o dinheiro simplesmente volta para o buraco negro do Pentágono.

— Não podemos controlar isso — disse Jaynes. Já estava cansado e não queria ouvir outro sermão.

— Vou dizer como nós vemos o dinheiro — disse Sandy. -Seria perdido completamente, pago para alguns reles trapaceiros e nunca seria visto outra vez. Meu cliente evitou que isso acontecesse, guardou o dinheiro e agora está resolvido a devolver.

— Então, damos a ele uma recompensa? — perguntou Jaynes.

— Não. Apenas queremos a diminuição dos juros.

— Temos de vender essa ideia a algumas pessoas em Washington — Sprawling disse, sem pedir nada, mas mostrando que precisava de ajuda. — Deve nos dar alguma coisa com que trabalhar.

— Pagaremos a metade da taxa paga pelo imposto de renda, nem um centavo a mais.

Muito sério e inexpressivo, Sprawling disse:

— Levarei a proposta ao secretário de Justiça. Só espero que ele esteja de bom humor.

— Dê minhas lembranças a ele Sandy disse Jaynes ergueu os olhos das suas anotações e perguntou:

— Três por cento, certo?

— Certo. De 26 de março de 1992 a 1º de novembro de 1996. Total, cento e treze milhões, mais uns trocados, que vamos ignorar. Cento e treze milhões redondos.

O número era sonoro e certamente soou muito bem para os homens do governo. Todos o anotaram nos seu blocos. Parecia grande. Quem podia recusar um acordo que devolvia tanto dinheiro aos contribuintes?

O fato de oferecer tanto dinheiro só podia ter um significado. Patrick tinha investido bem os noventa milhões. Os homens de Sprawling tinham feito alguns cálculos antes. Supondo que Patrick tivesse investido todo o dinheiro a oito por cento ao ano, o total devia valer agora cento e trinta e um milhões. Dez por cento, e o valor total seria de cento e quarenta e quatro milhões. Livre de impostos, é claro. Aparentemente, Patrick não tinha gasto muito, assim continuaria a ser um homem muito rico.

— Estamos também preocupados com esse processo movido pelo sr. Lanigan — disse Sprawling.

— Retiramos a acusação contra o FBI, mas quero um favor imediato do sr.

Jaynes. Podemos tratar disso mais tarde. Não é muito importante.

— Tudo bem. Prosseguindo. Quando seu cliente estará pronto para testemunhar perante o grande júri?

— Quando vocês quiserem. Fisicamente, ele pode testemunhar a qualquer tempo.

— Pretendemos agir rapidamente.

— Quanto antes, melhor para o meu cliente.

Sprawling marcou com círculos alguns itens da sua lista.

— Insistimos para que tudo seja confidencial. Nada de imprensa. Este acordo será alvo de muitas críticas.

— Não pretendemos dizer nada — prometeu Sandy.

— Quando quer que a sra. Miranda seja libertada?

— Amanhã. E ela precisa ser escoltada da cadeia de Miami para um terminal aéreo particular. Queremos que tenha proteção do FBI até entrar no avião.

Jaynes deu de ombros, como se não estivesse compreendendo.

— Tudo bem — ele disse.

— Mais alguma coisa? — Sandy perguntou, esfregando as mãos como se o mais divertido estivesse para começar.

— Nada do governo — disse Sprawling.

— Ótimo. Esta é a minha sugestão — Sandy disse, como se eles tivessem escolha. — Tenho duas secretárias aqui com PCs. Já preparamos uma minuta do acordo e um pedido de extinção e arquivamento do processo. Não precisamos de muito tempo para discutir os pontos mais importantes e então todos vocês podem assinar. Então eu a levarei ao meu cliente e espero que tenhamos tudo terminado dentro de poucas horas. Sr. Mast, sugiro que entre em contato com um juiz federal para marcar uma audiência o mais breve possível. Mandaremos o pedido de extinção e arquivamento por fax.

— Quando recebemos os documentos e as fitas? — quis saber Jaynes.

— Se tudo for assinado e aprovado dentro de poucas horas, poderão receber hoje, às cinco da tarde.

— Preciso de um telefone — Sprawling disse.

Mast e Jaynes também precisavam e cada um foi para um canto da suíte.



Os prisioneiros comuns passavam uma hora por dia ao ar livre. Era um dia frio e encoberto de fins de outubro e Patrick resolveu exigir seus direitos constitucionais. Os policiais no corredor disseram não, não tinham autorização.

Patrick telefonou para Karl Huskey e seu pedido foi aprovado. Pediu também a Karl para passar no Rosettes na rua Division, perto do Point, e comprar uns dois Vancleave Specials — carne de siri com queijo — e almoçar com ele no patio do hospital. Karl disse que seria um prazer.

Almoçaram sentados num banco de madeira, perto de uma pequena fonte e um pequeno e tristonho bordo, cercados pelas várias alas do hospital. Karl tinha comprado sanduíches para os policiais também e eles se sentaram a uma certa distância, de onde não podiam ouvir a conversa.

Karl não sabia da reunião de Sandy na suíte do hotel e Patrick não contou. Parrish estava lá e logo ia contar para o juiz.

— O que estão dizendo a meu respeito? — Patrick perguntou, depois de comer um terço do sanduíche.

— Acabaram as fofocas. As coisas voltaram ao normal. Seus amigos ainda são seus amigos.

— Estou escrevendo para alguns deles. Podia entregar as cartas?

— É claro.

— Obrigado.

— Ouvi dizer que pegaram sua amiga em Miami.

— É, mas logo estará livre. Um pequeno problema com o passaporte.

Huskey comeu um bom pedaço do sanduíche, mastigando em silêncio. Começava a se acostumar com os longos e silenciosos intervalos no diálogo dos dois. Procurava alguma coisa para dizer, mas Patrick não se preocupava com isso.

— O ar fresco é agradável — ele disse, finalmente. — Obrigado.

— A Constituição garante o direito ao ar livre.

— Já esteve no Brasil?

— Não.

— Devia ir.

— Como você, ou com a família?

— Não, não. Faça uma visita algum dia.

— Às praias?

— Não. Esqueça as praias e os grandes centros. Vá ao coração do país, para os espaços abertos onde o céu é claro azul o ar a» é leve, a terra é bela, o povo é gentil e simples. É o meu lar, Karl. Mal posso esperar para voltar.

— Pode demorar um pouco.

— Talvez, mas posso esperar. Não sou mais Patrick, Karl. Patrick está morto. Ele estava preso numa armadilha e muito infeliz. Era um homem gordo, triste e, graças a Deus, fugiu de tudo. Agora sou Danilo, Danilo Silva, uma pessoa muito mais feliz com uma vida tranquila em outro país. Danilo pode esperar.

E com uma bela mulher e uma fortuna enorme, Karl pensou em dizer, mas não disse.

— Como Danilo vai voltar para o Brasil? — Karl perguntou.

— Ainda estou trabalhando nisso.

— Escute, Patrick... acho que posso chamar você de Patrick e não de Danilo.

— Claro.

— Acho que chegou a hora de me retirar do caso e entregá-lo para o juiz Trussel. Logo algumas moções precisam ser apresentadas e as decisões tomadas. Fiz todo o possível para ajudá-lo.

— Está sendo pressionado?

— Um pouco, mas nada preocupante. Não quero prejudicar você e, se ficar no seu caso por mais tempo, as pessoas podem começar a reclamar. Todos sabem que somos amigos. Que diabo, você até me escolheu para carregar seu caixão.

— Alguma vez já agradeci por ter feito isso?

— Não, você estava morto naquela época, por isso não tem de quê. Foi divertido.

— É, eu sei.

— Falei com Trussel e ele está pronto para assumir o caso. Falei também dos seus ferimentos graves e como é importante que fique aqui o maior tempo possível. Ele compreende.

— Obrigado.

— Mas precisa ser realista. Vai chegar a hora de ir para a prisão. E pode ficar lá por um longo tempo.

— Você acha que eu matei aquele garoto, Karl?

Karl pôs o resto do sanduíche no saco de papel e tomou o chá gelado. Não queria mentir.

— É muito suspeito. Primeiro, foram encontrados resto?; humanos no carro, portanto alguém foi morto. Segundo, o FUI fez uma análise exaustiva por computador de todas as pessoas que desapareceram no dia 9 de fevereiro de 1992, ou alguns dias antes. Pepper é a única pessoa, num raio de quatrocentos quilômetros, que nunca mais foi vista. — Mas isso não é suficiente para me condenar.

— Sua pergunta não foi sobre condenação.

— Ótimo. Você acha que eu o matei?

— Não sei o que pensar, Patrick. Sou juiz há doze anos e vi muitas pessoas confessarem crimes que elas próprias não podiam acreditar que tivessem cometido. Dependendo das circunstâncias, um homem pode fazer qualquer coisa.

— Então você acredita?

— Eu não quero acreditar. Não sei ao certo no que acredito.

— Acha que eu seria capaz de matar alguém?

— Não. Mas também não achava que fosse capaz de encenar a própria morte e roubar noventa milhões de dólares. Sua história recente está cheia de surpresas.

Outra longa pausa. Karl consultou o relógio. Patrick o deixou no banco e andou devagar em volta do pátio.



O almoço na Suíte Camille foi uma variedade de sanduíches servidos em bandejas de plástico e foi interrompido pelo telefonema de um juiz federal designado para o caso de Patrick quatro anos atrás, em resposta ao telefonema de Maurice Mast. O juiz estava no meio de um julgamento em Jackson e só dispunha de um minuto para falar. Mast descreveu os participantes da reunião e o juiz consentiu em falar no viva voz. Mast então fez um breve resumo do acordo proposto. O juiz quis ouvir a versão de Sandy em seguida. Sprawling respondeu a algumas perguntas do juiz e a breve conferência por telefone se transformou numa longa conversa. Em certo momento, Sprawling saiu da sala para falar em particular com o juiz. Transmitiu a determinação urgente dos seus superiores em Washington para que o acordo fosse feito a fim de serem apanhados os peixes maiores. O juiz falou também em particular com T. L. Parrish, que garantiu que Lanigan não sairia livre, que na verdade teria de enfrentar acusações graves e era quase certo, embora ainda não garantido, que passaria muitos anos na prisão.

O juiz relutava em resolver com tanta pressa, mas, pressionado pelos que estavam intimamente envolvidos no caso, e dada a importância dos homens presentes em Biloxi, concordou em assinar o pedido de anulação de todas as acusações federais contra Patrick. O pedido foi imediatamente enviado por fax. Ele o assinou e devolveu.

Quando terminaram o almoço, Sandy os deixou para fazer uma rápida visita ao hospital. Patrick estava no quarto escrevendo uma carta para a mãe quando Sandy entrou.

— Conseguimos! — Jogou o acordo na mesa de Patrick. -Conseguimos tudo que queríamos!

— Completa anulação do processo?

— Isso mesmo. O juiz acaba de assinar.

— Quanto dinheiro?

— Noventa mais três por cento.

Patrick fechou os olhos e as mãos. A fortuna acabava de receber o maior golpe, mas ainda sobrava muito dinheiro. O suficiente para algum dia morar com Eva num lugar seguro, numa casa cheia de filhos. Uma casa grande. E muitos filhos.

Estudaram o acordo. Patrick assinou e Sandy voltou para o hotel.



Às duas horas da tarde era bem menor o número de pessoas na Suíte Camille para a segunda reunião. Sandy cumprimentou Talbot Mims e seu cliente um executivo sênior da Northern Case Mutual chamado Shenault que estava acompanhado por dois advogados do departamento jurídico da empresa, cujos nomes Sandy não guardou. Por segurança, Mims levou consigo um dos seus sócios e um funcionário, ambos também anônimos. Sandy recolheu os cartões de todos e os conduziu para a sala da primeira reunião. As taquigrafas tomaram suas posições.

Jaynes e Sprawling estavam na saleta ao lado, falando no telefone com Washington. As equipes dos dois foram liberadas para o cassino para uma hora de descanso, sem álcool.

A equipe da Monarch-Sierra era muito menor, apenas Hal Ladd, um dos seus sócios, e o advogado-chefe do departamento jurídico da empresa, um homenzinho elegante chamado Cohen. Depois das apresentações formais todos se sentaram para ouvir Sandy. Sandy distribuiu pastas finas com documentos e pediu a todos que dessem uma olhada. Cada uma continha uma cópia do processo movido por Patrick contra o FBI por seus ferimentos e as fotos coloridas das queimaduras. Os homens da empresa de seguros, preparados por seus advogados, não demonstraram surpresa.

Sandy fez outro resumo do que já dissera — que as queimaduras não foram infligidas pelo FBI porque o FBI não encontrou Patrick. Stephano o encontrou. E Stephano estava trabalhando para três clientes, Benny Aricia, a Northern Case Mutual e a Monarch-Sierra. Os três eram objeto de graves acusações de responsabilidade numa ação civil que seria movida contra eles por Patrick.

— Como pretende provar a culpa de Stephano? — perguntou Talbot Mims.

— Só um segundo — disse Sandy. Ele abriu a porta da saleta e perguntou a Jaynes se tinha um minuto. Jaynes entrou na sala e se identificou para o grupo. Com grande prazer ele descreveu com detalhes o que Stephano tinha contado

sobre a procura de Patrick. O financiamento do consórcio, as recompensas, os subornos, a caçada no Brasil, o cirurgião plástico, os garotos de Plutão e a tortura. Tudo. E tudo feito com dinheiro fornecido por Aricia, pela Monarch-Sierra e pela Northern Case Mutual. E tudo feito unicamente em benefício desses três clientes.

Foi uma performance brilhante e Jaynes a desempenhou com imenso prazer.

— Alguma pergunta para o sr. Jaynes? — Sandy indagou, feliz, quando a narrativa chegou ao fim.

Nenhuma pergunta. Nas últimas dezoito horas, nem Shenault, da Northern Case Mutual, nem Cohen, da Monarch-Sierra, tinham conseguido determinar quem, nas suas empresas, havia autorizado a contratação de Jack Stephano. Provavelmente jamais saberiam, agora que as pistas estavam apagadas.

As duas empresas eram grandes e ricas, com centenas de acionistas e vultosos orçamentos para publicidade usados para proteger seu bom nome comercial. Nenhuma delas queria essa dor de cabeça.

— Muito obrigado, sr. Jaynes — Sandy disse.

— Estou na sala ao lado se precisarem de mim — Jaynes disse, como se a melhor coisa da vida para ele fosse voltar e acrescentar mais alguns pregos ao caixão.

Sua presença era inesperada e ameaçadora. Por que o subdiretor do FBI estava em Biloxi e por que parecia tão ansioso em atribuir toda a culpa a eles?

— A proposta é a seguinte — Sandy disse, quando a porta foi fechada. — É simples, rápida, inegociável. Primeiro, sr. Shenault, quanto à Northern Case Mutual, o último assalto do seu cliente nesta pequena guerra é um esforço para recuperar seus dois milhões e meio pagos a Trudy Lanigan. Preferimos que os senhores simplesmente voltem para casa. Desistam do processo, esqueçam Trudy, deixem que ela viva em paz. Ela tem uma filha para criar e, além disso, já gastou quase todo o dinheiro. Desistam do caso e meu cliente não os processará por violência física.

— Isso é tudo? — Talbot Mims perguntou, incrédulo.

— Sim, isso é tudo.

— Feito.

— Gostaríamos de um momento para consulta Shenault disse, ainda carrancudo.

— Não, não gostaríamos — Mims disse para seu cliente. — É um grande negócio. Está na mesa. Nós aceitamos. Isso é tudo.

Shenault insistiu:

— Eu gostaria de analisar.

— Não — Mims disse, irritado. — Nós aceitamos o acordo. Agora, se quer

que outra pessoa o represente, tudo bem. Mas enquanto eu for seu advogado, vamos aceitar o acordo agora mesmo.

Shenault calou a boca.

— Nós aceitamos — Mims disse.

— Sr. Shenault? — Sandy perguntou.

— Ah, claro. Acho que aceitamos o acordo.

— Ótimo. Tenho uma proposta de acordo à sua espera na sala ao lado. Agora, se os senhores nos deixarem por alguns minutos, preciso falar com o sr. Ladd e seu cliente em particular.

Mims saiu com sua equipe. Sandy trancou a porta e se dirigiu ao sr. Cohen, Hal Ladd, e seu sócio.

— Seu acordo é um pouco diferente do deles. Eles saíram facilmente porque há um divórcio envolvido. É desagradável e complicado, e meu cliente pode usar sua queixa contra a Northern Case Mutual vantajosamente no processo de divórcio. Os senhores, infelizmente, não estão na mesma posição. Eles pagaram meio milhão a Stephano, os senhores pagaram o dobro. Portanto têm maior responsabilidade, estão mais expostos e, como nós todos sabemos, têm muito mais dinheiro do que a Northern Case Mutual.

— Quanto tem em mente? — perguntou Cohen.

— Nada para Patrick. Contudo, ele está muito preocupado com a menina. Ela tem seis anos e a mãe praticamente torra o dinheiro. Esse foi um dos motivos pelo qual a Northern Case Mutual cedeu tão rapidamente — seria muito difícil receber alguma coisa da sra. Lanigan. Patrick gostaria que uma quantia modesta fosse depositada num fundo para a menina, fora do alcance da mãe.

— Quanto?

— Um quarto de milhão. Outro tanto para cobrir seus honorários legais. Um total de meio milhão, pago discretamente para que sua cliente não sofra embaraços por causa dessas fotos.

A Costa tinha uma longa tradição em vereditos generosos nos casos de danos físicos pessoais e de morte por imperícia. Hal Ladd advertiu Cohen de que podiam esperar um veredito de muitos milhões de dólares contra Aricia e as empresas de seguros por causa do que ele tinha feito a Patrick. Cohen, que era da Califórnia, certamente compreendia isso. A empresa estava ansiosa para fazer o acordo e sair da cidade.

— Todas as ações judiciais serão retiradas — Cohen disse. — E pagamos meio milhão?

— É isso.

— Aceitamos.

Sandy tirou alguns papéis de uma pasta.

— Tenho aqui a proposta do acordo que deixarei com os senhores. — Entregou as cópias e saiu da sala.

TRINTA E CINCO

O psiquiatra era amigo do dr. Hayani. A segunda sessão de Patrick com ele durou duas horas e foi tão improdutiva quanto a primeira. Seria a última.

Patrick pediu licença e voltou para o quarto a tempo para o jantar. Comeu muito pouco, enquanto assistia ao noticiário da noite. Seu nome não foi mencionado. Andou de um lado para o outro no quarto e depois falou com os guardas. Durante toda a tarde Sandy tinha telefonado várias vezes com as últimas novidades, mas Patrick queria ver os documentos. Assistiu a "Jeopardy" e tentou ler um grosso livro de bolso.

Eram quase oito horas quando ouviu Sandy falando com os guardas, perguntando como estava o prisioneiro. Sandy adorava se referir a ele como "o prisioneiro".

Patrick o recebeu na porta. Sandy estava exausto, mas sorridente.

— Tudo feito — ele disse, entregando uma pilha de papéis.

— E os documentos e fitas?

— Entregamos há uma hora. Acho que havia uma dúzia de agentes do FBI em volta da caixa. Jaynes disse que vão trabalhar a noite toda.

Patrick apanhou os documentos dos acordos, sentou à sua mesa de trabalho no canto, sob a televisão. Leu atentamente cada palavra. Sandy jantou sanduíche de um saco de papel, de pé, ao lado da cama, assistindo sem som a um jogo de rúgbi na Austrália, transmitido pela ESPN.

— Eles chiaram para concordar com meio milhão? — Patrick perguntou, sem levantar os olhos.

— Nem por um minuto. Ninguém chiou com coisa alguma.

— Acho que eu devia ter pedido mais.

— E eu acho que você já tem o bastante.

Patrick virou uma página, depois assinou.

— Bom trabalho, Sandy. Uma obra de mestre.

— Tivemos um bom dia. As acusações federais foram todas retiradas, o litígio está resolvido. Os honorários advocatícios estão garantidos. O futuro da menina está seguro. Amanhã terminaremos com Trudy. Você está com tudo, Patrick. É uma pena que tenha esse cadáver no seu caminho.

Patrick deixou os papéis na mesa e foi até a janela, dando as costas para o quarto. As persianas estavam abertas, o vidro alguns centímetros levantado.

Sandy continuou a comer olhando para ele.

— Algum dia vai ter de me contar, Patrick.

— Contar o quê?

— Bem, vejamos. Por que não começa com Pepper?

— Tudo bem. Eu não matei Pepper.

— Outra pessoa matou Pepper?

— Não que eu saiba.

— Pepper se matou?

— Não que eu saiba.

— Pepper estava vivo quando você desapareceu?

— Acho que sim.

— Que droga, Patrick! Eu tive um longo dia! Não estou com vontade de brincar.

Patrick virou para ele e disse delicadamente:

— Por favor, não grite. Tem dois policiais lá fora se esforçando para ouvir tudo. Sente-se.

— Não quero sentar.

— Por favor.

— Ouço melhor de pé. Estou ouvindo.

Patrick fechou a janela, desceu as persianas, verificou a fechadura da porta, desligou a televisão. Voltou para sua posição habitual na cama, sentado, com o lençol até a cintura. Uma vez instalado, disse em voz baixa:

— Eu conhecia o Pepper. Uma vez ele apareceu na cabana pedindo comida. Foi um pouco antes do Natal de 1991. Disse que passava a maior parte do tempo na floresta. Preparei bacon com ovos e ele comeu como um refugiado. Era gago, muito tímido e não parecia à vontade comigo. É claro que fiquei curioso. Ali estava aquele garoto que dizia ter dezessete anos, mas parecia mais novo. Razoavelmente limpo e vestido, com uma família a trinta e poucos quilômetros dali, mas vivendo na floresta. Eu o fiz falar. Perguntei sobre a família e ouvi a história triste. Quando ele acabou de comer, estava pronto para partir. Ofereci um lugar para dormir, mas ele insistiu em voltar para seu acampamento.

“No dia seguinte, eu estava caçando sozinho e Pepper me encontrou. Fez questão de me mostrar sua pequena barraca e o saco de dormir. Tinha também utensílios de cozinha, uma pequena caixa de isopor com gelo, uma lanterna, uma espingarda. Disse que há duas semanas não aparecia em casa. Disse que a mãe tinha um novo namorado, o pior de todos que já teve. Entramos juntos na floresta até um lugar onde os gamos se reuniam e que ele havia descoberto. Uma hora depois, eu matei 0 maior gamo de toda a minha vida. Pepper disse que conhecia a floresta toda e se ofereceu para me mostrar os melhores locais para caçar.

“Umas duas semanas depois, eu estava outra vez na cabana. A vida com

Trudy era insuportável e nós dois vivíamos para os fins de semana, quando eu saía de casa. Pepper apareceu logo depois que eu cheguei. Fiz um cozido e comemos como famintos — naquele tempo eu tinha um apetite e tanto. Ele disse que tinha passado três dias em casa e saiu depois de uma briga com a mãe. Quanto mais ele falava, menos gaguejava. Eu disse que era advogado e logo ele estava me contando todos os seus problemas legais. Seu último trabalho fora num posto de gasolina em Lucedale. Haviam roubado dinheiro da caixa registradora. Como todos pensavam que Pepper era retardado, puseram a culpa nele. É claro que ele não tinha nada a ver com a história. Outro bom motivo para ficar na floresta. Prometi verificar como estava o caso.

— E foi assim que a coisa começou — disse Sandy.

— Mais ou menos isso. Nós nos encontramos mais algumas vezes na floresta.

— Isso foi perto de 9 de fevereiro.

— Sim, foi. Eu disse a Pepper que ele ia ser preso. Era mentira. Eu não tinha dado nem um telefonema. Não podia. Mas quanto mais conversávamos, mais eu me convencia de que ele sabia alguma coisa sobre o dinheiro roubado. Ele estava com medo e confiando inteiramente em mim. Discutimos suas saídas, uma das quais seria simplesmente desaparecer.

— Nossa, isso me parece familiar.

— Ele odiava a mãe. A polícia estava atrás dele. Era um garoto assustado que não podia viver na floresta pelo resto da vida. Pepper gostou da ideia de ir para o Oeste e trabalhar como guia de caça nas montanhas. Organizamos um plano. Procurei nos jornais até encontrar a história horrível de um adolescente morto num desastre de trem perto de Nova Orleans. O nome dele era Joey Palmer, um nome comum e simpático. Telefonei para um falsário em Miami que conseguiu o número do seguro social de Joey, e presto! — em quatro dias eu tinha um belo conjunto de documentos para Pepper. Carteira de motorista da Louisiana, com uma foto bastante parecida, número de seguro social, certidão de nascimento, até um passaporte.

— Você faz tudo parecer fácil.

— Não, é mais fácil do que eu faço parecer. Tudo que precisamos é de algum dinheiro e um pouco de imaginação. Pepper gostou dos novos documentos e adorou a ideia de tomar um ônibus para as montanhas. Falo sério, Sandy, o garoto não hesitou nem um pouco em deixar a mãe sem nenhum aviso. Não demonstrou a menor preocupação.

— Seu tipo de pessoa.

— Isso mesmo, bem, no domingo, 9 de fevereiro...

— A data da sua morte.

— Sim, lembro agora de ter levado Pepper de carro até a estação do ônibus Greyhound, em Jackson. Dei a ele todas as oportunidades para desistir, mas ele estava decidido. Não, ele estava entusiasmado. O pobre garoto nunca tinha saído do estado do Mississippi. Só a viagem de carro até Jackson já foi uma festa. Eu deixei bem claro que ele não podia voltar nunca mais, em nenhuma circunstância. Ele não falou nem uma vez na mãe.

— Para onde ele foi?

— Eu tinha localizado um campo de lenhadores ao norte de Eugene, Oregon, e verifiquei as rotas e os horários dos ônibus. Escrevi tudo para ele, depois ensaiamos uma dezena de vezes, a caminho da estação. Dei a ele dois mil dólares em dinheiro e o deixei a duas quadras da estação. Era quase uma hora da tarde e eu não podia correr o risco de ser visto. A última vez que vi Pepper ele estava correndo com um grande sorriso e uma mochila cheia nas costas.

— A espingarda e o material de acampamento foram encontrados na sua cabana.

— Onde mais ele podia deixar?

— Apenas outra peça do quebra-cabeça.

— É claro. Eu queria que pensassem que Pepper tinha morrido queimado no carro.

— Onde ele está agora?

— Eu não sei e não é importante.

— Não foi isso que eu perguntei, Patrick.

— Não é importante, acredite.

— Pare de brincar comigo, Patrick, que droga. Quando faço uma pergunta, mereço uma resposta.

— E eu dou a resposta quando quiser.

— Por que é tão misterioso comigo?

Sandy ergueu a voz, irritado, e Patrick parou por um momento, esperando que ele se acalmasse. Os dois respiraram devagar, ambos tentando se controlar.

— Não estou sendo misterioso, Sandy — Patrick disse com calma.

— É claro que está. Faço uma força dos diabos para resolver um mistério e você me atira mais dez na cara. Por que não pode me contar tudo?

— Porque você não precisa saber tudo.

— Pode estar certo que eu gostaria muito.

— É mesmo? Quando foi a última vez que um criminoso contou tudo para você?

— Engraçado, não penso em você como um criminoso.

— Então, o que eu sou?

— Um amigo, talvez.

— Facilitaria muito seu trabalho se me visse como um criminoso.

Sandy apanhou os papéis da mesa e já na porta disse:

— Estou cansado e vou descansar. Volto amanhã e você vai me contar tudo.

Abriu a porta e saiu.



Guy descobriu que estavam sendo seguidos dois dias antes, ao saírem do cassino. Um rosto familiar virou para o lado um pouco depressa demais. Depois um carro os seguiu um pouco ostensivamente demais. Guy tinha experiência dessas coisas e mencionou o fato para Benny, que estava dirigindo.

— Só podem ser os federais — Guy disse. — Quem mais ia se importar?

Fizeram planos para deixar Biloxi. Os telefones no apartamento alugado foram desligados. Mandaram os outros homens embora.

Esperaram até o cair da noite. Guy partiu num carro, seguindo para leste, para Mobile, onde passaria a noite vigiando sua retaguarda e de manhã tomaria um avião. Benny foi para oeste, ao longo da Costa, na Rodovia 90, atravessando depois Lake Pontchartrain e entrou em Nova Orleans, uma cidade que ele conhecia bem. Observou com atenção, mas não viu ninguém atrás dele. Comeu ostras no French Quarter, depois tomou um táxi para o aeroporto. Voou para Memphis, depois para o aeroporto de O’Hare, em Chicago, onde passou quase toda a noite escondido numa sala de espera. Então, de madrugada, embarcou para Nova York.

O FBI estava em Boca Raton, vigiando sua casa. A sueca que morava com ele ainda estava lá. Ela ia fugir logo, eles pensavam, e seria muito mais fácil segui-la.

TRINTA E SEIS

Nunca ninguém foi libertado da prisão com tanta facilidade. Eva saiu do centro de detenção como uma mulher livre, às 8: 30 da manhã, com a mesma calça jeans e a camisa social com que fora presa. As guardas foram muito amáveis, os funcionários do estabelecimento, surpreendentemente eficientes, a supervisora até desejou boa sorte. Mark Birck a fez entrar no carro, um belo e velho Jaguar polido por dentro e por fora para a ocasião, e fez um sinal para os dois homens da escolta.

— Aqueles são agentes do FBI — ele disse, indicando com a cabeça os dois cavalheiros que esperavam num carro a pouca distância.

— Pensei que estivéssemos livres deles — ela disse.

— Não completamente.

— Devo acenar para eles, ou o quê?

— Não. Apenas entre no carro. — Ele abriu a porta para ela entrar e depois fechou-a suavemente, admirando por um momento o belo trabalho de polimento no capô longo e curvo. Em seguida deu a volta para o lado do motorista.

— Aqui está uma carta enviada por fax por Sandy McDermott — ele disse, ligando o motor e dando marcha à ré. — Abra.

— Para onde vamos? — ela perguntou.

— Para o aeroporto. Um pequeno jato está à sua espera.

— Para me levar para onde?

— Nova York.

— E depois?

— Londres, no Concorde.

Estavam numa rua movimentada, com os agentes do FBI atrás.

— Por que estão nos seguindo? — Eva perguntou.

— Segurança.

Eva fechou os olhos, passou a mão na testa e pensou em Patrick no pequeno quarto de hospital, entediado, com pouca coisa para fazer a não ser pensar nos lugares para onde ela devia ir. Então ela viu o telefone do carro.

— Posso? — ela disse, segurando o telefone.

— Claro. — Birck dirigia cuidadosamente, atento aos espelhos como se estivesse conduzindo o presidente.

Eva ligou para o Brasil, falando em português, e teve uma conversa comovida com o pai, via satélite. Ele estava bem e ela também. Os dois estavam livres, mas ela não contou onde tinha passado os três últimos dias. Sequestro não

era tão doloroso afinal, ele disse brincando. Disse que foi muito bem tratado, nenhuma violência. Ela prometeu que logo estaria em casa. Seu trabalho nos Estados Unidos estava quase terminado e ela estava com muitas saudades.

Birck ouviu, mas não entendeu uma palavra. Quando ela desligou e terminou de enxugar os olhos, ele disse:

— Há alguns números de telefones na carta, para o caso de você ser detida outra vez na alfândega. O FBI retirou o alerta, e concordaram em permitir que use seu passaporte por mais sete dias.

Eva ouviu mas não disse nada.

— Tem um telefone em Londres, se acontecer alguma coisa em Heathrow.

Finalmente ela abriu a carta. Era de Sandy, no papel timbrado da sua firma. As coisas estavam se processando muito hem e rapidamente em Biloxi. Pedia para ela ligar para a suíte do hotel quando chegasse ao aeroporto JFK. Ele tinha outras instruções.

Em outras palavras, ele ia dizer coisas que o sr. Birck ali ao seu lado não precisava saber.

Chegaram ao movimentado terminal no lado norte do Miami International. Os agentes ficaram no carro e Birck entrou com ela. Os pilotos estavam esperando. Apontaram para um belo jato, pronto para levá-la para onde ela quisesse. Eva quase disse: “Levem-me para o Rio. Por favor, Rio de Janeiro. ”

Despediu-se de Birck com um aperto de mãos, agradeceu por toda sua bondade e entrou no avião. Sem bagagem. Sem uma peça de roupa além da que estava usando. Patrick ia pagar caro por aquilo. Espere até ela chegar em Londres e passar um dia nas ruas Bond e Oxford. Ia ter mais roupa do que aquele pequeno avião podia carregar.



Era cedo ainda mas J. Murray estava extremamente cansado e amarrotado. Resmungou um olá para a secretária que abriu a porta, aceitou um café, forte e puro. Sandy o cumprimentou cortesmente, apanhou seu blazer amarrotado e o fez entrar na sala onde os dois se sentaram e leram juntos o acordo sobre os bens de propriedade.

— Assim está muito melhor — Sandy disse, quando terminaram.

Trudy já tinha assinado. J. Murray não precisava aguentar outra visita dela e do seu gigolô. Ela e Lance tinham brigado no seu escritório na véspera. J. Murray fazia divórcios há anos, e era capaz de apostar o que quisessem que os dias de Lance estavam contados. A tensão por causa de dinheiro estava

devorando Trudy.

— Vamos assinar — Sandy disse.

— E por que não iriam? Conseguiram tudo que queriam.

— É um acordo justo, dadas as circunstâncias.

— Sim, sim.

— Escute, Murray, houve uma mudança importante a respeito da sua cliente e da ação judicial movida pela Northern Case Mutual.

— Sim, há várias disposições que não interessam a sua cliente, mas o resultado é este, a Northern Case Mutual concordou em retirar a ação judicial contra Trudy.

— Diga.

J. Murray ficou imóvel por alguns segundos, depois abriu a boca devagar. Era uma brincadeira?

Sandy apanhou alguns papéis, a cópia do acordo assinado pela Northern Case Mutual. Já havia apagado alguns parágrafos mais delicados, mas sobrou muita coisa para J. Murray ler.

— Está brincando — ele murmurou ao ler o documento. Passou pelas linhas apagadas sem a menor curiosidade e chegou ao cerne da coisa, dois parágrafos sem nenhuma marca de censura. Ele leu uma linguagem clara e precisa que garantia a desistência imediata das ações judiciais contra sua cliente.

J. Murray não queria saber o que estava acontecendo. Um manto impenetrável de mistério cobria Patrick e ele não ia começar a fazer perguntas.

— Que surpresa agradável — ele disse.

— Achei que você ia gostar.

— Ela fica com tudo?

— Tudo que ainda resta.

J. Murray leu outra vez, devagar.

— Posso ficar com isto? — perguntou.

— Não. É confidencial. Mas a moção para retirar o processo será apresentada hoje e eu arranjo uma cópia para você.

— Obrigado.

— Há mais uma coisa — Sandy disse. Entregou a J. Murray uma cópia do acordo com a Monarch-Sierra, igualmente censurada. — Veja na página quatro, terceiro parágrafo.

J. Murray leu as frases que estabeleciam um fundo de duzentos e cinquenta mil dólares em benefício da pequena Ashley Nicole Lanigan. Sandy McDermott seria o administrador do fundo. O dinheiro só seria usado para a saúde e educação da menina e o que não fosse usado seria pago em treze anos.

— Não sei o que dizer. — Mas já estava pensando em como isso ia repercutir

no seu escritório.

Sandy abanou a mão descartando os agradecimentos.

— Mais alguma coisa? — J. Murray perguntou com um largo sorriso. Haveria mais presentes?

— Isso é tudo. O divórcio está resolvido. Foi um prazer.

Depois do aperto de mãos, J. Murray saiu, o passo um pouco mais ligeiro. Desceu sozinho no elevador, com a cabeça a mil. Diria a ela como tinha obrigado aqueles bandidos a concordar com tudo aquilo, como finalmente ficara farto das exigências absurdas deles, como tinha invadido a reunião e os ameaçado com um julgamento dos mais ferozes, até eles cederem e concordarem com as concessões. J. Murray tinha defendido muitos casos desse tipo, na verdade era famoso por sua atuação vigorosa no tribunal.

Para o inferno com as acusações de adultério! Para o inferno com as fotografias indiscretas! Sua cliente estava errada mas ainda tinha direito a ser tratada com justiça. Uma pobre criança inocente devia ser protegida.

Ele ia contar como eles se acovardaram e correram em retirada. Ele exigiu um fundo para a menina e Patrick cedeu sob o peso da própria culpa. Tome, eles insistiram, leve um quarto de um milhão de dólares.

E J. Murray tinha lutado como um demônio, lutado bravamente para proteger os bens da sua cliente, que não tinha feito nada de errado quando aceitara os dois milhões e meio. Apavorados, eles se apressaram para encontrar um modo de salvar o dinheiro de Trudy. Os detalhes estavam ainda obscuros, mas ele tinha uma hora de estrada para inventar toda a história.

Quando chegasse ao escritório, seria uma vitória magnífica.



Sobrancelhas se ergueram no balcão do Concorde, no aeroporto JFK, pois Eva não tinha bagagem. Um supervisor foi chamado e a confusão se criou, enquanto ela se esforçava para controlar os nervos. Não ia aguentar outra prisão. Amava Patrick, mas isso estava muito acima e além das exigências do romance. Até pouco tempo tinha uma carreira promissora como advogada numa cidade que ela amava. Então, Patrick apareceu.

De repente só havia sorrisos britânicos calorosos por toda a parte. Foi conduzida para a sala de espera do Concorde, onde tomou café e telefonou para Sandy em Biloxi.

— Você está bem? — ele perguntou assim que reconheceu a voz.

— Estou bem, Sandy. Estou no JFK, a caminho de Londres, Como está

Patrick?

— Maravilhosamente bem. Fizemos o acordo com os federais.

— Quanto?

— Cento e treze milhões — ele disse e esperou a reação. Patrick se mostrara impassível ao ficar sabendo quanto devia devolver. Eva seguiu o mesmo roteiro.

— Quando? — foi tudo que ela disse.

— Terei as instruções quando você chegar a Londres. Tem uma reserva para você no Four Seasons em nome de Leah Pires.

— Sou eu outra vez.

— Telefone quando chegar lá.

— Diga a Patrick que eu ainda o amo, mesmo depois de ir para a cadeia.

— Vou vê-lo esta noite. Cuide-se.

— Tchau.



Com tanta gente importante na cidade, Mast não podia perder a oportunidade de armar um pequeno espetáculo. Na noite anterior, depois de receber os documentos e as fitas ele mandou sua equipe telefonar para cada membro do grande juri convocando-os para uma reunião de emergência Com quatro ou cinco advogados seus assistentes, ele trabalhou com o FBI no exame e catalogação dos documentos. Saiu do escritório às três da manhã e voltou cinco horas depois.

A reunião do grande júri federal foi marcada para o meio-dia, com almoço. Hamilton Jaynes resolveu ficar por ali para assistir, bem como Sprawling, do gabinete do secretário de Justiça. Patrick seria a única testemunha.

Obedecendo aos termos do acordo, ele não foi algemado. Eles o levaram escondido no banco de trás de um carro do FBI sem nenhuma identificação que entrou pela porta lateral do tribunal federal de Biloxi. Sandy estava com ele. Patrick vestia calça cáqui folgada, tênis, uma camiseta com mangas, tudo comprado por Sandy. Estava pálido e magro, mas andando sem nenhuma dificuldade. Na verdade, Patrick sentia-se maravilhosamente bem.

Os dezesseis membros do grande júri sentaram-se em volta de uma mesa longa e quadrada, de modo que pelo menos a metade estava de costas para a porta quando Patrick entrou sorrindo. Essa metade se voltou imediatamente. Jaynes e Sprawling estavam sentados num canto, curiosos para conhecer o sr. Lanigan.

Patrick sentou-se a um lado da mesa, na cadeira reservada para as

testemunhas, atraindo toda a atenção. Não precisou de nenhuma incentivo de Mast para contar sua história, pelo menos parte dela. Estava calmo e animado, em parte porque aquele júri não podia mais atingi-lo. Havia conseguido se livrar dos tentáculos de qualquer lei federal.

Começou mencionando a firma de advocacia, os sócios, suas personalidades, seus clientes, hábitos de trabalho e lentamente abriu caminho para falar de Aricia.

Mast o interrompeu para entregar um documento que Patrick identificou como o contrato entre a firma e Aricia. Tinha quatro páginas, mas podia ser reduzido a um acordo básico segundo o qual a firma receberia um terço do que Aricia conseguisse com seu processo contra as Indústrias Platt & Rockland.

— E como conseguiu isto? — Mast perguntou.

— A secretária de Bogan digitou. Nossos computadores eram interconectados. Eu simplesmente tirei uma cópia.

— É por isso que a cópia não está assinada?

— Exatamente. O original provavelmente está no arquivo de Bogan.

— O senhor tinha acesso ao arquivo do sr. Bogan?

— Limitado — Patrick respondeu, e explicou o cuidado de Bogan em guardar segredo. Isso levou a uma digressão sobre o acesso aos outros escritórios, depois ao relato fascinante das aventuras de Patrick no mundo da sofisticada tecnologia de espionagem. Como suspeitava de Aricia, resolveu obter o máximo de informação possível. Estudou sozinho os mistérios da espionagem eletrônica. Passou a monitorar os outros PCs da firma. Ouvia todos os boatos. Fazia perguntas a secretárias e paralegais. Revistava os cestos de papéis na sala de xerox. Trabalhava até tarde na esperança de encontrar alguma porta que não estivesse trancada.

No fim de duas horas, Patrick pediu um refrigerante. Mast determinou um recesso de quinze minutos. O tempo passou depressa porque os ouvintes estavam presos a cada palavra de Patrick.

Quando a testemunha voltou do recesso, todos se prepararam ansiosos para ouvir mais. Mast fez algumas perguntas sobre a ação judicial contra a Platt & Rockland e Patrick a descreveu em termos gerais.

— O sr. Aricia era muito hábil. Ele organizou um esquema de superfaturamento e pôs toda a culpa no pessoal do seu escritório na empresa. Ele era a força secreta que ativava a alta artificial dos custos.

Mast pôs uma pilha de documentos ao lado de Patrick. Ele apanhou um, olhou e imediatamente disse do que se tratava.

— Isto é um exemplo da folha de pagamento fictícia do Estaleiro New Coastal. É um registro das horas de trabalho feito por computador referente a

uma semana em junho de 1988.

Relaciona oitenta e quatro funcionários, todos fantasmas, e cita quanto receberam por semana. O total é setenta e um mil dólares.

— Como foram escolhidos esses nomes? — perguntou Mast.

— O New Coastal tinha na época oito mil funcionários. Eles escolheram os nomes reais mais comuns — Jones, Johnson, Miller, Green, Young — e mudaram a primeira inicial.

— Quanto das horas de trabalho relacionadas era falsificado?

— Segundo os termos da ação movida por Aricia, foram dezenove milhões de dólares num período de quatro anos.

— O sr. Aricia sabia que era falsificado?

— Sim, o plano fora implementado por ele.

— E como o senhor sabe disso?

— Onde estão as fitas?

Mast entregou a ele uma folha de papel onde estavam catalogadas as fitas de mais de sessenta conversas. Patrick examinou o papel por um minuto.

— Acho que está na de número dezessete — ele disse.

O assistente do promotor encarregado da caixa com as gravações apanhou a de número dezessete, inseriu num toca-fitas no centro da mesa.

Patrick disse:

— Este é Doug Vitrano falando com Jimmy Havarac, dois sócios da firma, no escritório de Vitrano, em 3 de maio de 1991.

O toca-fitas foi ligado e eles esperaram as vozes.

Primeira voz: Como é possível enxertar dezenove milhões de dólares numa folha de pagamento falsa?

— Esse é Jimmy Havarac — Patrick disse, rapidamente.

Segunda voz: Não foi difícil.

— E esse é Doug Vitrano — Patrick disse.

Vitrano: A folha de pagamento estava em cinquenta milhões por ano. Durante quatro anos, foram mais de duzentos milhões. Portanto eles estavam só acrescentando um aumento de dez por cento. Isso se perdia no meio da papelada.

Havarac: E Aricia sabia disso?

Vitrano: Se sabia? Que diabo, foi ele quem implementou o plano.

Havarac: Ora, deixa disso, Doug.

Vitrano: Tudo é falsificado, Jimmy. Cada aspecto da ação judicial é falsificado. A folha de pagamento, as notas superfaturadas, o faturamento duplicado e triplicado do material mais caro. Tudo. Aricia planejou isso desde o começo pois trabalhava para uma empresa que já há muito tempo roubava do governo. Ele sabia das operações da empresa. Sabia como o Pentágono

trabalhava. E foi bastante esperto para bolar o plano.

Havarac: Quem contou tudo isso?

Vitrano: Bogan. Aricia contou tudo para Bogan. Bogan contou tudo para o senador. Nós ficamos de boca fechada e seguimos o trem e vamos todos ficar milionários.

As vozes silenciaram quando a fita, muito bem editada por Patrick anos atrás, chegou ao fim.

O grande júri olhava boquiaberto para o toca-fitas.

— Podemos ouvir mais alguma? — um dos jurados pediu.

Mast deu de ombros e olhou para Patrick, que disse:

— Acho que é uma ótima ideia.

Como Patrick comentava cada fita e às vezes fazia uma análise esclarecedora, levaram três horas para ouvir todas as fitas. A gravação do Closet foi deixada para o fim e ouvida quatro vezes antes de o grande júri ficar satisfeito. Às seis horas, pediram o jantar de uma delicatessen próxima.

Às sete Patrick foi liberado.

Enquanto comiam, Mast comentou sobre alguns documentos mais importantes. Citou as várias leis federais envolvidas. Como não houve dúvida a respeito da legitimidade das gravações, a conspiração ficou totalmente às claras.

Às oito e meia, o grande júri votou unanimemente para que Benny Aricia, Charles Bogan, Doug Vitrano, Jimmy Havarac e Ethan Rapley fossem indiciados por conspiração por cometer fraude de acordo com a Lei de Falsidade Documental. Se fossem condenados, cada um receberia uma sentença de dez anos e teria de pagar uma multa de até quinhentos mil dólares.

O senador Harris Nye foi citado como cúmplice mas não indiciado, uma citação temporária que muito provavelmente seria alterada para outra pior. Sprawling, Jaynes e Maurice Mast elaboraram uma estratégia para indiciar primeiro os peixes miúdos e depois pressioná-los para um acordo segundo o qual eles denunciariam os peixes graúdos. Iam centrar fogo em Rapley e Havarac porque ambos odiavam Charles Bogan.

O grande júri encerrou a sessão às nove horas. Mast se encontrou com o oficial de justiça e marcaram as detenções para a manhã seguinte. Jaynes e Sprawling embarcaram nos últimos voos de Nova Orleans para Washington, D. C.

TRINTA E SETE

— Certa vez tratei de um caso de acidente de carro, logo depois de entrar para a firma. Isso foi em 1949, no condado de Stone, perto de Wiggins. Nossos clientes iam para o norte quando um caminhão saiu de uma estrada transversal bem na frente deles. Um grande acidente. Havia três pessoas no carro, o motorista morreu, a mulher ficou gravemente ferida, uma criança, no banco traseiro, quebrou a perna. O caminhão era de uma empresa fabricante de papel, com um grande seguro, portanto o caso tinha potencial. Deram o caso para mim e eu saltei de alegria porque era novo no negócio. Não havia dúvida da culpa do caminhão, mas o caminhoneiro, que não ficou ferido, afirmou que o carro estava em alta velocidade. Isso se tomou o grande problema — qual a velocidade do carro? Meu especialista em reconstrução de acidentes calculou a velocidade em noventa e cinco quilômetros, o que não era demais. O limite de velocidade da estrada é de oitenta e cinco, todo mundo anda a pelo menos noventa e cinco. Meus clientes iam a Jackson visitar a família e não estavam com pressa.

"O especialista contratado pela empresa de seguros do caminhão estimou a velocidade do meu cliente em cento c vinte e isso, é claro, prejudicaria muito o nosso caso. Qualquer júri é contra trinta quilômetros acima do limite permitido, Encontramos uma testemunha, um velho, a segunda ou terceira pessoa a chegar ao local do acidente. O nome dele era Clovis Goodman, oitenta e um anos, cego de um olho e mal enxergava com o outro."

— Fala sério? — Sandy perguntou.

— Não, mas sua visão era fraca. Ele dirigia ainda e naquele dia estava indo devagar na sua velha picape Chevrolet quando o carro do nosso cliente passou por ele. Então, logo depois da primeira subida, o velho Clovis viu o acidente. Clovis era um homem idoso, compassivo, vivia sozinho, sem parentes próximos, esquecido e negligenciado, e ficou extremamente comovido com o acidente. Tentou ajudar as vítimas e ficou ali por algum tempo, depois foi embora. Não disse nada a ninguém. Estava abalado demais. Mais tarde me disse que ficou uma semana sem dormir.

"Fomos informados então de que uma das pessoas que chegaram mais tarde ao local, quando as ambulâncias, a polícia e os bombeiros já estavam presentes, tinha filmado a cena. O tráfego foi interrompido, as pessoas estavam entediadas e, que diabo, todo mundo filma tudo, e então pedimos a fita de vídeo emprestada. Um paralegal a analisou e anotou os números de todas as placas que apareciam no filme. Depois, procurou os donos tentando achar uma testemunha.

Foi assim que encontramos Clovis. Ele disse que praticamente viu o acidente, mas estava abalado demais para falar a respeito. Perguntei se podia visitá-lo e ele concordou.

"Clovis morava no campo, fora do centro de Wiggins, numa pequena casa branca de madeira que ele e a mulher tinham construído antes da guerra. Ela estava morta há muitos anos, bem como seu único filho, que tinha escolhido o caminho errado. Tinha um neto na Califórnia e uma neta perto de Hattiesburg. Há anos não os via. Fiquei sabendo de tudo isso na primeira hora. Clovis era um homem velho e solitário, ranzinza a princípio, como se não confiasse em advogados e não gostasse de perder tempo, mas logo depois já estava fervendo água para o café instantâneo e contando segredos da família. Sentamos na varanda, em cadeiras de balanço com uma dezena de gatos velhos andando entre nossos pés e falamos de tudo, menos do acidente. Felizmente era sábado e eu podia gastar meu tempo sem me preocupar com o escritório. Clovis era um maravilhoso contador de histórias. A depressão era um dos seus temas favoritos, bem como a guerra. Depois de algumas horas, final mente mencionei o acidente e Clovis ficou calado, tristonho e disse que ainda não podia falar no assunto. Disse que sabia de algo importante, mas que não era ainda a hora de revelar. Perguntei a que velocidade ele estava dirigindo quando o carro acidentado passou por ele. Clovis disse que nunca andava a mais de oitenta. Perguntei se podia calcular a velocidade do carro acidentado e ele apenas balançou a cabeça.

"Dois dias depois, fui à casa dele à tarde e sentamos na varanda para outra série de histórias. Às seis horas em ponto, Clovis disse que estava com fome, que gostava de peixe e perguntou se eu queria jantar com ele. Eu era solteiro naquele tempo, assim Clovis e eu saímos para jantar. Eu estava dirigindo, é claro, e ele falando. Comemos peixe frito a seis dólares a porção. Clovis comia muito devagar, com o queixo a poucos centímetros da pilha de peixe no prato. A garçonete deixou a conta na mesa e Clovis nem olhou para ela. A conta ficou ali por dez minutos. Ele continuou a falar com a boca cheia de bolinho de milho. Achei que seria um dinheiro bem gasto se Clovis resolvesse testemunhar. Finalmente saímos e no meio da viagem de volta ele falou que precisava de uma cerveja, uma só, para sua bexiga, e paramos num armazém. Ele não se mexeu, e eu paguei a cerveja também. Seguimos viagem tomando cerveja e ele disse que queria me mostrar o lugar em que tinha crescido. Uma estrada levava a outra e depois de vinte minutos eu não tinha ideia de onde estava. Clovis não enxergava muito bem. Precisava de outra cerveja, também para a bexiga. Pedi informação numa loja e Clovis e eu seguimos nossa viagem. Ele apontava para um lado e para o outro, e finalmente encontramos a cidade de Necaise no condado de Hancock. Assim que chegamos, Clovis disse que podíamos voltar. Esqueceu a

parte sobre a casa da sua infância. Mais cerveja. Mais informações dos funcionários das lojas.

“Quando chegamos perto da casa dele, percebi onde estávamos e comecei a fazer perguntas sobre o acidente. Ele disse que ainda era muito doloroso falar no assunto. Eu o ajudei a entrar na casa e Clovis despencou no sofá, roncando. Era quase meia-noite. Isso continuou por quase um mês. Cadeira de balanço na varanda. Peixe frito nas terças-feiras. Viagens de carro para a bexiga dele. A apólice de seguro tinha limites de dois milhões. Nosso caso valia isso e muito mais e embora Clovis não soubesse, seu testemunho ficava mais crucial a cada dia. Ele me garantiu que ninguém mais o tinha procurado depois do acidente, portanto era essencial conseguir os fatos com ele antes que os homens do seguro o descobrissem. ”

— Quanto tempo já tinha se passado desde o acidente? — Sandy perguntou.

— Quatro ou cinco meses. Então, um dia, eu o pressionei. Disse que tínhamos chegado a um ponto importante do processo e que estava na hora de ele responder a algumas perguntas. Ele disse que estava pronto. Perguntei a velocidade do carro acidentado quando este passou por ele. Ele disse que foi mesmo uma coisa horrível ver aquelas pessoas gravemente feridas, amassadas e sangrando, especialmente o menino. O pobre velho estava com os olhos cheios de lágrimas. Alguns minutos depois, perguntei outra vez.

“Clovis, pode calcular a velocidade do carro quando passou por você? ”

Ele disse que realmente queria ajudar a família. Eu disse que eles certamente apreciariam isso. Então ele olhou nos meus olhos e disse:

“A que velocidade você acha que ele ia? ”

Eu disse que, na minha opinião, devia estar a uns oitenta e cinco. Clovis disse:

“Pois então era isso. Oitenta e cinco quilômetros por hora. Eu estava a oitenta e ele custou para me passar. ”

— Fomos ao tribunal e Clovis Goodman foi a melhor testemunha que eu já vi. Era velho, humilde, mas sensato e completamente digno de crédito. O júri ignorou Ioda a reconstrução sofisticada e baseou o veredito no testemunho de Clovis. Eles nos deram dois milhões e trezentos mil dólares.

“Nós mantivemos contato, fiz o testamento dele. Clovis não tinha muita coisa, só a casa, alguns hectares de terra e sete mil dólares no banco. Determinou que, quando morresse, tudo fosse vendido e o dinheiro entregue às Filhas da Confederação. Nenhum parente foi mencionado no testamento. O neto da Califórnia não o via há vinte anos. Não tinha notícias da neta de Hattiesburg desde que recebeu o convite para a formatura dela no primeiro grau, em 1968. Ele não foi, nem mandou presente. Raramente os mencionava, mas eu sabia que

Clovis desejava algum contato com a família.

“Ele ficou doente e não podia mais morar sozinho, por isso eu o levei para uma clínica em Wiggins. Vendi a casa e as terras e tratei de todas as suas finanças. Na época, eu era seu único amigo. Eu mandava cartões e presentes e sempre que ia a Hattiesburg ou Jackson fazia uma longa visita. Pelo menos uma vez por mês, eu o levava ao restaurante Catfish Cabin para comer peixe. Depois dávamos um passeio de carro pelas estradas próximas. Depois de uma ou duas cervejas ele começava com suas histórias. Certa vez eu o levei para pescar, só eu e Clovis num barco, durante oito horas, e nunca ri tanto em toda a minha vida.

“Clovis teve pneumonia em novembro de 1991 e quase morreu. Isso o assustou. Alteramos o testamento outra vez. Ele queria deixar uma parte do dinheiro para a igreja local, o resto para as Filhas da Confederação. Escolheu o terreno no cemitério, providenciou o enterro. Eu dei a ideia de um testamento específico, para evitar que o mantivessem vivo por meio de aparelhos. Ele gostou e insistiu para que eu fosse designado como a pessoa encarregada de desligar a tomada, depois de falar com o médico, é claro. Clovis estava cansado da clínica, cansado da solidão, cansado da vida. Disse que seu coração estava com Deus e ele, pronto para partir.

“A pneumonia voltou com força no começo de janeiro de 1992. Eu o transferi para o hospital aqui em Biloxi para poder tomar conta dele. Eu o visitava todos os dias e era a única visita de Clovis. Nenhum outro amigo. Nenhum parente. Nenhum pastor. Ninguém, só eu. Ele piorava a cada dia e ficou evidente que não ia resistir. Entrou em coma e nunca mais voltou. Eles o puseram num respirador e depois de mais ou menos uma semana os médicos declararam a morte cerebral. Nós, eu e os médicos, lemos juntos o testamento especial e desligamos o respirador. ”

— Que dia foi isso? — perguntou Sandy.

— 6 de fevereiro de 1992.

Sandy soltou o ar dos pulmões lentamente, fechou os olhos com força e balançou a cabeça.

— Ele não queria serviço religioso porque sabia que ninguém ia comparecer. Nós o enterramos num cemitério fora do centro de Wiggins. Eu estava lá para ajudar a carregar o caixão. Três velhas viúvas da igreja também estavam, chorando, mas tenho certeza de que nos últimos cinquenta anos elas tinham chorado em todos os enterros em Wiggins. O pastor estava lá e levou com ele cinco diáconos velhos para carregar o caixão. Havia mais duas pessoas, num total de doze. E depois de um breve serviço religioso, Clovis descansou.

— Era um caixão bem leve, não era? — Sandy perguntou.

— Sim, era.

— Onde estava Clovis?

— Seu espírito estava se juntando aos santos.

— Onde estava seu corpo?

— Na varanda da minha cabana, num freezer.

— Isso é doentio.

— Eu não matei ninguém, Sandy. O velho Clovis estava cantando com os anjos quando seus restos foram incinerados. Achei que ele não ia se importar.

— Você tem desculpa para tudo, não é, Patrick?

Patrick estava sentado na cama, com as pernas para fora, os pés a quinze centímetros do chão. Ele não respondeu.

Sandy andou pelo quarto poi algum tempo, depois encostou na parede na parede. Estava só um pouco aliviado por saber que o amigo não era assassino. A ideia de queimar um cadáver era quase repugnante.

— Vamos ouvir o resto da história Sandy disse. — Tenho certeza de que você tem tudo muito bem arrumado.

— Tive muito tempo para pensar, sim.

— Estou ouvindo.

— Existe um estatuto penal no Mississippi sobre violação de sepultura, mas não se aplica a mim. Eu não roubei Clovis do túmulo. Eu o tirei do caixão. Há outro estatuto sobre mutilação de cadáver e é o único que Parrish pode fazer valer contra mim. A pena máxima é de um ano. Imagino se isso for a única coisa que eles têm, Parrish vai lutar para conseguir essa condenação de um ano.

— Ele não pode deixar você sair livre.

— Não, não pode. Mas aqui está o nó. Ele só vai saber sobre Clovis se eu contar, mas tenho de contar antes de ele retirar a acusação de homicídio. Agora, contar a ele sobre Clovis é uma coisa, mas testemunhar no tribunal é outra. Ele não pode me fazer testemunhar se me julgar por mutilação. Vão pressioná-lo para me julgar por outra coisa qualquer porque, como você disse, não pode me deixar sair livre. Ele pode me julgar, mas não pode me condenar porque sou a única testemunha e ele não pode provar que o corpo queimado era de Clovis.

— Parrish está cercado de todos os lados.

— Correto. As acusações federais foram retiradas, e quando deixarmos cair esta bomba, Parrish vai se sentir extremamente pressionado para me condenar por alguma coisa. Do contrário, eu saio livre.

— Então, qual é o plano?

— Simples. Livramos Parrish da pressão e impedimos que seu prestígio seja danificado. Você procura os netos de Clovis. conta a verdade, oferece algum dinheiro. Certamente eles tem direito de me processar quando souberem da verdade e você pode partir da suposição de que vão fazer isso. A ação judicial

não vai valer muito porque eles ignoraram o avô durante quase toda a vida, mas pode apostar que vão processar assim mesmo. Nós os interceptamos no caminho. Fazemos um acordo discreto com eles e em troca do dinheiro eles concordam em insistir com Parrish para não prosseguir com o processo.

— Você é um filho da mãe cheio de truques.

— Obrigado. Por que pode não dar certo?

— Parrish pode processar você independente da vontade da família.

— Mas não vai fazer isso porque não pode conseguir uma condenação. A pior saída para Parrish é me levar a julgamento e perder. É muito mais seguro para ele sair pela porta dos fundos agora, usar a família como desculpa e evitar o embaraço de perder um caso de grande repercussão.

— Foi isso que você pensou durante os últimos quatro anos?

— Passou por minha cabeça, sim.

Sandy começou a andar outra vez de um lado para o outro, perto dos pés da cama, pensando, sua mente funcionando a toda, tentando acompanhar a do seu cliente.

— Precisamos dar alguma coisa para Parrish — Sandy disse.

— Estou mais preocupado comigo do que com Parrish — disse Patrick.

— Não é só Parrish. É o sistema, Patrick. Se você sair livre, então terá realmente comprado sua saída da prisão. Todo mundo fica na pior, menos você.

— Talvez eu só esteja preocupado comigo.

— Eu também. Mas não posso humilhar o sistema e esperar sair alegremente para o pôr do sol.

— Ninguém mandou Parrish se apressar e conseguir que eu fosse indiciado por homicídio doloso. Ele podia ter esperado uma ou duas semanas. Ninguém o mandou anunciar para a imprensa. Não tenho simpatia por ele.

— Eu também não. Mas não vai ser fácil, Patrick.

— Pois então vou facilitar um pouco. Eu me declaro culpado da mutilação mas sem a pena de prisão. Nem um dia. Vou ao tribunal, me declaro culpado, pago uma multa, dou para Parrish o crédito de uma condenação e vou embora.

— E vai ser um criminoso condenado.

— Não, vou ser livre. Quem no Brasil vai se importai se a justiça me passou uma descompostura?

Sandy parou de andar e sentou-se na cama, ao lado dele.

— Então, vai voltar para o Brasil?

— É o meu lar, Sandy.

— E a moça?

— Teremos dez ou onze filhos. Ainda não decidimos.

— Quanto dinheiro você tem ainda?

— Milhões. Você tem de me tirar daqui, Sandy. Tenho outra vida para viver.

Uma enfermeira entrou rapidamente no quarto, acendeu a luz e disse:

— São onze horas, Patty. Acabou a hora de visitas. — Tocou no ombro dele. — Está bem, queridinho?

— Estou ótimo.

— Precisa de alguma coisa?

— Não, obrigado.

Ela saiu como tinha entrado. Sandy apanhou a pasta.

— Patty? — ele disse.

Patrick deu de ombros.

— Queridinho?

Deu de ombros outra vez.

Sandy lembrou quando chegou na porta.

— Uma pergunta rápida. Quando você tirou o carro da estrada, onde estava Clovis?

— No lugar de sempre. Com o cinto de segurança no banco do passageiro. Com uma garrafa de cerveja entre as pernas. Eu disse adeus. Ele estava sorrindo.

TRINTA E OITO

As dez da manhã em Londres as instruções para a devolução do dinheiro não tinham chegado ainda. Eva saiu do hotel e deu um longo passeio por Piccadilly. Sem destino certo e sem horário, ela caminhou no meio da multidão, olhou as vitrines, apenas aproveitando a vida. Três dias na cela silenciosa tinham refinado sua apreciação pelos sons e as vozes das pessoas que passavam na rua. O almoço foi uma salada quente de queijo de cabra no canto de um pub antigo cheio de gente. Ela absorvia a luz, as vozes alegres das pessoas que não tinham ideia de quem ela era. Sentada no pub, sentia-se mais como Leah Pires do que como Eva Miranda.

Começou a fazer compras em Bond Street, primeiro as coisas de que mais precisava — roupas de baixo e perfumes — mas logo era Armani e Versace e Chanel, sem se importar com o preço. Ela era uma mulher muito rica naquele momento.



Teria sido mais simples, e certamente menos dramático, esperar até as nove horas e dar voz de prisão a todos no escritório. Mas seus hábitos de trabalho eram irregulares e um deles, Rapley, raramente saía de casa.

Preferiam uma incursão ao amanhecer. E daí se isso ia humilhá-los na frente da família? E daí se chamassem a atenção dos vizinhos? Apanhar todos dormindo ou no chuveiro era a melhor tática.

Charles Bogan atendeu a porta de pijama e começou a chorar silenciosamente quando um oficial de justiça, um homem que ele conhecia, tirou as algemas do bolso. Bogan linha perdido a família, portanto, pelo menos foi poupado dessa vergonha.

A mulher de Doug Vitrano atendeu e sua reação imediata foi hostil. Bateu a porta na cara dos dois jovens agentes do FBI, que esperaram pacientemente enquanto ela subia correndo a escada para tirar o marido do chuveiro. Felizmente os filhos dormiam ainda quando eles fizeram Doug entrar no carro, algemado como um criminoso comum, deixando-a no degrau da frente, de camisola, praguejando contra eles e chorando ao mesmo tempo.

Como de hábito, Jimmy Havarac fora para a cama completamente embriagado e de nada adiantou tocar a campainha. Eles ligaram de um telefone celular, no carro, na frente da casa e finalmente ele acordou e foi preso.

Ethan Rapley estava no sótão quando o sol apareceu, trabalhando numa minuta, esquecido do dia ou da hora. Não ouviu nada lá embaixo. Sua mulher acordou com as batidas na porta e subiu a escada para dar a má notícia. Antes, porém, ela escondeu a arma que Rapley guardava numa gaveta da cômoda. Ele a procurou duas vezes enquanto procurava um par de meias. Mas não podia perguntar para a mulher onde estava a arma. Tinha medo de que ela dissesse.

O advogado fundador da firma Bogan fora promovido à magistratura há treze anos. Fora indicado pelo senador Nye e quando deixou a firma, Charles ficou no seu lugar. A firma tinha fortes conexões com os cinco juízes federais na ativa, assim não era surpresa o fato de os telefones estarem tocando antes mesmo de os sócios se reunirem na cadeia. Às oito e meia, foram transportados, em carros separados, para o tribunal federal de Biloxi, para uma audiência arranjada às pressas com o magistrado federal mais próximo.

Cutter ficou irritado com a eficiência e facilidade com que Bogan puxou os cordões. Embora não esperasse que os quatro ficassem na cadeia até o julgamento, não podia aceitara audiência perante um magistrado mal saído da cama. Por isso Cutter informou o jornal local e depois uma estação de TV.

A papelada foi preparada e assinada rapidamente e os quatro saíram do tribunal a pé, sem algemas, livres para caminhar as três quadras até seu escritório. Foram seguidos por um garoto grande, desajeitado, com uma mini câmera, e um repórter jovem e inexperiente que não sabia ao certo do que se tratava mas que ouvira dizer que era coisa grande. Nenhum comentário dos quatro carrancudos. Eles entraram no prédio do escritório no Vieux Marche e trancaram a porta.

Charles Bogan foi direto para o telefone para falar com o senador Nye.



O investigador particular recomendado por Patrick encontrou a mulher em menos de duas horas, usando apenas o telefone. Ela morava em Meridian, duas horas ao norte e a leste de Biloxi. Seu nome era Deena Postell, gerenciava uma delicatessen e trabalhava no caixa de uma loja de conveniência aberta recentemente na periferia da cidade.

Sandy encontrou o endereço e entrou. Fingiu olhar uma prateleira com peito de frango frito e batatas fritas enquanto observava os funcionários muito ocupados atrás do balcão. Uma mulher atarracada e gorda de cabelo branco e voz forte chamou sua atenção. Como todos os funcionários, ela estava com camisa listrada vermelha e branca, e quando chegou mais perto Sandy viu o nome no crachá. Dizia Deena.

Para criar um clima de confiança, ele estava de jeans e blazer azul-marinho, sem gravata.

- Posso ajudá-lo? — ela disse, com um sorriso.

Eram quase dez horas da manhã, cedo demais para batatas fritas.

- Um café grande, por favor — Sandy disse, também com um sorriso e notou o brilho nos olhos dela. Deena gostava de paquerar. Na hora de pagar no caixa, em vez dr dar o dinheiro, Sandy entregou seu cartão.

Ela olhou rapidamente e o deixou cair. Para uma mulher que tinha criado três delinquentes juvenis, uma surpresa desse tipo só podia significar encrenca.

- Um dólar e vinte — ela disse, apertando botões e olhando para o balcão para ver se alguém estava olhando.

- Só tenho boas notícias para você — Sandy disse tirando o dinheiro do bolso.

- O que você quer? — ela disse, quase num murmúrio.

- Dez minutos do seu tempo. Espero numa das mesas.

- Mas o que você quer? — Ela apanhou o dinheiro e depois o troco.

- Por favor. Você vai ficar feliz se me conceder um minuto do seu tempo.

Deena adorava homens e Sandy era bonito, com roupas muito melhores que as dos homens que passavam por ali. Ela olhou para as galinhas girando no espeto, fez mais café, depois disse ao seu supervisor que ia descansar por alguns minutos.

Sandy esperava pacientemente sentado à mesa na pequena seção de refeições, ao lado da geladeira com a cerveja e a máquina de gelo.

- Obrigado — ele disse quando ela sentou.

Deena tinha quarenta e poucos anos, rosto redondo generosamente adornado com maquiagem barata.

- Advogado de Nova Orleans, hem? ela disse.

- Isso mesmo. Suponho que não ouviu falar nem leu sobre o caso do advogado que roubou todo aquele dinheiro e foi encontrado?

Ela estava balançando a cabeça antes de ele acabar de falar.

- Não leio nada, meu bem. Trabalho sessenta horas por semana e tenho dois netos pequenos que moram comigo. Meu marido toma conta deles. Ele é inválido. Problemas nas costas. Eu não leio nada, não assisto nada, não faço nada a não ser trabalhar aqui e trocar fraldas sujas quando chego em casa.

Sandy quase se arrependeu de ter perguntado. Que coisa deprimente!

Contou a história de Patrick do melhor modo possível. Ela achou divertida, mas no fim estava perdendo o interesse.

- Condenem o cara à morte — ela disse, durante uma pausa.

- Ele não matou ninguém.

- Pensei que tivesse dito que tinha um corpo no carro.

- Tinha. Mas já estava morto.

- Ele matou?

- Não. Ele mais ou menos roubou.

- Hum. Escute, tenho de voltar ao trabalho. Se posso perguntar, o que tudo isso tem a ver comigo?

- O corpo que ele queimou era de Clovis Goodman, seu querido e falecido avô.

A cabeça dela girou para a direita.

- Ele queimou Clovis!

Sandy balançou a cabeça afirmativamente.

Deena entrecerrou os olhos tentando organizaras emoções.

- Para quê? — ela perguntou.

- Ele tinha de encenar a própria morte, certo?

- Mas por que Clovis?

- Patrick era seu advogado e seu amigo.

- Um amigo e tanto.

- Sim, escute, não estou tentando ver um sentido em tudo isso. Aconteceu há quatro anos, muito antes de você e eu entrarmos em cena.

Ela tamborilou com uma das mãos enquanto roía as unhas da outra. O homem na sua frente parecia ser um advogado muito esperto; portanto, fingir tristeza com a morte do velho avô talvez não funcionasse. Era tudo muito confuso. Deixe que ele fale mais.

- Estou ouvindo — ela disse.

- É crime mutilar um cadáver.

- Devia ser mesmo.

- É também passível de processo civil. Isso quer dizer que a família de Clovis Goodman pode processar meu cliente por destruir o corpo.

Ah, sim. Ela empertigou o corpo e respirou fundo, depois sorriu e então disse:

- Agora eu compreendo.

Sandy sorriu também.

- Sim, é por isso que estou aqui. Meu cliente gostaria de chegar a um acordo muito discreto com a família de Clovis.

- O que quer dizer com família?

- Esposa ainda viva, filhos e netos.

- Acho que eu sou a família.

- E seu irmão?

- Nada. Luther morreu há dois anos. Drogas e álcool.

- Então, você é a única pessoa com direito a mover uma ação judicial.

- Quanto? — ela perguntou, sem se conter, depois ficou embaraçada.

Sandy se inclinou mais para a frente.

- Estamos dispostos a oferecer vinte e cinco mil dólares. Agora. O cheque está no meu bolso.

Ela estava também se inclinando para ele, quando o dinheiro acertou em cheio e a paralisou. Os olhos se encheram de lágrimas e o lábio inferior tremeu.

- Oh, meu Deus — ela disse.

Sandy olhou em volta.

- Exatamente, vinte e cinco mil dólares.

Ela tirou um guardanapo de papel do suporte de metal e com o movimento derrubou o saleiro. Enxugou os olhos, depois assoou o nariz. Sandy estava ainda olhando em volta, esperando evitar uma cena.

- Todo meu? — ela conseguiu dizer com voz rouca e baixa, a respiração acelerada.

- Todo seu, sim.

Ela enxugou os olhos outra vez. — Preciso de uma Coca-Cola.



Ela tomou uma garrafa grande de refrigerante sem dizer uma palavra. Sandy tomou alguns goles do café horrível e olhou para o movimento na rua. Não tinha pressa.

- O que eu acho — ela disse finalmente, com os olhos secos — é que se você entra aqui e oferece vinte e cinco mil dólares logo de cara, isso significa que está disposto a pagar mais.

- Não estou em posição de negociar.

- Se eu processar, não vai ser bom para seu cliente, sabe o que quero dizer? O júri vai olhar para mim e dizer, pense no pobre e velho Clovis queimado para que seu cliente pudesse roubar noventa milhões de dólares.

Sandy tomou mais café e balançou a cabeça afirmativamente. Tinha de admirar a mulher.

- Se eu arranjar um advogado, provavelmente posso conseguir muito mais.

- Talvez, mas pode levar cinco anos. Além disso vai ter problemas.

- Por exemplo? — ela perguntou.

- Você não era muito chegada ao Clovis.

- Talvez fosse.

- Então, porque não foi ao enterro? Vai ser difícil convencer o júri. Escute, Deena, estou aqui pronto para fazer um acordo. Se não quer, entro no meu carro

e volto para Nova Orleans.

- Qual é a sua maior oferta?

- Cinquenta mil.

- Fechado. — Estendeu a mão gorducha úmida ainda da garrafa de refrigerante e apertou a dele.

Sandy tirou um cheque em branco do bolso e preencheu. Tirou também da pasta dois documentos, o acordo e a carta de Deena para o promotor.

A operação toda durou menos de dez minutos.



Finalmente começou o movimento no canal em Boca. A senhora sueca foi vista atirando as malas apressadamente na mala do BMW de Benny. Ela saiu rapidamente com o carro. Eles a seguiram até o aeroporto internacional de Miami, onde ela esperou duas horas pelo avião para Frankfurt.

Eles estariam esperando em Frankfurt. Iam vigiá-la pacientemente até a mulher cometer um erro. Então encontrariam o sr. Aricia.

TRINTA E NOVE

O último ato oficial do juiz que presidia o caso foi uma audiência extraordinária de natureza indeterminada, na sua sala e sem a presença do advogado do acusado. Nem do promotor. O encontro não constaria dos autos. Patrick foi levado rapidamente para os fundos do tribunal por três homens, subiu a escada e entrou discretamente na sala de Huskey, onde o meritíssimo o esperava com um terno comum. Não havia nenhum julgamento em sessão e se fosse um dia comum, o tribunal estaria silencioso. Mas quatro advogados proeminentes tinham sido presos naquela manhã e os rumores ricocheteavam nas paredes a toda velocidade.

Os ferimentos de Patrick estavam ainda com curativos e o impediam de usar roupas justas. A roupa de cirurgião verde clara era confortável e folgada e também servia para lembrar de que ele estava hospitalizado, não preso como um criminoso.

Quando ficaram sozinhos com a porta trancada, Karl entregou a ele uma única folha de papel.

— Dê uma olhada nisto.

Era uma ordem de um só parágrafo, assinada pelo juiz Karl Huskey, na qual, de acordo com sua própria moção, se retirava do caso *Estado vs. Patrick Lanigan.* A ordem entrara em vigor há uma hora.

— Passei duas horas com o juiz Trussel esta manhã. Ele acaba de sair daqui.

— Ele vai me tratar bem?

— Do modo mais justo possível. Eu disse a ele que, na minha opinião, não se trata de um julgamento de homicídio doloso. Ele ficou aliviado.

— Não vai haver julgamento, Karl.

Patrick olhou para o calendário na parede, o mesmo tipo que Karl sempre usava. Cada dia do mês de outubro tinha mais audiências e julgamentos do que cinco juízes podiam dar conta.

— Você ainda não comprou um computador? — ele perguntou.

— Minha secretária usa um.

Tinham se conhecido naquela sala, há muitos anos, quando Patrick era um jovem advogado representando uma família devastada por um acidente de carro. Karl estava presidindo o julgamento que durou três dias e os dois ficaram amigos. O júri concedera à cliente de Patrick dois milhões c trezentos mil dólares, na época um dos maiores vereditos da Costa. Contra a vontade de Patrick, a firma Bogan concordou em fazer um acordo por dois milhões de

dólares durante a apelação. Os advogados ficaram com um terço, e depois que a firma pagou todas as dívidas e fez algumas compras, o que sobrou foi dividido por quatro. Patrick não era sócio ainda. Relutantemente deram a ele uma bonificação de vinte e cinco mil dólares.

Foi o julgamento no qual Clovis Goodman foi a estrela.

Patrick arrancou um pedaço de papel de parede que estava solto. Examinou uma mancha de infiltração no teto.

— Não pode pedir ao condado para pintar esta sala? Não mudou nada em quatro anos.

— Vou me aposentar dentro de dois meses. Para que me incomodar com isso?

— Lembra do julgamento Hoover? Meu primeiro no seu tribunal e meu melhor desempenho como advogado de defesa.

— É claro. — Karl cruzou os pés sobre a mesa e as mãos na nuca.

Patrick contou a história de Clovis.



Uma batida firme na porta interrompeu a narrativa quase no fim. O almoço tinha chegado e não podia esperar. Um policial entrou com a caixa de papelão e o aroma encheu a sala. Patrick ficou perto da mesa enquanto ela era aberta. Quiabo com patas de caranguejo.

— É do Mahoney's — Karl disse. — Foi Bob quem mandou. Mandou também um abraço.

Mary Mahoney's era mais do que um bar das tardes de sexta-feira para advogados e juízes. Era o restaurante mais antigo da Costa, com comida deliciosa e quiabos lendários.

— Diga a ele que eu também mando um abraço. — Patrick apanhou uma pata de caranguejo. — Quero comer lá muito em breve.

Ao meio-dia em ponto, Karl ligou a pequena televisão instalada no centro de um conjunto de estantes de livros e assistiram sem comentários à cobertura frenética das prisões. Um bando silencioso. Nenhum comentário de pessoa alguma, certamente não dos advogados. Sua porta estava trancada. Surpreendentemente Maurice Mast não tinha nada a dizer. Nem o FBI. Nada importante, por isso a repórter fez o que fora treinada para fazer. Passou para fofocas e rumores e foi aí que Patrick entrou em cena. Fontes não confirmadas disseram a ela que as prisões eram parte de uma investigação muito mais ampla

do caso Lanigan, e para provar isso ela passou um filme de Patrick entrando no tribunal de Biloxi. Outro apresentador apareceu na tela informando em voz muito baixa que ele estava no gabinete do senador Harris Nye, primo em primeiro grau de Charles Bogan, para o caso de alguém não ter ligado os nomes aos fatos. O senador estava em Kuala Lumpur numa missão comercial para trazer mais empregos de salário mínimo para o Mississippi e, portanto, não acessível à imprensa. As oito pessoas no gabinete do senador não sabiam nada de nada, portanto nada tinham para dizer.

A reportagem prosseguiu sem interrupção por dez minutos.

— Por que você está sorrindo? — Karl perguntou.

— É um dia maravilhoso. Só espero que eles tenham coragem para pegar o senador.

— Ouvi dizer que os federais retiraram todas as acusações contra você.

— Exatamente. Eu testemunhei perante o grande júri ontem. Foi divertido, Karl, poder finalmente me desfazer de toda aquela bagagem que guardei em segredo durante quatro anos.

Patrick tinha parado de comer para ouvir a reportagem na televisão e de repente perdeu o apetite. Karl notou que Patrick comeu apenas duas patas de caranguejo e mal tocou no quiabo.

— Coma. Você parece um esqueleto.

Patrick apanhou um biscoito e foi até a janela.

— Então, vamos ver se eu entendi bem — Karl disse. — O divórcio está resolvido. Os federais retiraram as acusações e você concordou em devolver os noventa milhões, mais uma pequena taxa de juros.

— Um total de cento e treze.

— A acusação de homicídio não procede porque não há nenhum crime. O estado não pode acusá-lo de roubo porque os federais já fizeram isso. Os processos das empresas de seguros foram suspensos. Pepper ainda está vivo, em algum lugar. Clovis tomou o lugar dele. Sobra apenas uma insignificante acusação de violação de túmulo.

— Um momento. O nome é destruição de cadáver, se quiser verificar no código penal. A esta altura você já devia saber dessas coisas.

— Certo, delito grave, se não me engano.

— Não muito grave.

Karl mexeu no quiabo com o garfo olhando para o amigo magérrimo perto da janela, comendo um biscoito, sem dúvida planejando sua próxima manobra.

— Posso ir com você? — ele perguntou.

— Para onde?

— Para onde quer que esteja indo. Você sai daqui, encontra a moça, pega a

bolada, vai para a praia morar num iate. Eu gostaria de ir atrás só pelo passeio.

— Ainda não estou lá.

— Está chegando mais perto a cada dia.

Karl desligou a televisão e tirou os pés da mesa.

— Falta uma coisa que eu gostaria de saber — ele disse. — Clovis morreu, foi enterrado, ou não foi enterrado. Mas o que aconteceu entre uma coisa e outra?

Patrick riu e disse:

— Você gosta dos detalhes, não é?

— Sou juiz. Os fatos são importantes.

Patrick sentou-se e descansou os pés descalços na mesa.

— Eu quase fui apanhado. Não é fácil roubar um cadáver, sabia?

— Acredito na sua palavra.

— Eu tinha insistido para que Clovis providenciasse o próprio funeral quando estava vivo. Acrescentei até uma cláusula ao testamento com orientação para o agente funerário — caixão fechado, nada de visitas, nada de música, velório de uma noite, um caixão simples de madeira e um serviço religioso simples ao lado do túmulo.

— Um caixão de madeira?

— Isso mesmo. Clovis era muito ligado nesse negócio de pó para o pó. Caixão barato de madeira, sem câmara mortuária. Foi como o avô dele foi enterrado. Eu estava no hospital quando ele morreu e esperei a chegada do agente funerário de Wiggins com o carro fúnebre. O nome dele era Rolland, um tipo e tanto. É dono da única agência funerária da cidade. Terno preto, todo o aparato de costume. Dei a ele uma cópia das instruções de Clovis. O testamento me dava autoridade para fazer o que precisava ser feito e Rolland não se importou. Eram mais ou menos três horas da tarde. Rolland disse que ia embalsamar o corpo dentro de poucas horas. Perguntou se Clovis tinha um terno para ser enterrado. Não tínhamos pensado nisso. Eu disse que não, que nunca tinha visto Clovis com um terno. Rolland disse que tinha alguns sobrando e ia providenciar. “Clovis queria ser enterrado na sua fazenda, mas eu expliquei que no Mississippi isso não era permitido. Tinha de ser num cemitério. O avô dele lutou na Guerra Civil e segundo Clovis foi um herói e tanto. Quando Clovis tinha sete anos, o avô morreu e tiveram um daqueles velórios à moda antiga que durou três dias. Puseram o avô num caixão em cima da mesa na sala de estar e as pessoas passavam e olhavam para ele. Clovis gostou daquilo, estava resolvido a fazer algo parecido. Me fez jurar que faria um pequeno velório para ele. Expliquei isso para Rolland. Ele disse alguma coisa sobre já ter visto de tudo. Não foi surpresa para ele.

“Quando a noite caiu, eu estava sentado na varanda da casa de Clovis quando o carro da funerária chegou. Ajudei Rolland a empurrar o caixão na maca com rodas. Nós carregamos com os braços para subir os degraus da frente, passamos pela varanda, levamos para a sala e pusemos na frente da televisão. Lembro de ter pensado como estava leve. Clovis estava pesando cinquenta quilos.”

— Você está sozinho aqui? — Rolland perguntou, olhando em volta.

— Sim. É um velório pequeno.

— Pedi que ele abrisse o caixão. Rolland hesitou e eu disse que tinha esquecido de algumas lembranças da Guerra Civil que Clovis queria levar com ele. Rolland abriu o caixão com sua chave de igreja, uma pequena chave inglesa que abre qualquer caixão do mundo. Clovis não tinha mudado nada. Ajeitei o boné da infantaria do avô na altura da cintura dele e a bandeira rasgada do sétimo regimento do Mississippi, Rolland fechou o caixão e foi embora.

“Não apareceu ninguém para o velório. Nem uma alma. À meia-noite apaguei as luzes e tranquei as portas. Chaves de igreja não passam de chaves Allen e eu tinha comprado um conjunto completo. Em menos de um minuto o caixão estava aberto. Tirei Clovis, ele estava leve, duro como uma tábua e sem sapatos. Eu o deitei delicadamente no sofá, depois o substitui por quatro tijolos de concreto e fechei o caixão.

“Clovis e eu fomos de carro para a minha cabana de caçador. Ele estava deitado no banco de trás e eu dirigindo com todo cuidado. Seria difícil explicar as coisas para um patrulheiro na estrada.

“Um mês antes eu tinha comprado um velho freezer que deixei na varanda fechada com tela, da cabana. Acabava de ajeitar Clovis no freezer quando ouvi um barulho lá fora. Era Pepper, caminhando sorrateiramente para a cabana. Duas horas da manhã e Pepper me encontrou na cabana. Eu disse que tinha brigado com minha mulher e que estava de péssimo humor e pedi que ele fosse embora. Acho que ele não me viu lutando para subir os degraus da cabine com Clovis. Tranquei o freezer com correntes e cadeados, mais uma fita adesiva por cima e algumas caixas velhas. Esperei até o dia nascer porque Pepper estava em algum lugar lá fora. Então saí, voltei para casa, troquei de roupa e estava de volta ao velório às dez. Rolland chegou muito alegre e perguntou como tinha sido o velório. Perfeito, eu disse. Depois puxamos e empurramos o caixão para dentro do carro e fomos para o cemitério. ”

Karl ouvia com os olhos fechados, um leve sorriso, balançando a cabeça devagar, incrédulo.

— Seu filho da mãe esperto — disse quase para si mesmo.

— Obrigado. Na sexta-feira à tarde, fui para a cabana passar o fim de semana. Trabalhei numa minuta, procurei perus selvagens com Pepper e

verifiquei o velho Clovis que parecia estar descansando confortavelmente. Domingo de manhã, saí antes do sol e levei a moto e a gasolina para o lugar escolhido. Quando escureceu, tirei Clovis do freezer e o sentei perto da lareira para descongelar; depois, mais ou menos às dez horas, eu o fechei na mala do carro. Uma hora depois eu estava morto.

— Sem remorso?

— É claro que sim. Foi uma coisa terrível. Mas eu estava resolvido a desaparecer, Karl, e tinha de arranjar um meio. Não podia matar ninguém, mas precisava de um corpo. Na verdade, faz sentido.

— Perfeitamente lógico.

— E quando Clovis morreu, chegou minha hora de ir embora. Em grande parte, tive muita sorte. Muita coisa podia sair errada.

— Sua sorte continua.

— Até agora.

Karl consultou o relógio e comeu outra pata de caranguejo.

— Quanto disso eu conto para o juiz Trussel?

— Tudo, menos o nome de Clovis. Vamos deixar isso para depois.

QUARENTA

Patrick sentou-se à cabeceira da mesa. Não havia nada na sua frente, mas na frente de Sandy, à sua direita, estavam várias pastas e uma pequena pilha de blocos de anotações, como armas dispostas para a batalha. À sua esquerda estava T. L. Parrish, só com um bloco mas também armado com um gravador grande, cujo uso Patrick tinha permitido. Nada de sócios ou assistentes para complicar as coisas, mas uma vez que todo bom advogado precisa de provas, eles concordaram em gravar.

Agora que as acusações federais não mais existiam, a pressão era sobre o estado para fazer justiça. Parrish sentia a pressão. Os federais tinham jogado o acusado no seu colo e saíram atrás do senador, atrás de peixes maiores. Mas esse acusado tinha novidades para acrescentar à sua história e Parrish estava agora à mercê dele.

— Pode esquecer a acusação de homicídio, Terry — Patrick disse. Embora todos o chamassem de Terry, era irritante vindo de um acusado que ele mal conhecera antes de tudo acontecer. — Eu não matei ninguém.

— Quem foi queimado no carro?

— Uma pessoa que estava morta há quatro dias.

— Alguém que nós conhecemos?

— Não. Era uma pessoa velha que ninguém conhecia.

— Como essa pessoa velha morreu?

— De velhice.

— Onde essa pessoa velha morreu de velhice?

— Aqui, no Mississippi.

Parrish desenhava linhas e quadrados no bloco de anotações. A porta se abrira quando os federais saíram do caso. Patrick estava quase saindo sem correntes, sem algemas. Aparentemente nada podia detê-lo.

— Então você queimou um cadáver?

— Exatamente.

— Não temos uma lei para isso?

Sandy empurrou um papel sobre a mesa. Parrish leu rapidamente e disse:

— Perdoe-me. Não é uma coisa que vemos todos os dias.

— É tudo que vocês têm, Terry — Patrick disse, com a fria confiança de quem planejou tudo durante anos.

T. L. estava convencido, mas nenhum promotor desistia com tanta facilidade.

— Parece um ano de prisão — ele disse. — Um ano na Parchman ia fazer

muito bem a você.

— Claro, mas acontece que não vou para a Parchman.

— Para onde pretende ir?

— Para outro lugar. E vou viajar com passagem de primeira classe.

— Mais devagar. Nós temos um cadáver.

— Não, Terry. Vocês não têm um cadáver. Não têm nenhuma pista da identidade de quem foi cremado e não vou dizer enquanto não fizermos o acordo.

— E qual seria esse acordo?

— Retire as acusações. Desista. Os dois lados fazem as malas e vão para casa.

— Ah, isso seria maravilhoso. Nós pegamos o ladrão de banco, ele devolve o dinheiro, retiramos as acusações e acenamos adeus para ele. Isso seria enviar a mensagem certa para os outros quatrocentos acusados que tenho em custódia e indiciados. Tenho certeza de que os advogados deles vão compreender. Uma verdadeira injeção de ânimo para a lei e a ordem.

— Pouco me importo com os outros quatrocentos e eles certamente pouco se importam comigo. Isto é um processo criminal, Jerry. É cada um por si.

— Mas nem todos estão na primeira página.

— Ah, compreendo. Está preocupado com a imprensa. Quando é a reeleição? No ano que vem?

— Nenhuma objeção. Não estou preocupado com a imprensa.

— Claro que está. Você é um funcionário público. Seu trabalho é se preocupar com a imprensa, e exatamente por isso deve retirar as acusações contra mim. Você não pode ganhar. Está preocupado com a primeira página? Imagine sua foto quando perder.

— A família da vítima não quer processar — Sandy disse. — E a família está disposta a tornar pública sua vontade. — Sacudiu uma folha de papel. A mensagem foi dada: nós temos a prova, nós temos a família, nós sabemos quem eles são e vocês não sabem.

— Isso vai ficar muito bem na primeira página — Patrick disse. — A família pedindo a você para não me processar.

Parrish ia perguntar: quanto vocês pagaram, mas não perguntou. Não era relevante. Mais rabiscos no bloco de anotações. Mais avaliação das opções cada vez em menor número enquanto o gravador capturava o silêncio.

Com o oponente nas cordas, Patrick se preparou para o nocaute.

— Escute, Terry — ele disse com sinceridade. — Não pode me processar por homicídio. Isso já acabou. Não pode me processar por mutilação de cadáver porque não sabe quem foi mutilado. Não tem coisa alguma. Sei que é difícil

engolir isso, mas você não pode mudar os fatos. Vai ter de aguentar um pouco a pressão, mas, que diabo, faz parte da sua profissão.

— Ora, muito obrigado. Escute, posso indiciá-lo por mutilação de cadáver. Vamos chamá-lo de Ilustre Desconhecido.

— Por que não Ilustre Desconhecida? — Sandy perguntou.

— Tanto faz. E vamos verificar os registros de todos os velhos que morreram no começo de fevereiro de 1992. Localizaremos as famílias para verificar se falaram com vocês. Podemos até conseguir uma ordem judicial, abrir alguns túmulos. Não teremos pressa. Enquanto isso, você é transferido para a cadeia do condado de Harrison, onde, tenho certeza, o xerife Sweeney vai se convencer da necessidade de dar a você alguns companheiros de cela. Nenhum juiz vai conceder fiança devido à sua propensão para fugir e desaparecer. Meses se passarão. Chega o verão. A cela não tem ar-condicionado. Você perde mais alguns quilos. Continuamos procurando e com um pouco de sorte encontraremos um túmulo vazio. E exatamente dentro de nove meses, duzentos e setenta dias depois da acusação formal, vamos a julgamento.

— Como vai provar que eu sou culpado? Não há testemunhas, nada a não ser provas circunstanciais.

— Não vai ser fácil. Mas você não está compreendendo minha intenção. Se procuro atrasar a acusação formal, posso acrescentar meses à sua sentença. Vai passar quase um ano atrás das grades antes do julgamento. É um longo tempo para um homem com tanto dinheiro.

— Posso aguentar. — Patrick olhou nos olhos de Parrish, esperando não piscar primeiro.

— Talvez, mas não pode correr o risco de ser condenado.

— Qual é o fim da história? — Sandy perguntou.

— Deve ver o quadro todo — Parrish disse, abrindo as mãos acima da cabeça. — Não pode nos fazer de tolos, Patrick. Os federais bateram em retirada. Não restou muita coisa para o estado. Dê-nos mais um furo para o nosso cinto, qualquer coisa.

— Posso dar a vocês uma condenação. Entro no tribunal, enfrento o juiz, ouço sua arenga e me declaro culpado da acusação de mutilação de cadáver. Mas não passo nem um dia na prisão. Você pode explicar para o juiz que a família não quer me processar. Pode recomendar suspensão da sentença, da condicional, das multas, da restituição, crédito por tempo cumprido. Pode falar sobre a tortura e sobre tudo que passei. Pode fazer tudo isso, Parrish, e vai ser muito bom para a sua imagem. O resultado final é este: nada de prisão.

Parrish tamborilou na mesa, pensando no assunto.

— E você revela o nome da vítima?

— Sim, mas só depois do acordo.

— Temos autorização da família para abrir o caixão — Sandy disse, sacudindo outro documento rapidamente, antes de guardar outra vez na pasta.

— Estou com pressa, Terry. Tenho de ir a muitos lugares.

— Preciso falar com Trussel. Ele tem de aprovar, você sabe.

— Vai aprovar — Patrick disse.

— O acordo está fechado? — Sandy perguntou.

— No que me diz respeito, está — Parrish disse, e desligou o gravador. Recolheu suas armas e guardou na pasta. Patrick piscou para Sandy.

— Ah, a propósito — Parrish disse, levantando. — Quase me esqueci. O que pode nos dizer sobre Pepper Scarboro?

— Posso dar seu novo nome e o número do seu seguro social.

— Então ele ainda está entre nós?

— Está. Podem localizá-lo, mas não podem perturbá-lo. Ele não fez nada de errado.

O promotor saiu da sala sem dizer mais nada.



Tinha hora marcada às duas horas com um vice-presidente do DeutscheBank, filial de Londres. Ele era alemão, seu inglês era perfeito, vestia um terno jaquetão de corte impecável, azul-marinho, tinha modos rígidos e sorriso fixo. Olhou por uma fração de segundo para as pernas dela e começou a tratar de negócios. A ordem do seu banco, filial de Zurique, seria de cento e treze milhões de dólares, enviados imediatamente para o AmericaBank, filial de Washington. Chá e biscoitos foram servidos e ele pediu licença para uma conversa particular com Zurique.

— Nenhum problema, sra. Pires — ele disse quando voltou, com um sorriso amável, servindo-se de um biscoito. Certamente ela não esperava nenhum problema.

O computador zumbiu com discreta eficiência e apareceu folha impressa que o banqueiro entregou para ela. Depois da retirada, o saldo no DeutscheBank seria de um milhão e novecentos mil dólares, mais alguns trocados. Ela dobrou o papel e guardou na bolsa Chanel, nova e elegante.

Outra conta suíça tinha um saldo de seis milhões e quinhentos mil dólares. Um corretor nas Bermudas estava investindo mais de quatro milhões para eles e sete milhões e duzentos mil dólares estavam em Luxemburgo, mas prestes a serem transferidos.

Concluída a transação, ela saiu do banco e entrou no carro com motorista

estacionado ali perto. Ia telefonar para Sandy para informar seus movimentos seguintes.



A aventura de Benny como fugitivo dos federais durou pouco. Sua namorada passou a noite em Frankfurt, depois voou para Londres, descendo em Heathrow mais ou menos ao meio-dia. Como eles sabiam que ela ia chegar, os funcionários da alfândega verificaram com muita atenção seu passaporte e pediram para ela esperar. A mulher estava com óculos escuros e suas mãos tremiam. Tudo foi captado no vídeo.

No ponto de táxi, ela foi detida, sem saber, por um policial que parecia ser encarregado de assobiar para chamar os táxis. Ele pediu para ela esperar perto de duas outras senhoras, enquanto ele coordenava o trânsito. Seu motorista era um taxista de verdade, mas há poucos segundos instruído pelos federais que lhe deram um pequeno rádio.

— Athenaeum Hotel em Piccadilly — ela disse.

O táxi saiu do terminal para o trânsito intenso e ele calmamente informou pelo rádio para onde estavam indo.

Ele não se apressou. Uma hora e meia depois, a deixou na porta do hotel. Ela esperou outra vez na recepção. O assistente do gerente pediu desculpas pela demora, mas o computador eslava fora de operação no momento.

Quando foi informado de que o telefone no quarto dela estava devidamente grampeado, ela recebeu a chave e o funcionário da portaria a levou para cima. Ela deu uma pequena gorjeta para o homem, trancou a porta, passou a corrente de segurança e foi direto para o telefone.

As primeiras palavras que eles ouviram, foram:

— Benny, sou eu. Estou aqui.

— Graças a Deus — Benny disse. — Você está bem?

— Estou bem. Só com medo.

— Alguém a seguiu?

— Não. Acho que não. Eu tive muito cuidado.

— Ótimo. Escute, há um pequeno bar na rua Brick, perto da Down, a duas quadras do seu hotel. Encontre-me lá dentro de uma hora.

— Tudo bem. Estou com medo, Benny.

— Tudo está bem, querida. Estou ansioso para vê-la.

Benny não estava no bar quando ela chegou. No fim de uma hora, ela entrou em pânico e voltou correndo para o hotel. Ele não telefonou e ela não dormiu.

Na manhã seguinte, ela apanhou os jornais da manhã no saguão e leu

enquanto tomava café. Finalmente, numa página do meio do *Daily Mall*, encontrou uma pequena notícia de dois parágrafos sobre a captura de um fugitivo americano chamado Benjamin Aricia.

Ela fez as malas e reservou passagem de avião para a Suécia.

QUARENTA E UM

Com o juiz Karl Huskey cochichando no ouvido do seu colega juiz Henry Trussel, foi determinado que o caso Lanigan teria precedência até ser arquivado. Rumores de um acordo flutuavam na comunidade jurídica de Biloxi, rumores seguidos de mais rumores sobre a pobre firma Bogan. Na verdade, não se falava em outra coisa no prédio do tribunal.

Trussel começou o dia convocando T. L. Parrish e Sandy McDermott para uma rápida revisão dos acontecimentos, que acabou durando horas. Patrick tomou parte na conversa em três ocasiões, através do telefone celular do dr. Hayani. Paciente e médico jogavam xadrez na lanchonete do hospital.

— Não acho que ele possa ir para a prisão — Trussel murmurou depois da segunda conversa com Patrick. Evidentemente, o juiz relutava em deixar que Patrick se livrasse tão facilmente, mas não tinham bases suficientes para uma condenação. Com sua agenda repleta de traficantes e molestadores de crianças, não ia perder tempo com um destruidor de cadáver tão célebre. Todas as provas eram circunstanciais, e dada a fama de Patrick de planejar tudo meticulosamente, Trussel duvidava da possibilidade de uma condenação.

Os termos do acordo entre acusado e promotor foram redigidos apressadamente. Começavam com uma moção conjunta para reduzir as acusações contra Patrick. Depois, foi preparada uma ordem de comum acordo para substituir as acusações por outras, seguida por outra ordem de comum acordo aceitando a declaração de culpa. Durante a primeira reunião Trussell falou por telefone com o xerife Sweeney, Maurice Mast, Joshua Cutter e Hamilton Jaynes em Washington. Conversou também duas vezes com Karl Huskey, que estava na sala ao lado, para o caso de precisarem dele.

Os dois juízes e Parrish dependiam dos números de votos, a cada dois anos, na eleição geral. Trussel nunca tivera um oponente e se considerava politicamente imune. Huskey estava se aposentando. Parrish era ainda vulnerável, embora, como bom político, apresentasse a fachada tradicional das decisões difíceis sem se importar com a reação do público. Os três estavam na política há muito tempo e cada um aprendeu uma lição básica: quando tiver de enfrentar uma ação que possa ser impopular, aja rapidamente. Acabe logo com o caso. A hesitação provoca um superdimensionamento do caso. A imprensa o toma nas mãos, cria controvérsias antes da ação e certamente joga lenha na fogueira depois.

O caso Clovis era simples, depois que Patrick o explicou para todos. Ele

diria o nome da vítima e a autorização da família para abrir o caixão. Se estivesse de fato vazio, então o acordo estaria completo. Uma vez que haveria dúvida enquanto o túmulo não fosse aberto, se por acaso o caixão não estivesse vazio, então o acordo ficaria sem efeito e Patrick teria de enfrentar as acusações de homicídio. Patrick parecia muito confiante quando falava na vítima, e todos acreditavam sem a menor dúvida de que o caixão estaria vazio.

Sandy foi ao hospital. Seu cliente estava na cama, rodeado de enfermeiras enquanto o dr. Hayani limpava e fazia curativo nas queimaduras. Era urgente, Sandy disse, e Patrick desculpou-se e pediu que todos se retirassem. Sozinhos, examinaram cada moção e cada ordem, leram cada palavra em voz alta, e então Patrick assinou sua aprovação.

Sandy viu uma caixa de papelão no chão, ao lado da mesa de trabalho de Patrick. Dentro dela estavam alguns dos livros que tinha emprestado ao seu cliente. O cliente já estava fazendo as malas.

Para Sandy, o almoço foi um sanduíche rápido na suíte do hotel, de pé, atrás da secretária que estava redigitando o documento. Os dois paralegais e outra secretária tinham voltado para o escritório em Nova Orleans.

O telefone tocou e Sandy atendeu. O homem no outro lado da linha identificou-se como Jack Stephano, de Washington, D. C. Talvez Sandy já tivesse ouvido falar dele. Sim, Sandy sabia quem ele era. Stephano estava no saguão e gostaria de falar com ele por alguns minutos. Certamente. Trussel pedira aos advogados para voltar mais ou menos às duas horas.

Sentaram na saleta um de cada lado da mesa de centro.

— Estou aqui por curiosidade — Stephano disse e Sandy não acreditou.

— Não acha que devia começar com um pedido de desculpas? — Sandy perguntou.

— Sim, tem razão. Meus homens se entusiasmaram demais e, bem, não deviam ter sido tão duros com seu garoto.

— Essa é a sua ideia de se desculpar?

— Sinto muito. Nós erramos. — Não havia sinceridade nas palavras.

Vou transmitir isso ao meu cliente. Tenho certeza de que vai significar muito para ele.

— Sim, bem, continuando, é claro que não tenho mais nem um coringa neste jogo. Minha mulher e eu estamos a caminho da Flórida para umas férias e eu fiz questão de passar por aqui. Não vou demorar mais de um minuto.

— Eles apanharam Aricia? Sandy perguntou.

— Sim. Há poucas horas. Em Londres.

— Ótimo.

— Eu não o represento mais e não tive nada a ver com aquele negócio da

Platt & Rockland. Fui contratado depois que o dinheiro desapareceu. Minha tarefa era encontrá-lo. Eu tentei, fui pago, fechei o arquivo.

— Então, por que esta visita?

— Estou muito curioso sobre uma coisa. Encontramos Lanigan no Brasil só depois que alguém o denunciou. Alguém que o conhecia muito bem. Há dois anos fomos procurados por uma firma de Atlanta chamada Grupo Plutão. Tinham um cliente na Europa que sabia alguma coisa sobre Lanigan e esse cliente queria dinheiro. Acontece que tínhamos algum dinheiro na ocasião e assim nosso relacionamento se desenvolveu. O cliente oferecia uma pista, nós concordávamos em pagar uma recompensa, o dinheiro mudava de mãos e o cliente sempre estava certo. Essa pessoa sabia muita coisa sobre Lanigan — seus movimentos, seus hábitos, os nomes que usava. Foi tudo uma armadilha — havia um cérebro orientando a operação toda. Sabíamos o que ia acontecer e, francamente, estávamos bastante ansiosos. Finalmente, eles apresentaram a oferta final. Por um milhão de dólares, o cliente nos diria onde ele estava morando. Mostraram algumas fotos muito boas de Lanigan, uma lavando o carro, um Fusca. Pagamos o milhão. Pegamos Lanigan.

— Então, quem era o cliente? — perguntou Sandy.

— Essa é a minha pergunta. Só podia ser a moça, certo?

A reação de Sandy foi um pouco retardada. Ele rosnou, como se fosse rir, mas não era nada engraçado. Lembrou então da história contada por ela de ter contratado a Plutão para monitorar Stephano, que é claro, estava procurando Patrick.

— Onde ela está agora? — Stephano perguntou.

— Eu não sei — Sandy disse. Ela estava em Londres mas certamente não era da conta dele.

— Nós pagamos um total de um milhão, cento e cinquenta mil dólares para o cliente misterioso e ela, ou ele, entregou a mercadoria. Exatamente como Judas.

— Já acabou. O que você quer de mim?

— Como eu disse, só estou curioso. Se algum dia você souber a verdade, gostaria que me telefonasse. Não tenho nada a ganhar nem a perder, mas não descansarei enquanto não souber quem ficou com o nosso dinheiro.

Sandy fez uma promessa vaga de talvez algum dia telefonai se descobrisse a verdade e Stephano foi embora.



O xerife Raymond Sweeney ficou sabendo do acordo durante o almoço e não

gostou nem um pouco. Telefonou para Parrish e para o juiz Trussel, mas os dois estavam ocupados demais para falar com ele. Cutter não estava no escritório.

Sweeney foi ao tribunal para que todos o vissem. Parou no corredor na frente do gabinete do juiz, de modo que, se fosse feito um acordo, ele estaria no meio dele. Conversou em voz baixa com meirinhos e policiais. Alguma coisa estava para acontecer.

Os advogados apareceram por volta das duas horas, muito sérios e solenes. Reuniram-se no gabinete de Trussel a portas fechadas. Depois de dez minutos, Sweeney bateu na porta. Invadiu a reunião exigindo saber o que estava acontecendo com seu prisioneiro. O juiz Trussel calmamente explicou que logo ele ia se declarar culpado, como resultado de um acordo com a promotoria que, na sua opinião e na de todos os presentes, era no melhor interesse da justiça.

Sweeney tinha sua opinião que se apressou em revelar.

— Isso nos faz parecer uns tolos. O povo lá fora está protestando. Vocês pegam um ladrão e ele paga seu caminho para a liberdade. O que nós somos, um bando de palhaços?

— O que você sugere, Raymond? — Parrish indagou.

— Ainda bem que perguntou. Primeiro, eu o deixaria na cadeia do condado por algum tempo, como todos os prisioneiros. Depois, eu o processaria com o maior rigor possível.

— Por qual crime?

— Ele roubou o maldito dinheiro, não roubou? Ele queimou um cadáver. Deixem o homem cumprir dez anos na Parchman. Isso é justiça.

— Ele não roubou o dinheiro aqui — Trussel explicou. — Não temos jurisdição. Foi um caso federal e os federais já retiraram as acusações.

Sandy estava num canto, lendo atentamente um documento.

— Então alguém meteu os pés pelas mãos, certo?

— Não fomos nós — Parrish disse, rapidamente.

— Isso é formidável. Vá vender essa história para as pessoas que o elegeram. Ponha a culpa nos federais porque eles não são candidatos a nada. E o que me dizem do corpo queimado? Ele sai livre depois de admitir isso?

— Você acha que devemos processá-lo? -Trussel perguntou.

— Pode estar certo que sim.

— Ótimo. Como acha que podemos provar sua culpa?

— Você é o promotor. É seu trabalho.

— Certo, mas você parece que sabe tudo. Diga-me, como você provaria o caso?

— Ele disse que fez, não disse?

— É, disse, e você acha que Patrick Lanigan vai testemunhar no próprio

julgamento por crime e confessar ao júri que queimou um cadáver? É essa a sua ideia de estratégia legal?

O rosto e o pescoço de Sweeney estavam vermelhos e ele balançava os braços em todas as direções. Olhou furioso para Parrish, depois para Sandy.

Quando percebeu que todos aqueles advogados tinham todas as respostas, resolveu se controlar.

— Quando isso vai acontecer? — ele perguntou.

— No fim da tarde — Trussel disse.

Sweeney não gostou disso também. Enfiou as mãos nos bolsos e caminhou para a porta.

— Vocês, advogados, sabem tomar conta uns dos outros — ele disse para que todos pudessem ouvir.

— Uma grande família feliz — Parrish disse, com sarcasmo pesado.

Sweeney bateu a porta e seguiu pelo corredor, bufando. Saiu do prédio no seu carro sem nenhuma insígnia. Telefonou do carro para seu informante pessoal, um repórter do jornal diário da Costa.



Uma vez que tinham aprovação irrestrita da família e de Patrick, o inventariante do espólio, a abertura do túmulo foi uma operação simples. O juiz Trussel, Parrish e Sandy não deixaram de notar a ironia no fato de Patrick, o único amigo de Clovis, assinar um documento juramentado dando permissão para abrir o caixão para que Patrick fosse inocentado. Cada decisão parecia fundada na ironia.

Era muito diferente de uma exumação, um procedimento que exigia ordem judicial, depois da moção adequada e às vezes até um depoimento. Era simplesmente uma verificação, um procedimento desconhecido do código do Mississippi, portanto o juiz Trussel se permitiu grande latitude com a permissão. Quem podia ser prejudicado? Certamente não a família, certamente não o caixão. Evidentemente não estava mesmo servindo para nada.

Rolland linha anula sua agencia funerária em Wiggins. Sim, ele lembrava muito bem do sr. Clovis Goodman e do seu advogado, e do pequeno e estranho velório no condado, na casa do sr. Goodman, onde não apareceu ninguém além do advogado. Sim, ele lembrava bem, disse para o juiz, no telefone. Sim, tinha lido alguma coisa sobre o sr. Lanigan e não, não chegou a fazer nenhuma conexão.

O juiz Trussel fez um breve resumo, que imediatamente situou Clovis no

plano de Lanigan. Não, não abriu o caixão depois do velório, não precisava, nunca abrira nenhum caixão em situações como aquela. Enquanto o juiz falava, Parrish enviou por fax para Rolland cópias das permissões assinadas por Deena Postell e Patrick Lanigan, o inventariante.

Rolland de repente ficou ansioso para ajudar. Nunca aconteceu de alguém roubar um cadáver antes. Em Wiggins as pessoas não faziam essas coisas e, bem, sim, ele certamente podia abrir o túmulo sem demora. Ele era dono do cemitério também.

O juiz Trussel mandou um oficial de justiça e dois policiais ao cemitério. Debaixo da bela laje onde estava escrito:

CLOVIS F. GOODMAN
23 DE JANEIRO DE 1907- 6 DE FEVEREIRO DE 1992.
QUE DESCANSE EM PAZ

Uma enxada cavou cuidadosamente o solo argiloso enquanto Rolland orientava o trabalho e esperava com uma pá. Em menos de quinze minutos chegaram ao caixão. Rolland e um auxiliar entraram na cova e tiraram mais terra com as enxadas. As beiradas do caixão de madeira começavam a apodrecer. Rolland com uma perna de cada lado de uma das extremidades do caixão e com as mãos sujas de terra inseriu a chave de igreja. Puxou e balançou até a tampa estalar e então a abriu.

Como todos esperavam, o caixão estava vazio.

Exceto, é claro, pelos quatro tijolos de cimento.



O plano era fazer tudo em tribunal aberto, de acordo com a lei, mas quase às cinco horas da tarde, quando o tribunal começava a fechar e a maioria dos funcionários estava indo para casa. Todos acharam ótimo cinco horas, especialmente o juiz e o promotor, que embora convencidos de estarem agindo certo, estavam nervosos. Durante todo o dia, Sandy se esforçou para apressar as coisas, uma vez que o acordo com o promotor estava resolvido e o caixão, aberto. Não tinham nenhum motivo para esperar. Seu cliente continuava preso, embora ninguém se importasse com isso. O tribunal estava no meio do prazo foreiro. O momento era mais do que oportuno. O que podiam ganhar com a demora?

Nada. O meritíssimo finalmente resolveu. Parrish não opôs nenhuma objeção. Ele tinha oito julgamentos marcados para as três semanas seguintes e se

livrar de Lanigan era um alívio.

Cinco horas era mais do que satisfatório para a defesa. Com um pouco de sorte, podiam começar e terminar em menos de dez minutos. Mais um pouco de sorte e ninguém os veria. Cinco horas era perfeito para Patrick. O que mais ele tinha para fazer?

Ele vestiu uma calça cáqui folgada e uma camisa branca de algodão. Calçou mocassins novos sem meias por causa do ferimento nos tornozelos. Abraçou Hayani calorosamente e agradeceu por sua amizade. Abraçou as enfermeiras e agradeceu aos enfermeiros e prometeu a todos que muito em breve voltaria para visitá-los. Ele não ia voltar e todos sabiam.

Depois de mais de duas semanas como paciente e prisioneiro, Patrick deixou o hospital, com seu advogado e a escolta armada a uma distância adequada.

QUARENTA E DOIS

Evidentemente, cinco era a hora perfeita para todo mundo. Nenhum funcionário do prédio do tribunal foi para casa quando a notícia chegou a todos os cantos de todos os escritórios, um processo que não levou mais de alguns minutos.

A secretária de uma grande empresa de negócios imobiliários estava muito ocupada verificando uma escritura no fórum quando ouviu as última notícias sobre o caso de Patrick. Imediatamente telefonou para seu escritório. Em poucos minutos, toda a comunidade jurídica da Costa sabia que Lanigan ia se declarar culpado, seguindo as normas de um estranho acordo, e ia tentar fazer isso secretamente às cinco horas na sala principal do tribunal.

A ideia de uma audiência clandestina para completar um acordo secreto provocou um sem-número de telefonemas frenéticos. Telefonemas para outros advogados, para esposas, para repórteres favoritos, para sócios que estavam fora da cidade. Em menos de trinta minutos, metade da cidade sabia que Patrick ia se apresentar no tribunal, fechar um acordo e, ao que parecia, sair livre.

A audiência teria atraído menor atenção se fosse anunciada no jornal e pregada nos quadros de aviso. Era para ser discreta e secreta, rodeada de mistério. Era o sistema legal protegendo um dos seus.

Formaram-se grupos que trocavam em voz baixa as mais diversas sugestões, observando os que entravam e guardando seus lugares. A multidão cresceu dando credibilidade aos rumores. Tanta gente não podia estar enganada. E quando os repórteres chegaram, os rumores imediatamente foram confirmados como fatos.

— Ele está aqui — alguém disse, um funcionário do tribunal, perto da cadeira do juiz, e os curiosos começaram a procurar lugar para sentar.

Patrick sorriu para os dois cinegrafistas que correram ao seu encontro na porta dos fundos. Ele foi conduzido para a mesma sala de jurados no segundo andar, onde as algemas foram retiradas. Sua calça era comprida demais, por isso ele dobrou as duas bainhas. Karl entrou e pediu que os policiais esperassem no corredor.

— Tanta coisa para uma audiência tão rápida — Patrick disse.

— É difícil guardar segredo por aqui. Bela roupa.

— Obrigado.

Um repórter meu conhecido, do jornal de Jackson, me pediu para perguntara a você....

— Absolutamente não. Nem uma palavra para ninguém.

— Foi o que pensei. Quando você vai embora?

— Eu não sei. Logo.

— Onde está a moça?

— Na Europa.

— Posso ir com você?

— Por quê?

— Só para ver.

— Eu mando uma gravação em vídeo.

— Seria ótimo, obrigado.

— Você iria mesmo? Se tivesse oportunidade de ir embora, de desaparecer agora mesmo, você iria?

— Com ou sem noventa milhões?

— Tanto faz.

— É claro que não. Não é a mesma coisa. Eu amo a minha mulher, você não amava a sua. Eu tenho três filhos ótimos, sua situação era diferente. Não, eu não fugiria. Mas não o culpo.

— Todo mundo quer fugir, Karl. Num determinado momento da vida todo mundo pensa em desaparecer. A vida é sempre melhor na praia ou nas montanhas. Os problemas podem ser deixados para trás. Faz parte da nossa natureza. Somos o produto de imigrantes que deixaram condições de vida miseráveis e vieram para cá à procura de uma vida melhor. E continuaram em movimento para o Oeste, fazendo as malas e saindo, sempre à procura do pote de ouro. Agora, não têm mais para onde ir.

— Certo. Eu nunca pensei nisso através dessa perspectiva histórica.

— É uma sequência.

— Eu gostaria que meus avós tivessem roubado noventa milhões de dólares antes de deixarem a Polônia.

— Eu devolvi o dinheiro.

— Ouvi dizer que sobraram algumas economias.

— Um dos muitos boatos sem fundamento.

— Então está dizendo que a próxima sequência será roubar o dinheiro dos clientes, queimar cadáveres e fugir para a América do Sul onde, é claro, há belas mulheres esperando para serem amadas?

— Por enquanto está funcionando.

— Pobres brasileiros. Todos os advogados ladrões indo para lá.

Sandy entrou na sala com outro documento, para outra assinatura.

— Trussel está uma pilha — ele disse para Karl. — Começa a sentir a pressão. O telefone dele está tocando até fora do gancho.

— E Parrish?

— Nervoso como uma prostituta na igreja.

— Vamos acabar com isso antes que eles percam a coragem — Patrick disse, assinando o papel.

Um meirinho foi até a divisória baixa que separa o tribunal do público e anunciou que a sessão ia começar, portanto, queiram tomar seus lugares. Todos se calaram e correram para suas cadeiras. Outro meirinho fechou as portas duplas. Havia gente encostada nas paredes. Todos os funcionários do tribunal tinham alguma coisa para fazer perto da cadeira do juiz. Eram quase cinco e meia.

O juiz Trussel entrou com sua habitual e rígida dignidade e todos ficaram de pé. Ele os cumprimentou e agradeceu seu interesse pela justiça, especialmente àquela hora do dia. Ele e o promotor haviam chegado à conclusão de que uma audiência rápida podia parecer uma negociata desonesta, portanto as coisas seriam feitas abertamente. Tinham até falado em adiar, mas acharam que um adiamento daria a impressão de que tinham sido apanhados em alguma coisa escusa.

Patrick entrou pela porta perto do banco do júri e ficou de pé ao lado de Sandy, na frente do juiz. Não olhou para os espectadores. Parrish estava no outro lado, ansioso para começar o espetáculo. O juiz Trussel folheou os papéis na pasta, examinando cada palavra de cada página.

— Sr. Lanigan — ele disse, finalmente, com voz profunda e lenta. Nos próximos trinta minutos, tudo ia ser dito em câmara lenta. — O senhor apresentou várias moções.

— Sim, meritíssimo — disse Sandy. — Nossa primeira moção é a respeito da redução das acusações de homicídio doloso para destruição de cadáver.

As palavras ecoaram no silêncio imóvel da sala. Destruição de cadáver?

— Sr. Parrish — disse o meritíssimo. O combinado era que Parrish se encarregasse da parte principal do depoimento. Seria dele o ônus de explicar para a corte, para os autos e, mais importante, para a imprensa e para os cidadãos que ouviam.

Ele fez um trabalho competente ao relatar com detalhes os fatos recentes. Não se tratava de homicídio, afinal, mas de algo muito menos grave. O estado não se opunha à redução das acusações, porque não acreditava mais que o sr. Lanigan tivesse assassinado alguém. Andava de um lado para o outro, no melhor estilo Perry Mason, indiferente às regras de etiqueta e procedimento.

— Em seguida, temos uma moção do acusado para este tribunal no sentido de aceitar a declaração de culpa da acusação de destruir um cadáver. Sr. Parrish?

O segundo ato foi igual ao primeiro, com Parrish saboreando a história do

pobre velho Clovis. Patrick sentia os olhares de censura enquanto Parrish se deliciava com os detalhes relatados por ele para o promotor. “Pelo menos eu não matei ninguém! ”, ele tinha vontade de gritar.

— Como o senhor se declara, sr. Lanigan? — perguntou o meritíssimo.

— Culpado — Patrick disse com voz firme, mas sem orgulho.

— O estado recomenda alguma sentença? — o juiz perguntou ao promotor.

Parrish foi até sua mesa, consultou suas anotações, voltou para a frente do juiz e finalmente disse:

— Sim, meritíssimo, tenho uma carta da sra. Deena Postell de Meridian, Mississippi. Ela é a única neta sobrevivente de Clovis Goodman. — Entregou uma cópia para Trussel como se fosse uma novidade para o juiz. -Nessa carta, a sra. Postell pede a este tribunal para não processar o sr. Lanigan por queimar o cadáver do seu avô. Ele está morto há quatro anos e a família não sobreviveria a mais sofrimento e agonia. Evidentemente, a sra. Postell era muito chegada ao avô e a morte dele foi um grande golpe para ela.

Patrick olhou para Sandy. Sandy não tinha nenhuma intenção de olhar para Patrick.

— O senhor falou com ela? — perguntou o juiz.

— Sim. Há uma hora, estava muito emocionada no telefone e me pediu para não reabrir um caso tão triste. Garantiu que não estaria disposta a testemunhar em nenhum julgamento, nem a cooperar com a acusação de modo algum. — Parrish foi outra vez até a mesa e procurou mais alguma coisa entre os papéis. Falou com o juiz, mas dirigiu-se ao tribunal. — Considerando os sentimentos da família, o estado recomenda que o acusado seja condenado à pena de doze meses, que a prisão seja suspensa por bom comportamento, que pague uma multa de cinco mil dólares, e todas as custas do processo e seja beneficiado com sursis.

— Sr. Lanigan, o senhor concorda com essa sentença? Trussel perguntou.

— Sim, meritíssimo — Patrick disse, mal conseguindo levantar a cabeça.

— Assim fica decidido. Mais alguma coisa? — Trussel apanhou o martelo e esperou. Os dois disseram que não balançando a cabeça.

— A sessão está encerrada — ele disse, batendo o martelo com força.

Patrick se voltou e saiu rapidamente do tribunal. Desaparecendo outra vez na frente de todos.

Ele e Sandy esperaram uma hora no gabinete de Huskey, enquanto a noite caía e o último insistente desistia e ia para casa. Patrick estava ansioso para sair.

Às sete horas, despediu-se longa e carinhosamente de Karl. Agradeceu ao juiz por estar ali, por ficar a seu lado, por tudo e prometeu manter contato. A caminho da porta, agradeceu outra vez por ter ajudado a carregar seu caixão.

— Sempre às ordens — Karl disse. — Sempre que precisar.



Deixaram Biloxi no Lexus de Sandy — Sandy no volante, Patrick, quase deitado no banco de passageiros, silencioso e olhando pela última vez para as luzes do Golfo. Passaram pelos cassinos nas praias em Biloxi e Gulfport, pelo píer em Pass Christian e então as luzes ficaram mais espaçadas quando atravessaram a baía de St.Louis.

Sandy deu a ele o número do telefone e Patrick ligou para o hotel. Eram três horas da madrugada em Londres, mas ela atendeu ao primeiro toque, como se estivesse esperando.

— Eva, sou eu — ele disse, em voz baixa.

Sandy quase parou o carro para descer e deixar que falassem à vontade.

Estamos saindo de Biloxi agora, a caminho de Nova Orleans. Sim, estou bem. Nunca me senti melhor. E você?

Patrick ouviu por um longo tempo, com os olhos fechados, a cabeça encostada no banco.

— Que dia é hoje? — ele perguntou.

— Seis de novembro, sexta-feira — Sandy disse:

— Encontro com você em Aix, na Villa Gallici, no domingo. Certo. Sim. Estou bem, querida. Eu te amo. Volte a dormir e eu telefono dentro de algumas horas.

Entraram na Louisiana em silêncio e algum tempo depois de passarem por Lake Pontchartrain, Sandy disse:

— Tive uma visita muito interessante esta tarde.

— É mesmo? Quem?

— Jack Stephano.

— Aqui, em Biloxi?

— Sim. Ele foi ao hotel, disse que saíra do caso Aricia e estava a caminho da Flórida em viagem de férias.

— Por que você não o matou?

— Ele pediu desculpas. Disse que seus homens se descontrolaram um pouco quando você foi apanhado, e queria que eu transmitisse suas desculpas.

— Que homem. Tenho certeza de que ele não veio só para isso.

— Não, não veio. Ele me contou sobre o espião no Brasil, sobre o Grupo Plutão e as recompensas e me perguntou se a moça, Eva, podia ter sido o seu Judas. Eu disse que não tinha ideia.

— Quem se importa com isso?

— Boa pergunta. Ele disse que não resistiu à curiosidade. Pagou mais de um milhão de dólares em recompensas, encontrou seu homem, mas não o dinheiro e disse que não vai dormir enquanto não souber. Eu mais ou menos acreditei nele.

— Parece razoável.

— Ele não tem mais nenhum coringa no jogo, ou coisa parecida. Palavras dele, não minhas.

Patrick apoiou o tornozelo esquerdo no joelho direito e tocou de leve na queimadura provocada pela corda de náilon.

— Como ele é?

— Cinquenta e cinco anos, muito italiano, cabelo grisalho bem penteado, olhos negros, um belo homem. Por quê?

— Porque eu o via por toda a parte. Nos últimos três anos, metade dos estranhos que eu via no interior do Brasil eram Jack Stephano. Ele se escondia em ruas escuras, atrás das árvores, me seguia a pé à noite, em São Paulo, estava atrás de mim em motos e de carro. Pensei em Stephano mais do que na minha mãe.

— A caçada terminou.

— Finalmente, eu me cansei, Sandy. Desisti. A vida de um fugitivo é uma grande aventura, muito excitante e romântica, até você saber que tem alguém bem atrás de você. Enquanto você dorme, alguém está tentando encontrá-lo. Quando está jantando com uma mulher maravilhosa, numa cidade de dez milhões de habitantes, alguém está batendo nas portas, mostrando sua foto, oferecendo dinheiro por qualquer informação. Eu roubei muito dinheiro, Sandy. Eles tinham de ir atrás de mim e quando fiquei sabendo que estavam no Brasil, compreendi que o fim estava próximo.

— Como você desistiu?

Patrick respirou pesadamente e mudou de posição no banco. Olhou para fora, tentando organizar os pensamentos.

— Eu desisti, Sandy. Cansei de correr e desisti.

— Sim, você já disse isso.

— Eu sabia que iam me encontrar, por isso decidi que seria nos meus termos, não nos deles.

— Estou ouvindo.

— As recompensas foram minha ideia, Sandy. Eva voava para Madri, depois para Atlanta, onde se encontrava com os homens do grupo Plutão. Eles estavam sendo pagos para entrar em contato com Stephano e organizar o fluxo de informação e dinheiro. Nós tiramos dinheiro de Stephano e finalmente o levamos até onde eu estava, à minha casa em Ponta Porã.

Sandy olhou para ele, boquiaberto, os olhos vazios de expressão.

— Olhe para onde vai — Patrick disse, apontando para a estrada.

Sandy virou a direção bruscamente e voltou para a pista da direita.

— Está mentindo — ele disse, sem mover os lábios. — Eu sei que está mentindo.

— Nada disso. Recebemos um milhão, cento e cinquenta mil de Stephano e esse dinheiro está escondido agora, provavelmente na Suíça, com o resto.

— Você não sabe onde está?

— Ela ficou encarregada do dinheiro. Saberei quando a encontrar.

Sandy estava chocado demais para dizer qualquer coisa. Patrick resolveu ajudar.

— Eu sabia que iam me encontrar e sabia que tentariam me fazer falar. Mas não tinha ideia de que seria assim. — Apontou para o ferimento logo acima do tornozelo. — Pensei que ia ser duro, mas eles quase me mataram, Sandy. Finalmente, me fizeram falar sobre Eva. A essa altura, ela já tinha desaparecido, bem como o dinheiro.

— Você podia ter morrido — Sandy conseguiu dizer. Dirigia com a mão direita, coçando a cabeça com a esquerda.

— Verdade. É verdade. Mas duas horas depois da minha captura, o FBI em Washington ficou sabendo que eu estava nas mãos de Stephano. Foi isso que salvou a minha vida. Stephano não podia me matar porque os federais sabiam que tinha me encontrado.

— Mas como...

— Eva telefonou para Cutter em Biloxi. Ele telefonou para Washington.

Sandy queria parar o carro, sair e gritar. Debruçar-se no parapeito da ponte e berrar uma série de nomes feios. Quando pensou que tinha uma pista para o passado de Patrick, essa coisa incrível desabava sobre sua cabeça.

Você foi um grande idiota se deixou que eles o pegassem.

Acha mesmo? Não acabo de sair livre do tribunal? Não acabei de falar com a mulher que eu amo, a mulher que está guardando uma pequena fortuna para mim? Finalmente o passado se foi, Sandy. Não compreende? Ninguém está me procurando mais.

Tanta coisa podia ter saído errada.

Podia, mas deu tudo certo. Eu tinha o dinheiro, as fitas, o álibi de Clovis. E tive quatro anos para planejar tudo.

— A tortura não foi planejada.

— Não, mas os ferimentos vão cicatrizar. Não estrague este momento, Sandy. Estou feliz.

Sandy o deixou na casa da mãe, a casa da sua infância onde um bolo já estava no forno. A sra. Lanigan pediu a Sandy para ficar, mas ele sabia que os

dois precisavam conversar. Além disso, há quatro dias não via sua mulher e seus filhos. Sandy foi embora, os pensamentos rodopiando ainda em sua cabeça.

QUARENTA E TRÊS

Ele acordou antes do sol nascer na cama que há quase vinte anos não usava, num quarto que não via há quase dez. Os anos pareciam distantes, em outra vida. As paredes agora eram mais próximas umas das outras, o teto mais baixo. Com o passar do tempo suas coisas foram sendo retiradas, todas as lembranças da infância, as flâmulas dos Saints, os pôsteres de modelos louras com maios muito justos.

Como produto de duas pessoas que mal se falavam, Patrick tinha feito do seu quarto um santuário. Muito antes dos dez anos começara a trancar a porta. Os pais só podiam entrar quando ele permitia.

A mãe estava na cozinha. Ele sentia o cheiro do bacon. Tinham conversado até tarde, agora ela já estava de pé, ansiosa para conversar mais. E quem podia censurá-la por isso?

Patrick espreguiçou-se lenta e cautelosamente. A pele ressecada em volta das queimaduras começava a rachar e a se soltar. Se exagerasse nos movimentos, a pele poderia sair e o ferimento começaria a sangrar. Tocou as feridas no peito, resistindo à vontade desesperada de coçar. Esticou as pernas e cruzou as mãos atrás da cabeça. Sorriu para o teto, um sorriso arrogante porque a fuga tinha terminado. Patrick e Danilo tinham desaparecido e as sombras que os perseguiam destruídas numa derrota avassaladora. Stephano e Aricia e Bogan e todos os outros, e os federais e Parrish com sua insípida e pequena acusação formal, tudo acabara. Não sobrou ninguém para a caçada.

O sol entrou pela janela e as paredes pareceram se juntar mais. Tomou um rápido banho de chuveiro e tratou os ferimentos com pomada e gaze.

Tinha prometido à mãe outros netos, uma porção deles para substituir Ashley Nicole, a criança que ela sonhava ver outra vez. Disse o quanto Eva era maravilhosa e prometeu levá-la a Nova Orleans num futuro muito próximo. Nenhum plano definitivo de casamento, mas era inevitável.

Comeram waffles com bacon, tomaram café no pátio enquanto as ruas antigas despertavam. Antes de os vizinhos começarem a aparecer para comemorar as boas notícias, saíram para um longo passeio de carro. Patrick queria ao menos ver a cidade outra vez, mesmo que fosse por pouco tempo.

Às nove horas ele e a mãe entraram no Robilio Brothers, na rua do Canal, onde ele comprou calças e camisas e uma bela mala de couro. Comeram *beignets* no Café du Monde, na Decatur, depois um almoço no meio da tarde no café mais próximo.

Sentaram-se ao lado do portão de embarque no aeroporto durante uma hora, de mãos dadas, falando muito pouco. Quando chamaram para seu voo, Patrick abraçou a mãe carinhosamente e prometeu telefonar todos os dias. Com um sorriso triste, ela disse que queria conhecer os novos netos muito em breve.

Patrick voou para Atlanta. Com seu passaporte legítimo em nome de Patrick Lanigan, que Eva havia entregue a Sandy, embarcou no voo para Nice.



Fazia um mês que eles não se viam, desde que passaram um longo fim de semana no Rio, juntos o tempo todo. A caçada estava quase no fim e Patrick sabia. O fim estava próximo.

Andaram abraçados nas praias de Ipanema e Leblon, ignorando as vozes alegres à sua volta. Jantavam tarde nos seus restaurantes favoritos — Antiquarius e Antonio's — mas sem muito apetite para comida. Quando falavam, era em voz baixa, em frases curtas. As conversas longas terminavam em lágrimas.

Num certo momento Eva o convenceu a fugir outra vez, os dois juntos, enquanto ele podia, se esconderem num castelo na Escócia ou num pequeno apartamento em Roma, onde jamais os encontrariam. Mas o momento passou. Patrick simplesmente estava cansado de fugir.

No fim de uma tarde, subiram no bondinho do Pão de Açúcar para ver o pôr do sol sobre o Rio. A vista da cidade à noite era espetacular, mas difícil de eles apreciarem naquelas circunstâncias. Ele a abraçou com força protegendo-a do vento gelado e prometeu que algum dia, quando tudo estivesse acabado, voltariam àquele lugar para ver o pôr do sol e para planejar seu futuro. Eva tentou acreditar.

Despediram-se numa esquina perto do apartamento dela. Patrick a beijou na testa e foi embora, desaparecendo na multidão. Ele a deixou chorando porque era melhor do que uma cena desagradável no aeroporto. Saiu da cidade e voou para oeste, passando de avião para avião, cada um menor do que o outro, em aeroportos cada vez menores. Chegou a Ponta Porã à noite, encontrou seu Fusca estacionado onde o tinha deixado, no aeroporto, e seguiu pelas ruas quietas até a rua Tiradentes, na sua casa modesta, onde arrumou suas coisas e começou a espera.

Ele telefonava para Eva todos os dias entre 16 e 18 horas, um telefonema codificado com nomes diferentes.

Então Patrick parou de telefonar.

Eles o tinham encontrado.



O trem de Nice chegou em Aix no horário, alguns minutos depois do meio-dia de domingo. Ele desceu para a plataforma e olhou em volta à procura dela. Não esperava realmente vê-la. Era apenas uma esperança, quase uma prece. Carregando a mala nova com as roupas novas, tomou um táxi para a curta viagem até a Villa Gallici, na periferia da cidade.

Eva tinha reservado um quarto em nome de Eva Miranda e Patrick Lanigan. Era bom sair do frio, viajar como pessoas reais sem o disfarce de nomes e passaportes falsos. Ela não tinha aparecido ainda, informou o recepcionista. Foi uma decepção. Patrick esperava encontrá-la no quarto, vestida com lingerie macia, pronta para a intimidade. Podia quase senti-la.

— Quando foi feita a reserva? — ele perguntou, irritado.

— Ontem. Ela telefonou de Londres e disse que chegaria esta manhã. Não a vimos ainda.

Patrick subiu para o quarto e tomou um banho de chuveiro. Desfez a mala e pediu chá completo. Adormeceu sonhando com a batida dela na porta, sonhando com sua entrada no quarto.

Patrick deixou um mensagem na recepção e saiu para uma longa caminhada na bela cidade renascentista. O ar estava frio e claro. A Provença no começo de dezembro era deliciosa. Talvez pudessem ficar ali. Olhou para os elegantes apartamentos nas ruas antigas e estreitas e pensou, sim, seria um belo lugar para morar. Era uma cidade universitária, onde as artes eram reverenciadas. Ela falava francês muito bem e ele queria aprender melhor. Sim, o francês seria sua próxima língua. Passariam uma semana em Aix, depois voariam para o Rio, mas talvez o Rio não fosse seu lar. Embriagado com a liberdade, Patrick queria viver em todos os lugares, absorver diferentes culturas, aprender línguas diferentes.

Foi cercado por um grupo de jovens missionários mórmons mas se livrou deles e continuou seu passeio pela Cours Mirabeau. Tomou café expresso no mesmo café na calçada onde, de mãos dadas, tinham visto os grupos de estudantes há um ano.

Patrick recusou-se a entrar em pânico. Era apenas uma questão de atraso na conexão das linhas aéreas. Resolveu se esforçar para esperar até a noite, depois voltou para o hotel, procurando parecer calmo.

Ela não estava no hotel, nem havia nenhuma mensagem. Nada. Telefonou para o hotel em Londres e foi informado de que ela havia partido na véspera, sábado, no meio da manhã.

Foi ao jardim no terraço, ao lado da sala de jantar e sentou-se num canto de onde podia ver o balcão de recepção através de uma janela. Pediu dois conhaques duplos para se defender do frio. Ele a veria assim que Eva chegasse.

Se tivesse perdido um voo, a essa altura já teria telefonado. Se fosse detida na alfândega outra vez, também teria telefonado. Qualquer problema com passaportes, vistos, passagens e ela teria telefonado.

Ninguém estava atrás dela. Todos os bandidos estavam presos ou tinham sido comprados.

Mais conhaque no estômago vazio e ele estava bêbado. Passou para o café forte para ficar acordado.

Quando o bar fechou, Patrick foi para o quarto. Eram 8 horas da manhã no Rio e, relutantemente, telefonou para o pai dela com quem tinha estado duas vezes. Eva o apresentara como um amigo e cliente canadense. O pobre homem já tinha passado por maus momentos, mas Patrick não tinha escolha. Disse que estava na França e que precisava falar sobre um assunto legal com sua advogada brasileira. Pediu desculpas por telefonar tão cedo, mas não conseguia encontrá-la. Era um assunto importante, urgente. Paulo não queria falar, mas o homem no telefone parecia saber muita coisa sobre sua filha.

Ela estava em Londres, Paulo disse. Tinha falado com ela no domingo. Não ia dizer mais nada.

Patrick esperou duas horas e telefonou para Sandy.

— Ela desapareceu — ele disse, agora completamente em pânico. Sandy não tinha nenhuma notícia dela.



Patrick vagou pelas ruas de Aix por dois dias, em longas caminhadas sem destino certo, dormindo em horas irregulares, sem comer, tomando conhaque e café forte, telefonando para Sandy e assustando o pobre Paulo com telefonemas insistentes. A cidade perdeu todo o romantismo. Sozinho no quarto, Patrick chorava com o coração partido c sozinho na rua amaldiçoava a mulher que ele amava loucamente.

Os funcionários do hotel o viam entrando e saindo. Nos primeiros dias ele estava ansioso e perguntava se havia alguma mensagem, mas à medida que as

horas e os dias se passavam, ele mal os cumprimentava com uma inclinação da cabeça. Não fazia mais a barba e parecia cansado. Estava bebendo demais.

No fim do terceiro dia, saiu do hotel, disse que ia voltar para a América. Pediu ao seu funcionário favorito para guardar um envelope fechado na portaria, para o caso de a sra. Miranda aparecer.

Patrick voou para o Rio. Por quê, não tinha certeza. Eva amava o Rio, mas era o último lugar em que queria ser vista agora. Era esperta demais para ir para o Rio. Ela sabia onde podia se esconder e como desaparecer e mudar de identidade, como movimentar o dinheiro de um momento para o outro e gastar sem chamar atenção.

Eva aprendeu com um grande mestre. Patrick tinha ensinado a ela a arte de desaparecer. Ninguém a encontraria, a não ser, é claro, que ela quisesse.

Num doloroso encontro com Paulo, contou toda a história, com todos os detalhes. O pobre homem parecia desmoronar na frente dos seus olhos, chorando e amaldiçoando Patrick por corromper sua preciosa filha. O encontro foi um ato de desespero e completamente inútil.

Patrick se hospedou em pequenos hotéis perto do apartamento dela, outra vez andando na rua, olhando para todos os rostos, mas por motivos diferentes. Não mais a presa, ele era agora o caçador e um caçador desesperado.

O rosto dela não seria visto porque aprendera com Patrick como escondê-lo.

Seu dinheiro estava no fim e finalmente teve de telefonar para Sandy e pedir um empréstimo de cinco mil dólares. Sandy concordou prontamente e ofereceu mais.

No fim de um mês, Patrick desistiu e atravessou o país de ônibus até Ponta Porã.

Podia vender a casa e talvez o carro. Conseguiria uns trinta mil dólares americanos por tudo. Ou talvez fosse melhor não vender nada e procurar um emprego. Podia viver num país que ele amava, numa cidade bela e pequena que adorava. Podia trabalhar também como professor de inglês, viver tranquilamente na rua Tiradentes, de onde as sombras tinham desaparecido agora mas os garotos descalços ainda jogavam futebol.

Para onde mais podia ir? Sua jornada tinha acabado. Seu passado estava encerrado finalmente.

Sem dúvida, algum dia ela o encontraria.

Fim

AGRADECIMENTOS

Como sempre, recorri ao conhecimento de amigos para escrever este livro e quero agradecer a todos eles. Steve Holland, Gene McDade, Mark Lee, Buster Hale e R. Warren Moak me emprestaram sua experiência e/ou saíram em busca de pequenos fatos esotéricos. Will Denton mais uma vez leu o manuscrito e mais uma vez o manteve legalmente preciso.

No Brasil, contei com a assistência de Paulo Rocco, meu editor e amigo. Ele e sua encantadora mulher, Angela, compartilharam comigo seu amado Rio, a mais bela cidade do mundo.

Quando perguntados, esses amigos me disseram a verdade. Como sempre, os erros são de minha responsabilidade.

Este livro foi composto pela MG Textos Editoriais Ltda.
Av. Venezuela, n? 131/813
e impresso na Editora JPA Ltda., Av. Brasil, 10. 600 — Rio de Janeiro — RJ
em julho de 1997 para a Editora Rocco Ltda.

Digitalizado por

José Eduardo Cruz

Dez/2018